



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE ARTES**

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

**A Malagueira como nunca o foi**

**Volume II**

**João António Galhardo dos Santos**  
Orientação: Marta Sequeira Carneiro

**Mestrado Integrado em Arquitectura**

Trabalho de Dissertação  
Évora, 2017

# ÍNDICE

## VOLUME I –

005	AGRADECIMENTOS
007	ÍNDICE
008	RESUMO/ ABSTRACT
010	01. INTRODUÇÃO
016	02. ÉVORA NO PÓS 25 DE ABRIL DE 1974
022	02.1 CONTEXTO MORFOLÓGICO
022	02.2 CONTEXTO SOCIO-POLÍTICO
026	03. DA ENCOMENDA AO ANTEPLANO
030	03.1 «CADERNO 1 3/77 ÉVORA/BOUÇA»
042	03.2 A ESTRATÉGIA
070	03.3 PLANO DE PORMENOR

## VOLUME II – O QUE NUNCA FOI

084	04. O QUE NUNCA FOI
084	04.1 PRIMEIRA FASE (1978-1979)
088	I. PRIMEIRAS VERSÕES DA SEMICÚPULA
100	II. ENCOMENDA DA NOVA SEDE PARA A COOPERATIVA BOA VONTADE
106	04.2 SEGUNDA FASE (1980-1985)
110	I. «BROADWAY 2»
116	II. ENCOMENDA DO MOTEL
122	III. DE VOLTA À SEDE DA COOPERATIVA BOA VONTADE
132	04.3 TERCEIRA FASE (1986-1993)
136	I. COMPLEXO PAROQUIAL
150	II. APARTHOTEL
160	III. RESTAURANTE / CASA DE CHÁ
174	IV. ESCOLA DE LÍNGUAS
184	04.4 OUTRAS FASES (1994-)
186	I. CLÍNICA MÉDICA
192	II. SEMICÚPULA – ESTUDO PRÉVIO
200	III. SEDE DA COOPERATIVA BOA VONTADE – LICENCIAMENTO
214	05. CONSIDERAÇÕES FINAIS
218	06. BIBLIOGRAFIA
224	LISTA DE ACRÔNIMOS

## VOLUME III – ANEXOS

07.	ENTREVISTAS
230	07.1 ENTREVISTA AO DR. ABÍLIO FERNANDES
234	07.2 ENTREVISTA AO ARQUITECTO NUNO RIBEIRO LOPES
242	07.3 ENTREVISTA AO ARQUITECTO PAISAGISTA JOÃO GOMES DA SILVA
08.	DESENHOS
252	08.1 SEMICÚPULA
258	08.2 SEDE DA COOPERATIVA BOA VONTADE
272	08.3 BROADWAY 2
278	08.4 APARTHOTEL
284	08.5 COMPLEXO PAROQUIAL
294	08.6 RESTAURANTE / CASA DE CHÁ
300	08.7 ESCOLA DE LÍNGUAS
306	08.8 CLINICA MÉDICA
312	FONTE DE IMAGENS
09.	CADERNOS PESSOAIS DE ÁLVARO SIZA
09.1	«CADERNO 1 (MARÇO 77) – ÉVORA, BOUÇA»
09.2	«CADERNO 5 (JUNHO 77) – ÉVORA (LEVANTAMENTO PLANO GERAL»
09.3	«CADERNO 13 (DEZEMBRO 77) – ÉVORA (CASA)»
09.4	«CADERNO 22 (MAIO 78) – ÉVORA (VIADUTO CÚPULA)»
09.5	«CADERNO 111 (MAIO 82)»

## 04. O QUE NUNCA FOI

### 04.1 PRIMEIRA FASE (1978-1979)

Depois do Plano de Pormenor para Bairro da Malagueira ser aprovado, os 1200 fogos foram divididos estrategicamente. 404 fogos foram desenvolvidos por cooperativas de habitação, 100 fogos por associações de moradores — que mais tarde se tornaram também parte integrante de cooperativas —, 300 fogos pelo próprio FFH, 96 fogos através de contratos de desenvolvimento — que consistiam num instrumento que permitia a CME promover a construção das habitações através de fundos estatais — e foram ainda destinados 300 lotes para iniciativa privada.<sup>41</sup>

O processo de discussão com os moradores foi conflituoso<sup>42</sup> — e por isso demorado —, abrangendo temas desde a estranheza perante o pátio frontal às coberturas planas, passando pela hesitação entre o muro baixo ou alto, na frente das casas.<sup>43</sup>

Porém, o que acabou por atrasar mais o inicio das obras foi o facto de não haver fundos públicos para cobrir os custos da conduta de infra-estruturas aérea, visto não ter ficado prevista no orçamento inicial.<sup>44</sup> Só após árduas negociações com as múltiplas entidades relacionadas com as redes de águas, electricidade, telefones e gás, é que foi possível chegar a um acordo, principalmente porque «a redução das despesas de manutenção tornava a intervenção mais económica»<sup>45</sup> a médio-longo prazo. Álvaro Siza exaltou a colaboração do Engenheiro João Araújo Sobreira, que conseguiu chegar à solução que se mostrou mais económica, leve e fácil de construir.<sup>46</sup>

<sup>41</sup> OLIVEIRA, Pedro, MARCONI, F., «Plano de pormenor para a zona da Malagueira, Évora», in *Arquitectura*, n.º 132, Lisboa: Março de 1979, pp. 34-49.

<sup>42</sup> «Tivemos reuniões duríssimas com a população, de horas e horas a discutir uma coisinha, com imensas plateios. Mas ao mesmo tempo isso constituiu um processo de crescimento — quer do projectista quer do utente.» Declaração do arquitecto Nuno Ribeiro Lopes em entrevista ao autor a 27 de Agosto de 2015.

<sup>43</sup> SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 1998, pp. 115-117.

<sup>44</sup> «Houve uma questão difícil. O estudo não aprovou inicialmente o projecto de infra-estruturas aéreas. Considerava-se que a proposta era demasiado cara e que, por isso, não era viável. Esse assunto deu muita discussão. Achámos por, fazendo os contos, chegar à conclusão que a diferença não era assim tão grande — tratava-se apenas de uma pequena diferença, não substancial. Perante este quadro, acabámos por convencer o estudo de que se tratava de um projecto que, no futuro, seria muito económico do ponto de vista da conservação e da manutenção.» Declaração do Álbio Fernandes, antigo presidente da CME em entrevista ao autor a 23 de Junho de 2015.

<sup>45</sup> SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 1998, p. 119.

<sup>46</sup> SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 1998, p. 119.

Em 1979, quando as fundações dos primeiros 100 fogos começaram a ser executadas, Álvaro Siza vinha a Évora apenas de 15 em 15 dias.<sup>47</sup> Para poupar nos gastos de deslocação e acompanhamento de obra, o arquitecto Nuno Ribeiro Lopes — que colaborava com Álvaro Siza desde 1973 e acompanhava Álvaro Siza e o processo da Malagueira desde a sua génese, tendo inclusivamente estado nas reuniões com populações e entidades camarárias e de infra-estruturas —, mudou-se para Évora para acompanhar de forma diária o decorrer dos trabalhos.<sup>48</sup>

Nuno Ribeiro Lopes teve o apoio do Gabinete de Apoio Técnico da CME, montando um atelier *in situ* — num dos Moinhos da Malagueira, que mais tarde viria a ser parte integrante do projecto do apart-hotel.<sup>49</sup>

Durante esta fase, foram desenvolvidos os projectos para dois elementos que nunca chegaram a ser construídos: a Semicúpula e a nova sede para a Cooperativa Boa Vontade.

<sup>47</sup> «Durante muito tempo, o arquitecto vinha de 15 em 15 dias, pelo que o processo foi muito acompanhado. A partir de certa altura, acho que deveria de ter outro arquitecto no terreno e ele próprio acabou por escolher o arquitecto Nuno Ribeiro Lopes, que passou a residir em Évora. Isto permitiu a Álvaro Siza vir mais esporadicamente, sem prejudicar o desenvolvimento do projecto, porque havia sempre um interlocutor permanentemente em contacto.» Declaração do arquitecto Abílio Fernandes, antigo presidente da CME em entrevista ao autor a 23 de Junho de 2015.

<sup>48</sup> «Eu trabalhava com Álvaro Siza desde 1973, e o plano começou em 1977. Participei no projecto das primeiras casas do plano no escritório de Álvaro Siza, e vim a Évora com o Siza várias vezes, nomeadamente para as reuniões com as cooperativas, para a discussão dos primeiros projectos, para reuniões sobre as infra-estruturas aéreas com os diferentes concessionários, e, portanto, conheço o projecto desde a sua origem, desde o seu primeiro esboço, um anteplano, um desenho a lápis de cor.» Declaração do arquitecto Nuno Ribeiro Lopes em entrevista ao autor a 27 de Agosto de 2015.

<sup>49</sup> «Eu vim para Évora em 1979, porque iriam começar a ser construídas as primeiras 100 casas — ou, melhor dito, as primeiras 100 fundações. Na altura, o projecto inicial pertencia à Cooperativa Boa Vontade — embora o projecto tivesse sido oferecido por Álvaro Siza à câmara —, e o GAT iria tratar da assistência técnica. A partir desse projecto, a assistência técnica seria feita pelo cooperativo, pelo que, neste modo, teríam o exemplo da construção já realizada. Ao ser a associação de moradores a primeira entidade a financiar para as duas casas modelo, subverteu-se um pouco essa lógica. E isso fez com que ao mesmo tempo se fizesse um contrato com Álvaro Siza só para a assistência técnica. Havia uma assistência técnica garantida pelo GAT e outra pelo Siza. Acabei por, ao fim de 3 meses, integrar o próprio GAT, e por estar cá quase em permanência. Era uma oportunidade de poupar nos custos de assistência e do próprio GAT aproveitar a minha presença para outros projectos [...]. Os moinhos funcionaram como parte da câmara até 1996. Eu fui lá para cima, e ia fazendo durante uns tempos, a partir de 88, mas até 96 esteve sempre gente coordenada comigo.» Declaração do arquitecto Nuno Ribeiro Lopes em entrevista ao autor a 27 de Agosto de 2015.

## 04. O QUE NUNCA FOI

### 04.1 PRIMEIRA FASE (1978 -1979)

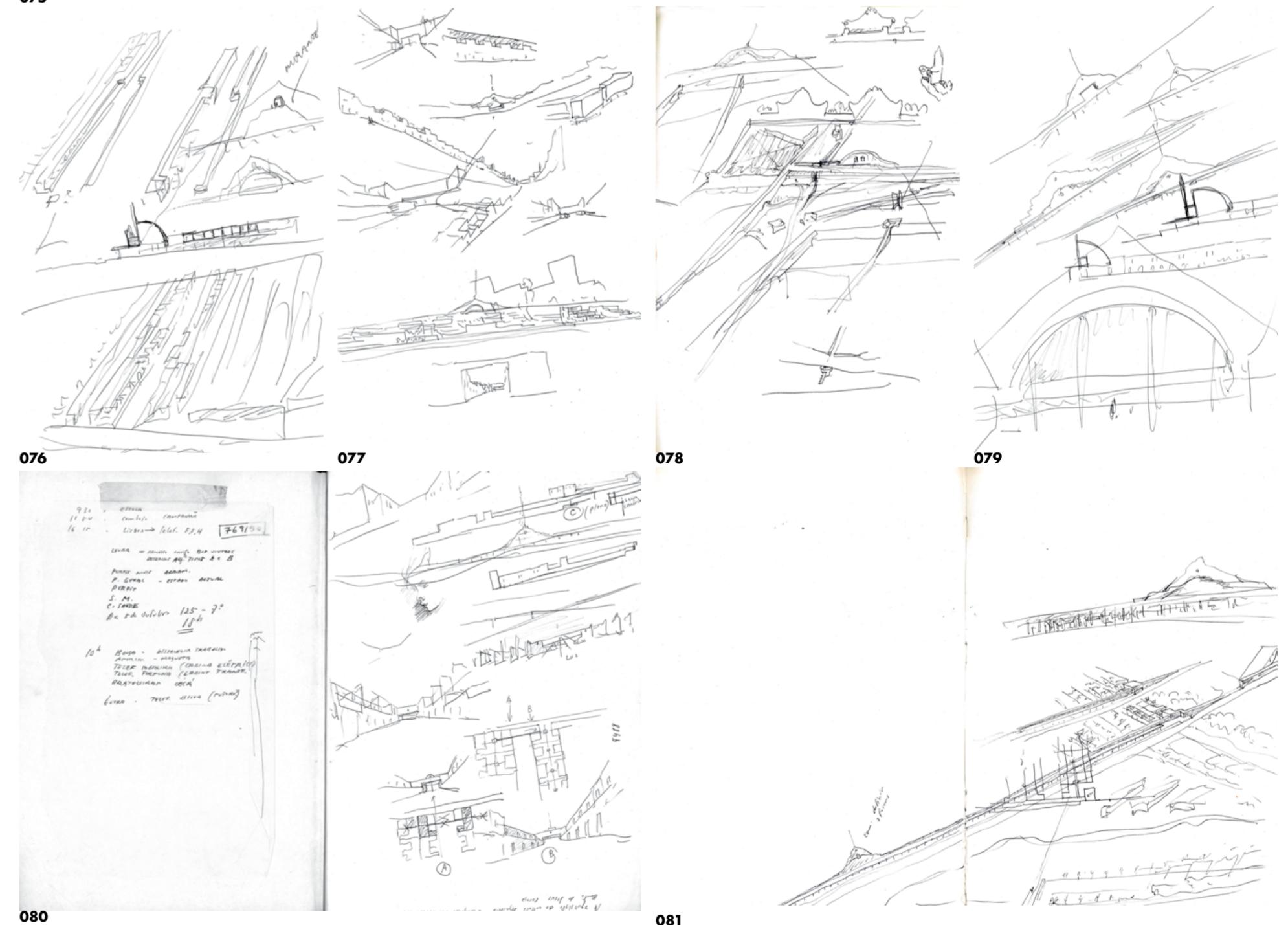
#### I. PRIMEIRAS VERSÕES DA SEMICÚPULA

A Semicúpula, elemento central do plano do Bairro da Malagueira, surgiu quase no início. Apesar de não se encontrar construído, é claramente um dos elementos mais icónicos da obra de Álvaro Siza. Encontram-se alguns esquisos publicados que mostram a intenção de replantar o sobreiro abatido durante a construção e de repor o tanque que se posicionava diante a árvore.<sup>50</sup>

No âmbito da Exposição «Malagueira, Siza's Legacy»<sup>51</sup> numa conversa com o público, Álvaro Siza indicou que a inspiração que originou a Semicúpula foi encontrada durante uma viagem que tinha feito pouco antes às ruínas de Pompeia.

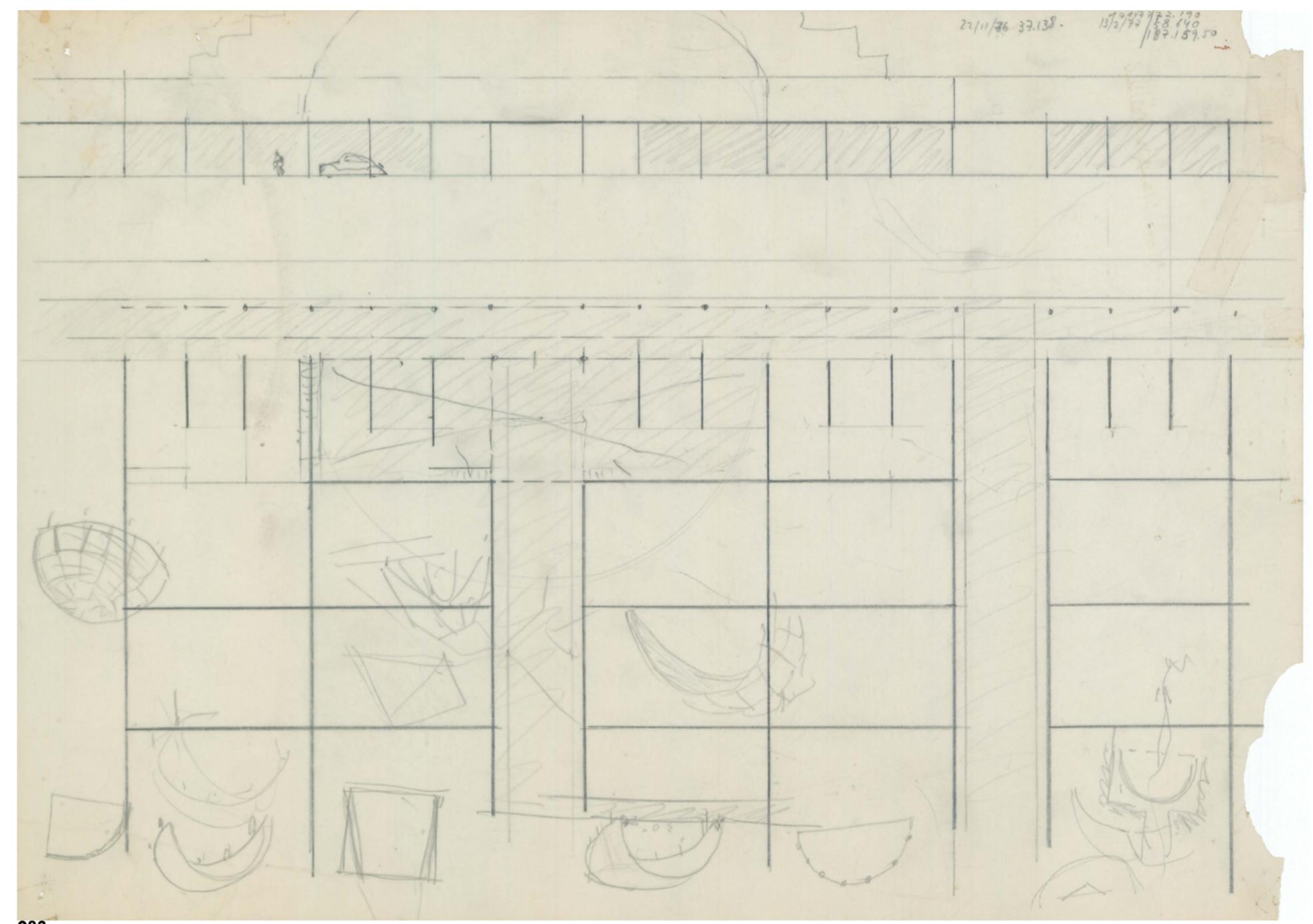
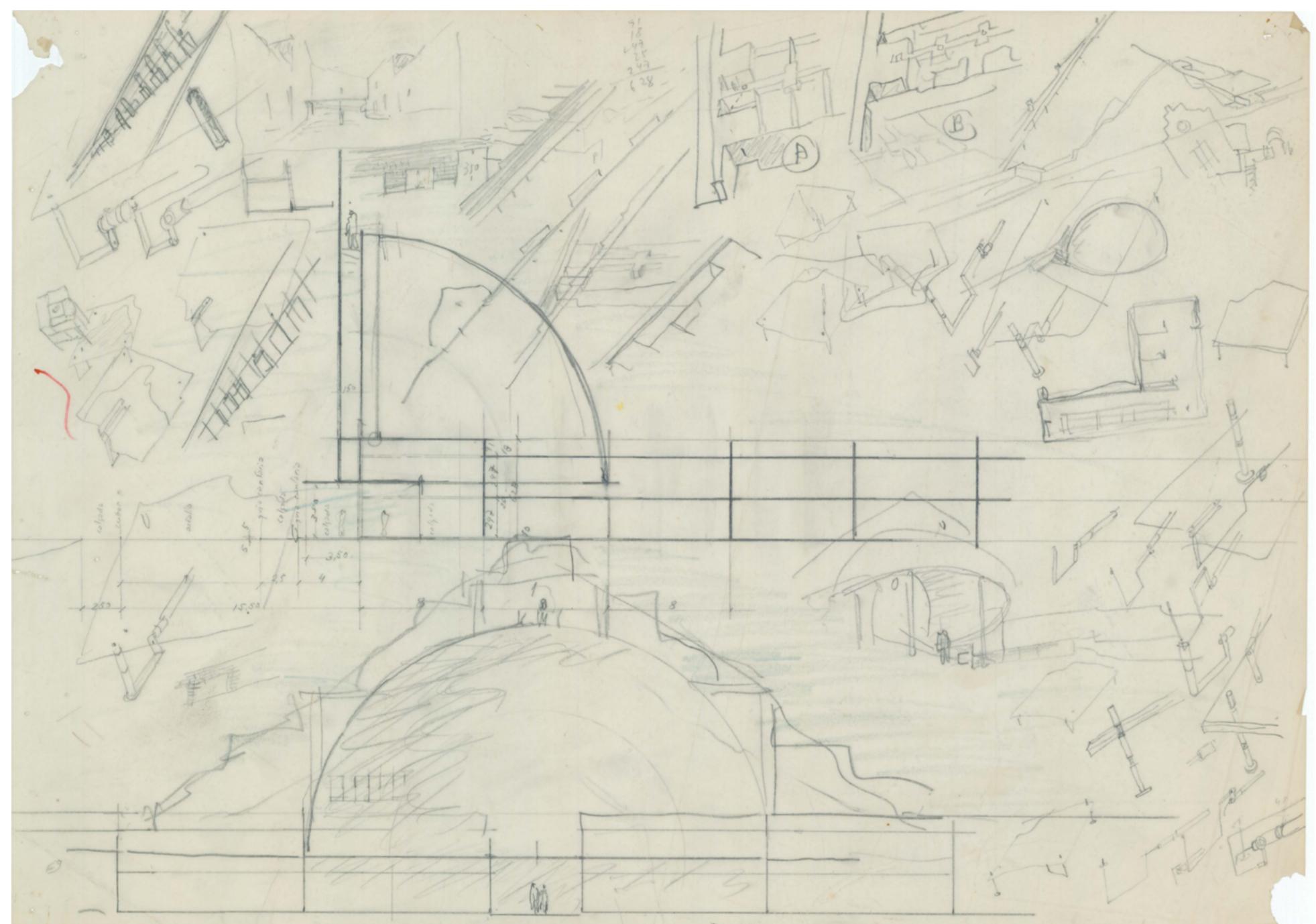
Ainda que se tivesse referido a Pompeia, é possível que se tivesse querido referir à Villa Adriana, que também visitou, em particular à Semicúpula que se abre para o espelho de água que se insere nos jardins da casa — integrando o Canopo [075].

Nos primeiros desenhos da Semicúpula presentes no vigésimo segundo caderno de esquisos de Álvaro Siza de Maio de 1978 [076 A 081], percebe-se que esta se encontrava fechada por um frontão triangular que se agarraria à conduta, sendo o topo da cúpula acessível através de escadas, que se encontrariam junto ao frontão. O frontão também aparece de duas formas, com as suas duas arestas superiores direitas, ou dentado, dando a ideia de taludes em cadência [079]. Era uma fachada de um templo com uma janela que serviria de "mirante" [076].



<sup>50</sup> Como por exemplo em *The Architecture of Álvaro Siza* de Peter Testa, de 1984, ou *Álvaro Siza: Barrio de la Malagueira, Évora* de Enrico Molteni, de 1997.

<sup>51</sup> Promovida pela Direção Regional de Cultura do Alentejo e pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora em Junho de 2016, exposição esta que reunia uma série de fotografias da autoria de Brigitte Fleck, bem como fotografias de Miguel Gama, uma maquete produzida pelos alunos da unidade curricular de Projeto IV do curso de Arquitectura da UÉ e ainda desenhos que se podem encontrar nesta dissertação, produzidos pelo autor.

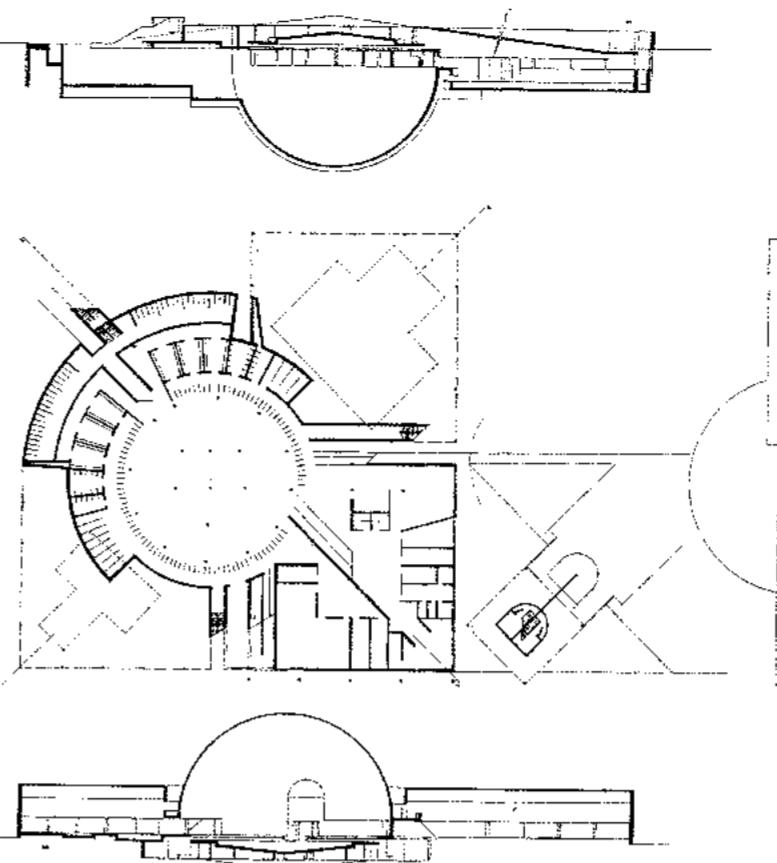


Esta base parece aliás ter constituído uma evidente influência para um concurso, realizado posteriormente, em 1979, para as piscinas em Görlitzer Bad, Kreuzberg, Berlim [084 e 085], concurso que acabou por não vencer.

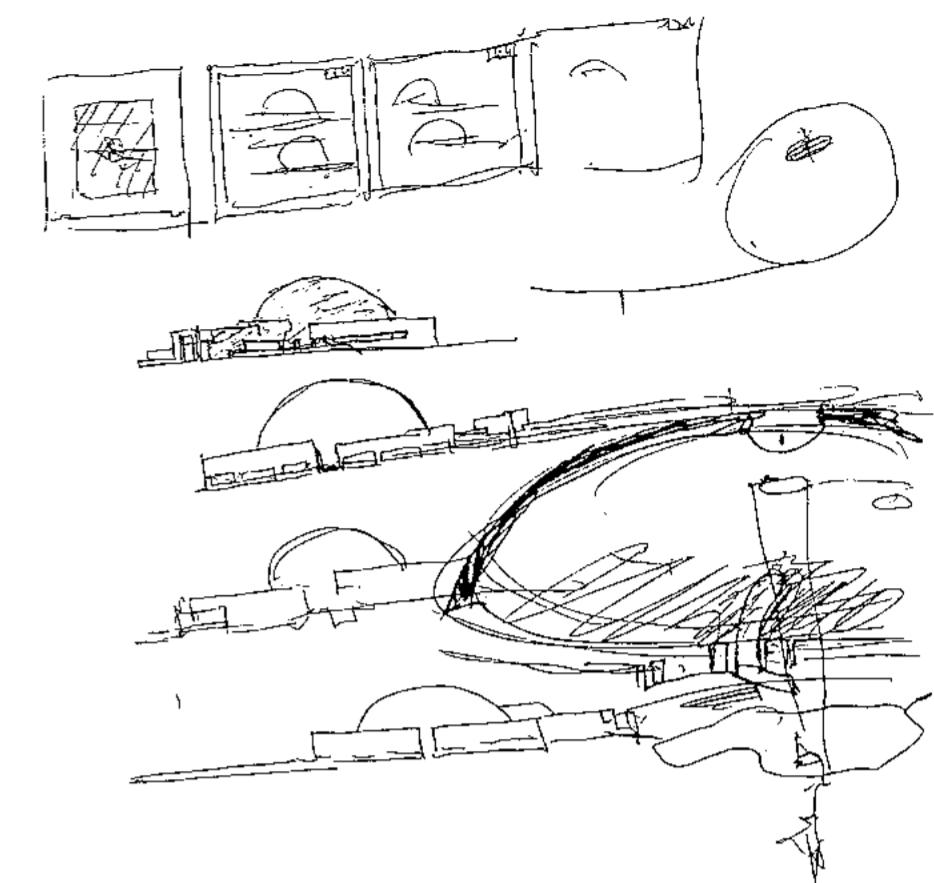
Nos desenhos posteriores presentes no caderno n.º 111, datado de Maio de 1982 [086 a 088], bem como em alguns estudos realizados em folhas de tamanho A1 soltas [089 a 094], torna-se evidente o evoluir da Semicúpula, afastando-se da conduta e da grelha habitacional, afirmando-se como uma peça autónoma, porém componente do conjunto. O muro triangular que encerrava a praça coberta, por sua vez, desapareceu, dando lugar a uma relação intensa com os jardins e quartelões habitacionais a norte.

Nesta fase deixou de haver um acesso ao topo da Semicúpula; no entanto, este acesso passou a ser feito pela cobertura de uma cafeteria que se adocou à praça coberta. Álvaro Siza terá desenhado a partir desta, um passadiço que rodearia todo o interior da base da Semicúpula [088].

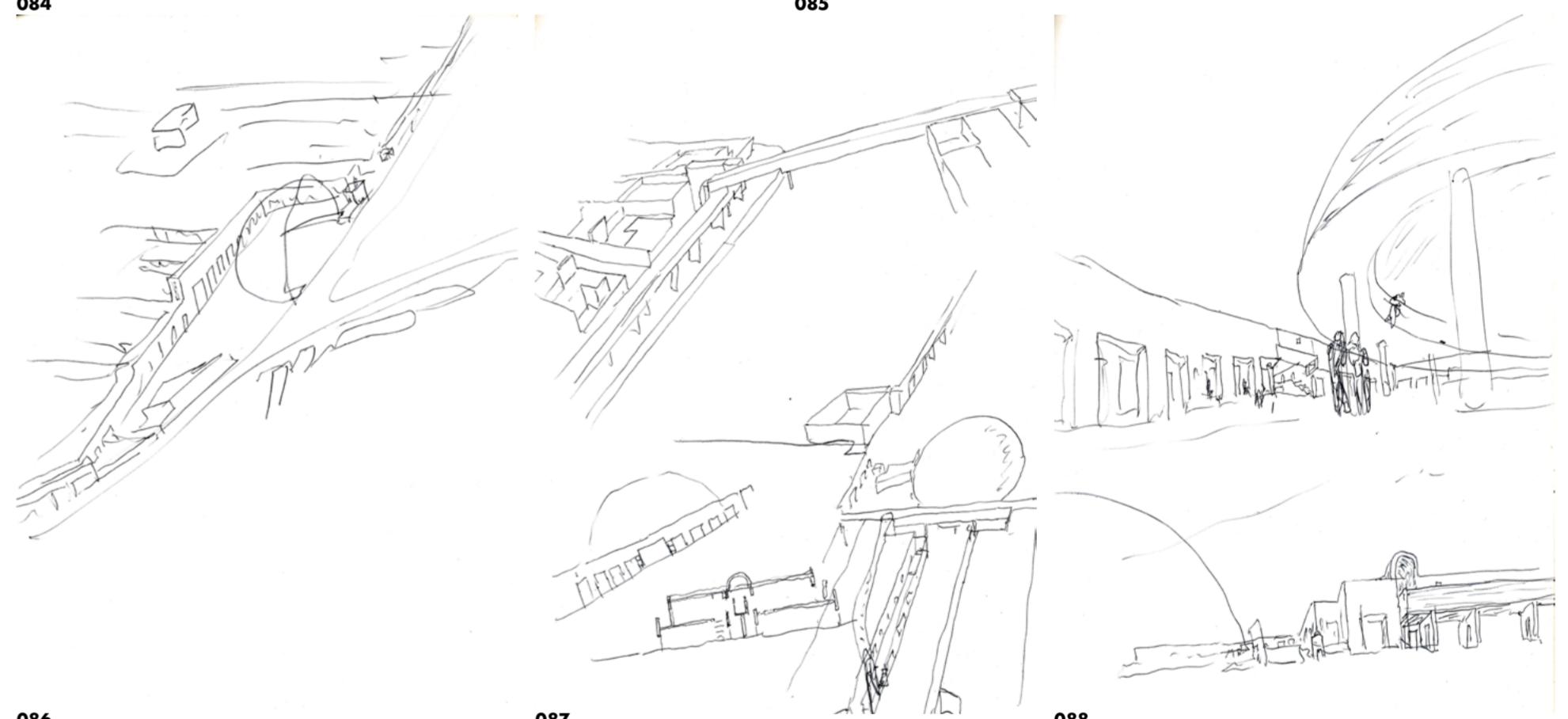
A Semicúpula encontrar-se-ia sobrelevada em relação ao terreno, diminuindo a sua pegada e permitindo que esse espaço fosse permeável — tanto física como visualmente — desde a conduta (ou melhor, do peaduto, espaço de circulação coberto pela conduta) até à total extensão da paisagem.



084



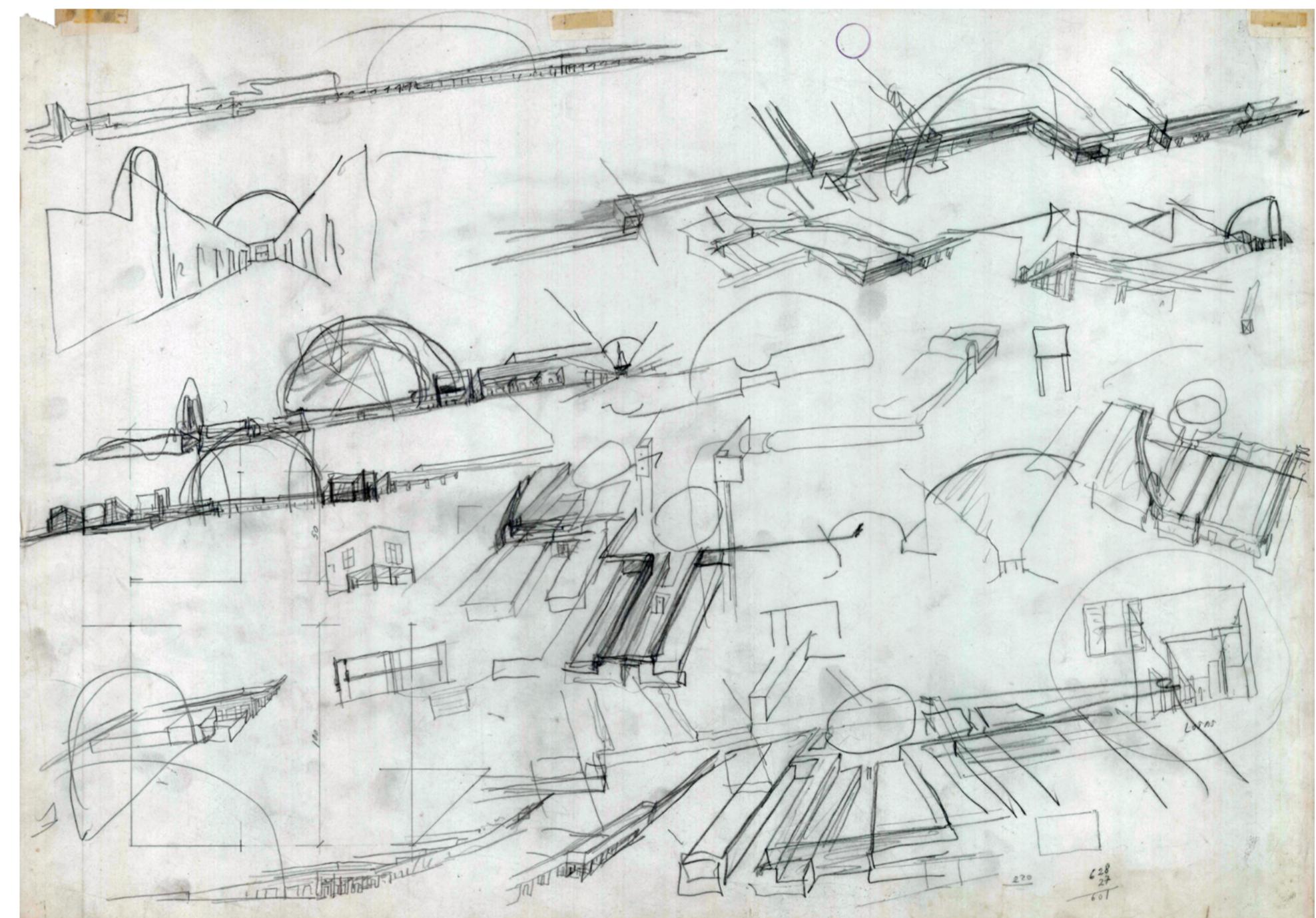
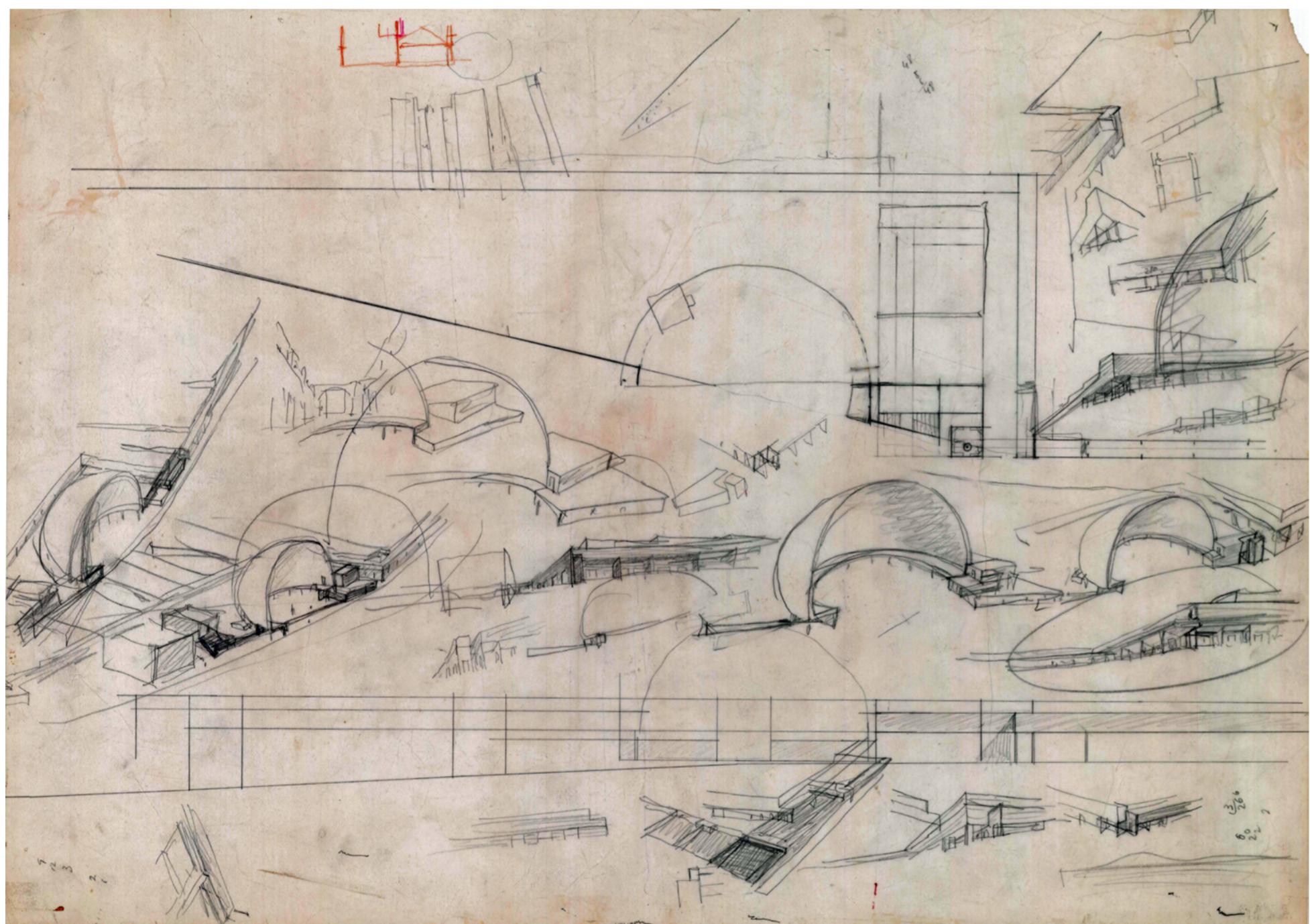
085

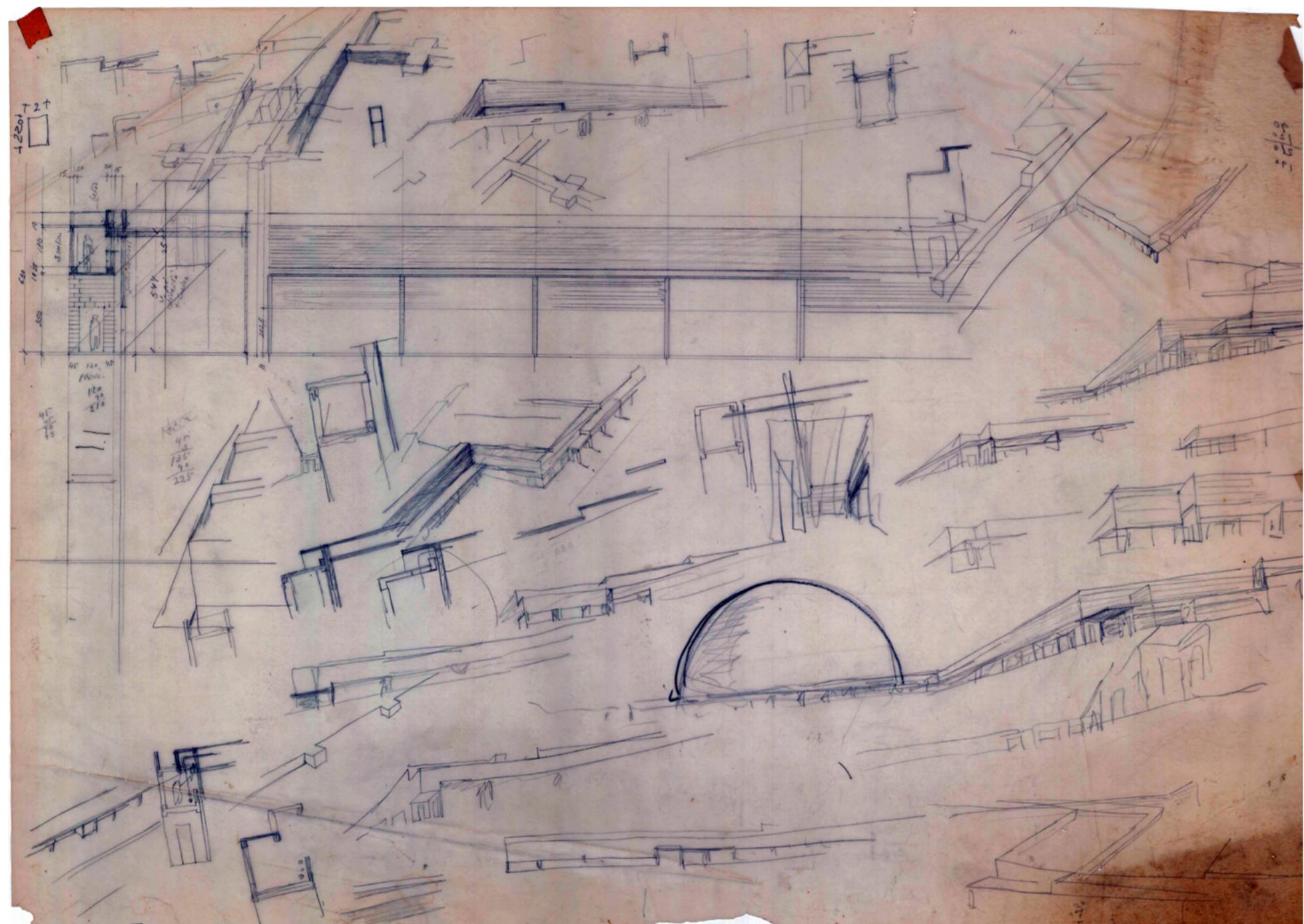


086

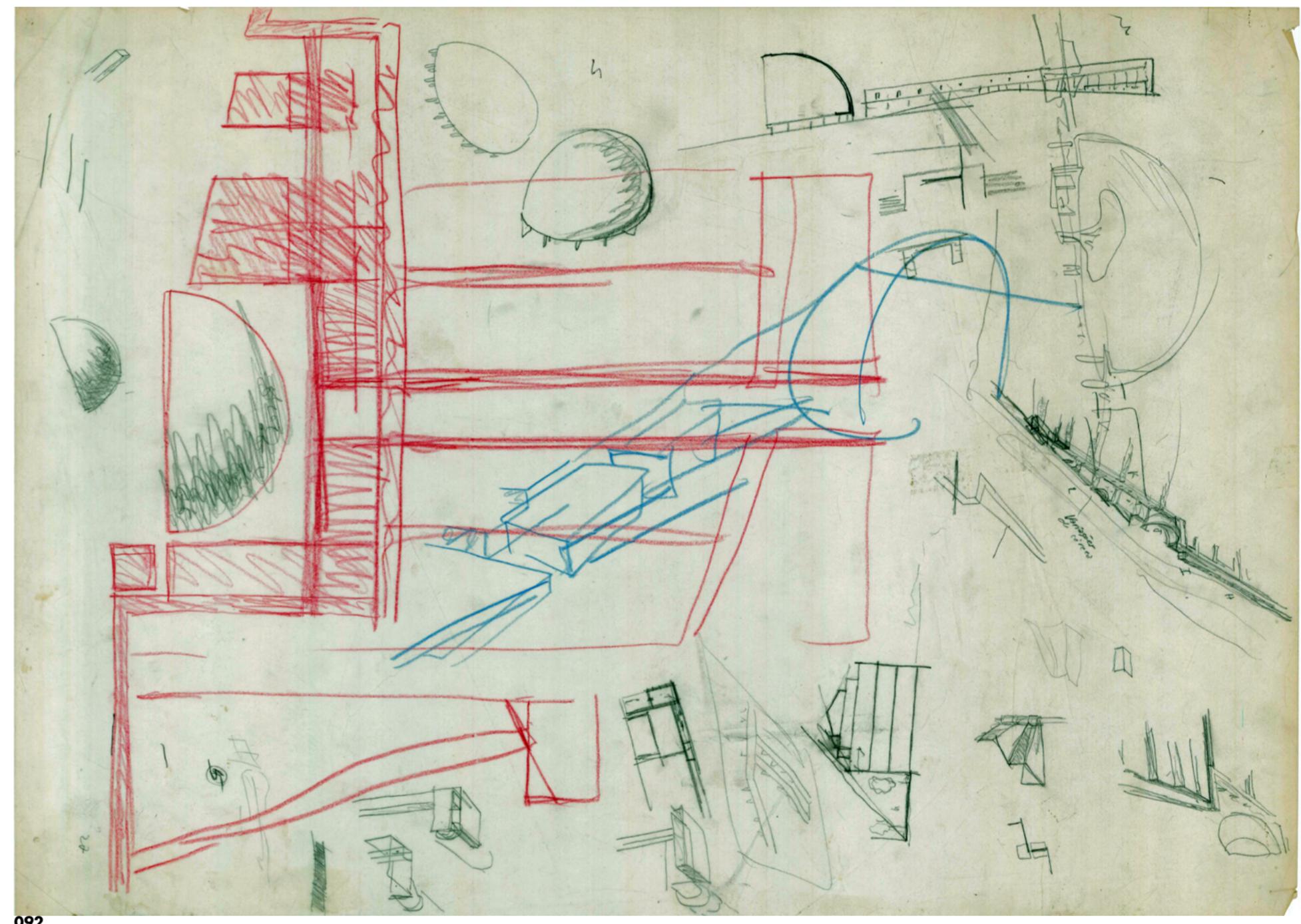
087

088

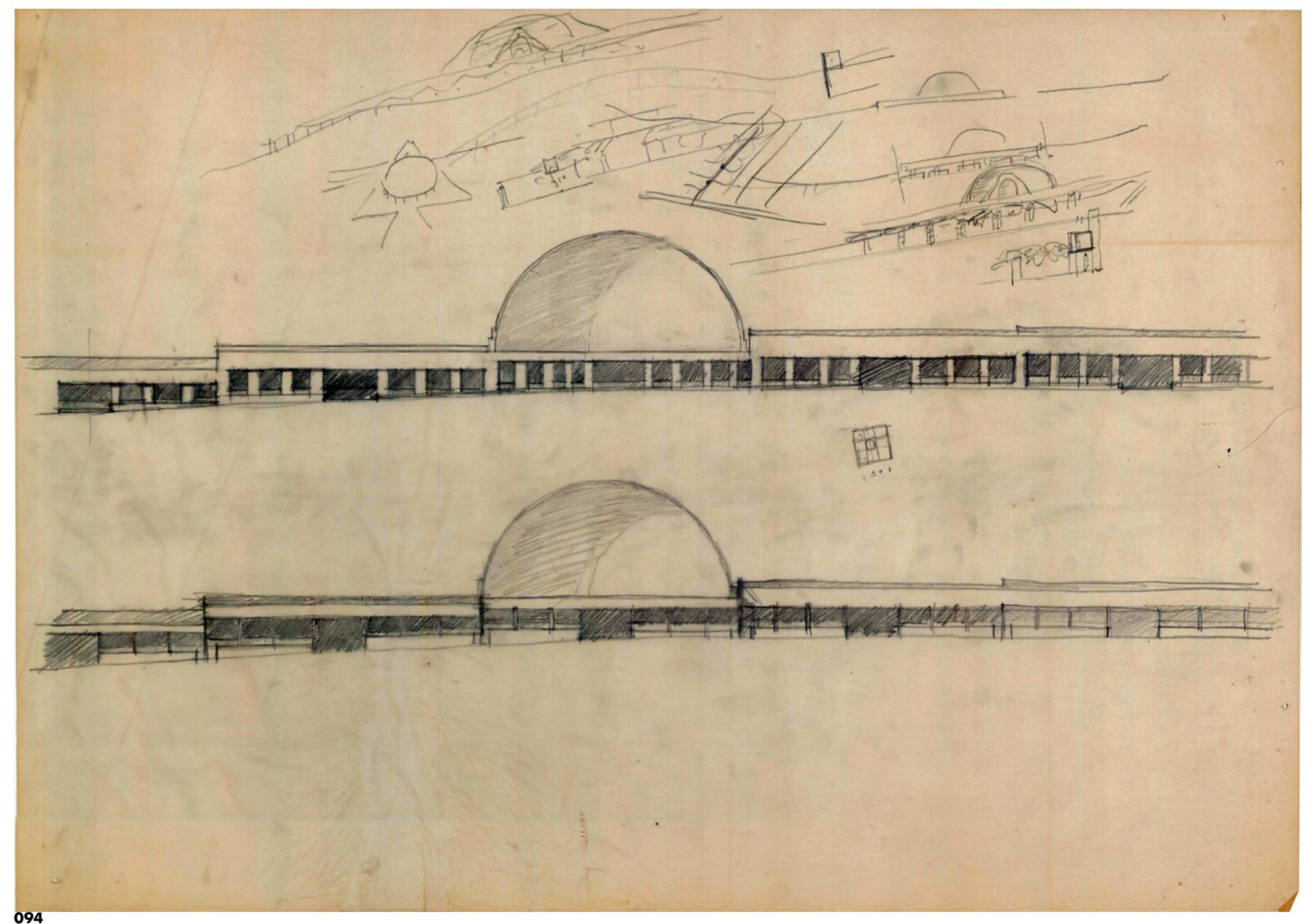
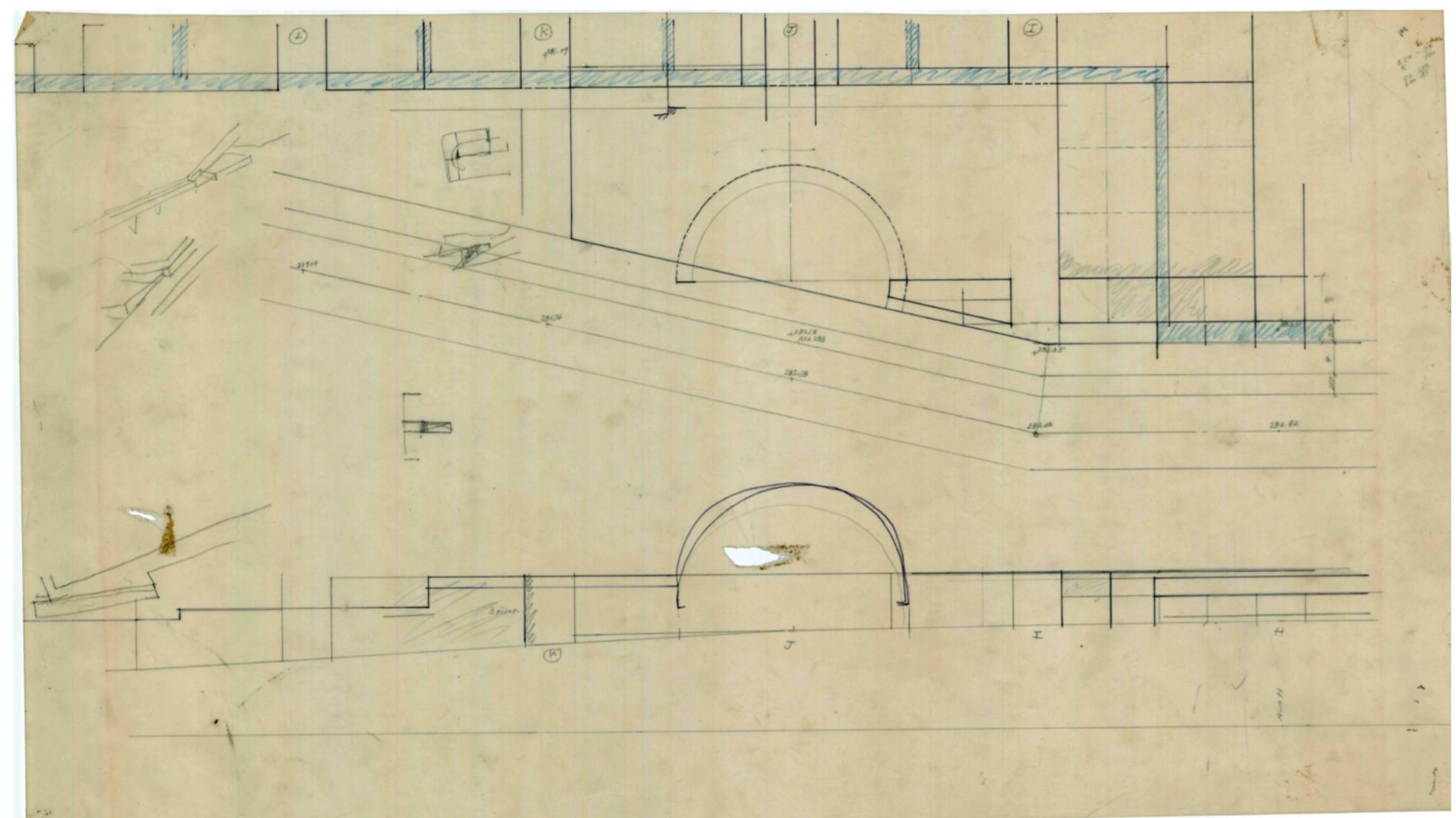




091



092



## 04. O QUE NUNCA FOI

### 04.1 PRIMEIRA FASE (1978-1979)

#### II. ENCOMENDA DA NOVA SEDE PARA A COOPERATIVA BOA VONTADE

A Cooperativa Boa Vontade e a Cooperativa Giraldo Sem Pavor foram as duas principais cooperativas que construíram as habitações da Malagueira. Para além destas, ainda existiam uma parte de habitações que seriam construídas com fundos públicos através da CME, e ainda outras destinadas a aquisição privada.

A Cooperativa Boa Vontade estabeleceu a sua sede de forma provisória na Casa da Sobreira, localizada entre o bairro de Santa Maria e a Malagueira. Apesar de ter sido feita a encomenda a Álvaro Siza de uma nova sede para a Cooperativa, este projecto acabou por não se concretizar, e a sede ainda hoje permanece na Casa da Sobreira.

O seu projecto teve início, em Dezembro de 1977,<sup>52</sup> estendendo-se até ao seu licenciamento em Agosto 2005<sup>53</sup> (sendo assim também o último dos equipamentos da Malagueira a ser projectado por Álvaro Siza).

Desta primeira fase destaca-se uma folha de tamanho A4 [096] que mostra uma volumetria inicial, com uma implantação não muito clara. Aparentemente, o local de implantação não teria a implantação definida posteriormente, junto ao limite sul da quinta da Malagueira, no bairro António Sérgio e os moinhos da Malagueira — lote onde viria a ser proposto o Aparthotel, tendo também como cliente a Cooperativa Boa Vontade.

Este esboço mostra dois volumes que formam um «L» ambos, gerando um espaço aberto entre eles e os edifícios envolventes. Num destes volumes, uma parte é subtraída, sugerindo uma entrada.

Nos restantes estudos que se podem associar a esta fase [097 a 108] é notório a identificação com o local de implantação posteriormente definido, procurando-se uma relação resguardada com a Quinta da Malagueira e com o Bairro dos Três Bicos, virando-se intencionalmente para o interior do bairro da Malagueira.

Este desenho mostra apenas um volume também em forma de «L». Um braço maior remete a um espaço polivalente abobadado de pé direito duplo, enquanto que o outro contém as salas de reuniões, a biblioteca, bem como e salas para uma comissão de jovens. Este último braço apresenta-se de piso único, com um pátio que parece ser desenhado por forma de subtração, sendo que este volume extraído é colocado solto, de frente para este pátio.

<sup>52</sup> Tendo como referência que os primeiros esboços para este projecto, começam a surgir no caderno pessoal de Álvaro Siza, datado de Dezembro de 1977.

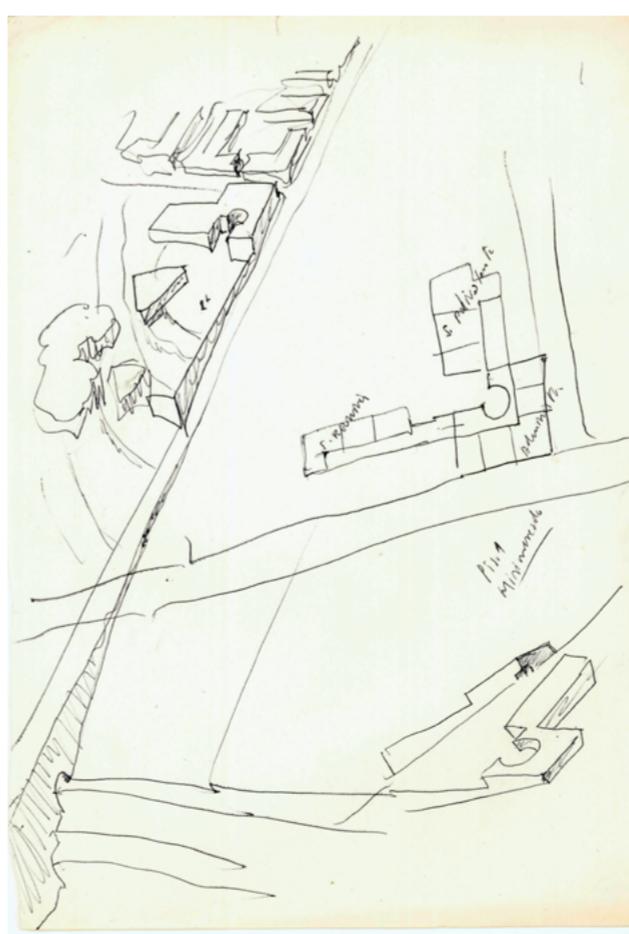
<sup>53</sup> Tendo como referência a legendação dos desenhos do projecto de licenciamento para a Sede da Cooperativa Boa Vontade presentes no arquivo da Divisão de Gestão Urbanística — Obras Particulares, da CME.



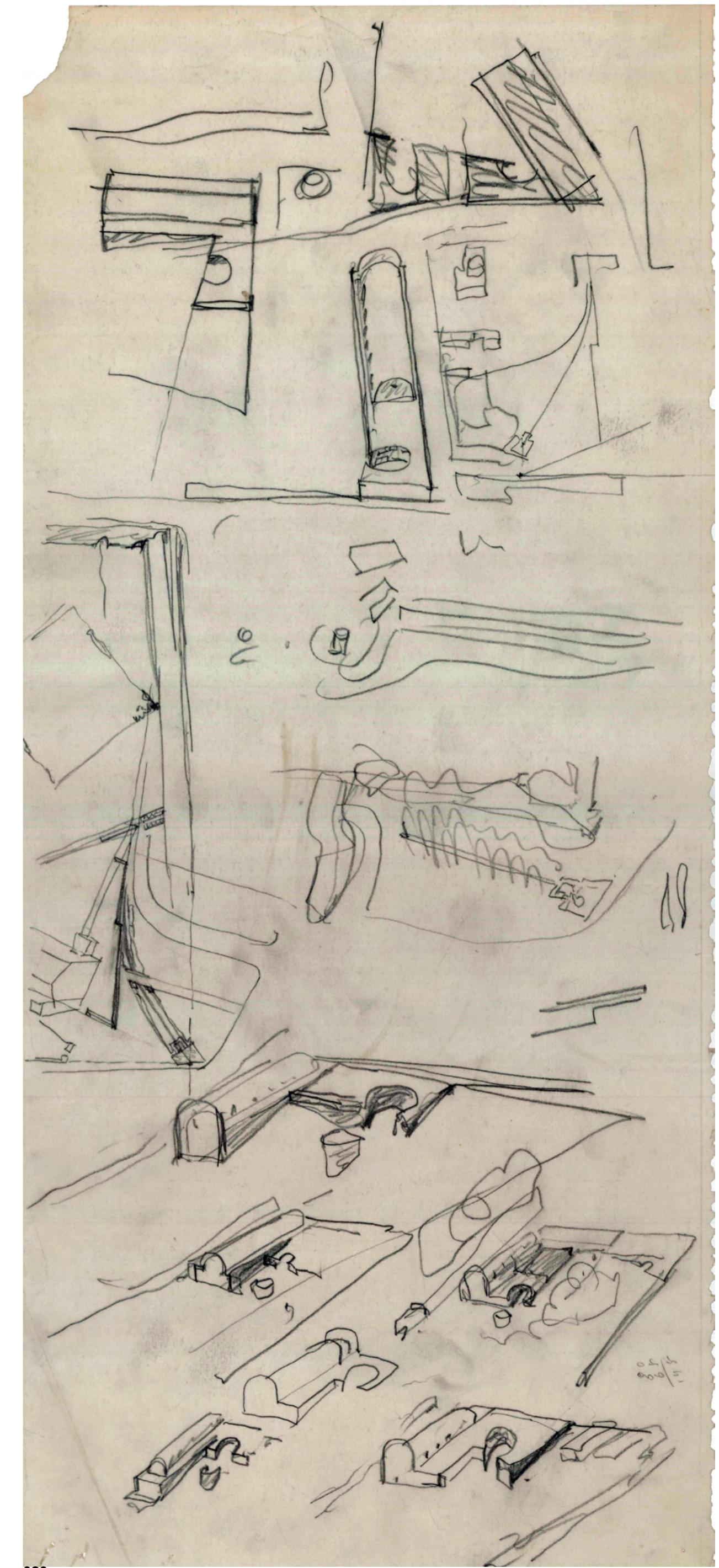
095



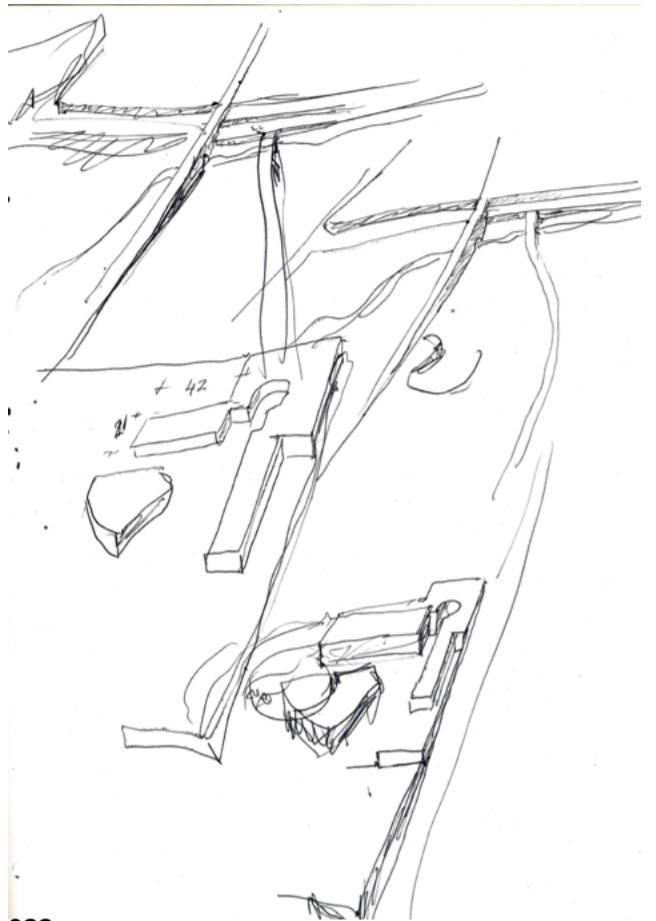
096



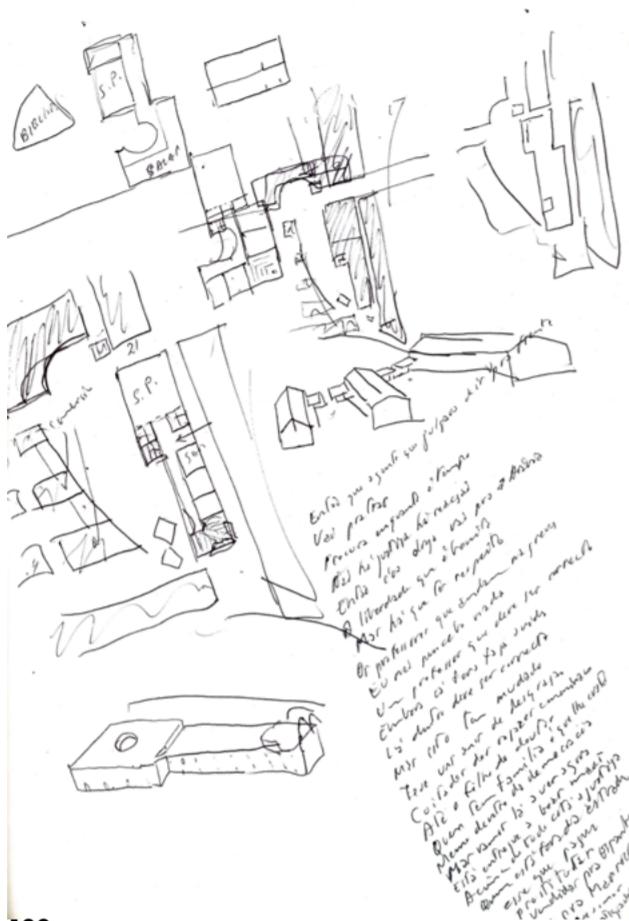
097



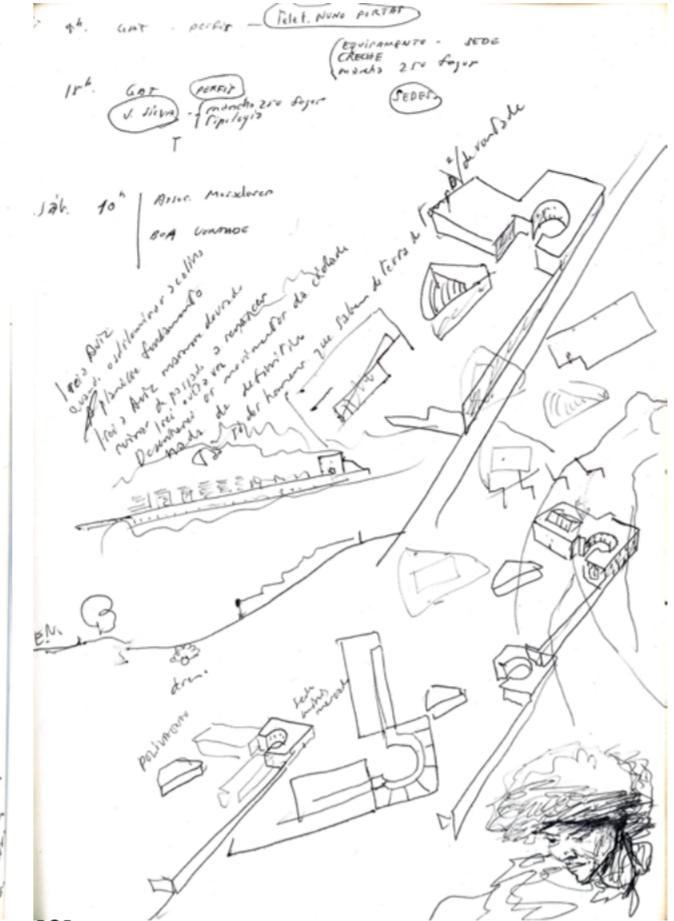
098



099



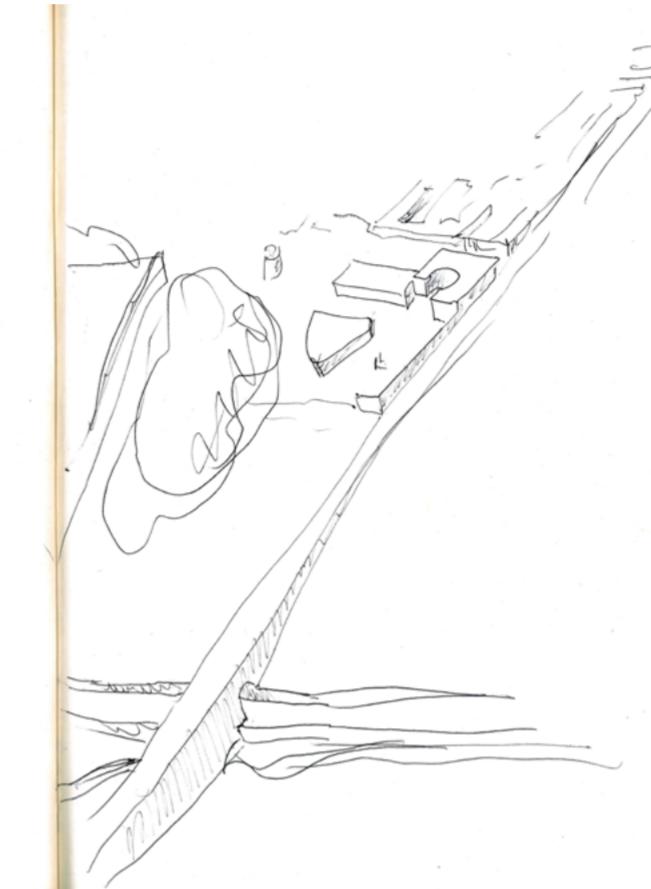
100



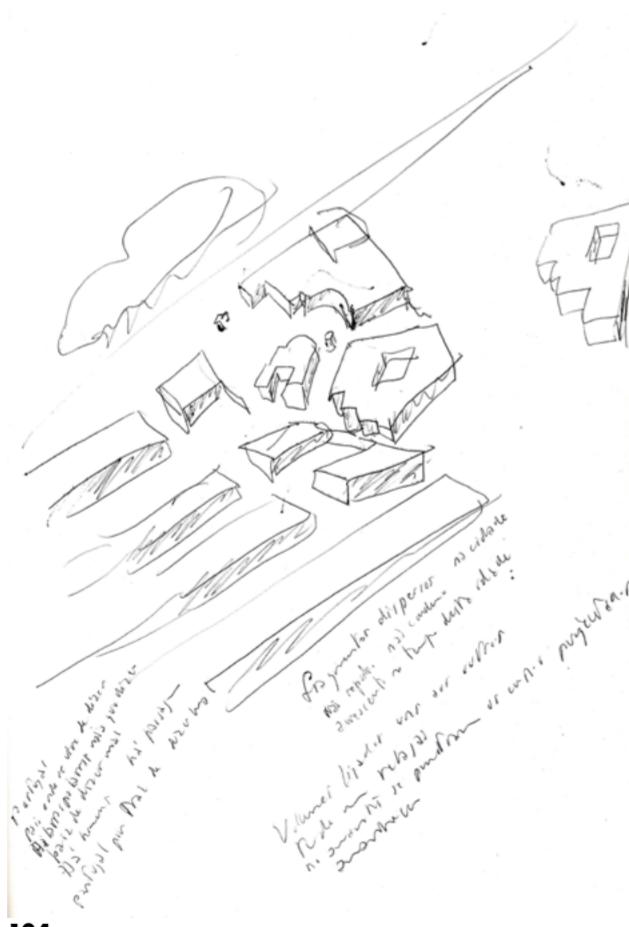
101



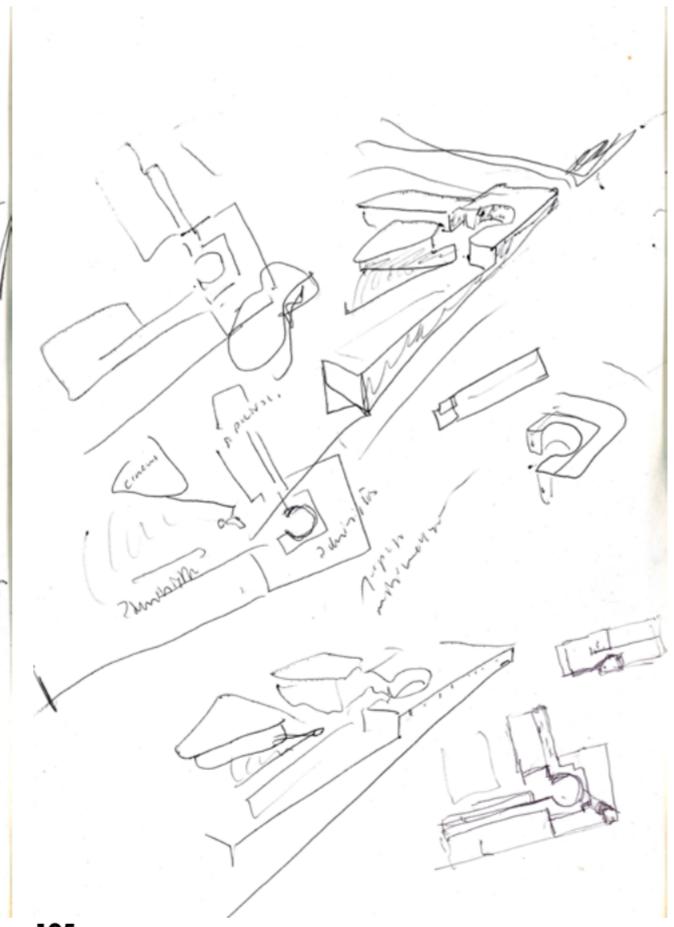
102



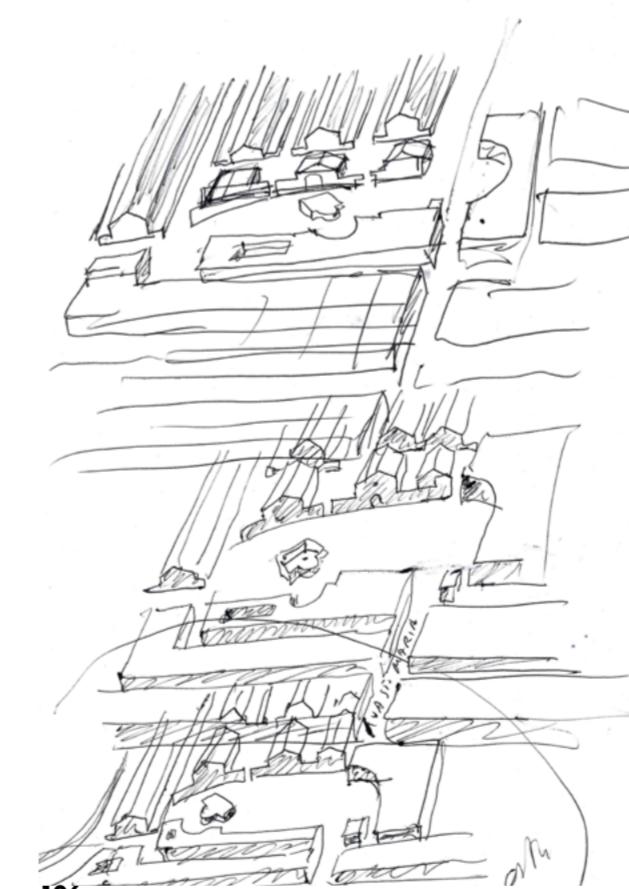
103



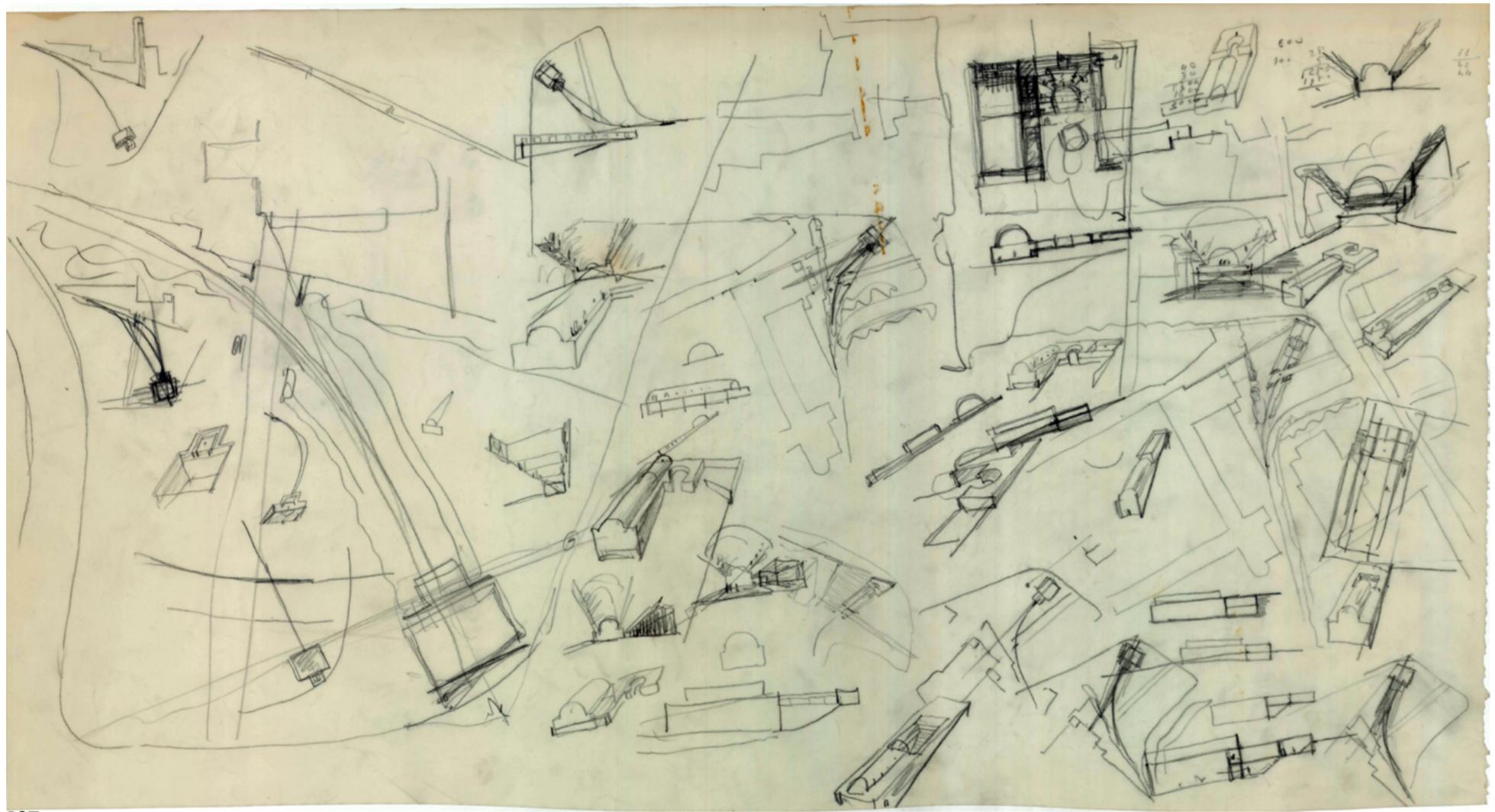
104



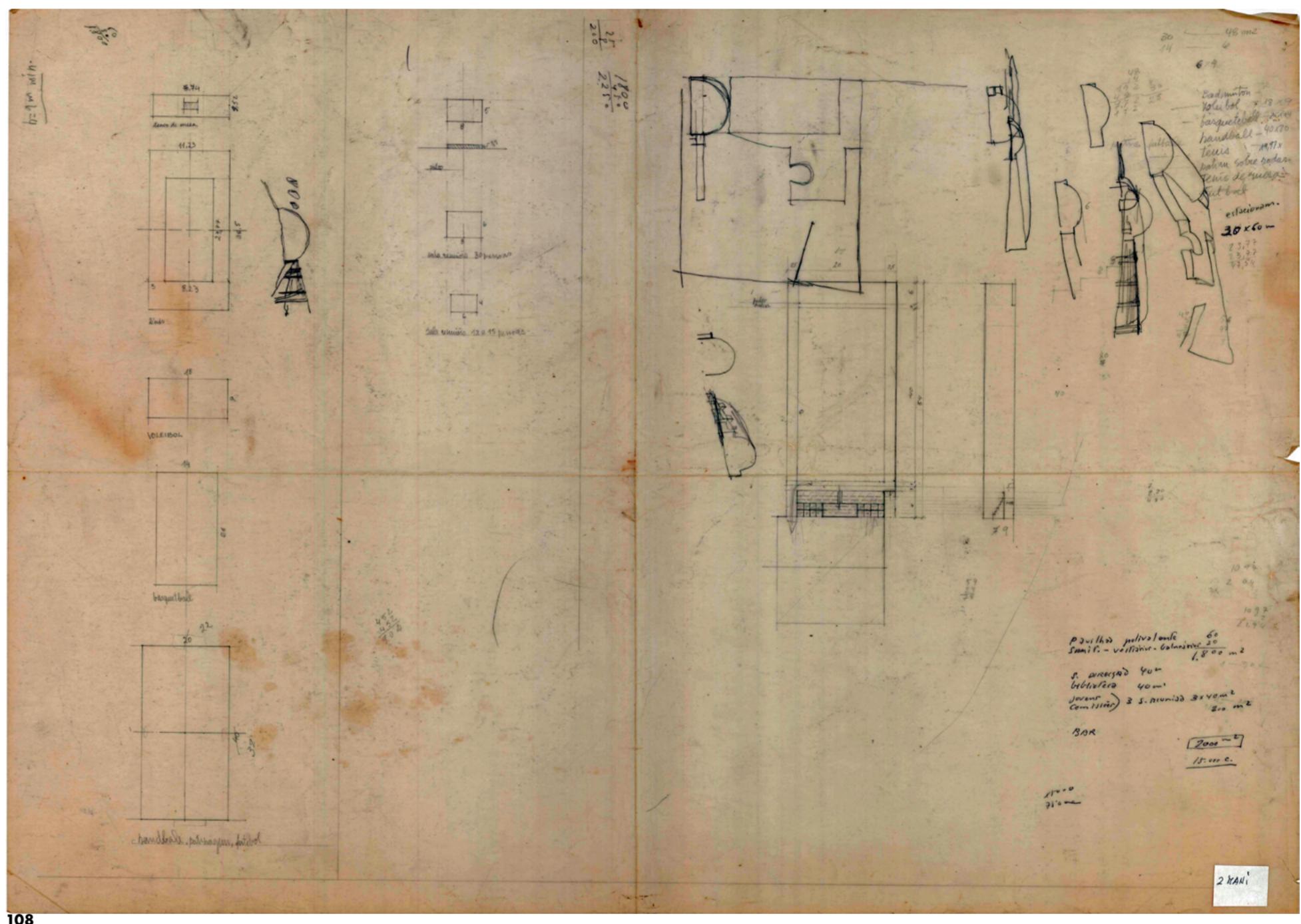
105



106



107

página  
104

108

página  
105

## 04. O QUE NUNCA FOI

### 04.2 SEGUNDA FASE (1980-1985)

Durante cinco anos, entre 1980 e 1985, a construção das casas decorria a bom ritmo e a condução de infra-estruturas estava completamente desenvolvida, tendo sido construída a maior parte da componente residencial do Bairro da Malagueira. Em 1980, o FFH a construiu nos sectores norte e oeste,<sup>54</sup> principalmente casas de tipologia A (com o pátio à frente), mas também algumas de tipologia B (com o pátio atrás). Em 1981, começou a ser construída a segunda fase de habitações com fundos do FFH no sector sul e oeste de tipologia A.<sup>55</sup> A Cooperativa Boa Vontade, por sua vez, construiu entre 1982 e 1985,<sup>56</sup> nos sectores sul e norte casas de Tipologia C. Finalmente em 1985, a Cooperativa Giraldo Sem Pavor construiu nos sectores norte e sul as primeiras casas designadas por José Pinto Duarte como de Tipologia C<sup>57</sup> que constituíram uma versão actualizada e simplificada da Tipologia A, contendo desde T2 a T5, mantendo o pátio como espaço de transição entre o espaço público (rua) e o espaço privado (habitação).

Durante este período, e apesar de ter um arquitecto residente na Malagueira e em constante contacto com o atelier no Porto — o arquitecto Nuno Ribeiro Lopes —, Álvaro Siza ainda ia a Évora com bastante frequência, o que o levou a investir num lote destinado à iniciativa privada.<sup>58</sup> Até aos dias de hoje continua a ser a única casa que Álvaro Siza desenhou para si próprio.

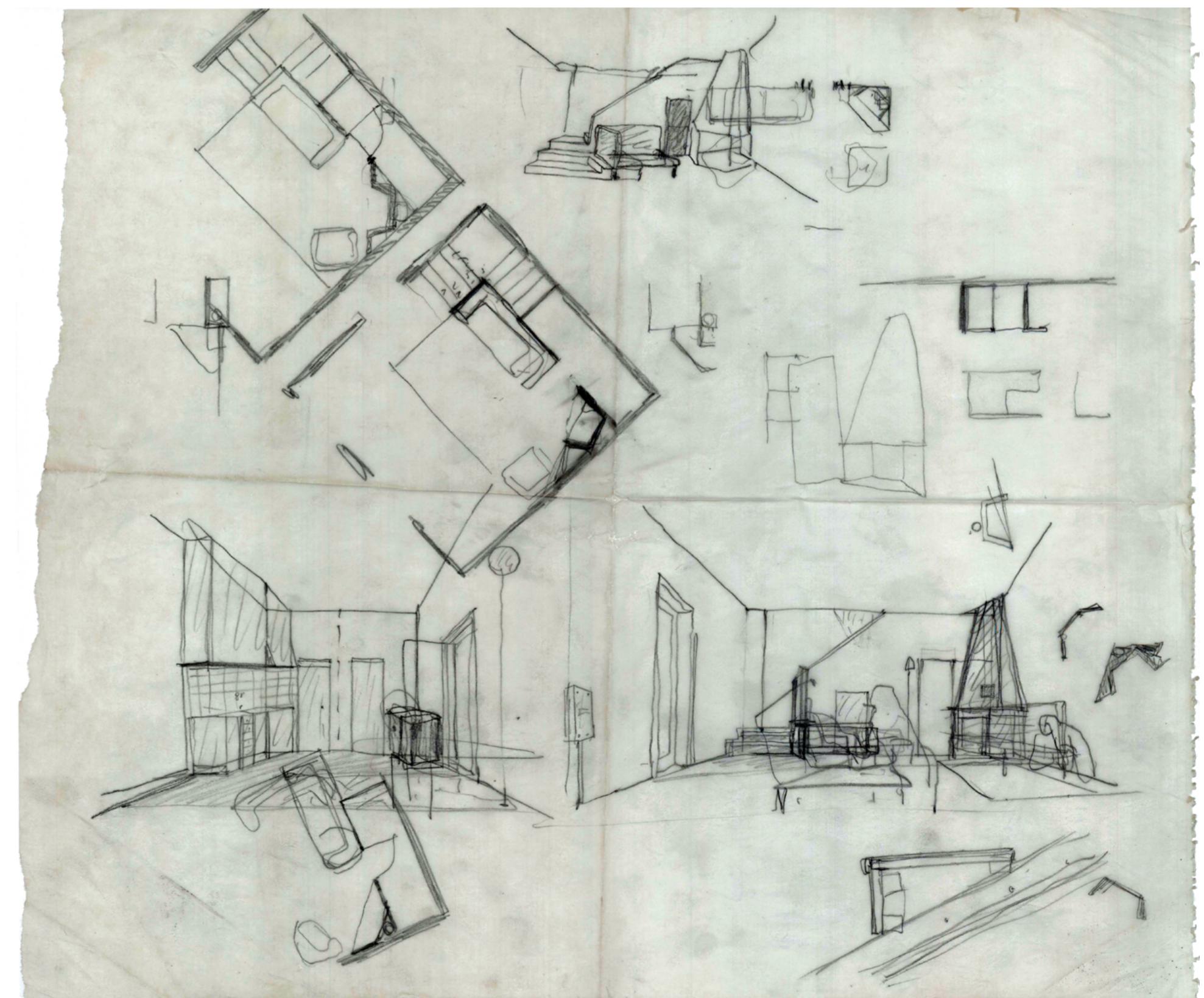
54 DUARTE, José Pinto, *Personalizar a habitação em série: uma gramática discursiva para as casas da Malagueira do Siza*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2007, p. 88.

55 DUARTE, José Pinto, *Personalizar a habitação em série: uma gramática discursiva para as casas da Malagueira do Siza*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2007, p. 88.

56 DUARTE, José Pinto, *Personalizar a habitação em série: uma gramática discursiva para as casas da Malagueira do Siza*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2007, p. 88.

57 DUARTE, José Pinto, *Personalizar a habitação em série: uma gramática discursiva para as casas da Malagueira do Siza*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2007, p. 104.

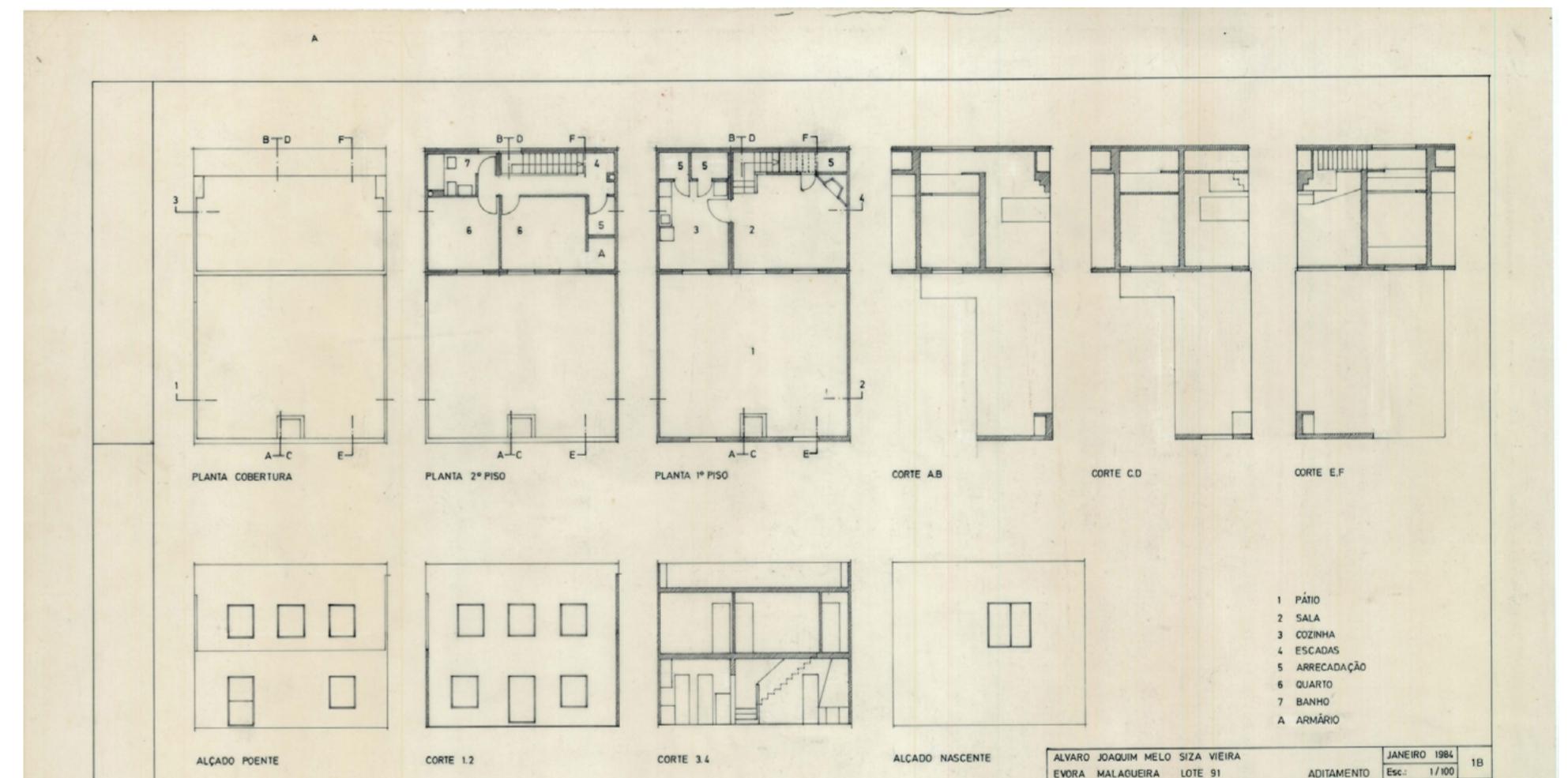
58 Álvaro Siza quando em entrevista para o *Jornal dos Arquitectos* conduzido por Ricardo Carvalho e José Adrião disse: «Houve uma altura em que ia à Malagueira de quinze em quinze dias. Decidi comprar um terreno numa zona destinada à iniciativa privada e fiz uma casa, um t2. Estava saturado de hotéis e com algum pudor de ir sempre para casa de amigos. Também quis utilizar essa casa para mostrar à população soluções de projecto que não estavam a ter uma boa aceitação [...]. Experimentei coisas como colocar as canalizações fora da parede. As canalizações eram fonte de problemas e quando acontecia uma avaria era necessário rebentar com tudo. Na altura houve um muro de opinião contra as canalizações à vista. Dizia-se simplesmente que era «feio». Portanto decidi fazê-lo na minha casa e as pessoas foram lá ver e disseram que afinal até podia ser bonito.» *Jornal dos Arquitectos*, dossier «Personas», N.º 224 Julho-Setembro 2006, pp. 69-75.



Esta casa [109 e 110], com um desenho único, diferente de todas as outras tipologias desenvolvidas, localiza-se na Rua da Malagueirinha. O lote escolhido por Álvaro Siza, tem a peculiaridade de não ter nenhuma habitação justaposta a sua, permitindo a abertura de um vão no alçado poente (traseiro), que se abre para a quinta da Malagueirinha. O pátio da casa — que ocupa a largura total da parte da frente do lote —, contém uma fonte em mármore e como se percebe pelo documentário *Quinta da Malagueira by Álvaro Siza*, produzido pela Architectural Review, em 2015, hoje encontra-se coberto pela altura do muro frontal, por vegetação, aliado à água da fonte, produz um ambiente de frescura e a ideia de preâmbulo para a casa.

A casa dispõe, no piso inferior, de uma cozinha, uma sala com uma lareira e três espaços de arrumo. No piso superior existem dois quartos, um espaço de arrumo e as instalações sanitárias onde Álvaro Siza, sob a forma de experiência, optou por deixar a canalização à vista.

Durante esta fase, foram ainda desenvolvidos os projectos de uma rua comercial — designada de «Broadway 2» — e o Motel.



## 04. O QUE NUNCA FOI

### 04.2 SEGUNDA FASE (1980-1985)

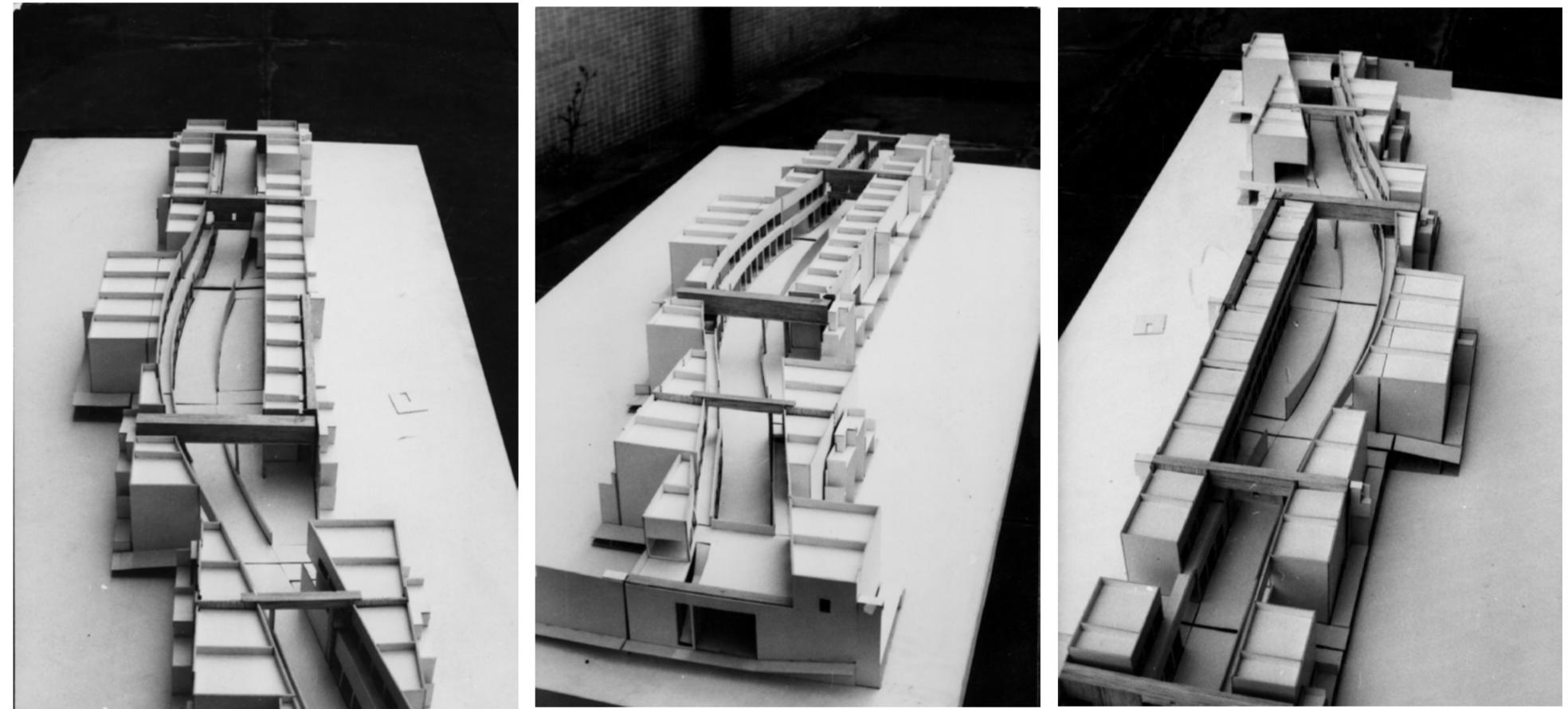
#### I. «BROADWAY 2»

Para além da frente comercial que acompanha o eixo este-oeste, ocupando os primeiros lotes de cada arruamento sob a à conduta que desenha toda a frente do quarteirão a sul do eixo este-oeste —, foi realizado o projecto para uma outra rua comercial inserida no Plano para o Bairro da Malagueira. Apelidada de «Broadway 2», ocupando a totalidade da extensão da Rua do Túnel. Adapta-se ao cadastro pré-existente, a um caminho de pé-posto, demonstrando-se assim a razão da sua irregularidade singular, perante o desenho geral de arruamentos do bairro.

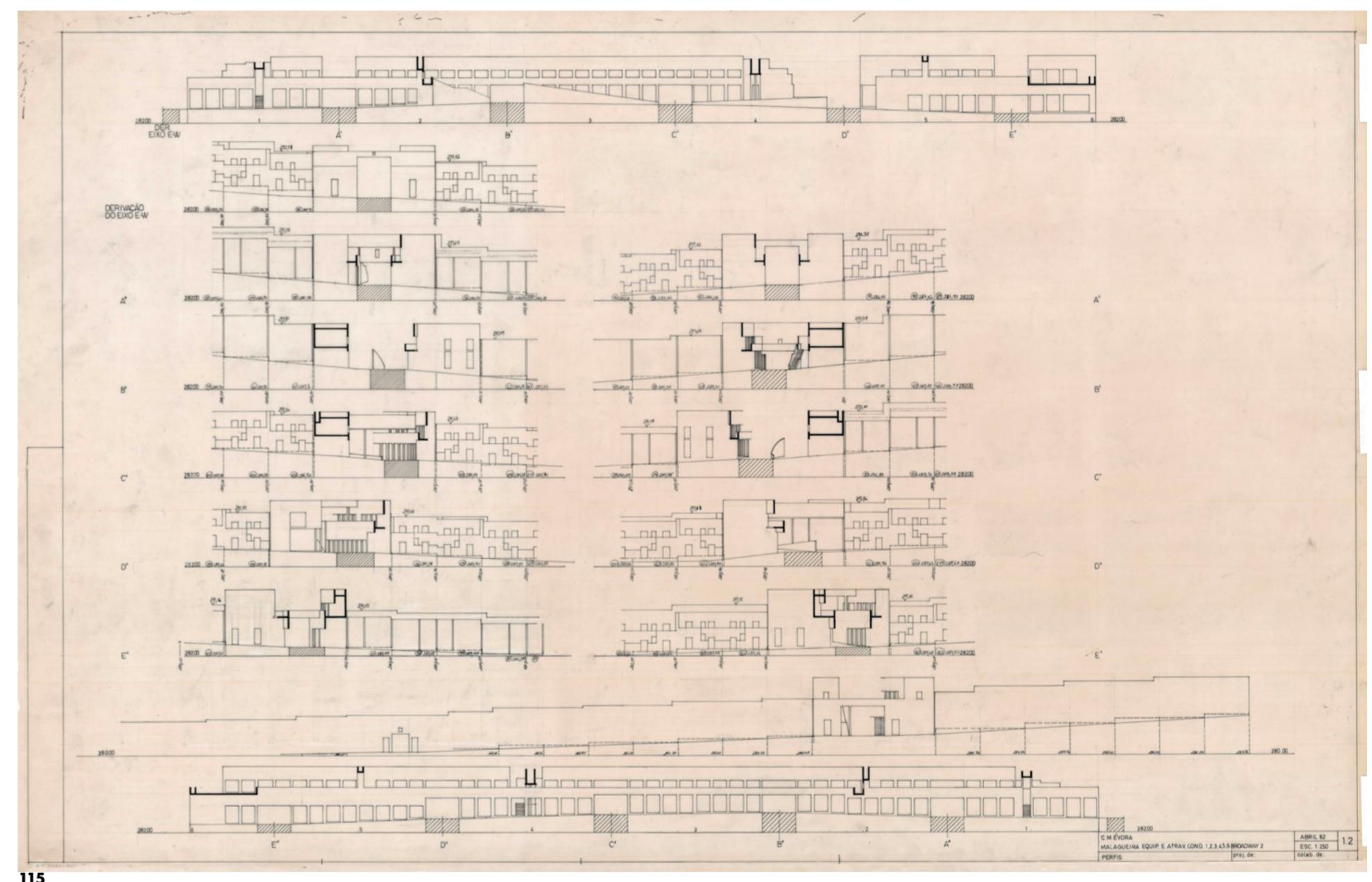
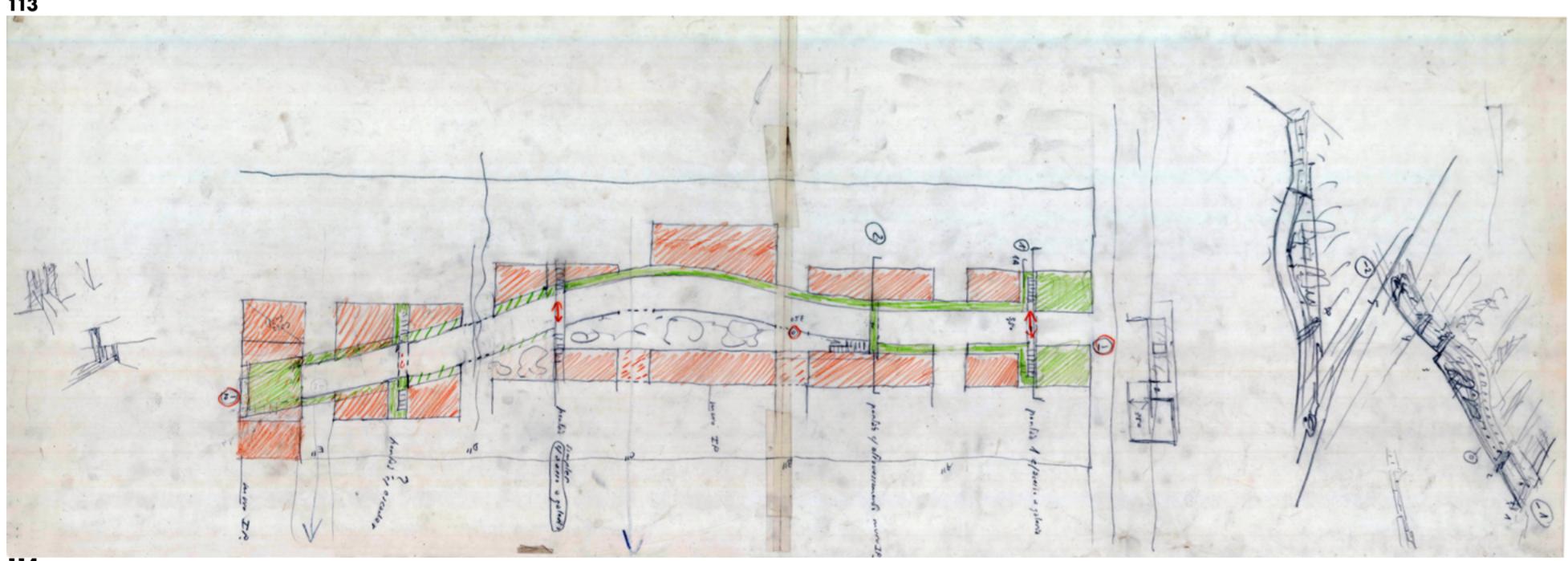
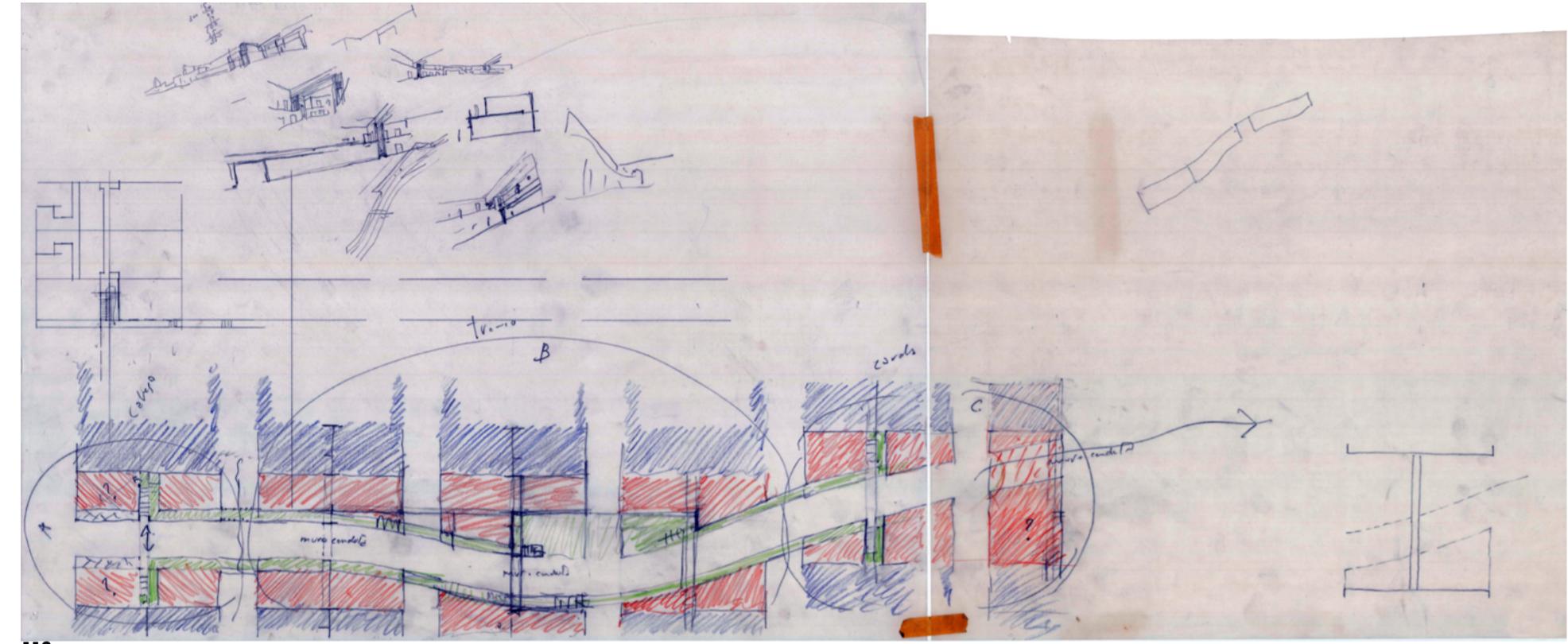
Este equipamento, desenvolvido entre 1982 e 1983,<sup>59</sup> ocuparia o espaço central do quarteirão localizado na zona nordeste do bairro. Desenvolvendo-se numa extensão de 160 metros e distribuindo-se por dois pisos de espaços comerciais, seria o equipamento com maior índice de construção de todo o bairro. Compreenderia 25 espaços comerciais. Desses, 13 ocupariam dois pisos, ligados por um vão de escadas no seu interior. As lojas estariam inseridas em núcleos que topariam os quarteirões habitacionais. Apesar da disposição fragmentada dos espaços, todos os núcleos estariam ligados entre si através de passadiços aéreos que acompanhariam todo o edifício, convergindo para a imagem de uma peça única. Estas passagens aéreas — que se manteriam sempre à cota 289.23 — atravessariam as ruas de Samora Machel, do Alto da Azinheira, da Fé, dos Eucaliptos e da Malagueirinha, dispondo-se assim de forma perpendicular à malha habitacional.

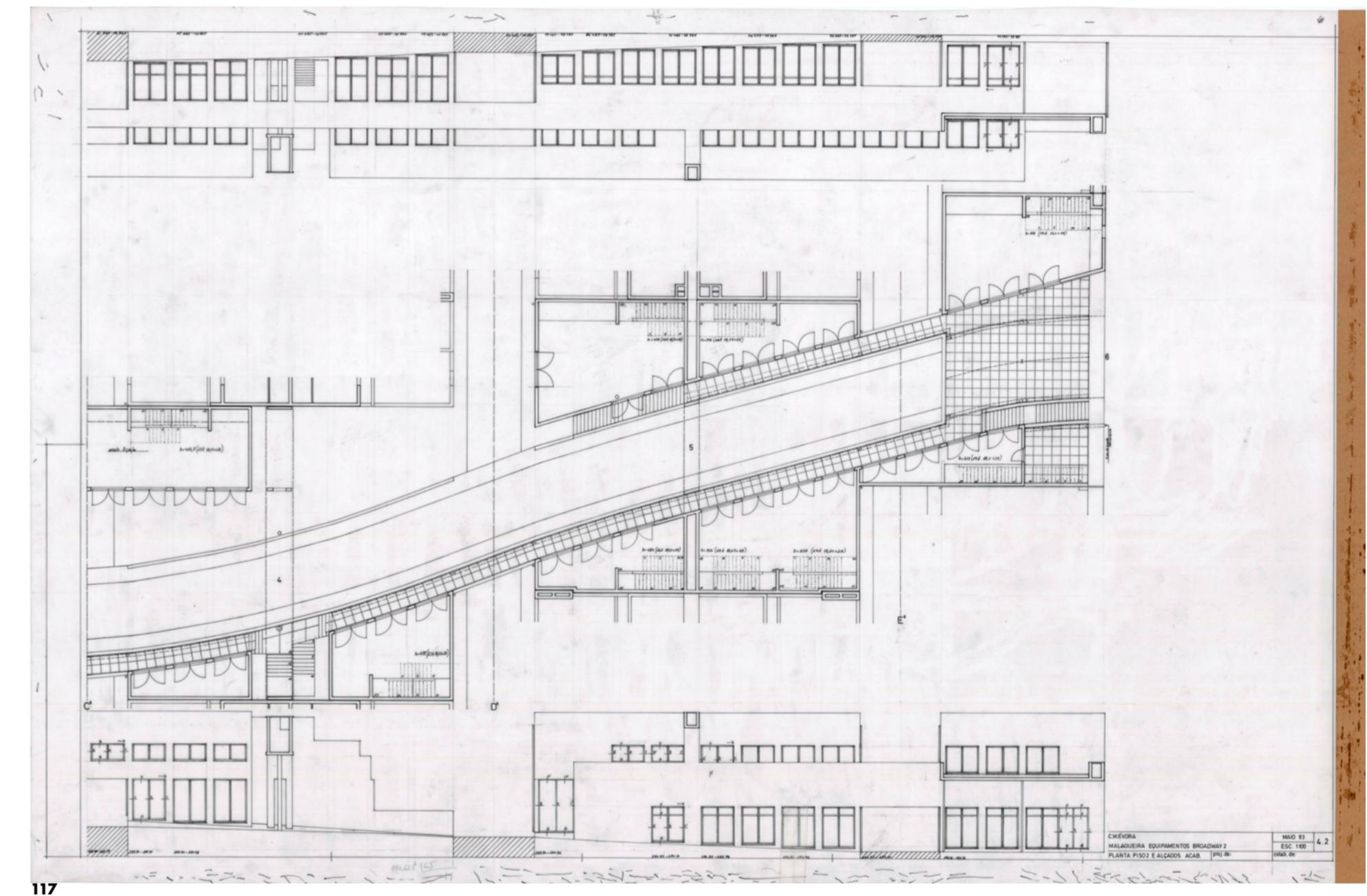
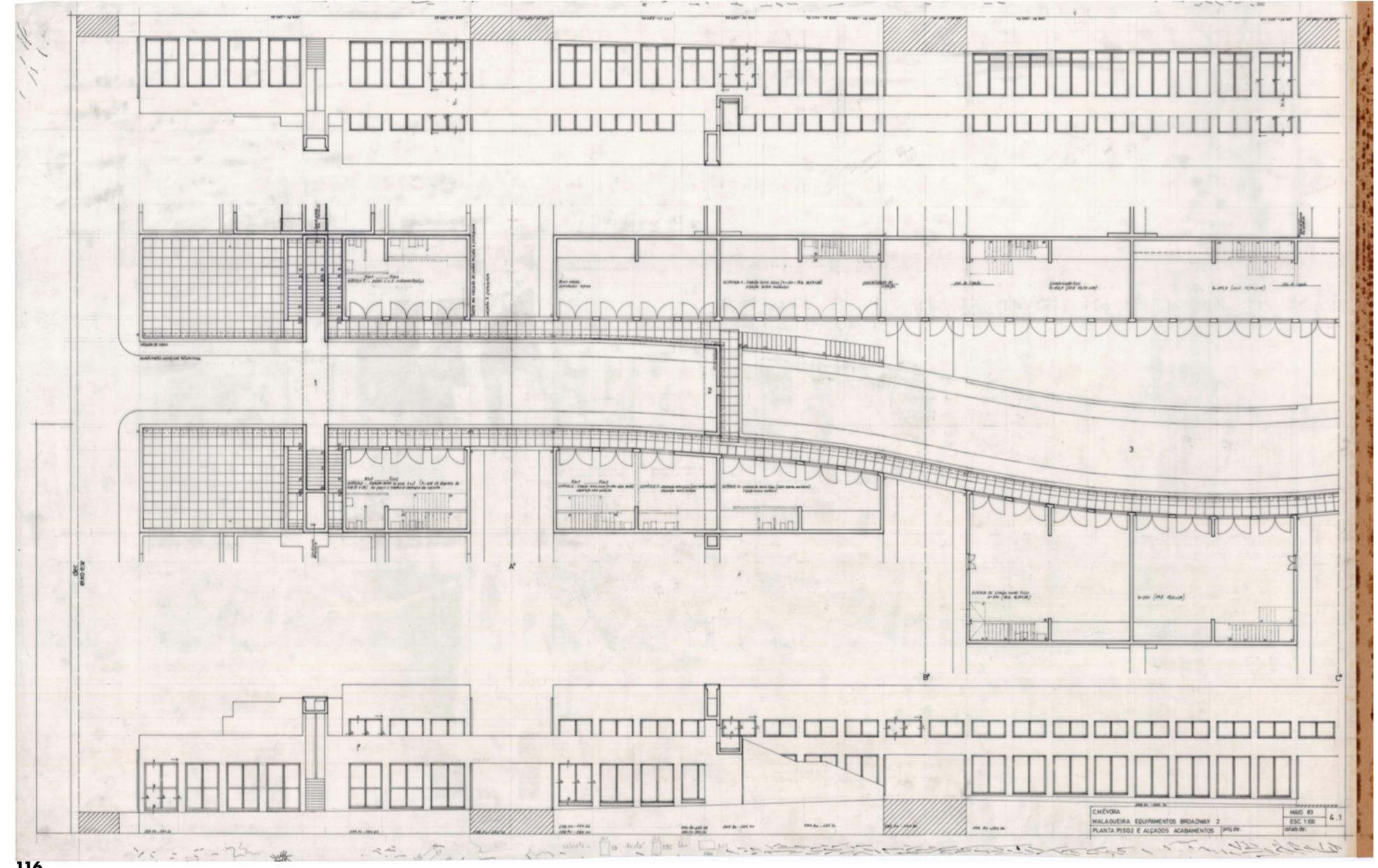
Existiriam ainda dois atravessamentos aéreos, transversais à Rua do Túnel, que se agarrariam a dois troços da conduta de infra-estruturas, sendo que o atravessamento localizado no topo nascente do edifício alargaria, transformando-se num terraço. Este terraço criaria uma relação muito próxima e sobrelevada com o Largo da Nora, enquanto faria o contraponto com os dois terraços localizados nos topes a poente do equipamento.

As lojas do piso superior manteriam uma cota de soleira e de cobertura estáveis, permitindo um pé-direito constante de 3,50 metros. Apesar do tecto do piso inferior estar estabilizado à cota 288.80, a cota de soleira variaaria consoante o terreno, formando espaços em que variaria o pé-direito entre os 3.10 e os 5,08 metros.



<sup>59</sup> Segundo a legendagem dos desenhos [115 a 117].





## 04. O QUE NUNCA FOI

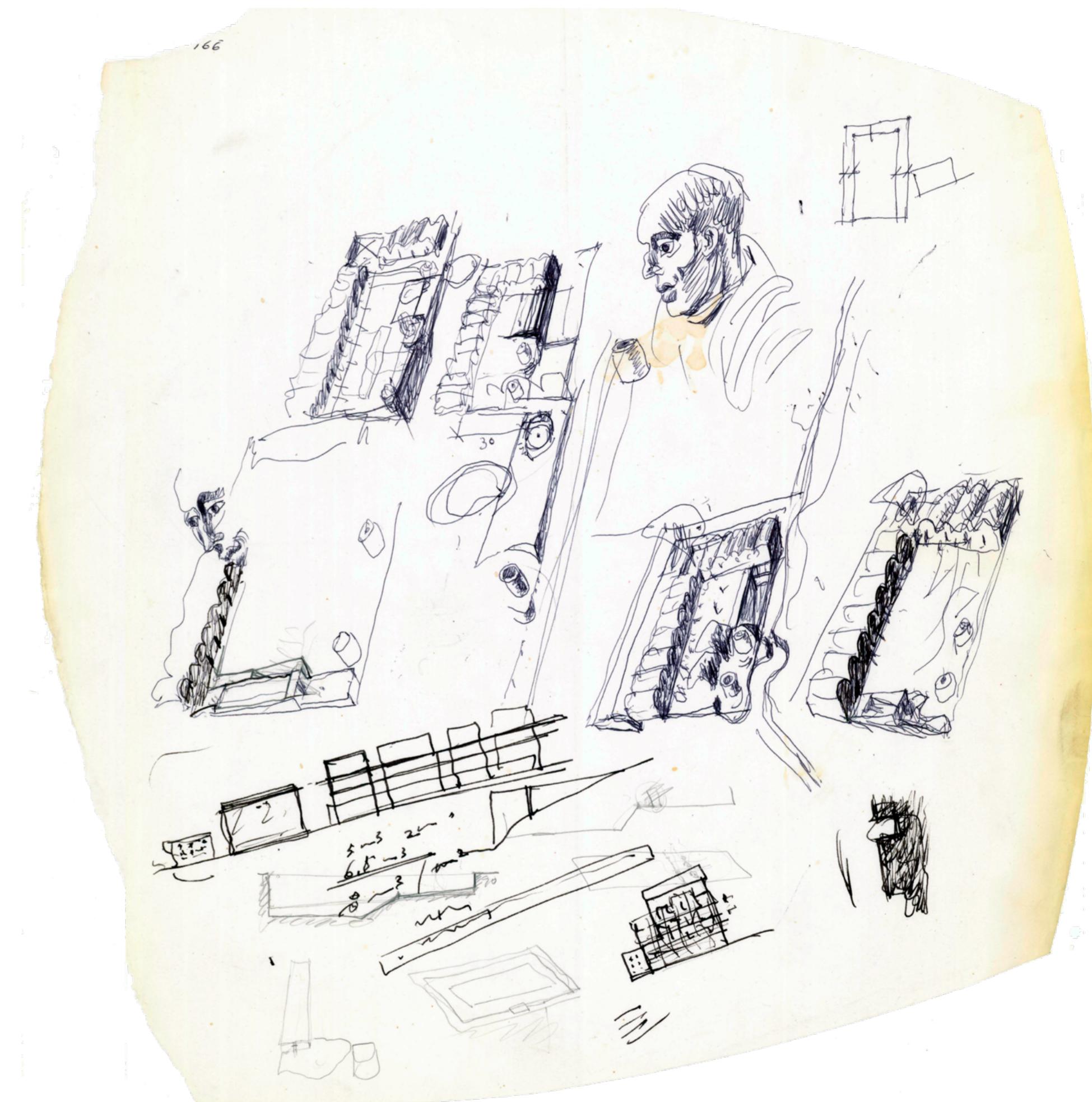
### 04.2 SEGUNDA FASE (1980-1985)

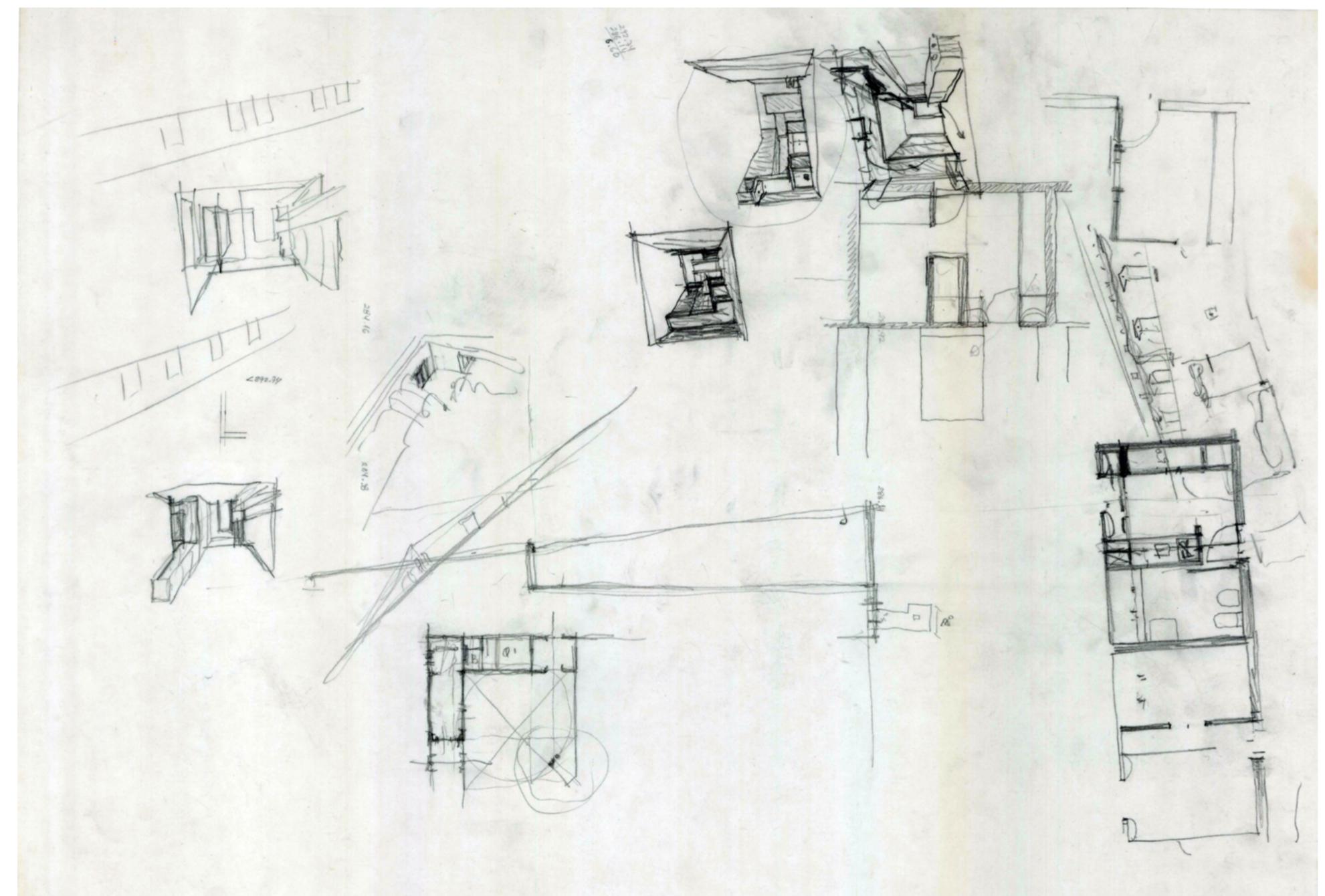
#### II. ENCOMENDA DO MOTEL

Com o intuito de colmatar a lacuna hoteleira em Évora, a Cooperativa Boa Vontade decidiu encor-  
mendar a Álvaro Siza um projecto para um apartotel de quatro estrelas — que, nesta fase, vem designado  
em todas as folhas do processo como motel. Este edifício seria implantado no Bairro da Malagueira, num  
terreno que a cooperativa já tinha adquirido, adjacente aos dois principais eixos estruturadores do bairro  
da Malagueira — eixo este-oeste e norte-sul — e junto ao local de implantação da já prevista nova Sede da  
Cooperativa Boa Vontade. Este lote contém os dois moinhos da Malagueira.

Este projecto foi desenvolvido em duas fases: a primeira no inicio de 1983 e a segun-  
da fase entre 1989 e 1992. Tipologicamente, o apartotel disporia de apartamentos em banda,  
formando um «L». Os apartamentos nesta primeira fase foram definidos com apenas uma única  
tipologia. O desenho dos muros perimetrais corresponderia ao desenho das ruas imediatas a nor-  
te e ponte do lote, que por sua vez influenciaria o desenho da volumetria. Entre o jardim murado,  
comum, e cada apartamento, existiria um pátio de transição. Os apartamentos, T0, conteriam uma  
sala-quarto abobadada, uma casa de banho e uma pequena cozinha com acesso ao exterior — a  
um parque de estacionamento.

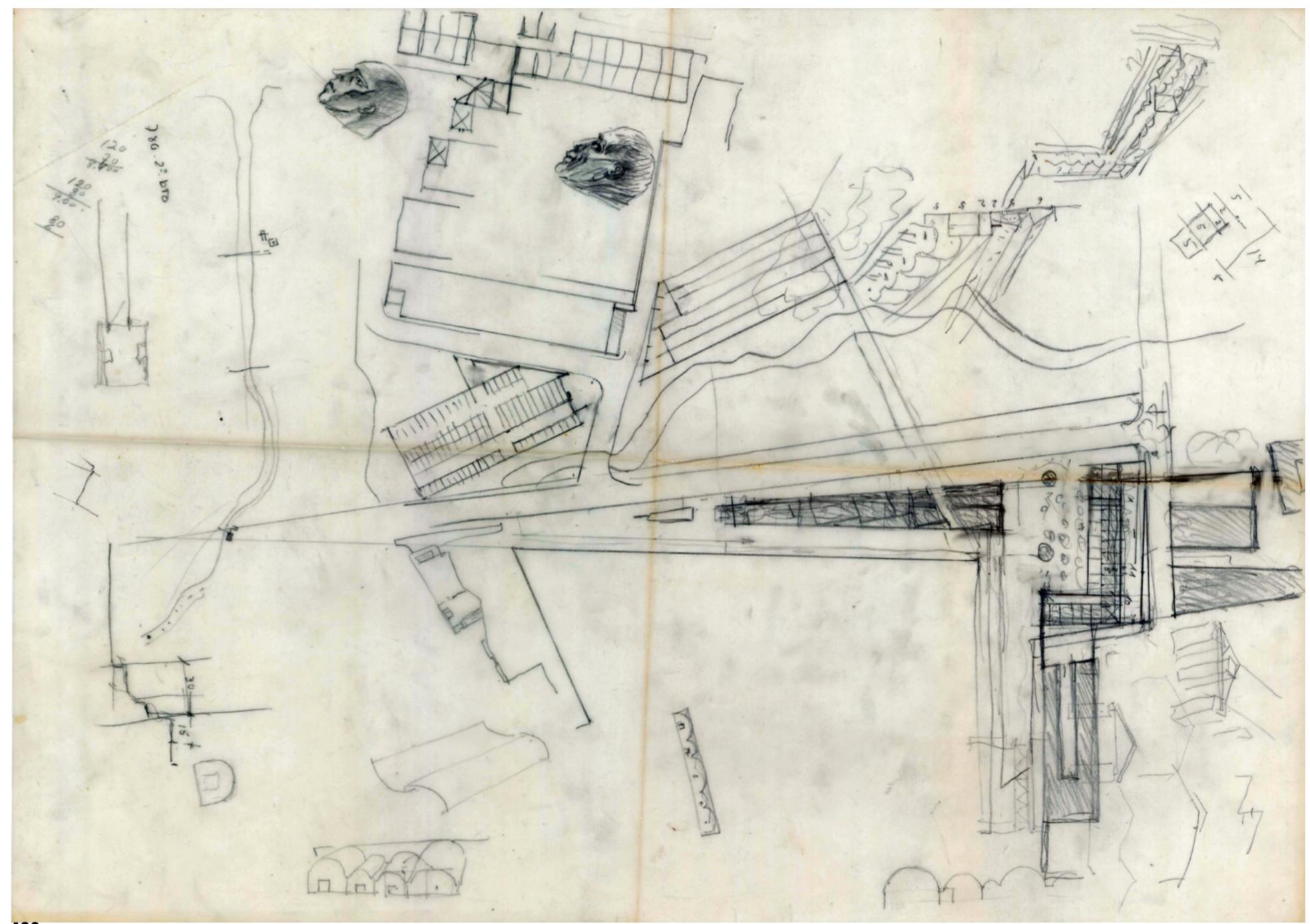
Apesar do desnível natural do terreno, seria criado um aterro, com o apoio de um muro  
de suporte, que geraria uma plataforma onde os apartamentos e o estacionamento assentariam.





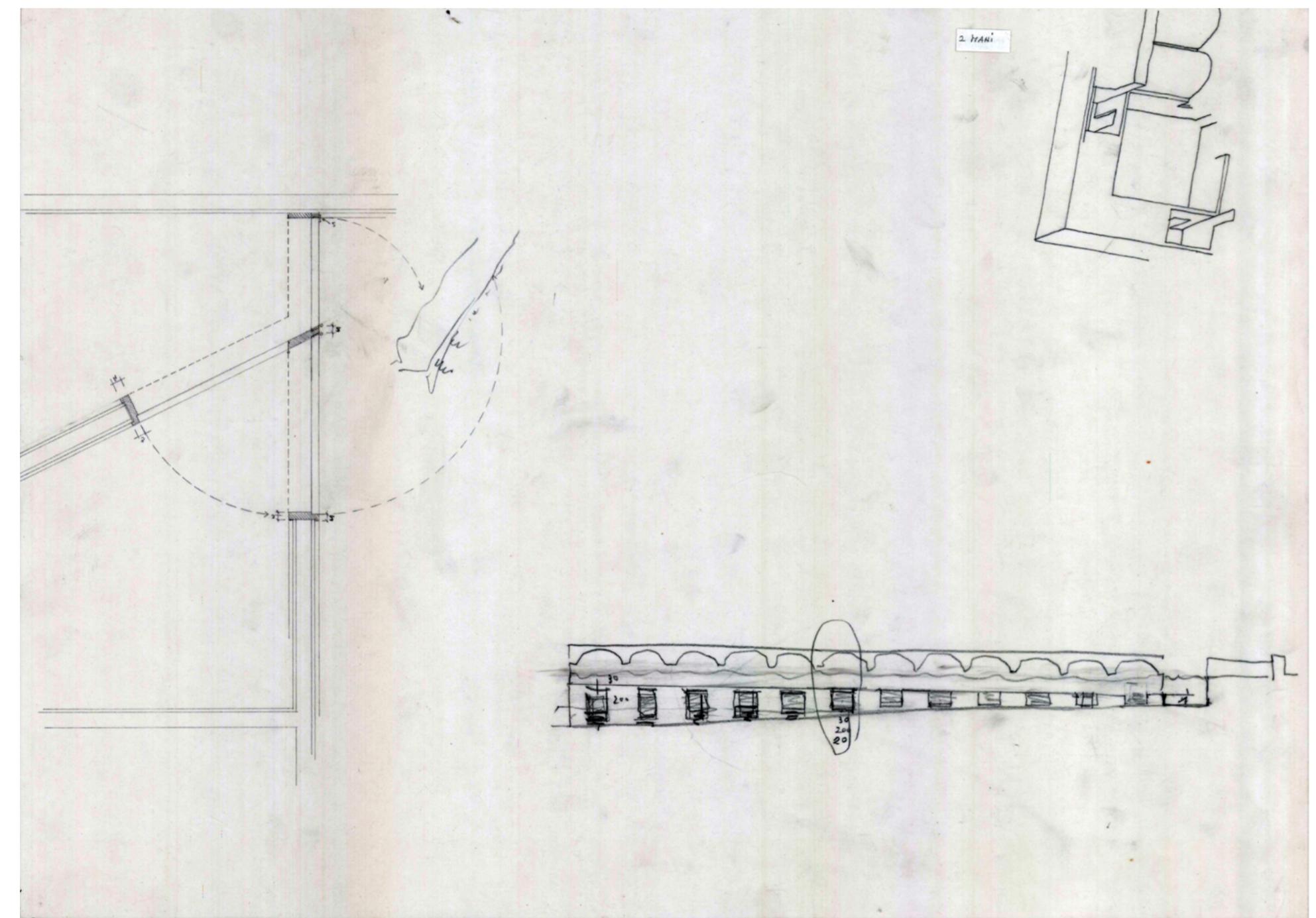
página  
118

119

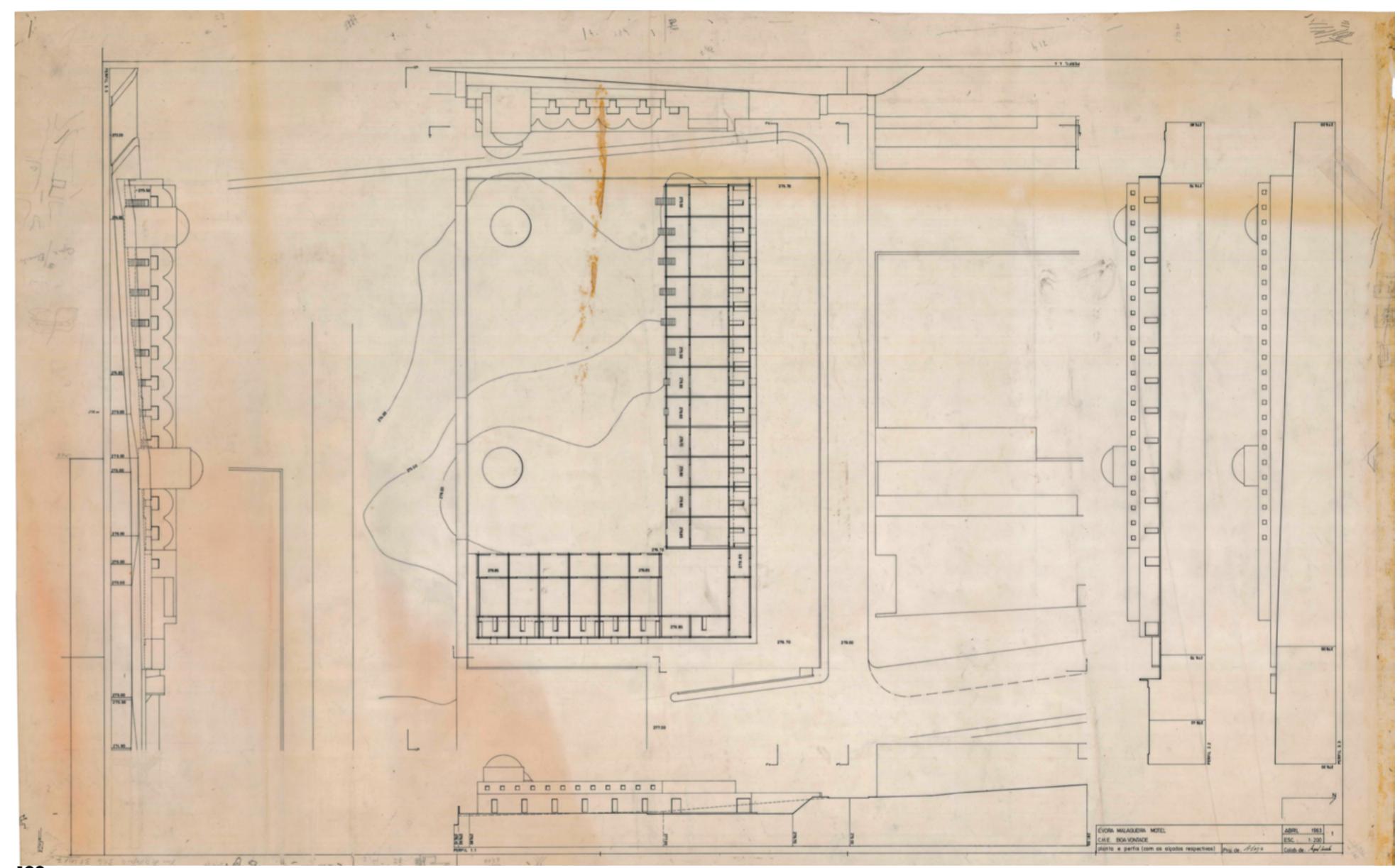


página  
119

120



121



## 04. O QUE NUNCA FOI

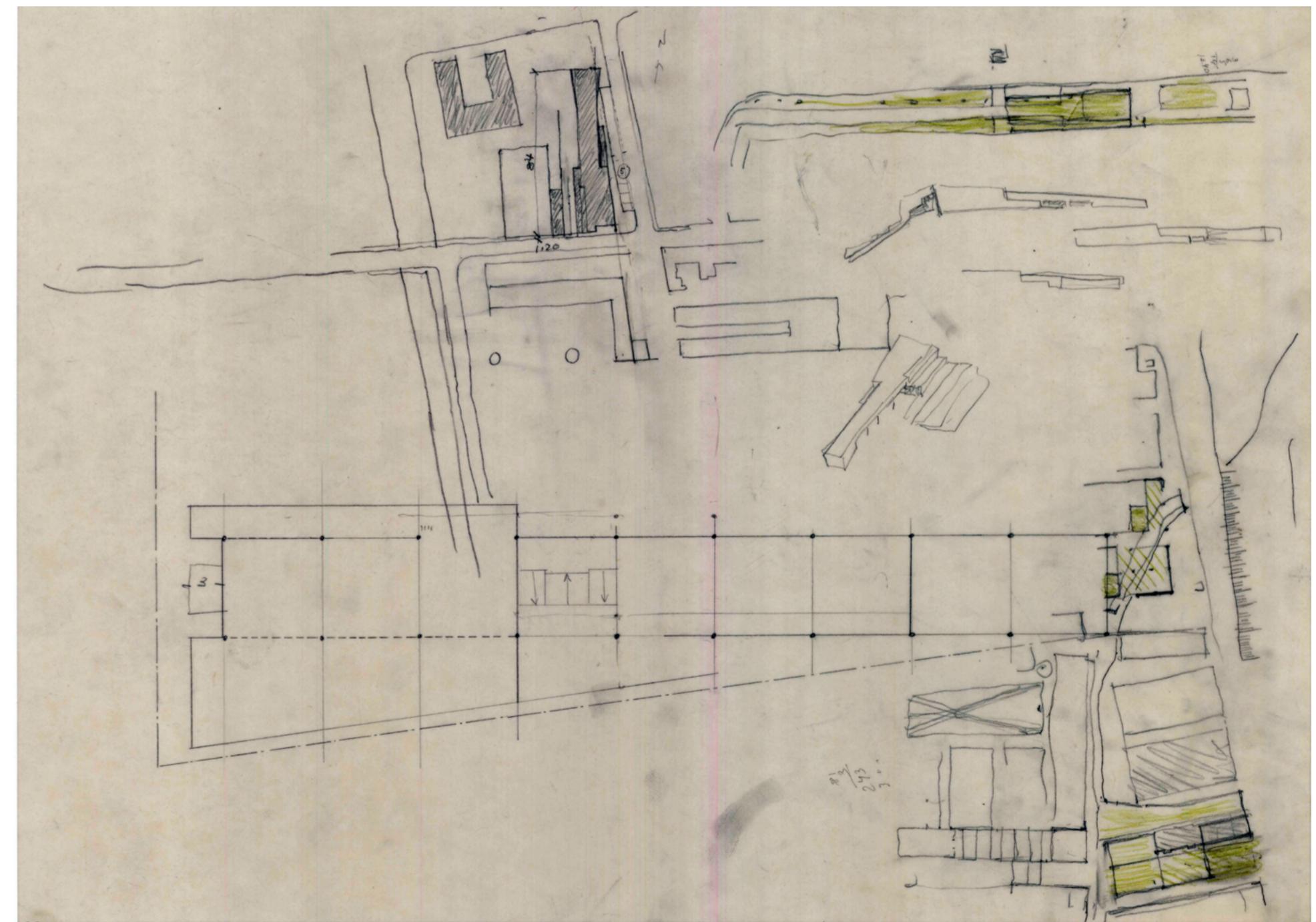
### 04.2 SEGUNDA FASE (1980-1985)

#### III. DE VOLTA À SEDE DA COOPERATIVA BOA VONTADE

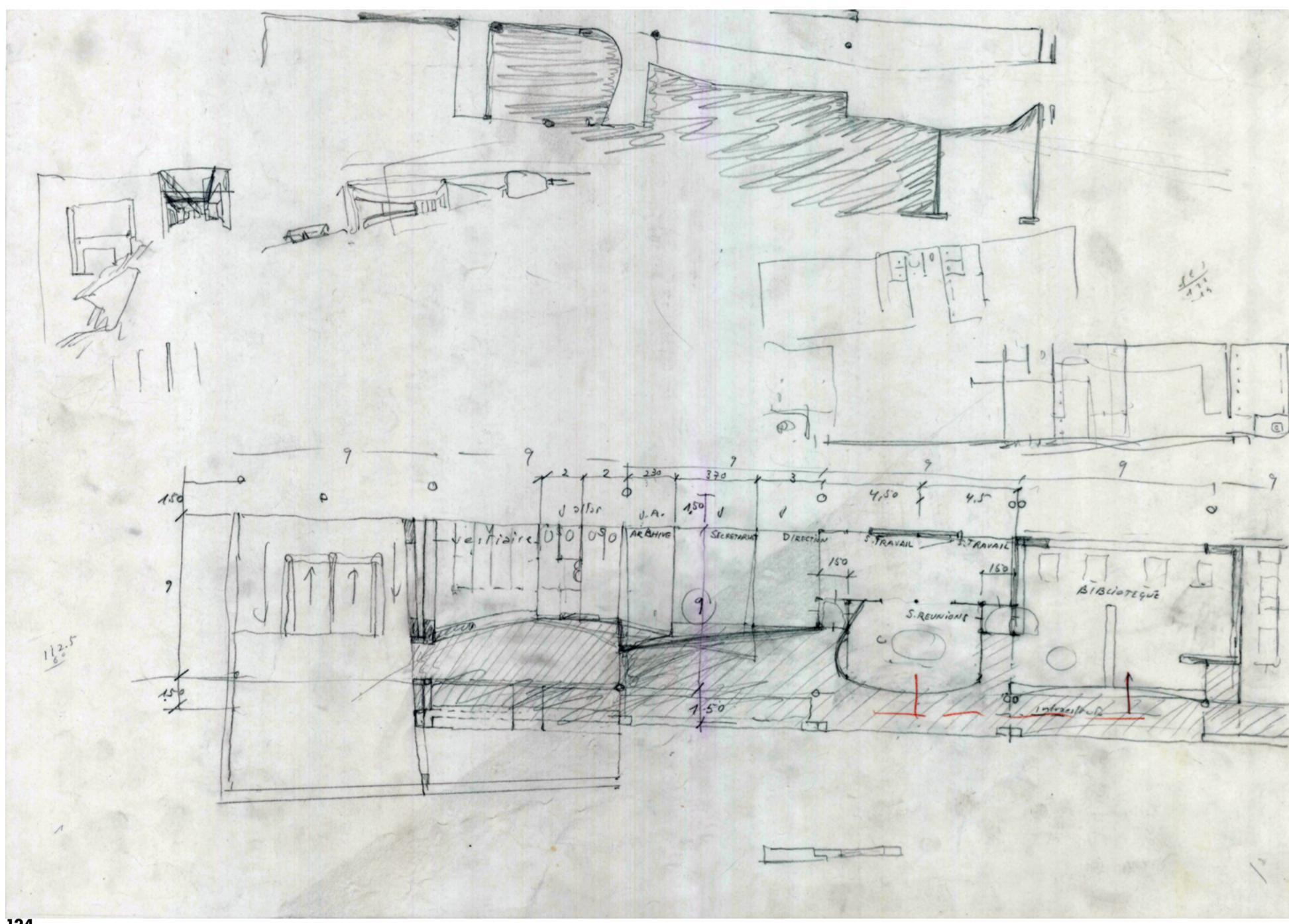
Nesta fase, e com base na informação constante em esquisso [123 a 129] e em desenhos técnicos [130 a 137], pode-se depreender que ocorre uma clara reformulação da volumetria do projecto para a nova Sede da Cooperativa Boa Vontade, iniciado em 1978.

Nesta fase, o projecto dividia-se em dois volumes. O primeiro, de dois pisos, encaixado no terreno, delimitaria o lote a este, com 93 metros de comprimento e 10,50 de largura, dividido em módulos estruturais de 9 metros. Este volume fechava-se para o bairro das Fontanas, e abria-se para os jardins da Malagueira e para a quinta da Malagueirinha. Apesar do desenho mais regrado e rígido que se apresentava nas plantas de Abril de 1983 [130 a 137] e nos estudos que aparentam ser anteriores [126 a 129], do desenho dos espaços interiores — salas de reunião, de direcção, de trabalho, de arquivos — surge um corredor de distribuição mais fluido do que o que se pode encontrar na versão posterior [124]. Estes espaços relacionavam-se com um alpendre que dava acesso a um segundo volume. O segundo volume encontrava-se também encaixado no terreno, a uma cota mais baixa, e abria-se para uma piscina, contendo os seus balneários de apoio, enquanto o alçado que se relacionava com o edifício da sede seria totalmente cego.

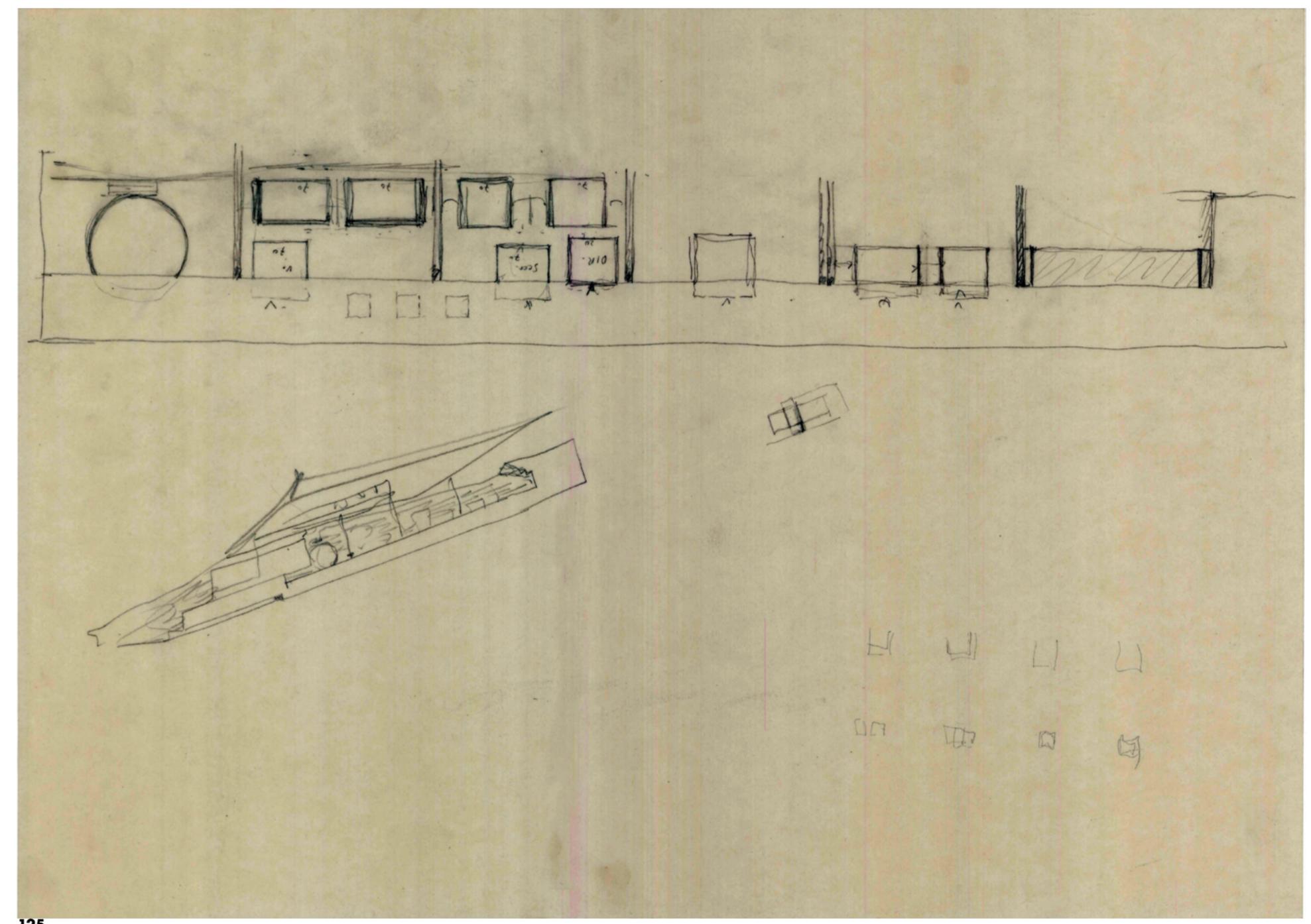
Este projecto acaba por sofrer poucas alterações em relação ao apresentado na fase de licenciamento de 2005, mantendo-se a mesma volumetria e, sensivelmente, o mesmo programa; apenas surgem alterações nos alçados e interiores.



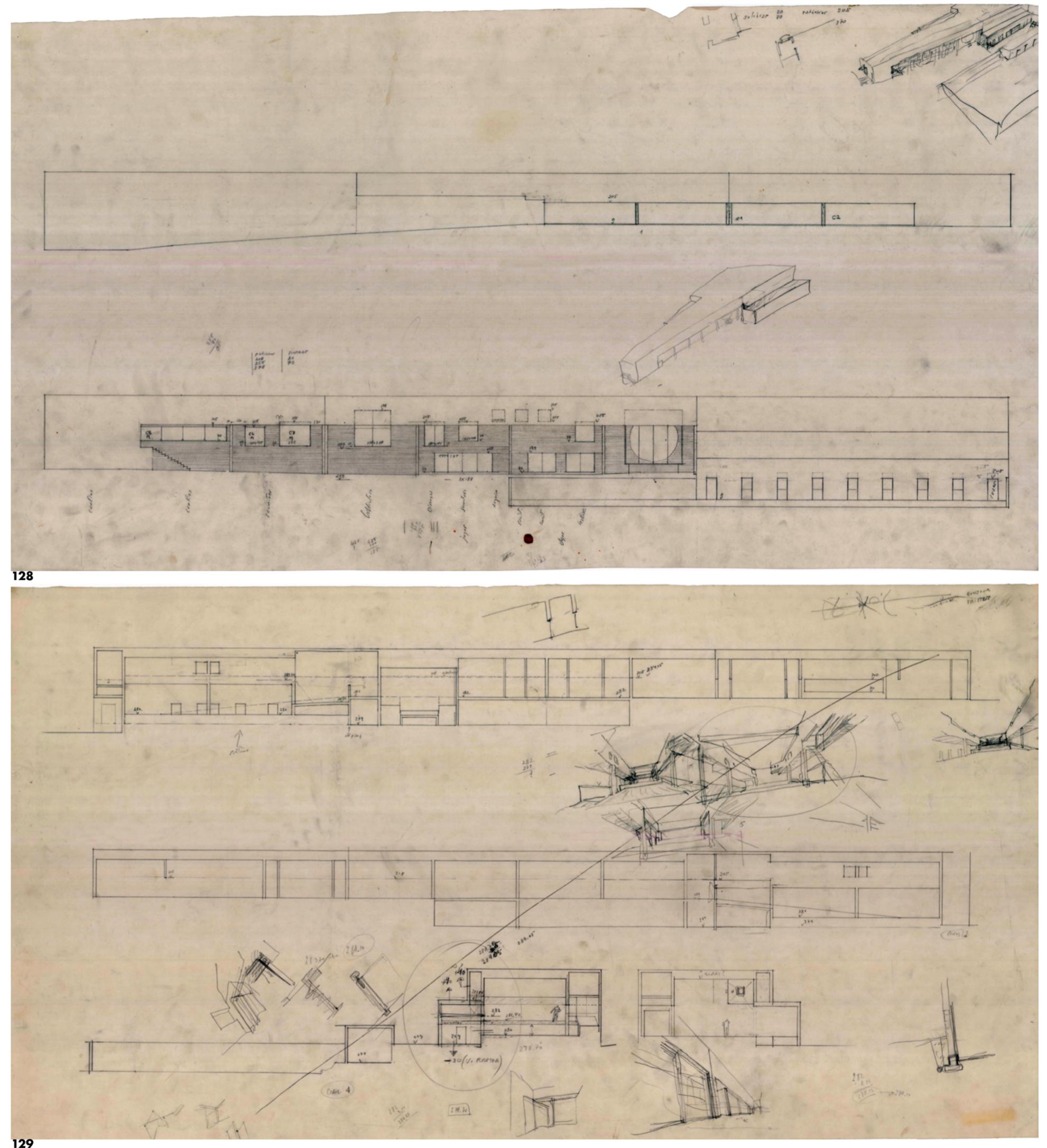
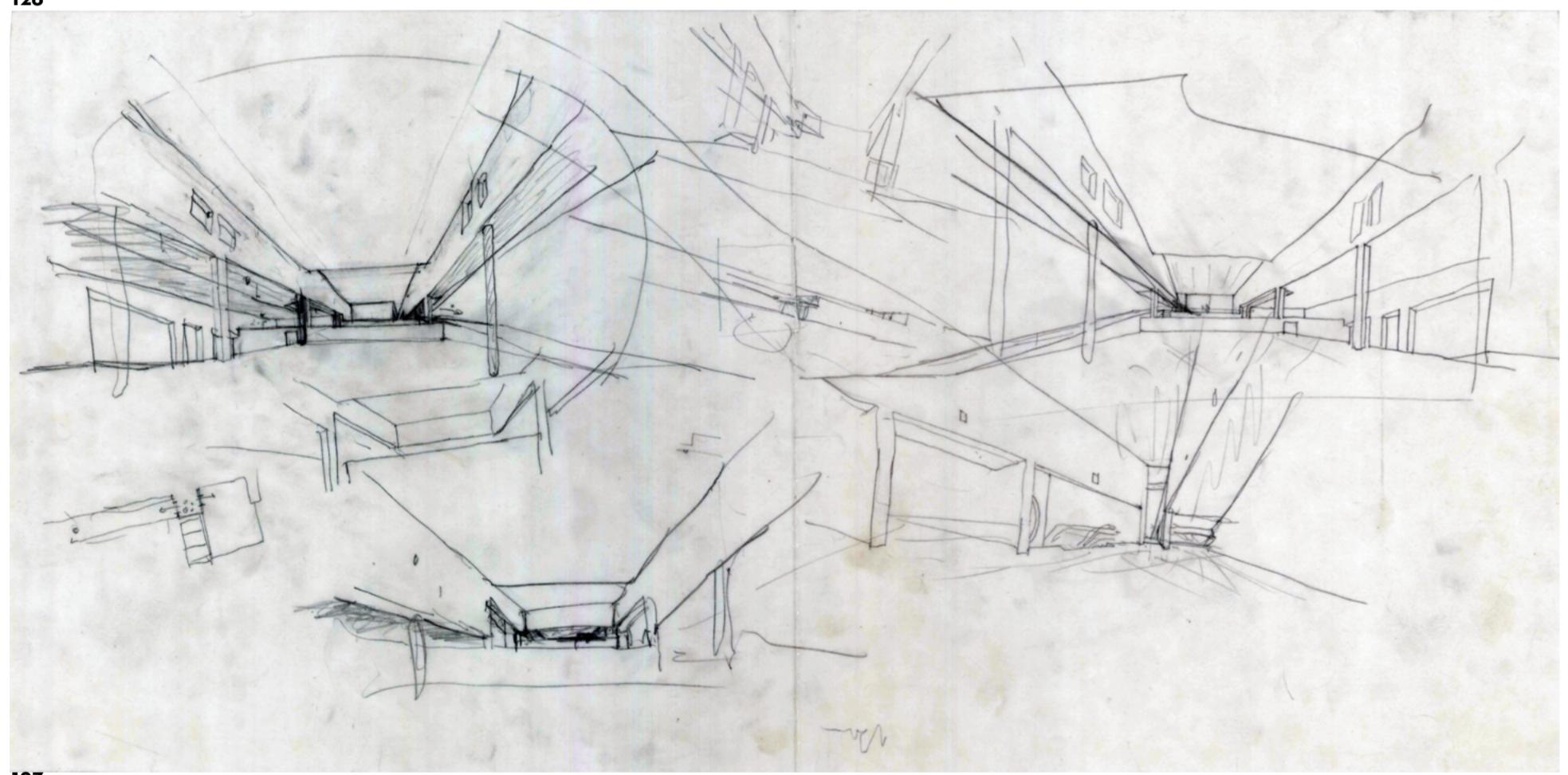
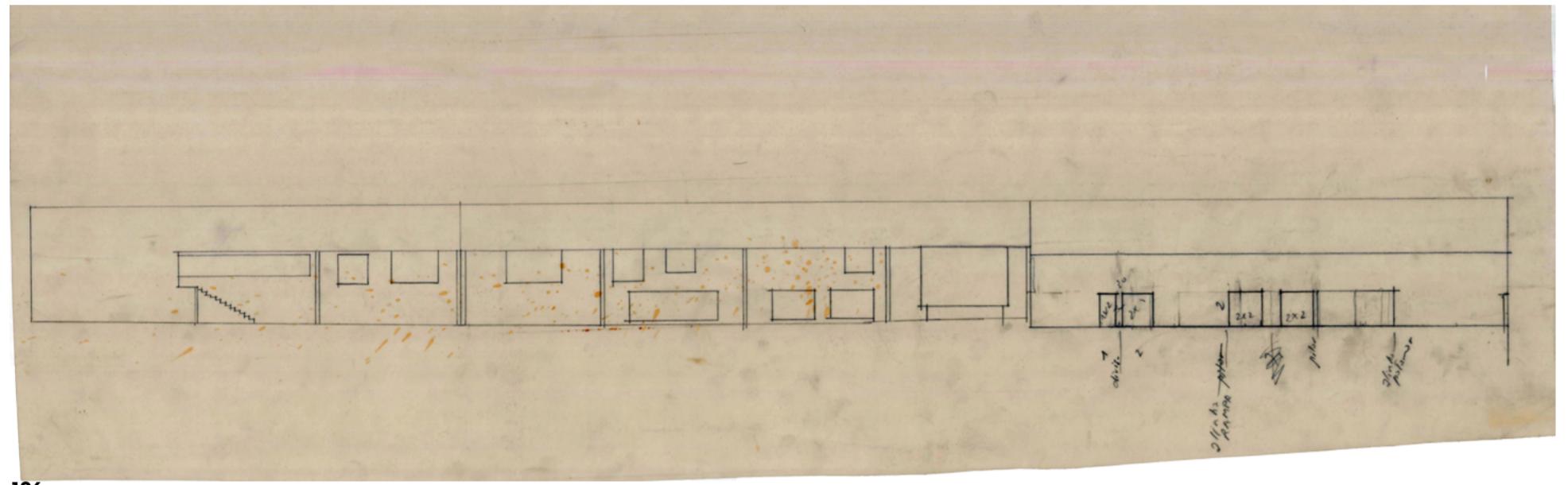
123

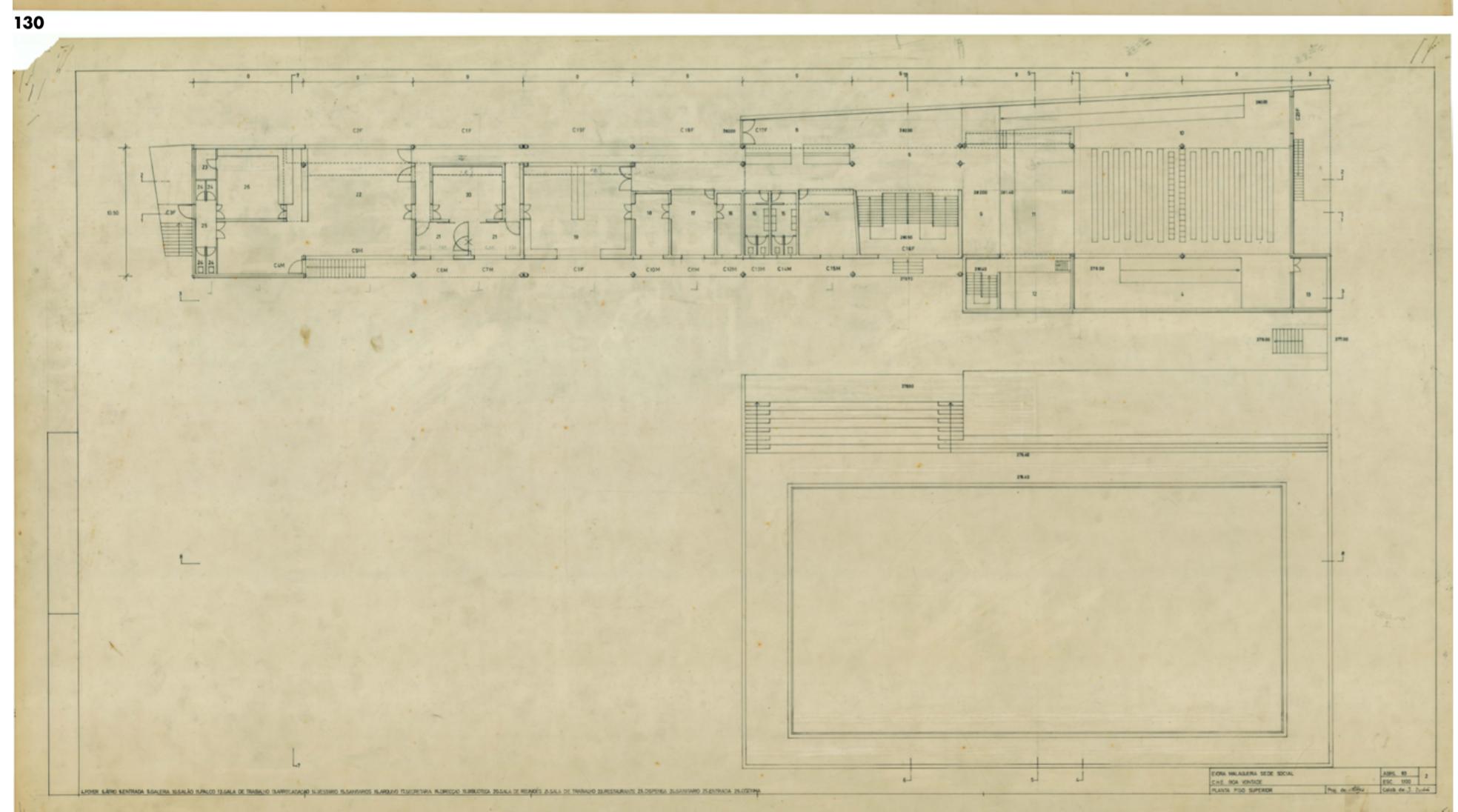
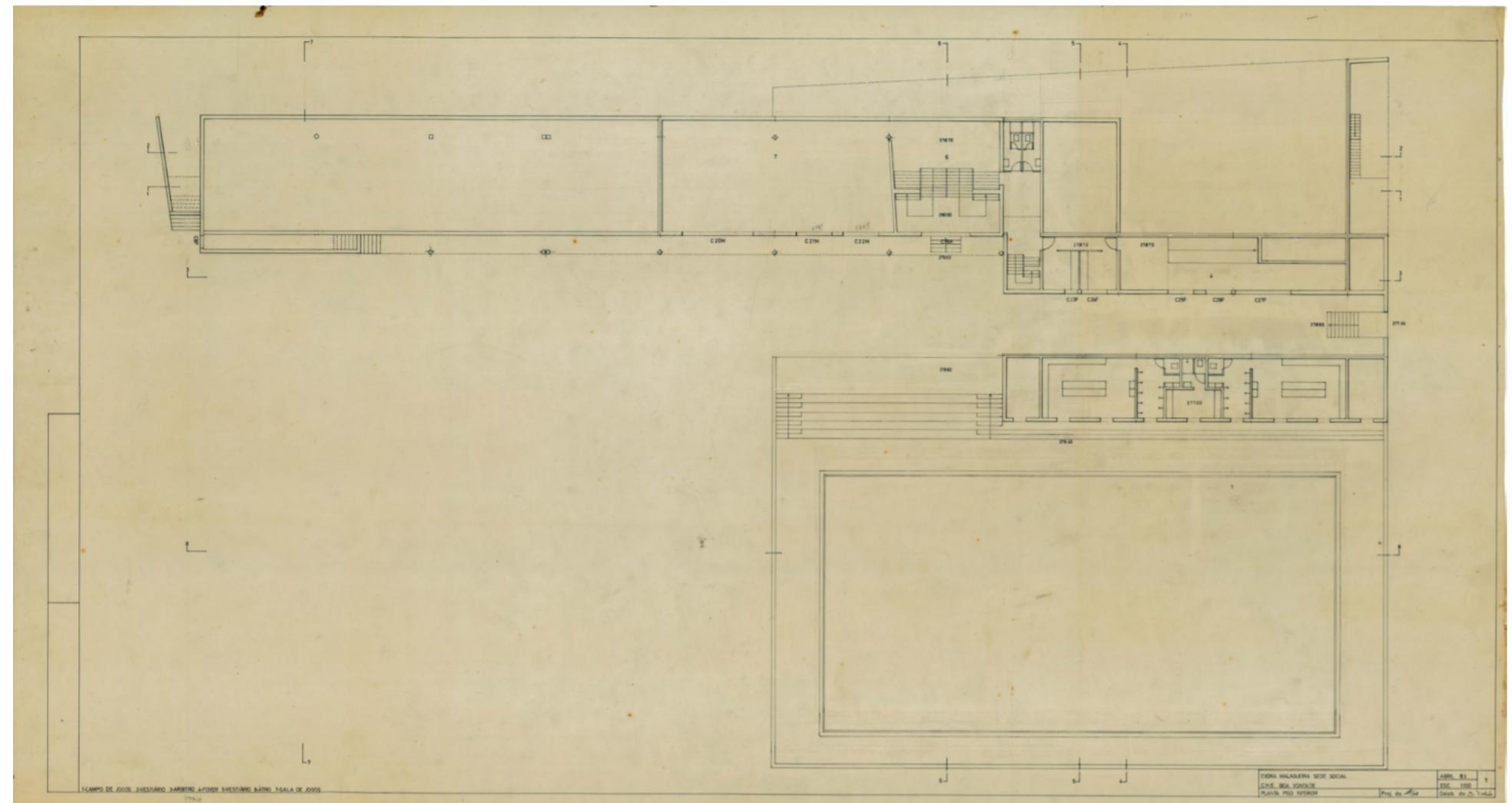


124

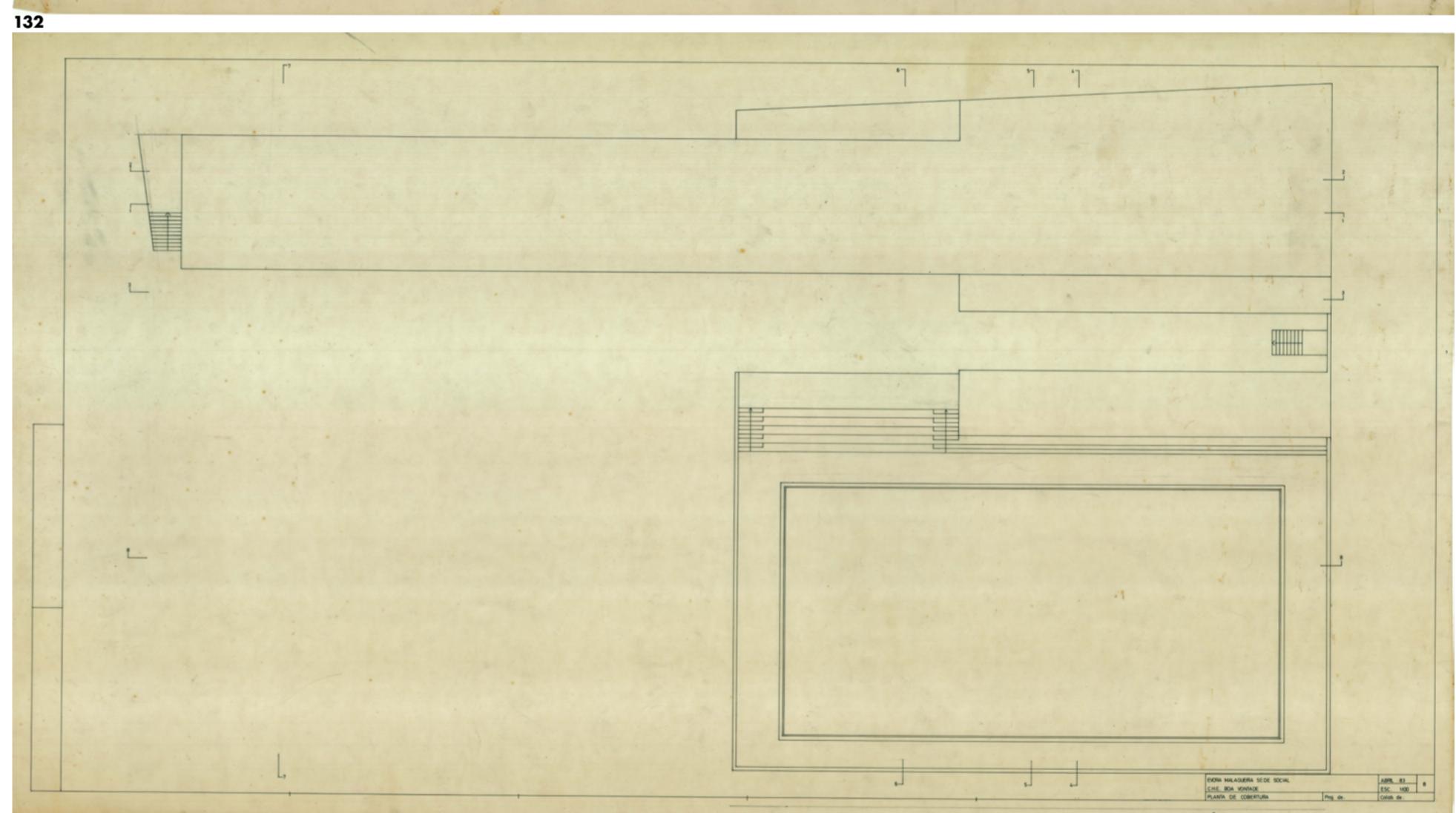
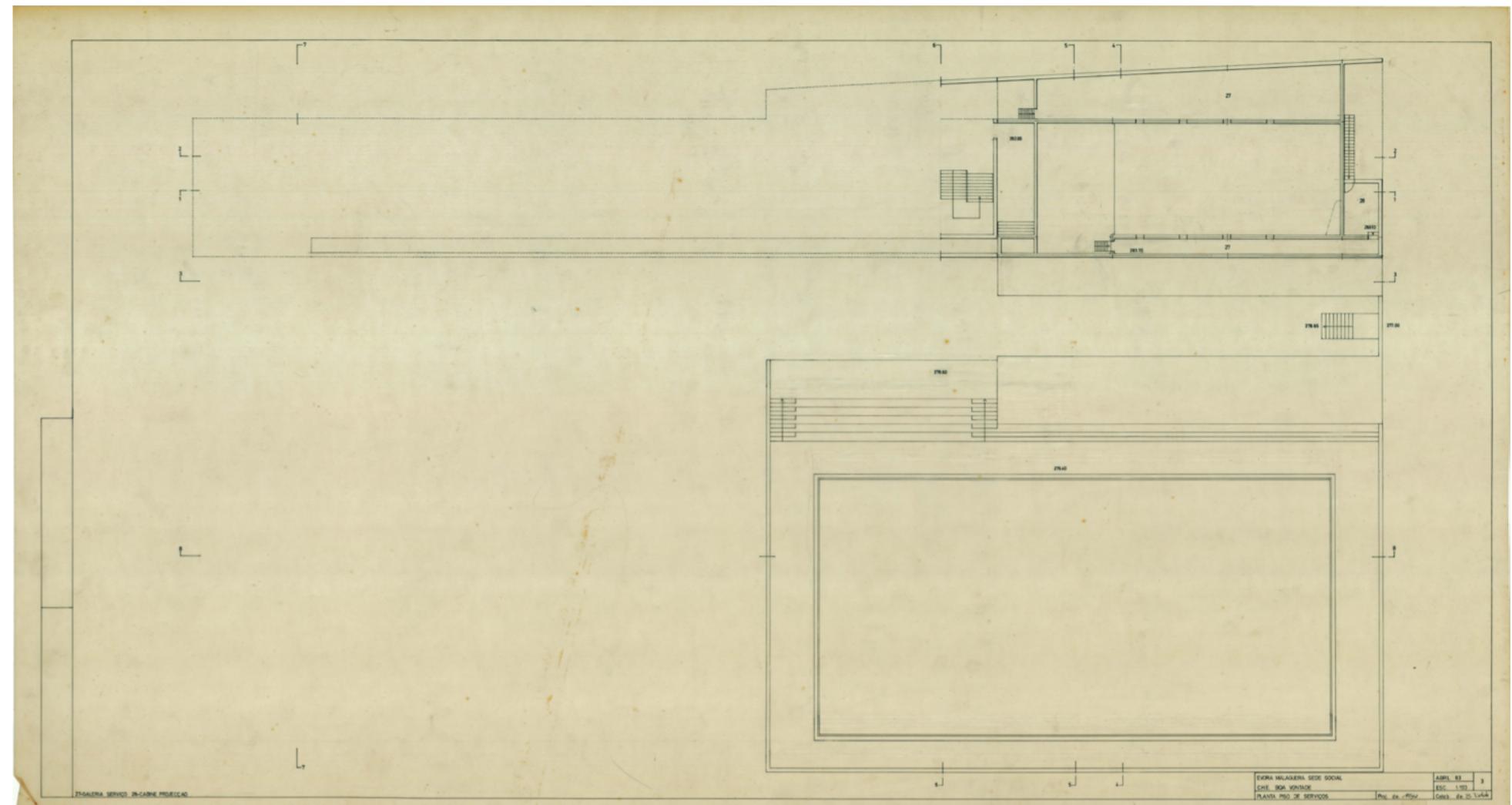


12

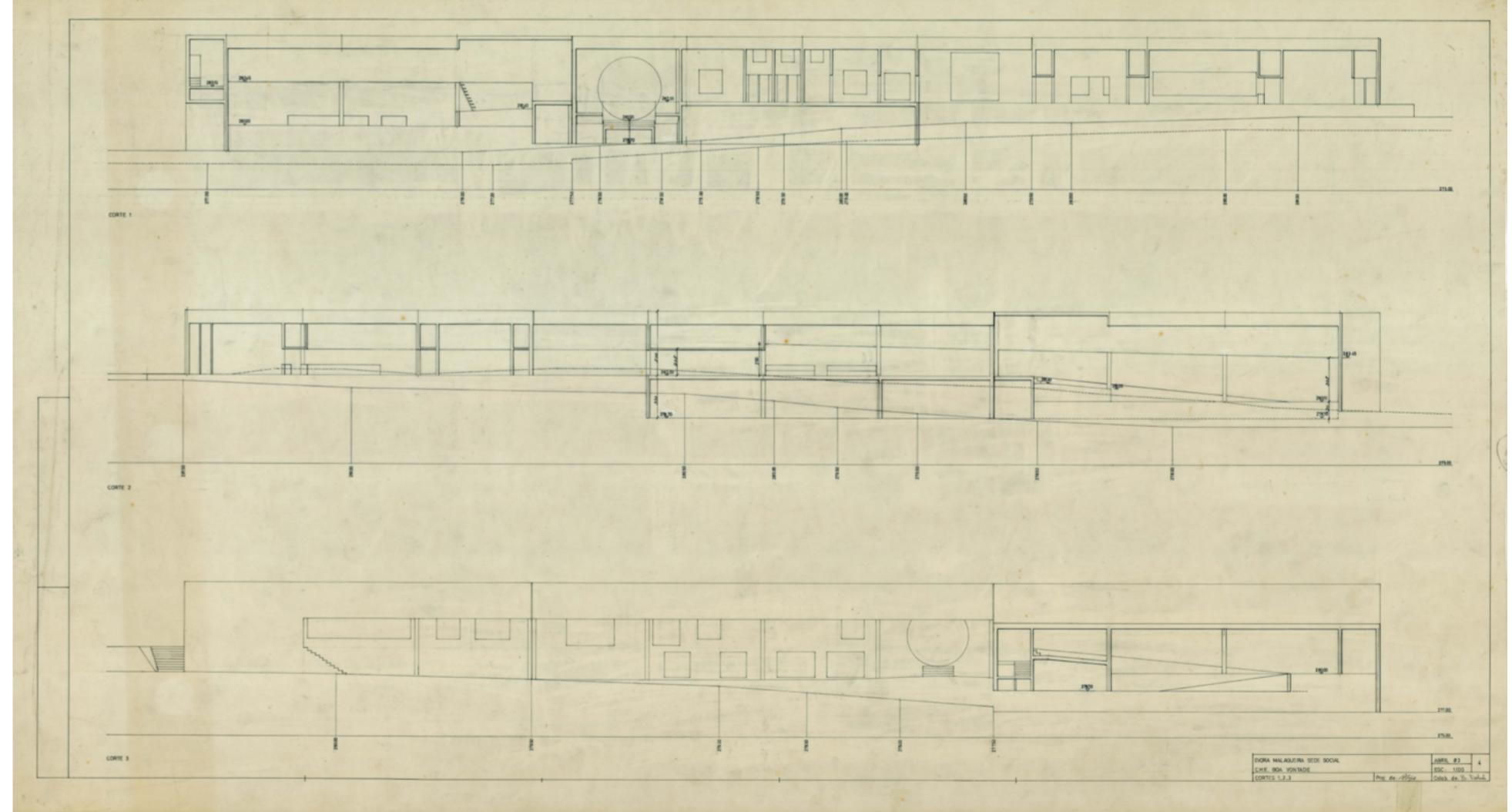
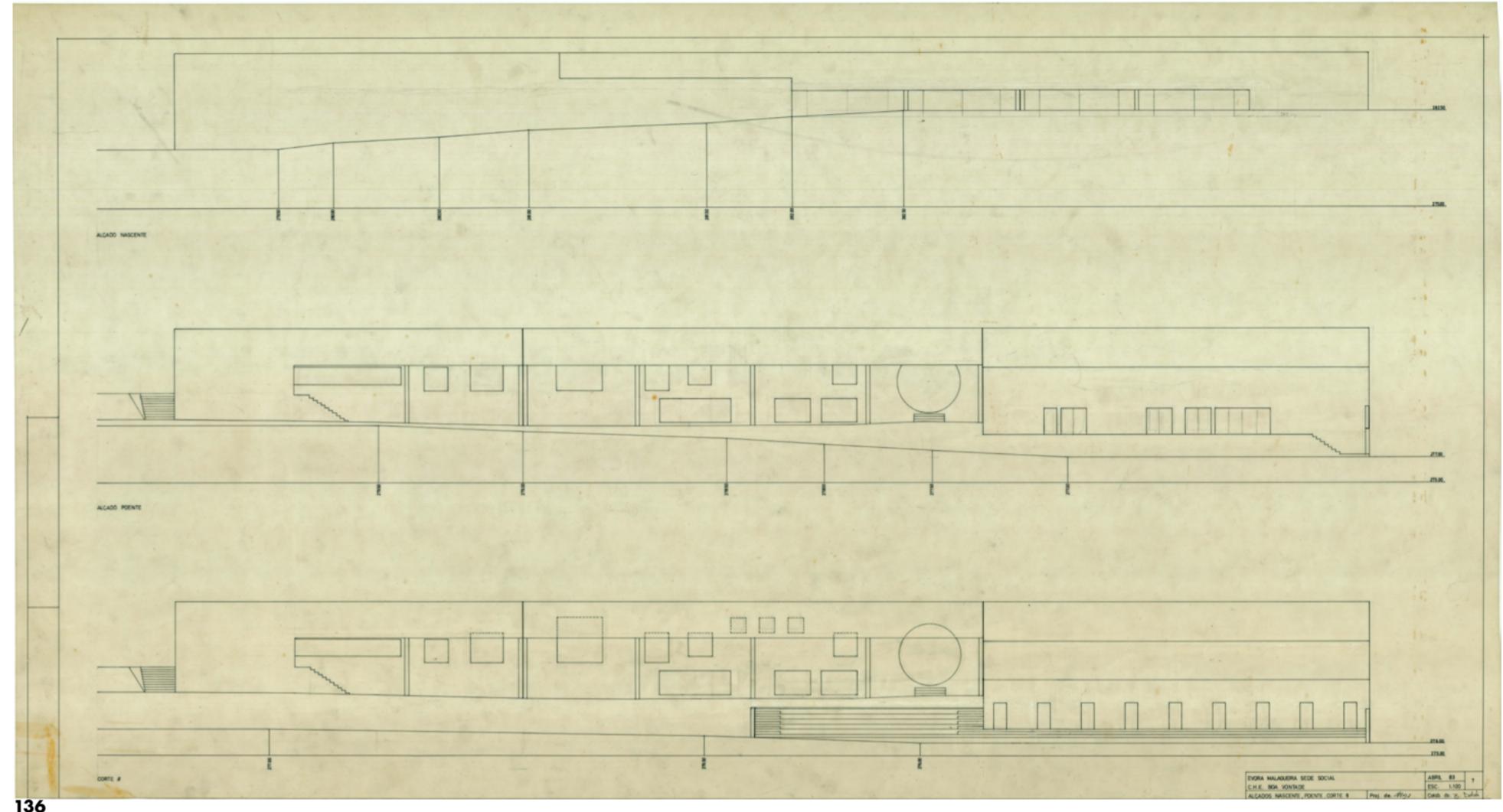
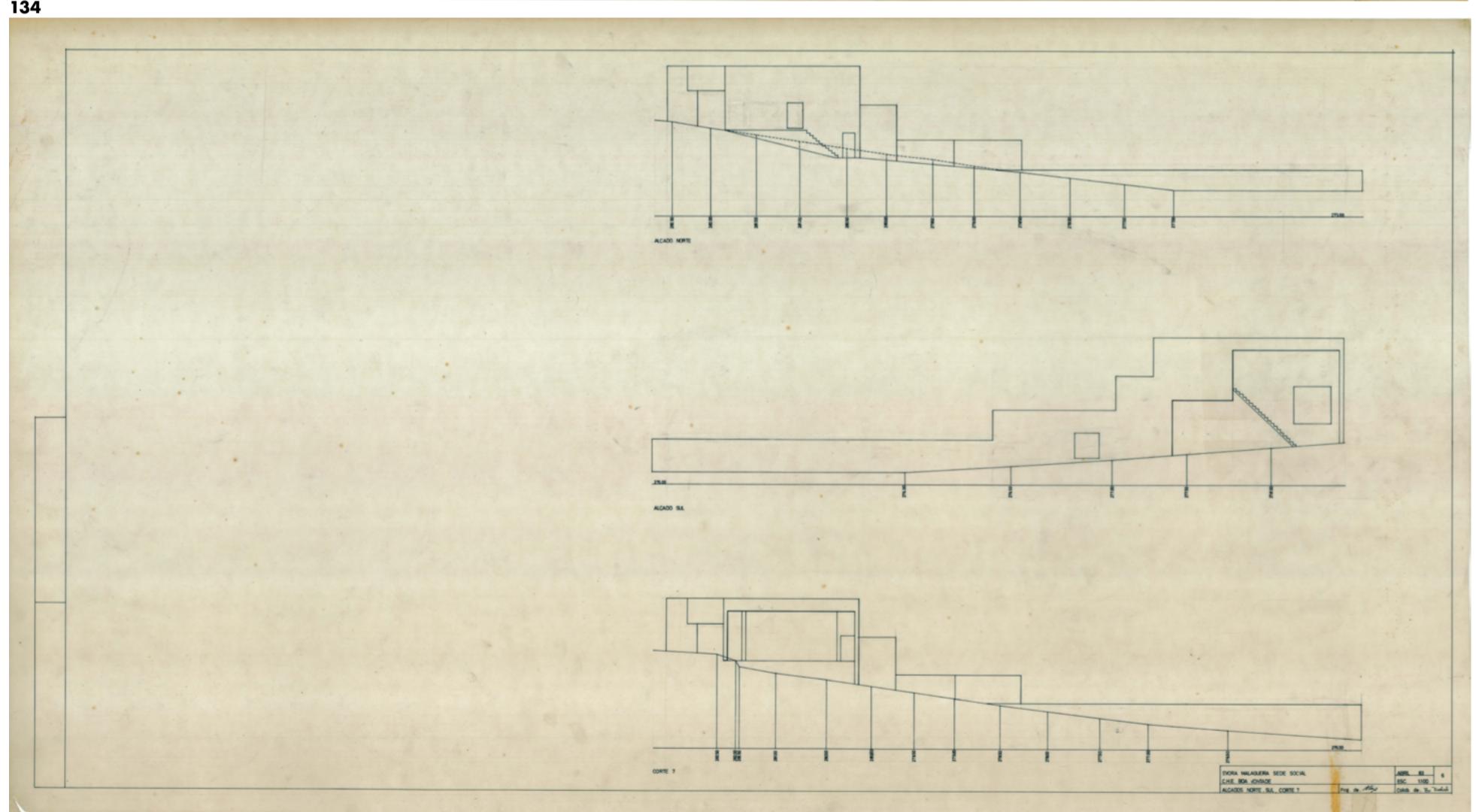
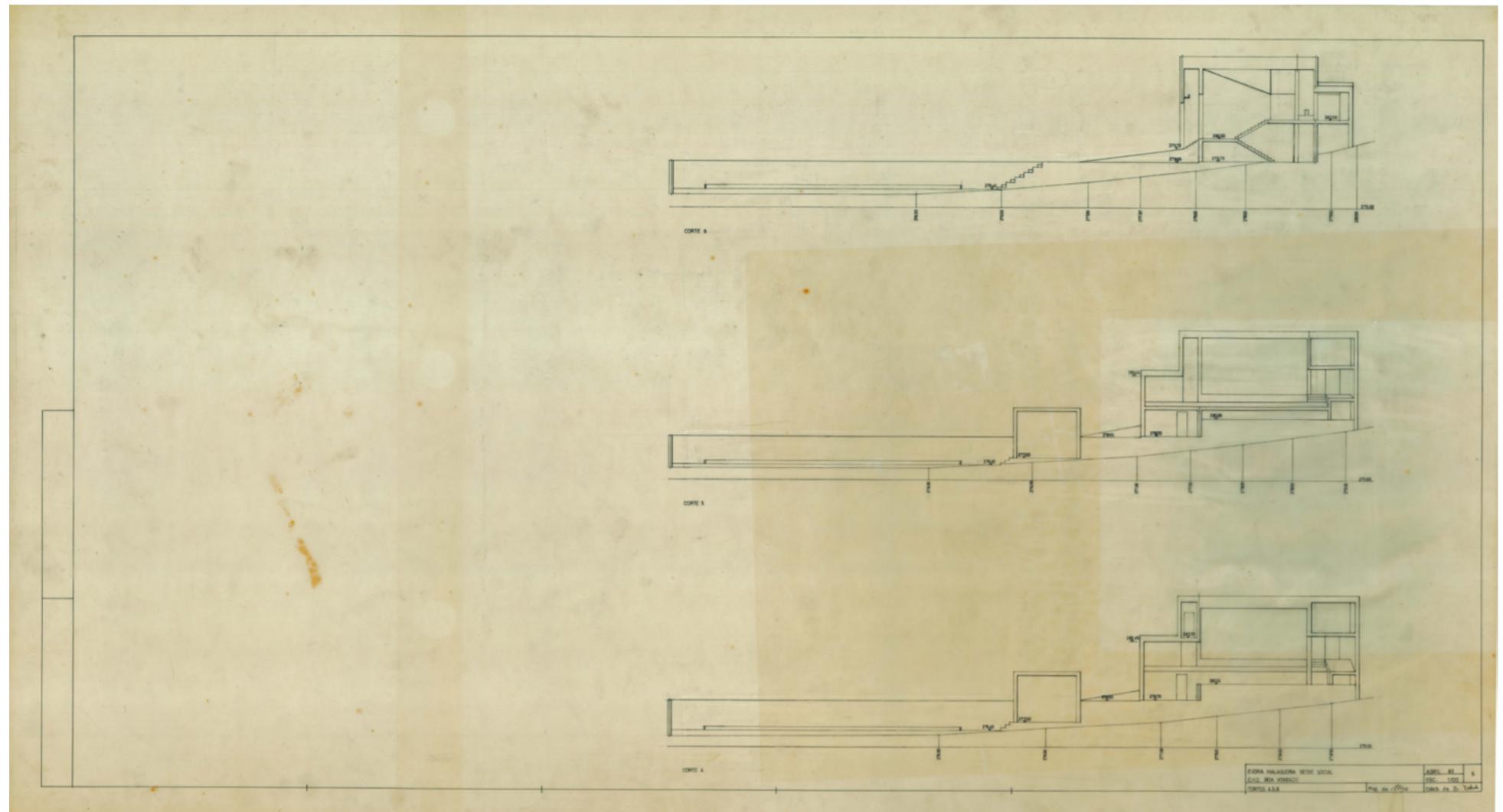




LARGO LIVRE ENTRE PORTAS SÓLIDA UNICO TELHA DE TRABALHO TERRACOS E VISTOSOS ALVENAR TECNICAMENTE ALVENAR TÉRMICO PAREDE DE REVESTIMENTO A GRESITE ALVANICO E ALVENAR DE ALTAIS



LARGO LIVRE ENTRE PORTAS SÓLIDA UNICO TELHA DE TRABALHO TERRACOS E VISTOSOS ALVENAR TECNICAMENTE ALVENAR TÉRMICO PAREDE DE REVESTIMENTO A GRESITE ALVANICO E ALVENAR DE ALTAIS



## 04. O QUE NUNCA FOI

### 04.3 TERCEIRA FASE (1986-1993)

Durante esta fase, e entre 1986 e 1988, foram construídos pela Cooperativa Boa Vontade, no sector sul do bairro, fogos do tipo D [138] — designação definida por José Pinto Duarte —, no sector sul do bairro, de uma nova variante da tipologia base, com o pátio à frente. Em 1988 foi desenvolvida uma tipologia especial que não se insere na lógica das tipologias base — A ou B —, denominada de por José Pinto Duarte de Tipologia X [139]. Trata-se da única tipologia projectada e construída na Avenida do Dique — eixo norte-sul — e que se relaciona directamente com o dique, com o parque e com o quarteirão do sector sul da Malagueira. Também durante este período, a Cooperativa Giraldo Sem Pavor construiu, «casas de tipo D nos sectores oeste e norte» [138]. Em 1993 foi desenvolvido o projecto para a construção de casas de tipologia Y [140] — assim designadas por José Pinto Duarte —, na zona nordeste do bairro, não tendo também estas casas sido feitas com apoio nas tipologias base. Esta tipologia está presente num único quarteirão, englobando as ruas da Quinta e Fernando Namora, fazendo a transição entre a quinta da Malagueirinha e o sector norte do bairro da Malagueira.

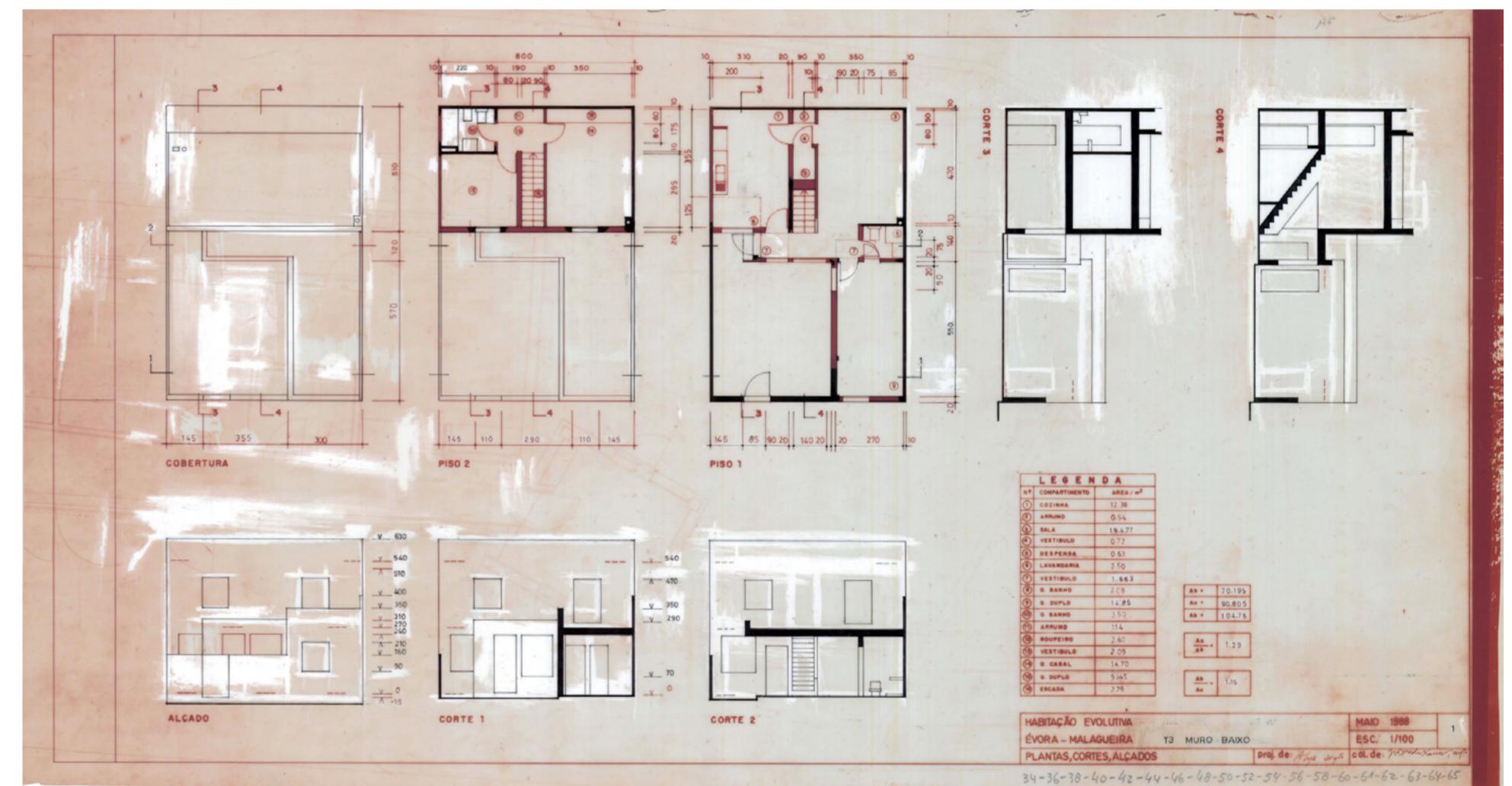
Em 1986, o arquitecto paisagista João Gomes da Silva, começa a colaborar com o Arquitecto Nuno Ribeiro Lopes, no Gabinete de Apoio Técnico da CME, com o pressuposto de colaborar no projecto do bairro da Malagueira.

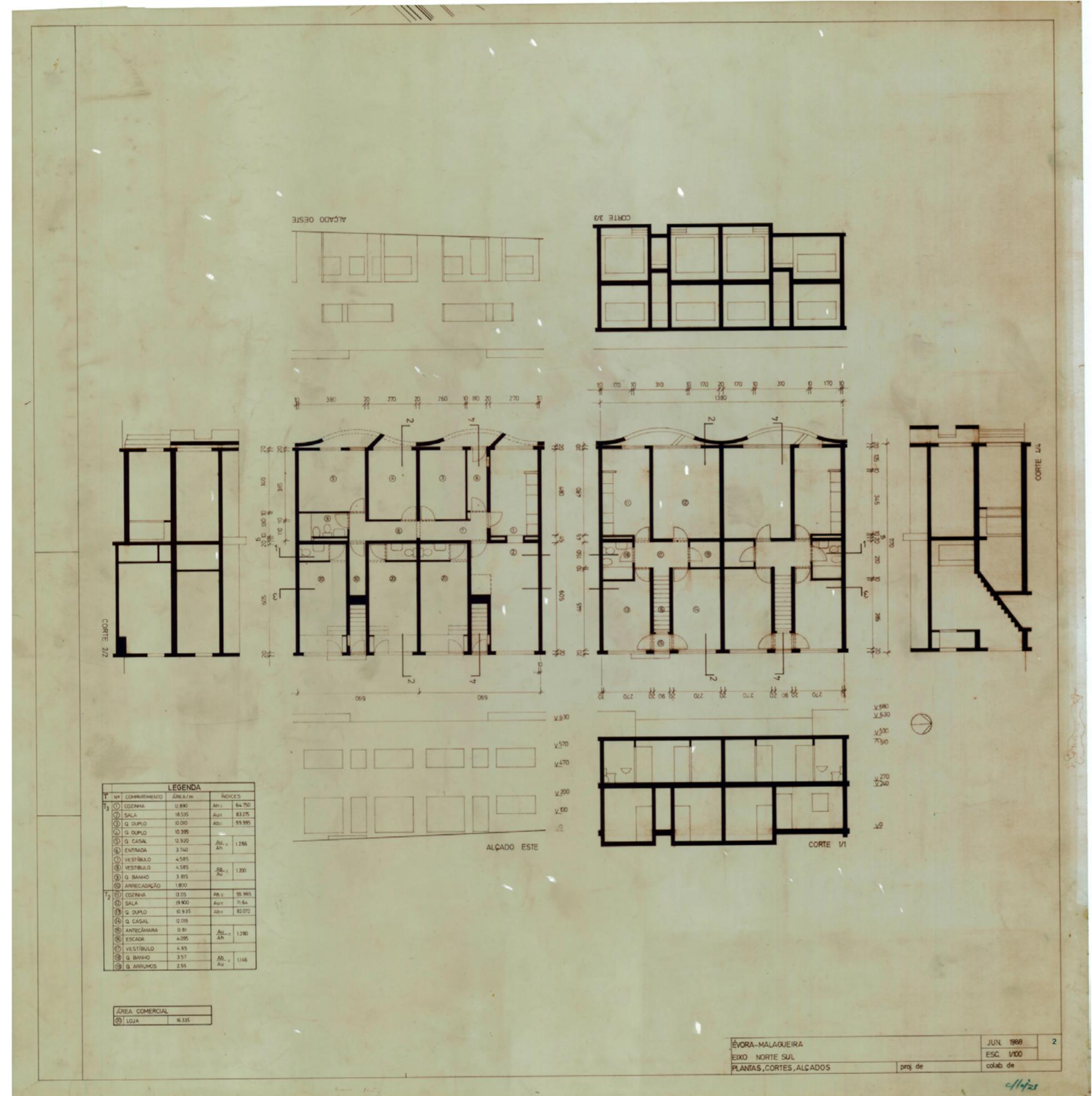
Numa primeira fase, o contributo de João Gomes da Silva, serviu como suporte para o seu trabalho de final de Licenciatura da Universidade Évora e que «teve como base a experiência da vantagem no gabinete da Malagueira e debruçou-se sobre duas coisas, em primeiro a conta desse plano pormenor da Malagueira ao criar um plano de espaços abertos, espaços exteriores e o desenho de um projecto principal de execução».⁶⁰

Numa segunda fase, João Gomes da Silva foi convidado pela CME para acompanhar os trabalhos referentes aos espaços exteriores da Malagueira. Continuando a trabalhar diariamente com Nuno Ribeiro Lopes e essencialmente, com base nos desenhos e apontamentos de Álvaro Siza,<sup>⁶¹</sup> teve igualmente liberdade para por me prática as suas ideias e opiniões, delas resultando, o dique — que, para além de fazer represa à linha de água, serve de caminho pedonal de ligação entre o eixo norte-sul e o sector sul das habitações.

Durante esta fase, foram desenvolvidos os projectos para quatro elementos que nunca chegaram a ser construídos: o Complexo Paroquial, o Aparthotel, o Restaurante/ Casa de Chá e a Escola de Línguas.

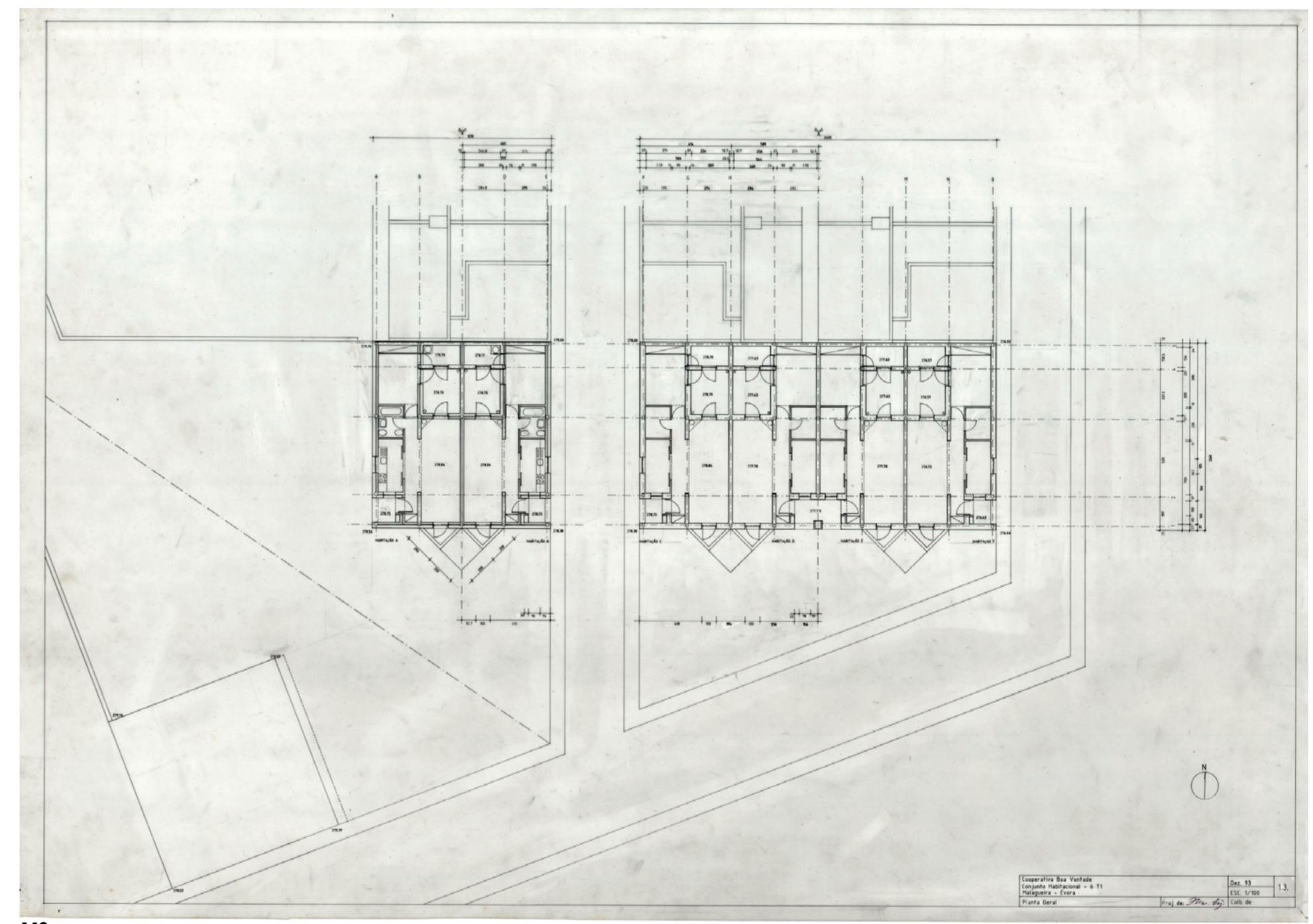
<sup>⁶⁰</sup> Descrição do arquitecto paisagista João Gomes da Silva em Entrevista ao autor (ver Vol. III, p. 000).  
<sup>⁶¹</sup> «Na prática a primeira coisa que acontece quando começo a trabalhar com o arquitecto Siza é, ele dizendo «bom, este exterior é um problema que me interessa muito que o problema, digamos considero, mas não equaciona ainda é, portanto, que tenho um conjunto de ideias sobre isso, mas são ideias que ainda não estão testadas, mas o seu maneira como as entenderá, interessará-me». Ele passou-me um conjunto de fotocópias de esquissos que me serviram para fazer um trabalho de comparação daquilo que era o imaginário criado até então relativamente aos espaços verdes e isso, serviu como matéria e com análises concretas, o pensamento projecto o carácter analítico pré-projectual que, é para nós fundamental enquanto parte do processo.» Declaração do arquitecto paisagista João Gomes da Silva, em entrevista ao autor a 10 de Julho de 2015.





134

139



135

## 04. O QUE NUNCA FOI

### 04.3 TERCEIRA FASE (1986-1993)

#### I. COMPLEXO PAROQUIAL

O projecto para o Centro Paroquial S. João Bosco foi desenvolvido durante o final de 1988, por encomenda da Fábrica da Igreja Paroquial da Nossa Senhora Auxiliadora — Fundação dos Salesianos. Foi, segundo a documentação, presente no processo do projecto, presente nos arquivos da CME, entregue em Dezembro de 1988 e aprovado em Janeiro de 1989, tendo o lote sido cedido oficialmente pela Câmara à Fábrica da Igreja Paroquial da Nossa Senhora Auxiliadora a 25 do mesmo mês.

O conjunto seria implantado no cruzamento da Rua da Cruz Picada com a Rua de Marcos Condeço, compreendendo uma área de cerca de 3000 m<sup>2</sup>, um lote que se encontra actualmente inserido no circuito de manutenção, dentro do parque público da Malagueira, numa zona que faz a transição entre os bairros da Cruz da Picada, de Santa Maria e da Malagueira.

O programa englobaria a Igreja Paroquial e respectivos anexos — como sacristia, cartório e arquivo. Assimilaria também uma zona pública e de direcção, salas de reunião, centro infantil, centro da Caritas, centro para idosos, residência paroquial e ainda salas de catequese. À exceção da igreja, todo o programa estaria distribuído em dois pisos.<sup>62</sup>

A solução proposta assentaria no alinhamento do estabelecido relativamente às ruas anteriormente referidas, «de forma a definir um adro em frente a fachada da igreja»<sup>63</sup>, que recuaria em relação ao corpo do centro paroquial.

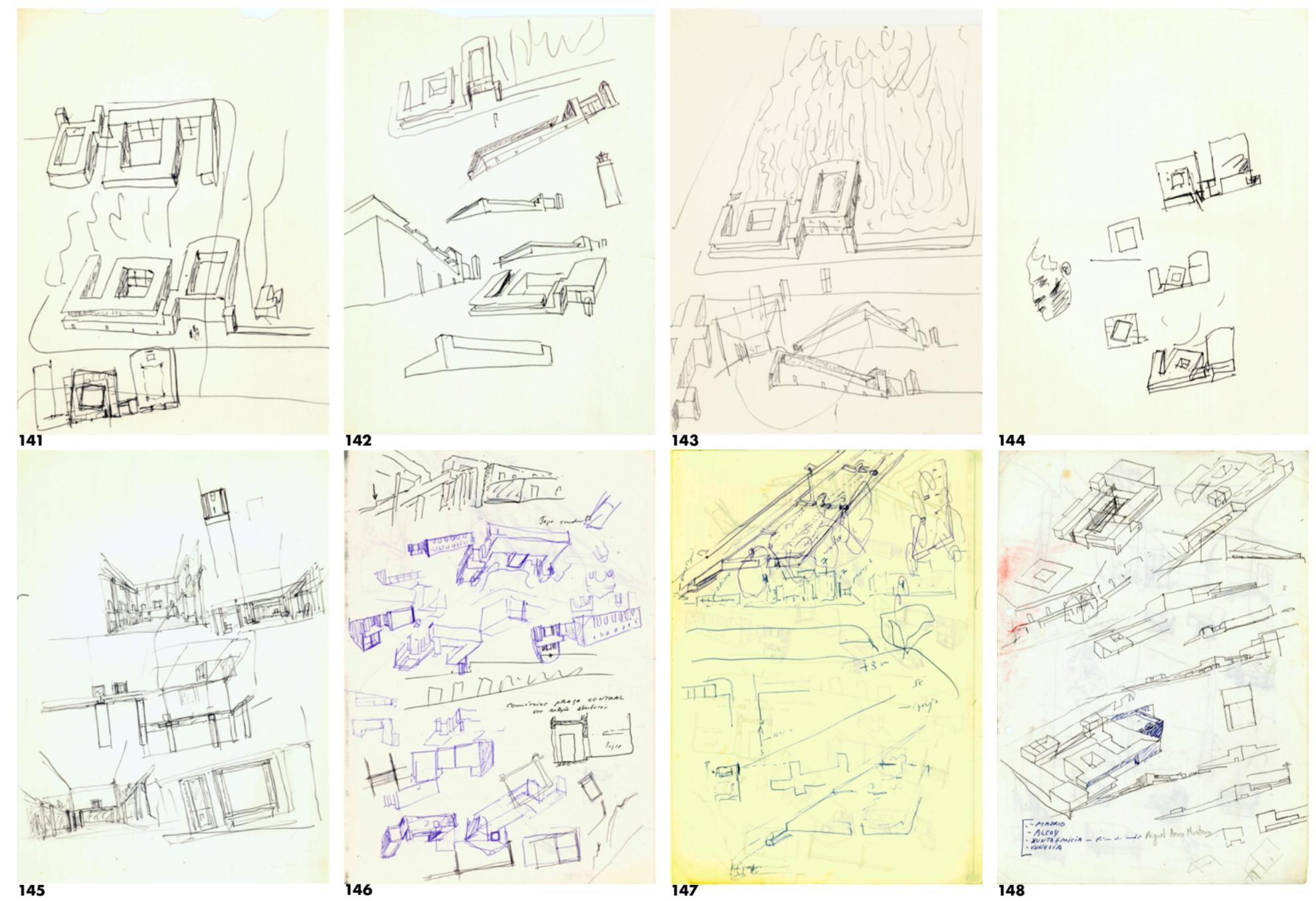
É ainda de realçar o facto de ter sido estabelecida uma cota praticamente única de céreca — 285.60 — da qual se destacaria apenas o corpo da igreja, bem como das fachadas que lhe são perpendiculares.

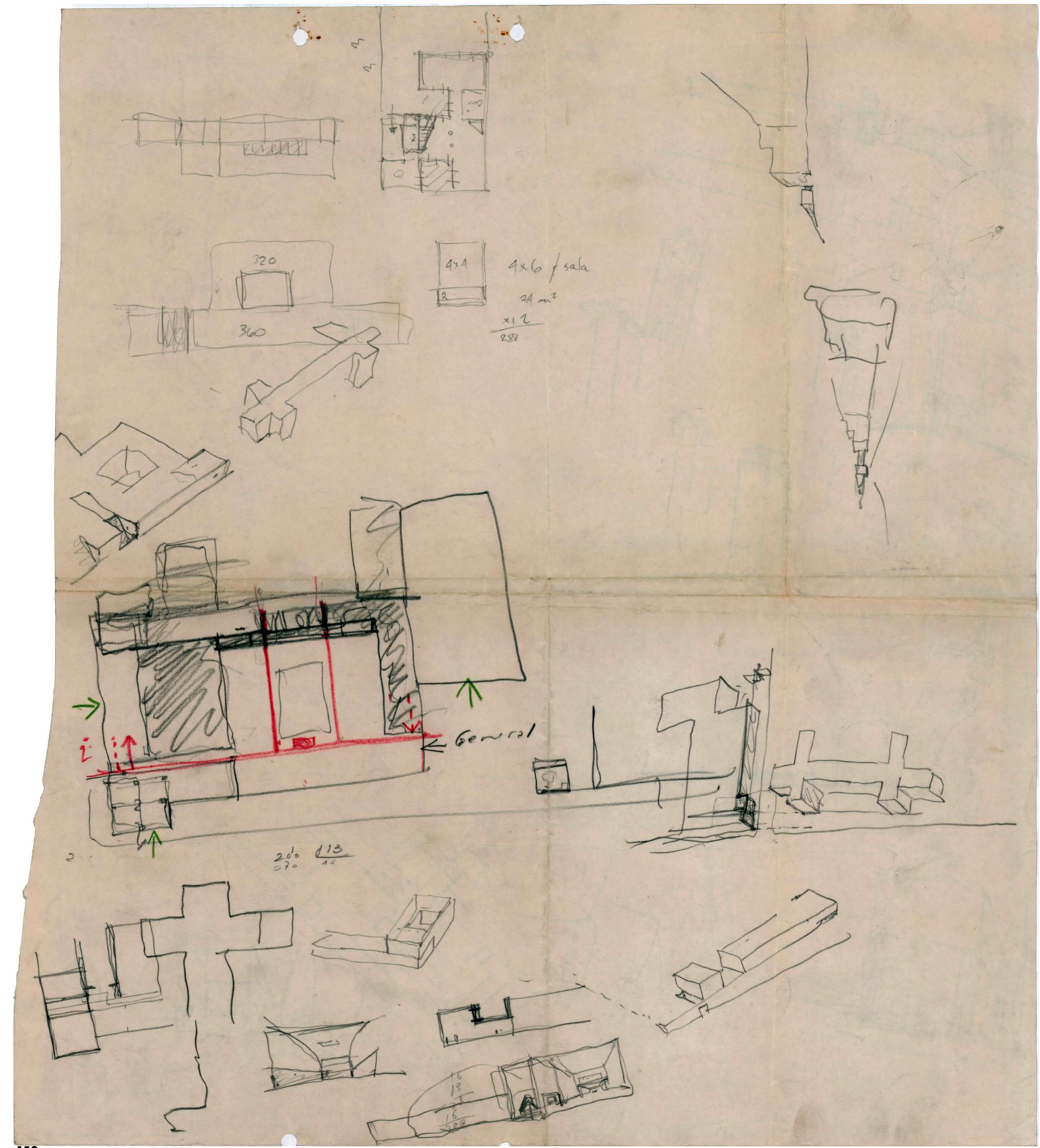
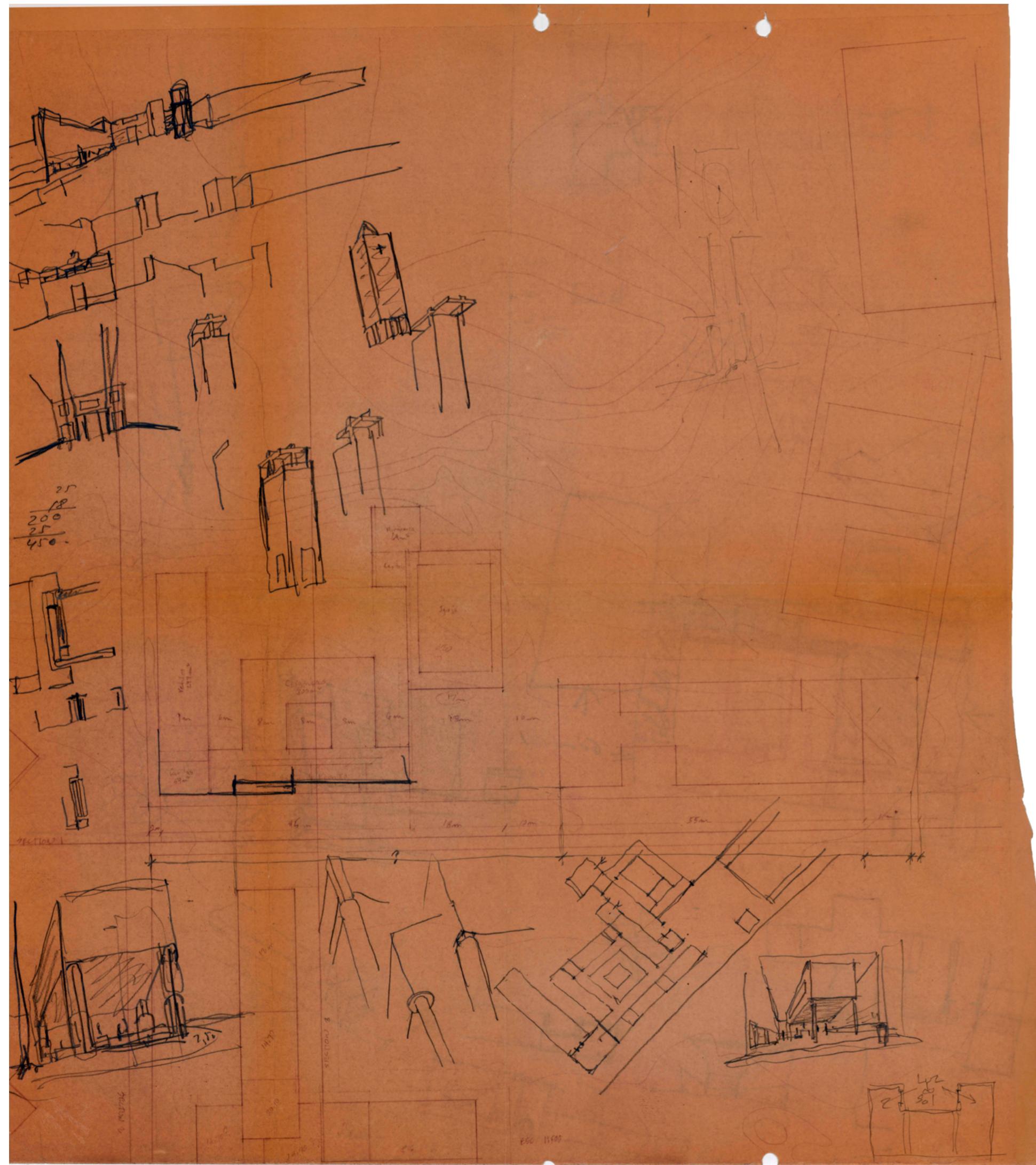
A expressão arquitectónica reflectiria o carácter do programa, enquanto a sua implantação se relacionaria com o bairro da Malagueira, bem como com a articulação e relação com a envolvente e centro-histórico.<sup>64</sup>

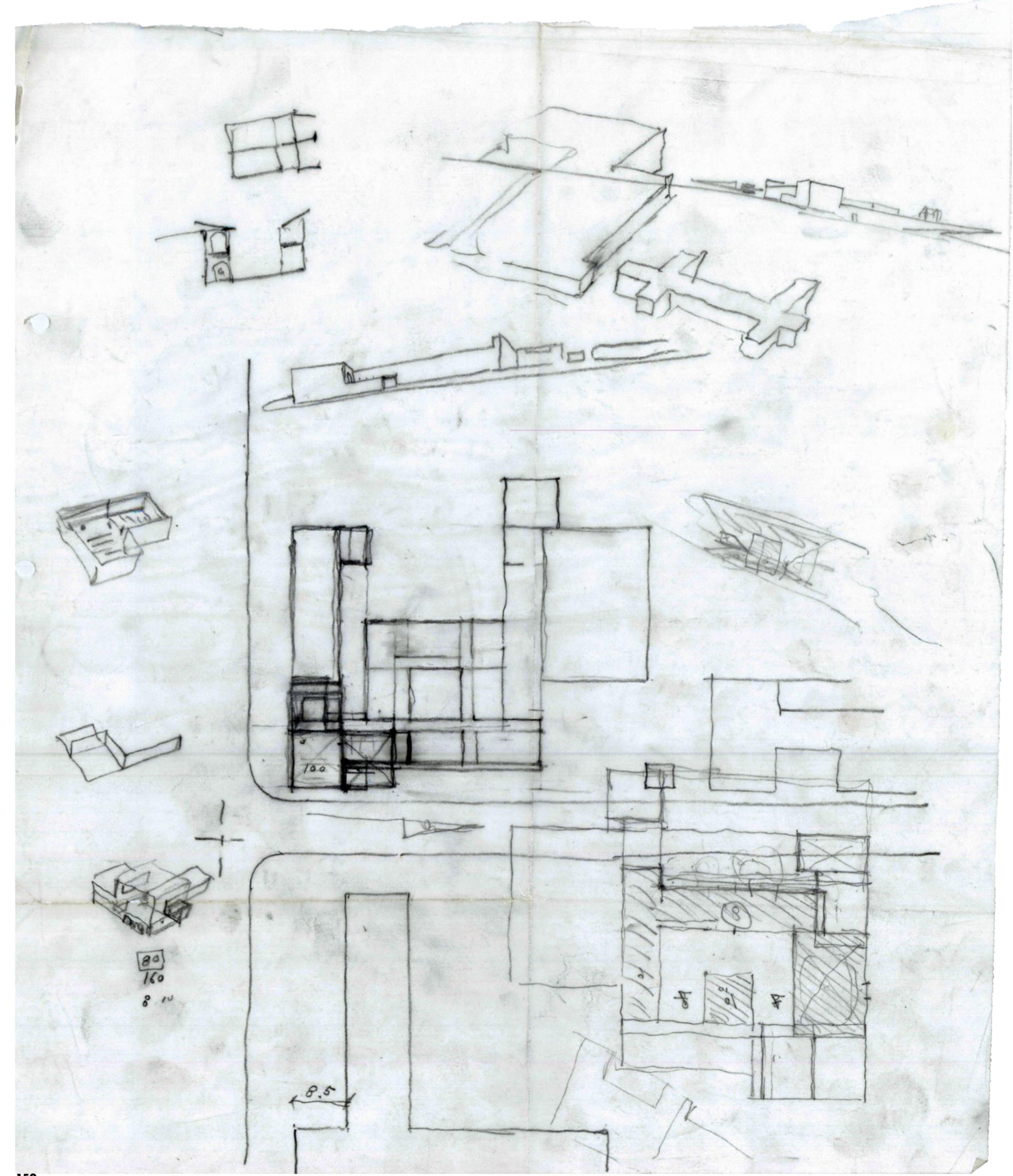
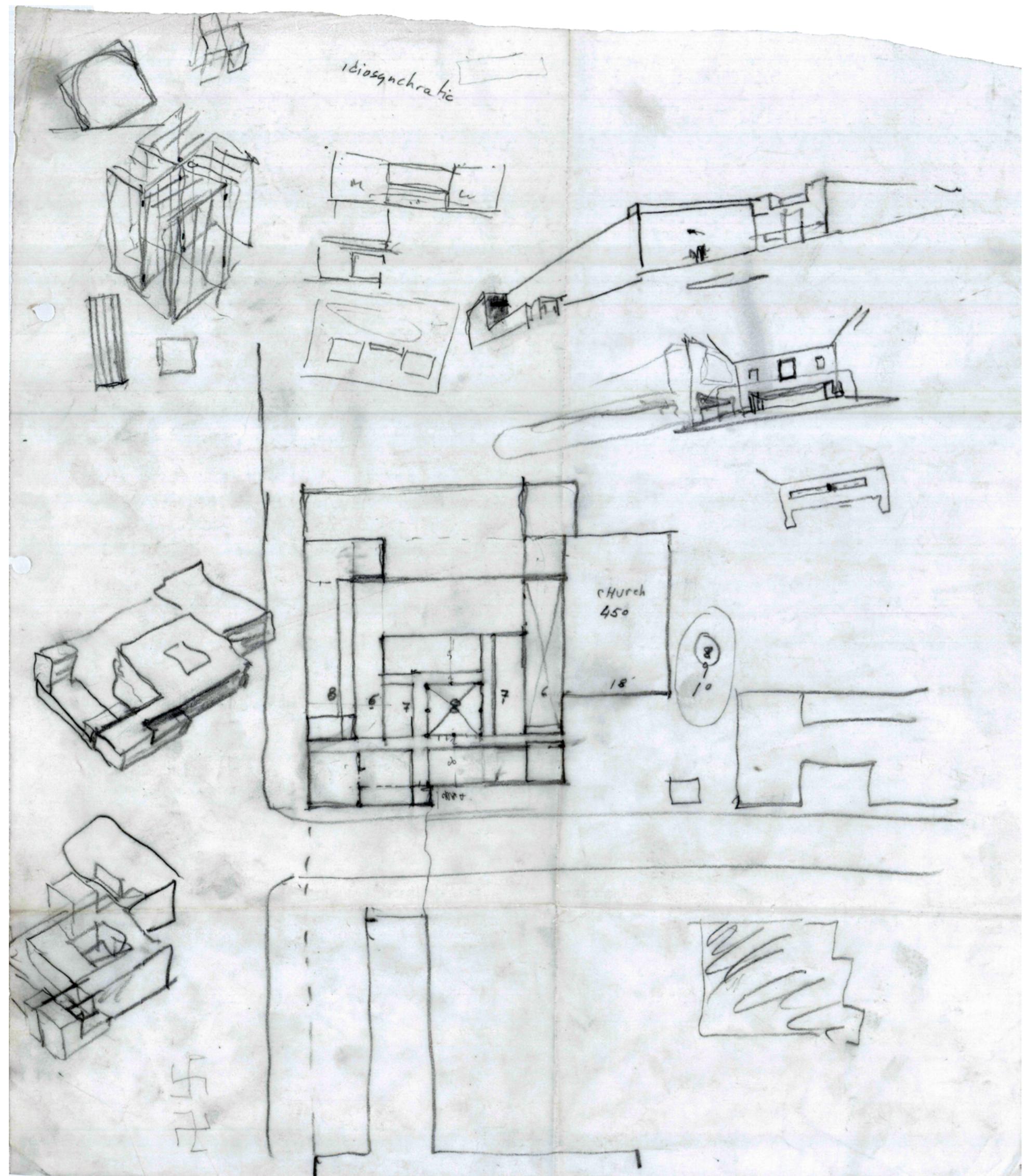
<sup>62</sup> SIZA, Álvaro, Complexo Social e Paroquial S. João Bosco, Memória descriptiva, 1988, p. 1.

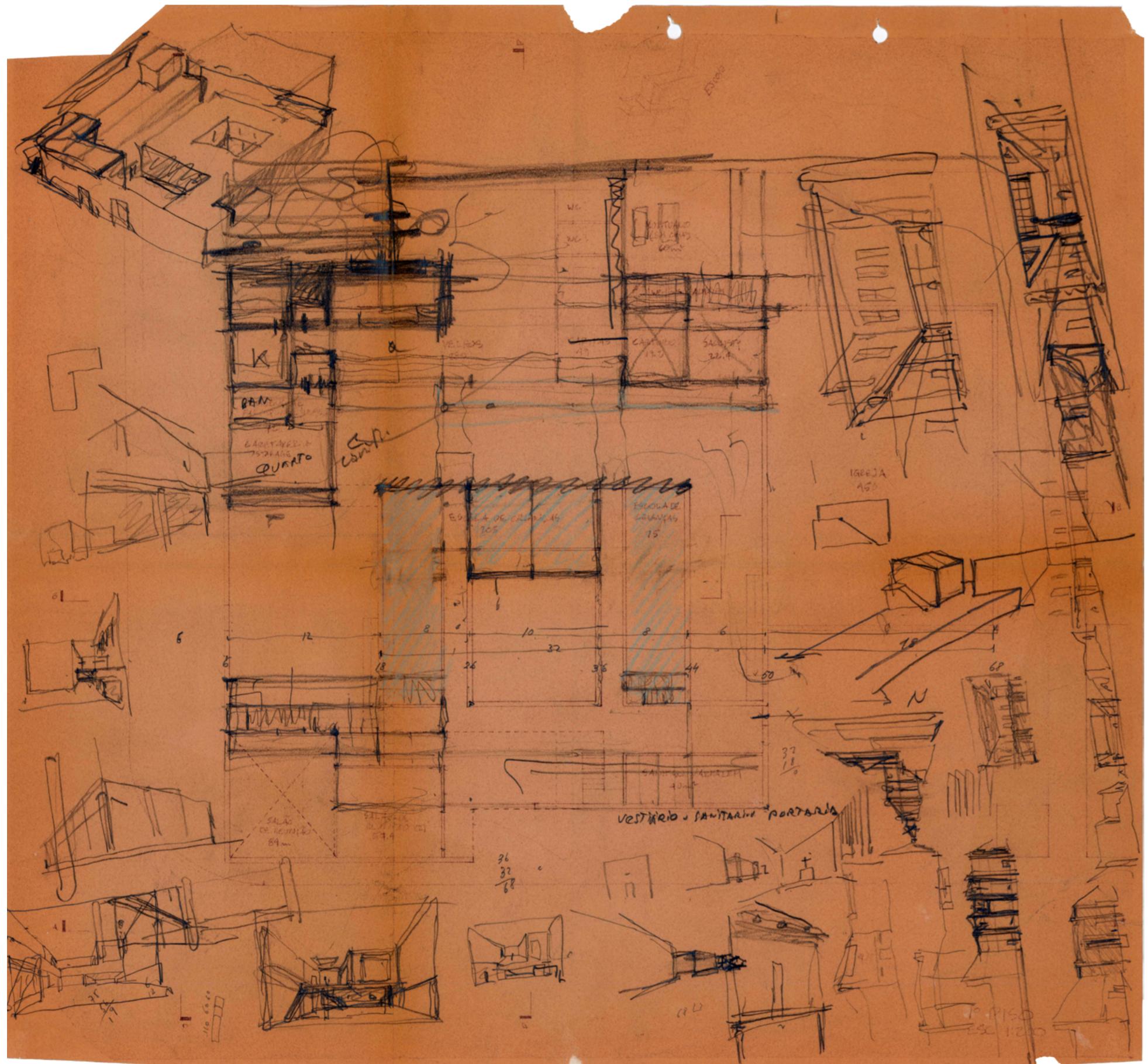
<sup>63</sup> SIZA, Álvaro, Complexo Social e Paroquial S. João Bosco, Memória descriptiva, 1988, p. 2.

<sup>64</sup> SIZA, Álvaro, Complexo Social e Paroquial S. João Bosco, Memória descriptiva, 1988, p. 1.



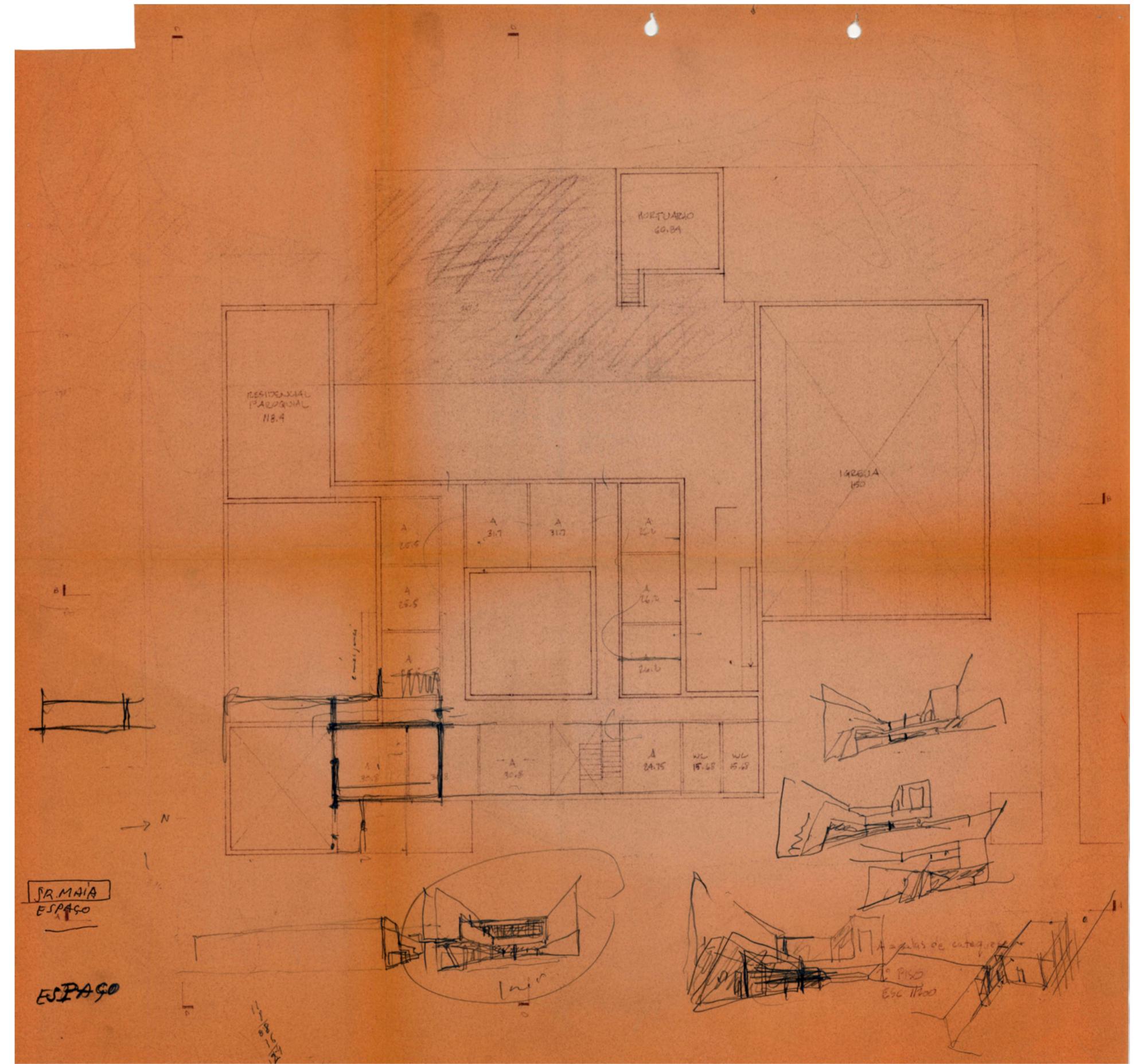






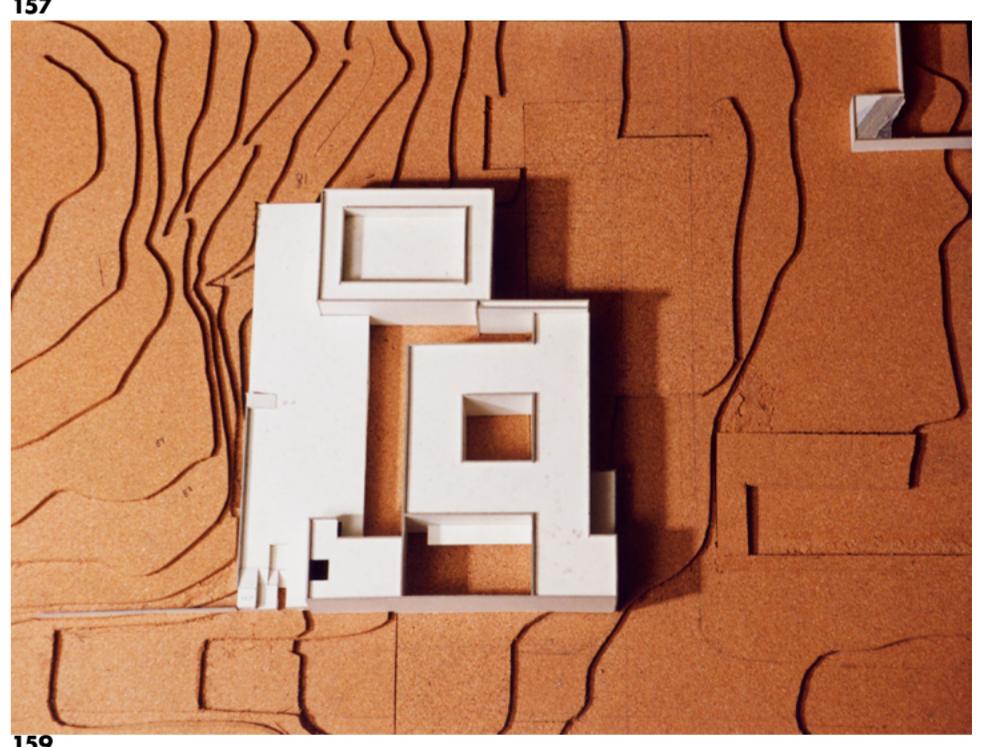
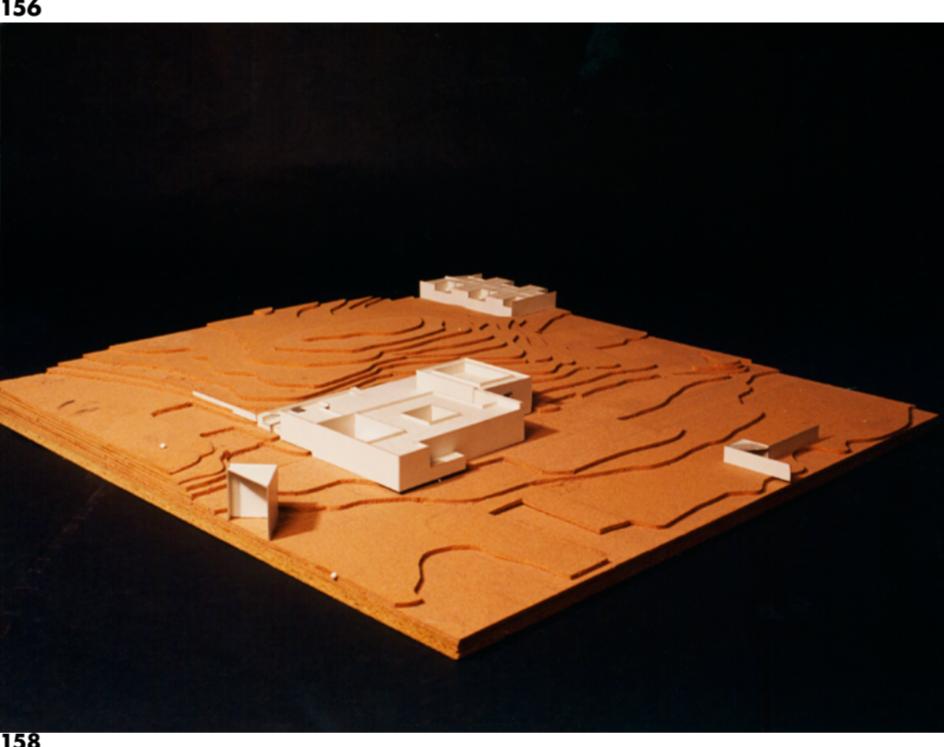
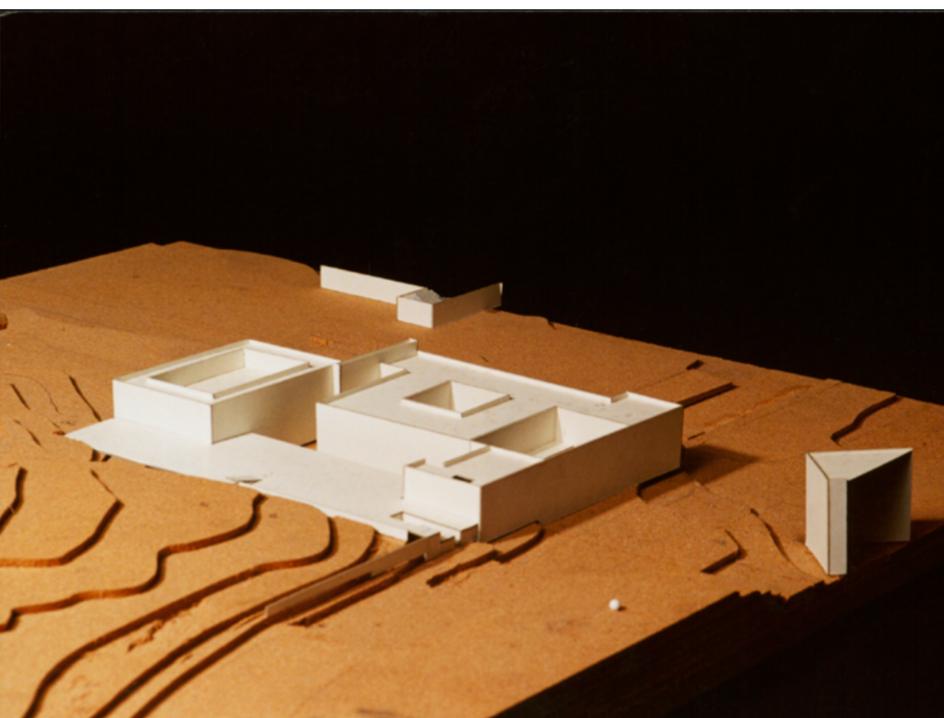
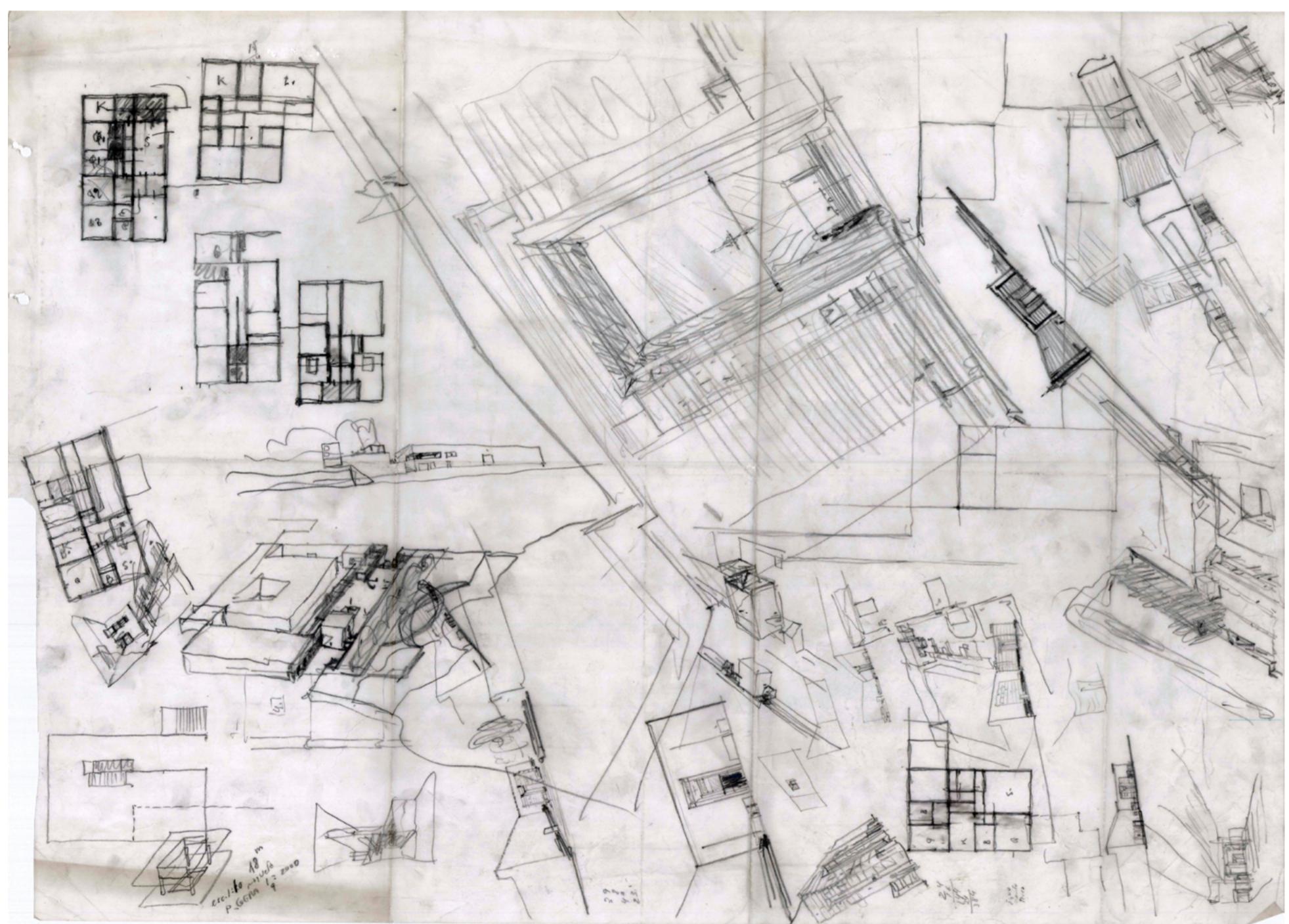
página  
142

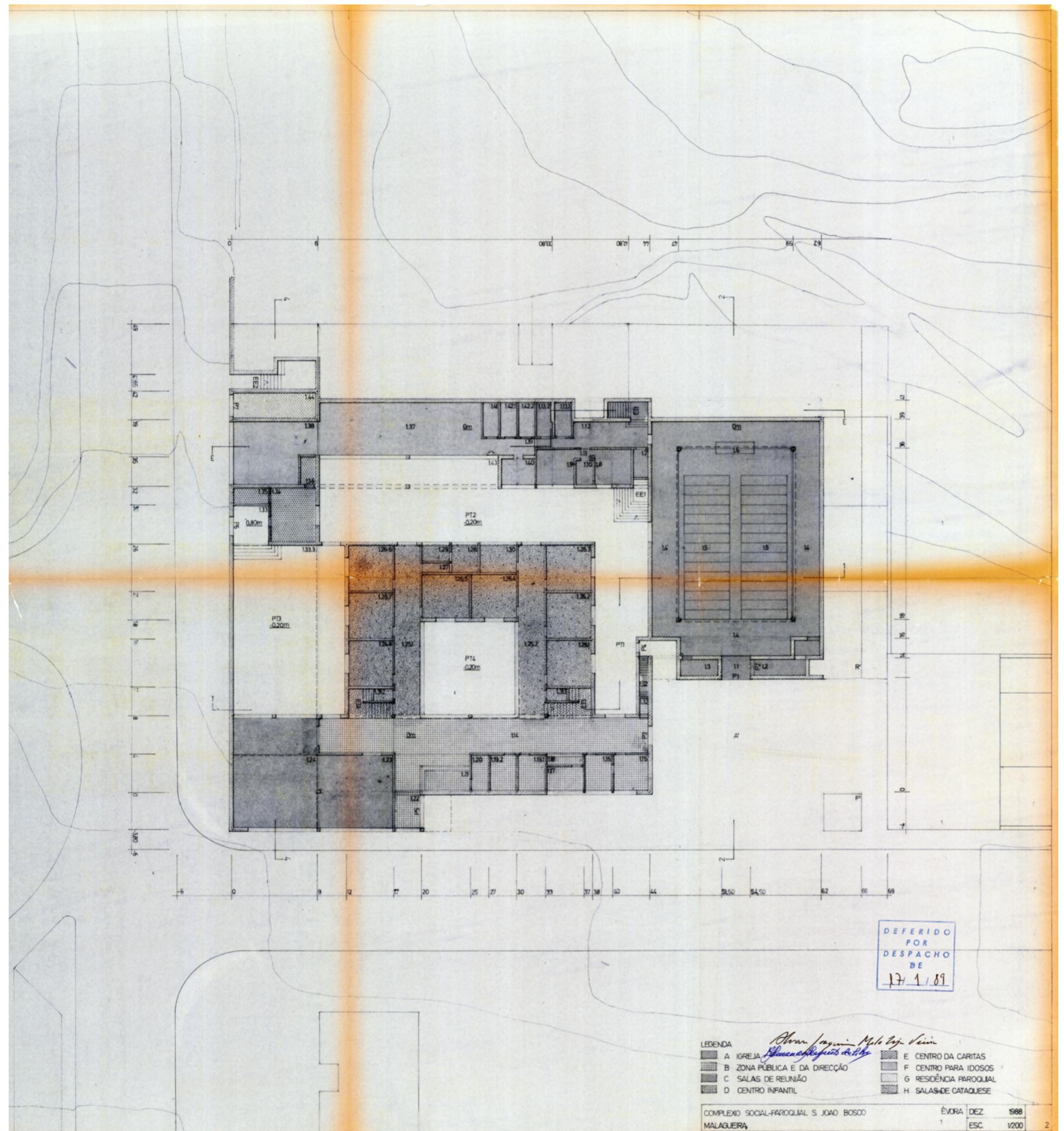
153



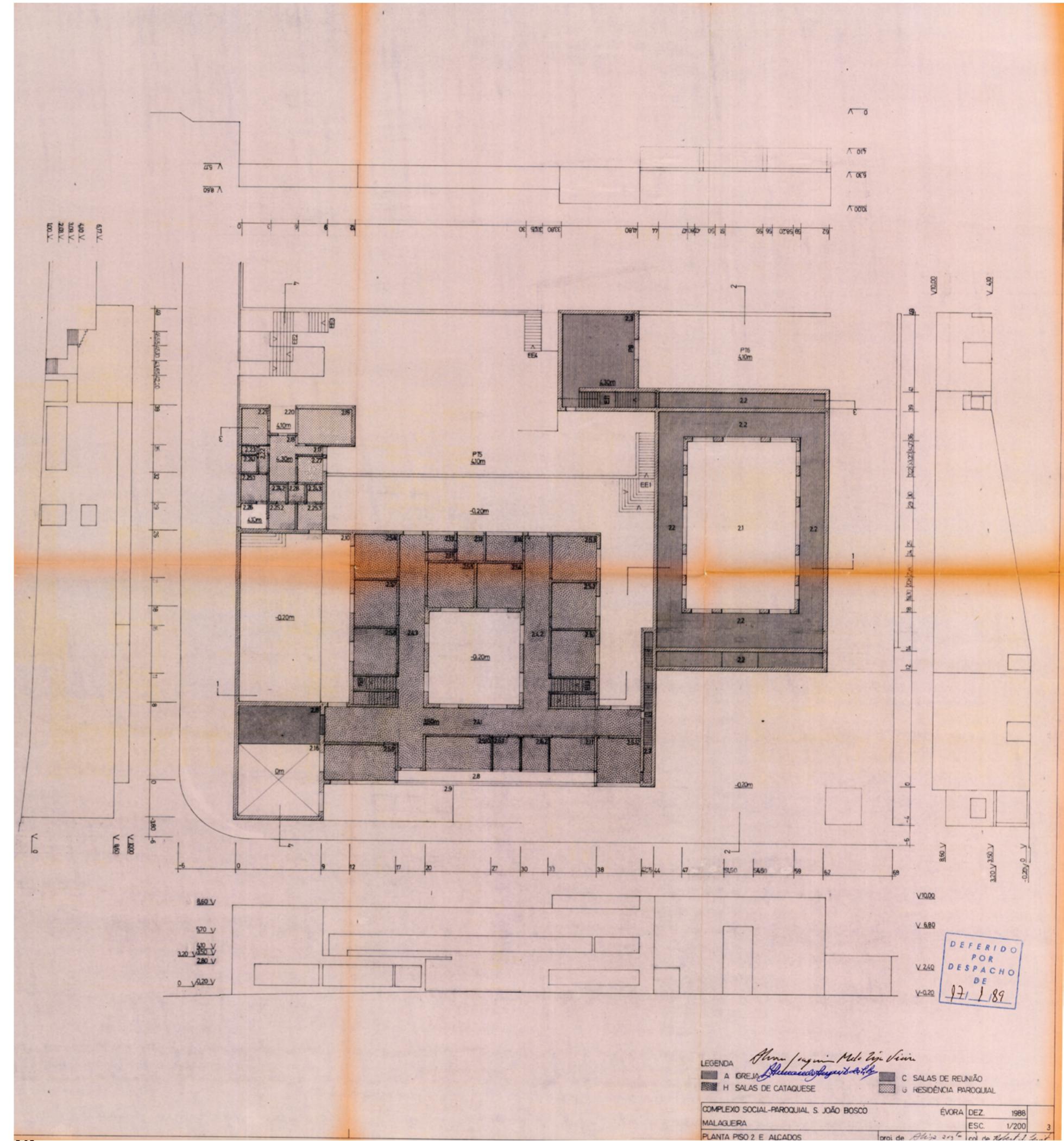
página  
143

154





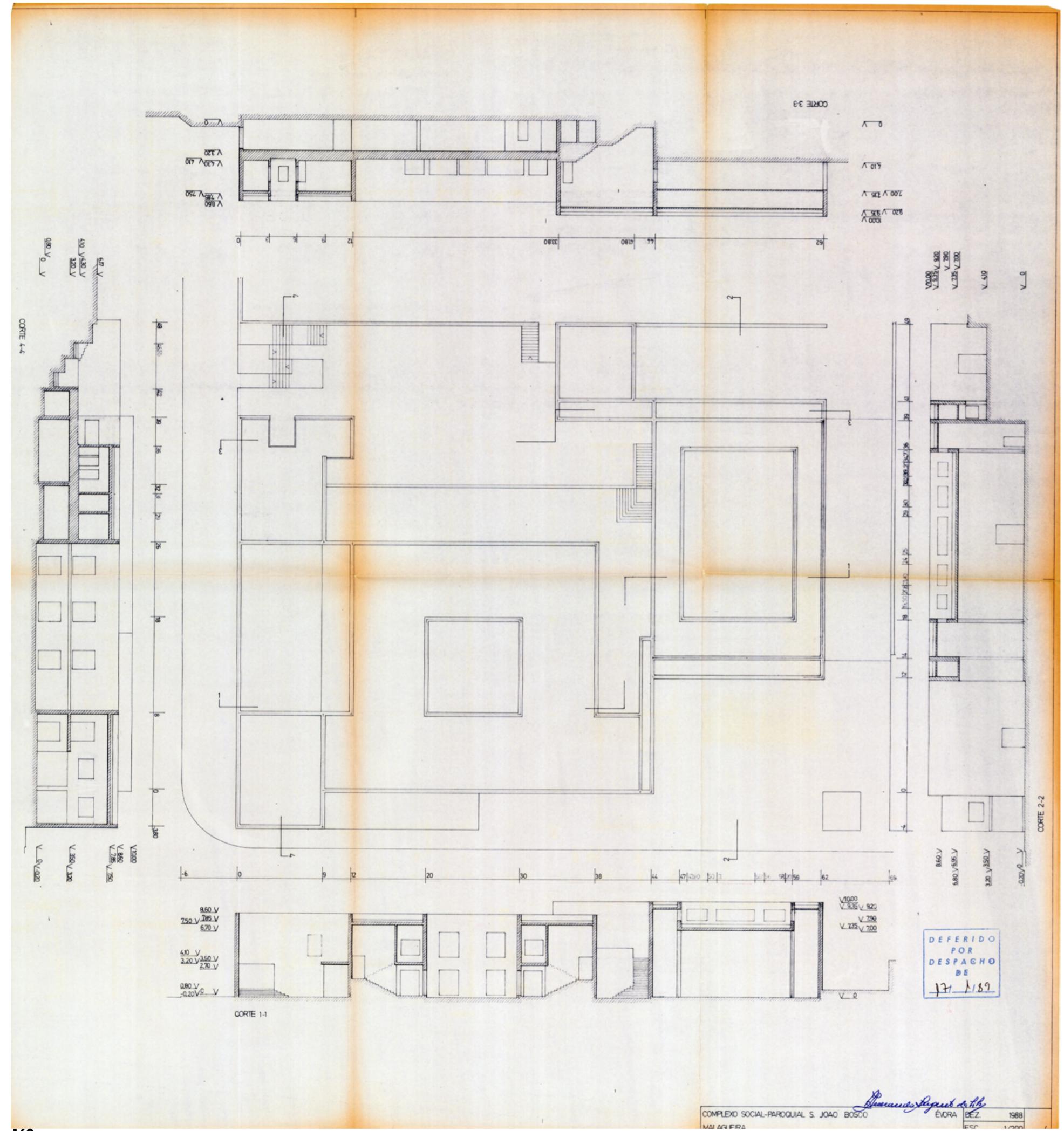
160



161

página 146

página 147



162



149

## 04. O QUE NUNCA FOI

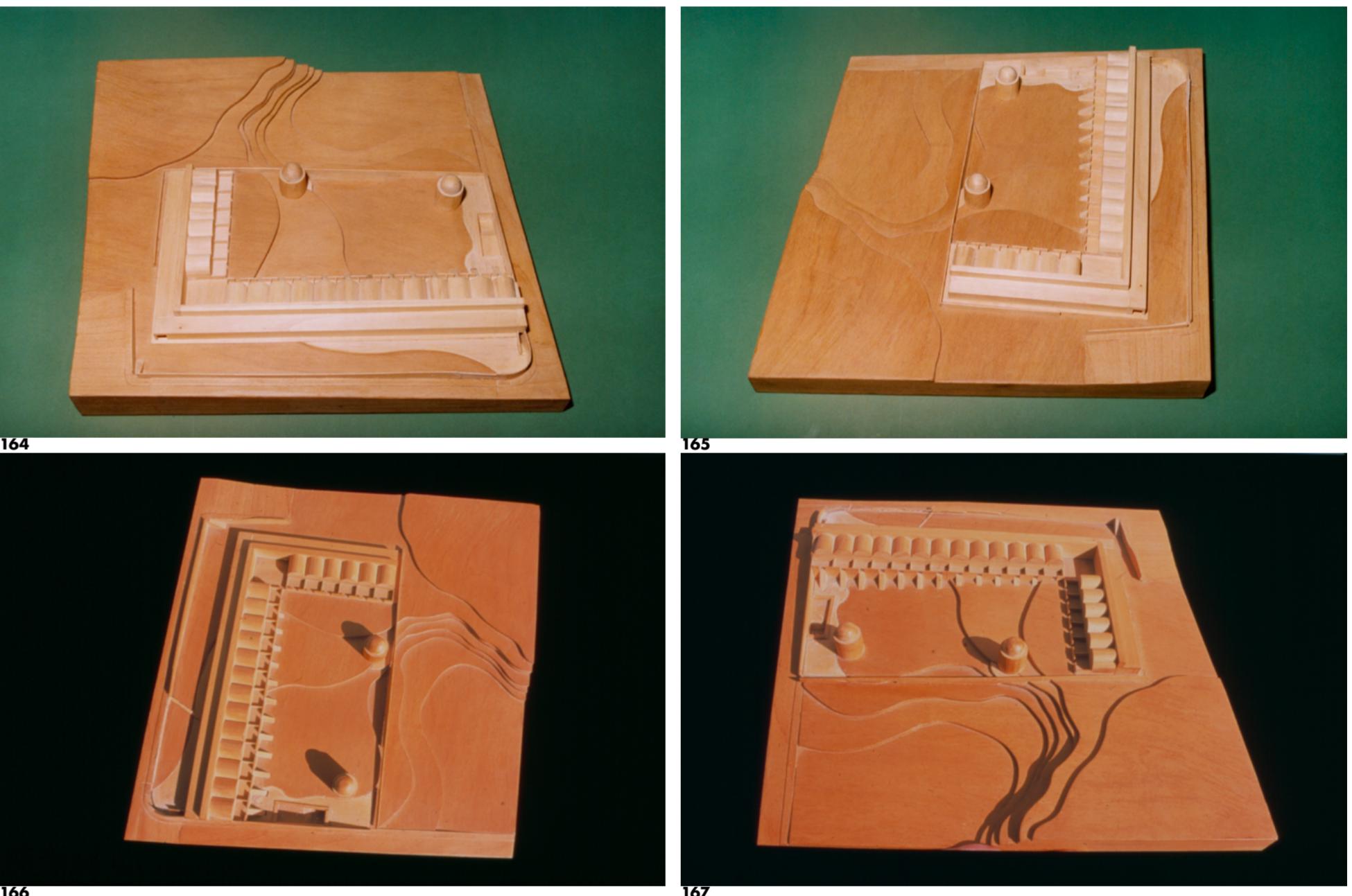
### 04.3 TERCEIRA FASE (1986-1993)

#### II. APARTHOTEL

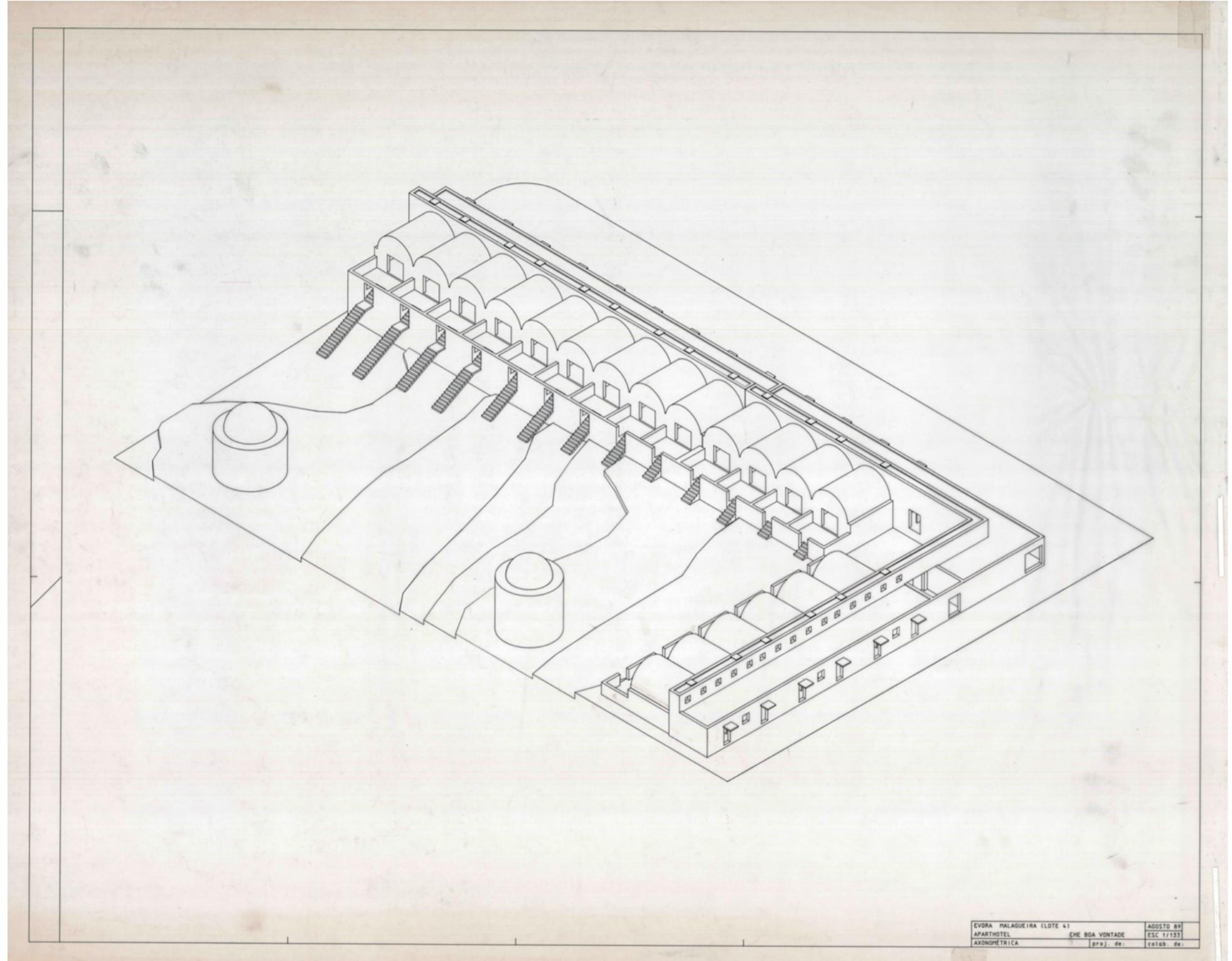
Durante a terceira fase de construção do bairro da Malagueira não foram feitas muitas mudanças ao projecto desenvolvido para o apartotel em 1983. A volumetria permaneceu praticamente idêntica, sendo que apenas o braço mais longo, do apartotel, acabou por topar no muro de delimitação do jardim, a poente. No entanto, enquanto antes se projectavam 18 quartos numa única tipologia T0, passaram agora a existir 10 quartos de tipologia T0 e 9 de tipologia T1, aos quais se acrescentou um dos moinhos pré-existentes – recuperado e adaptado para se inserir na tipologia T1. O outro moinho foi ainda recuperado e transformado em bar. Nesta nova versão foi também adicionada uma piscina — que ficaria na zona mais baixa do jardim comum —, bem como um restaurante — que se implantaria junto ao auditório ao ar livre, afastando-se do lote do apartotel.

Nesta versão, os pátios de cada apartamento seriam delimitados por um muro e o pavimento seria feito em tijoleira de adobe — como acontece nos terraços do jardim público da Malagueira. O desnível para o jardim, por sua vez, seria feito através de uma escada que ligaria cada célula.

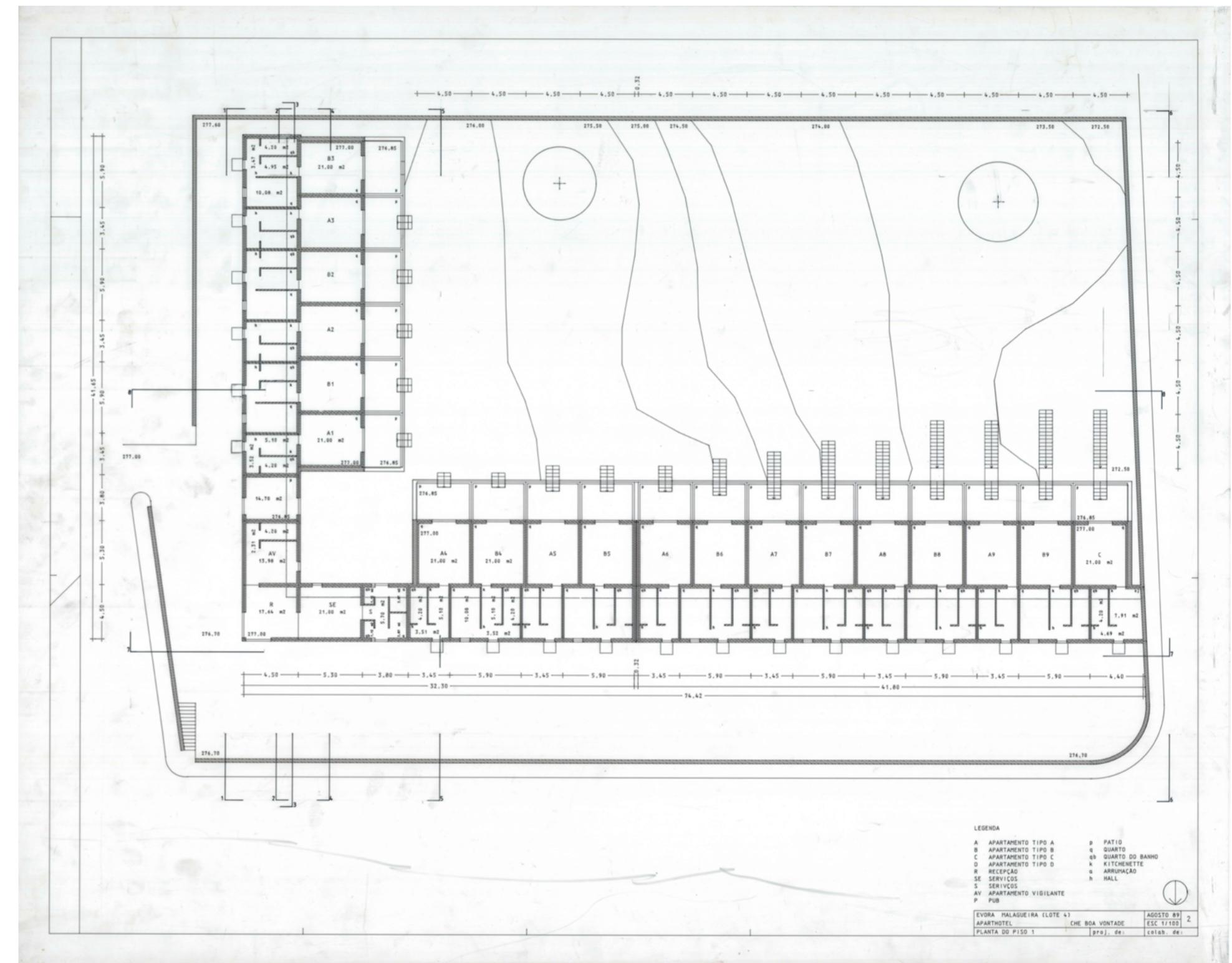
O edifício seria construído utilizando métodos tradicionais locais, em tijolo maciço, «sendo exteriormente rebocado, impermeabilizado e caiado».<sup>65</sup> Pretendia-se que as paredes fossem construídas em tijolo aparente, e os pavimentos, em tijoleira. A cobertura dos quartos seria «executada em abóbadas de tijolo tradicional e a restante área de cobertura em laje de betão».<sup>66</sup>



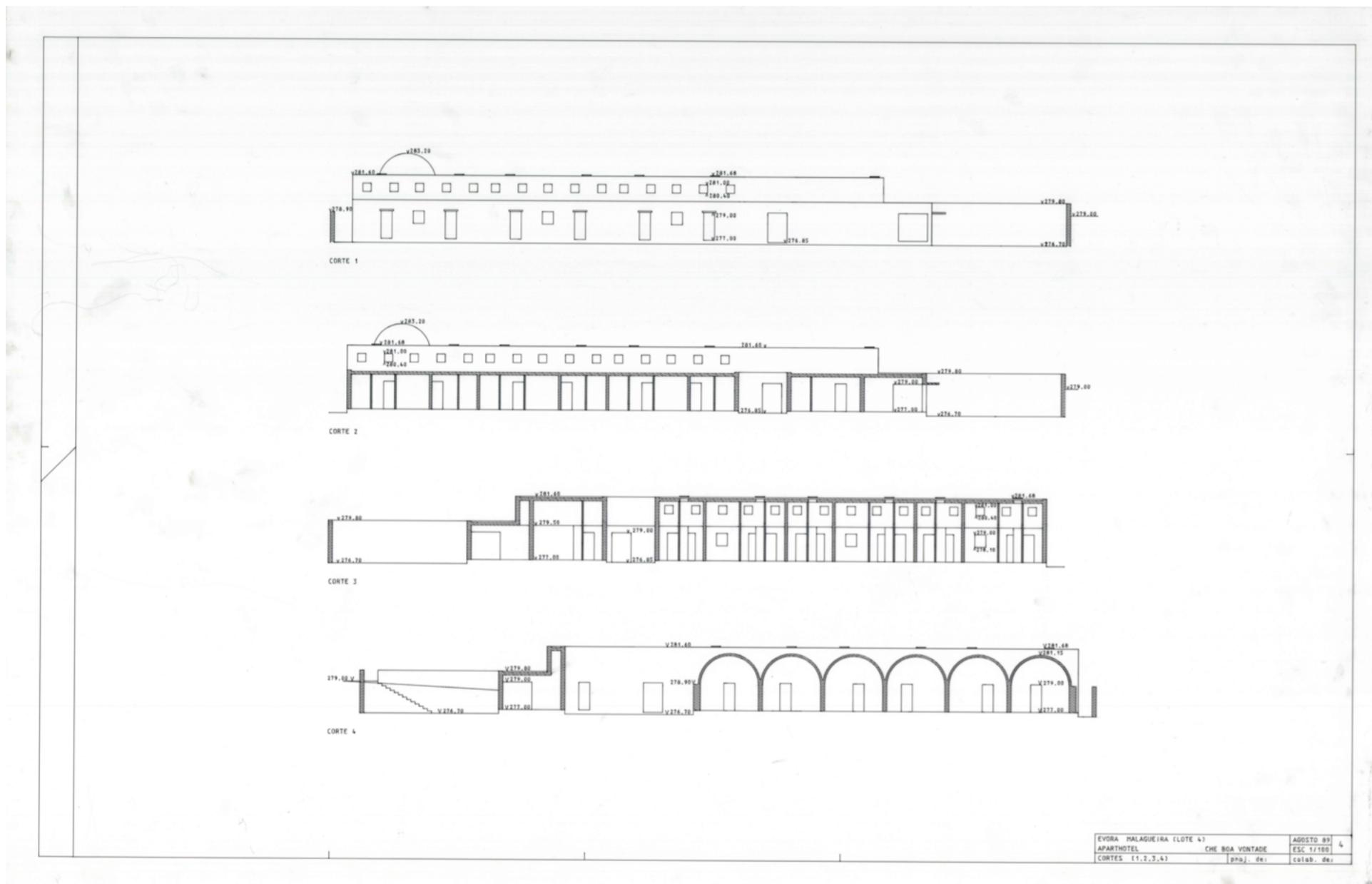
<sup>65</sup> SIZA, Álvaro, *Hotel-Apartamento, Memória Descritiva*, 1993, p. 1.  
<sup>66</sup> SIZA, Álvaro, *Hotel-Apartamento, Memória Descritiva*, 1993, p. 12.



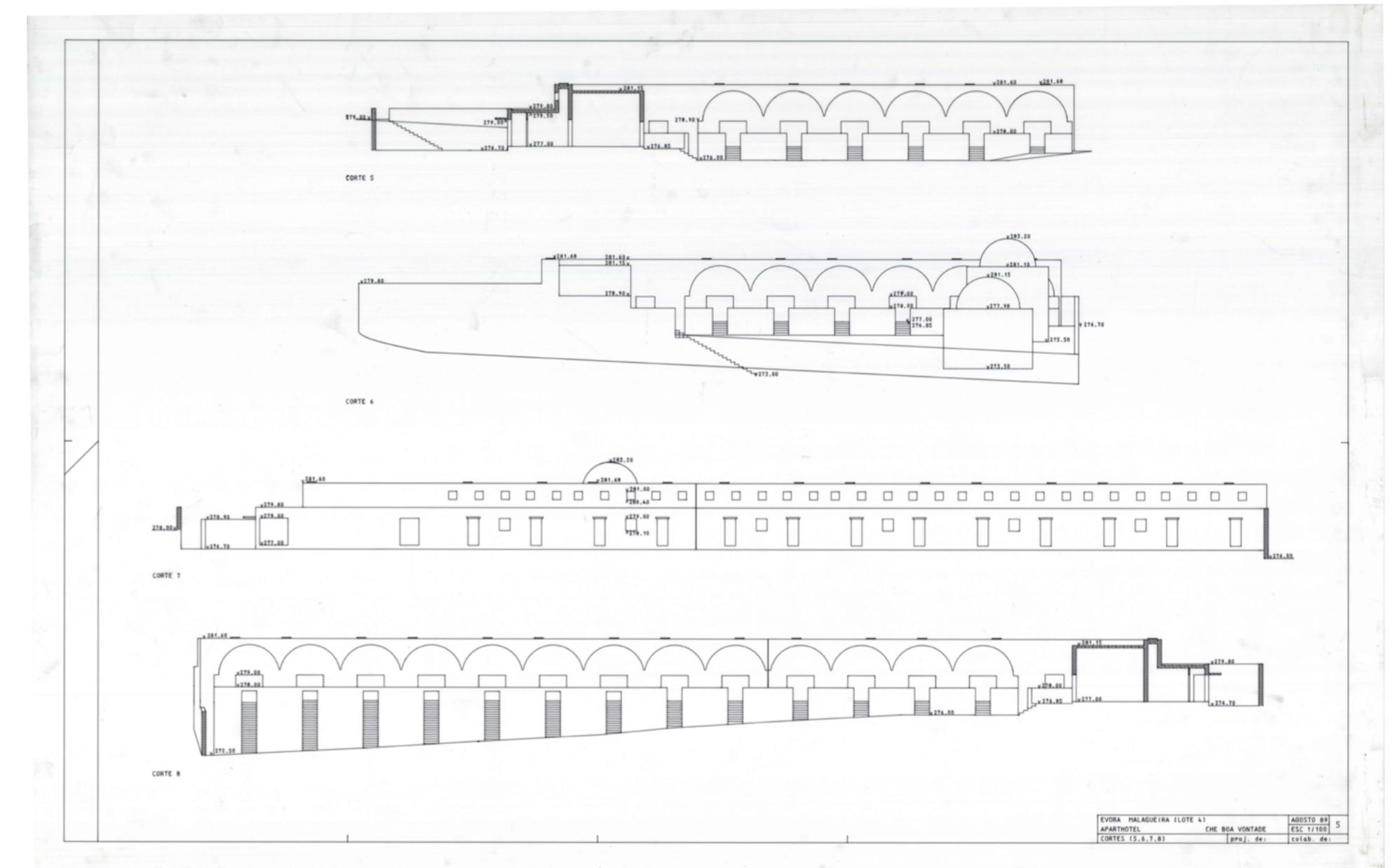
168



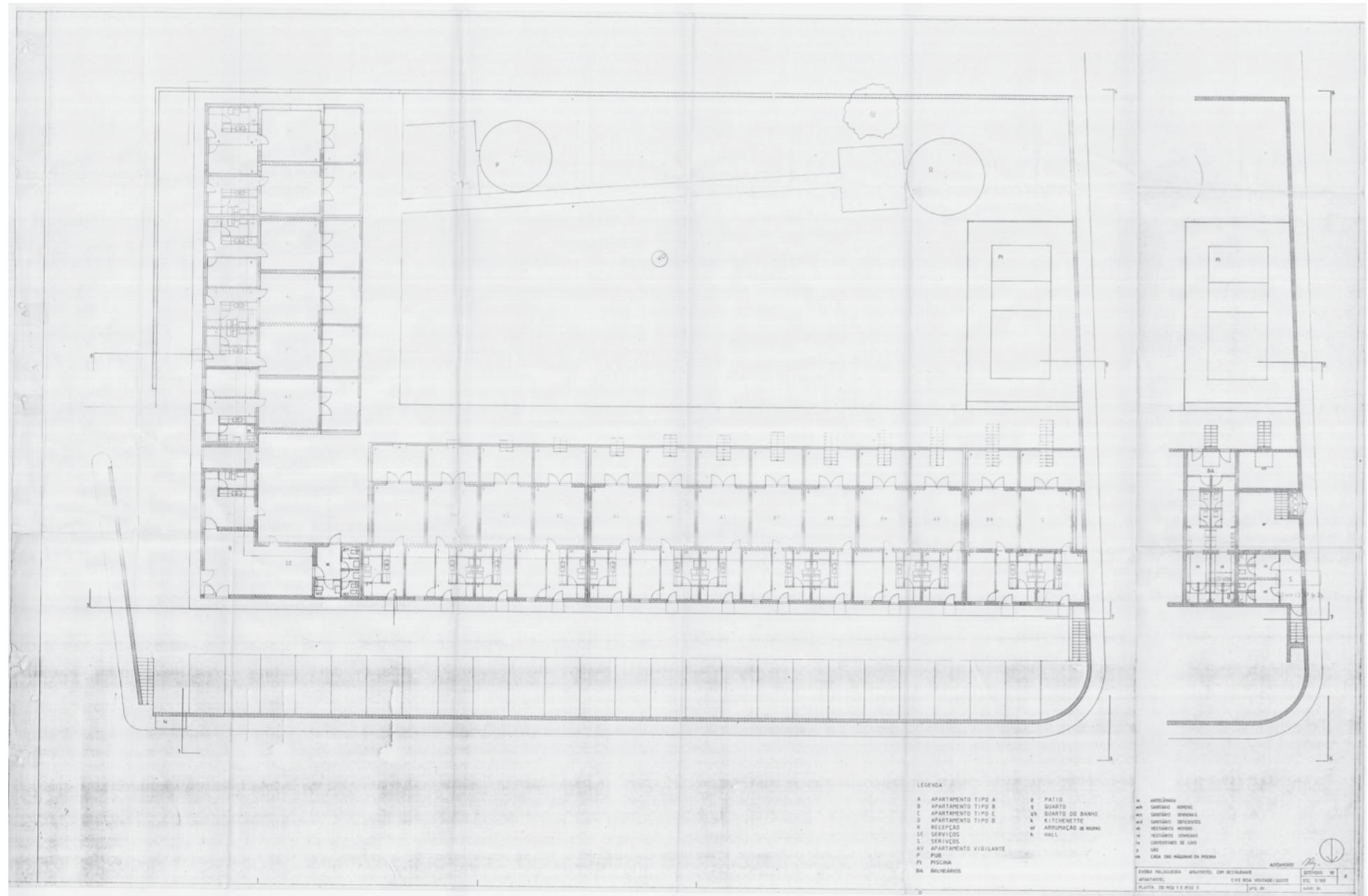
169



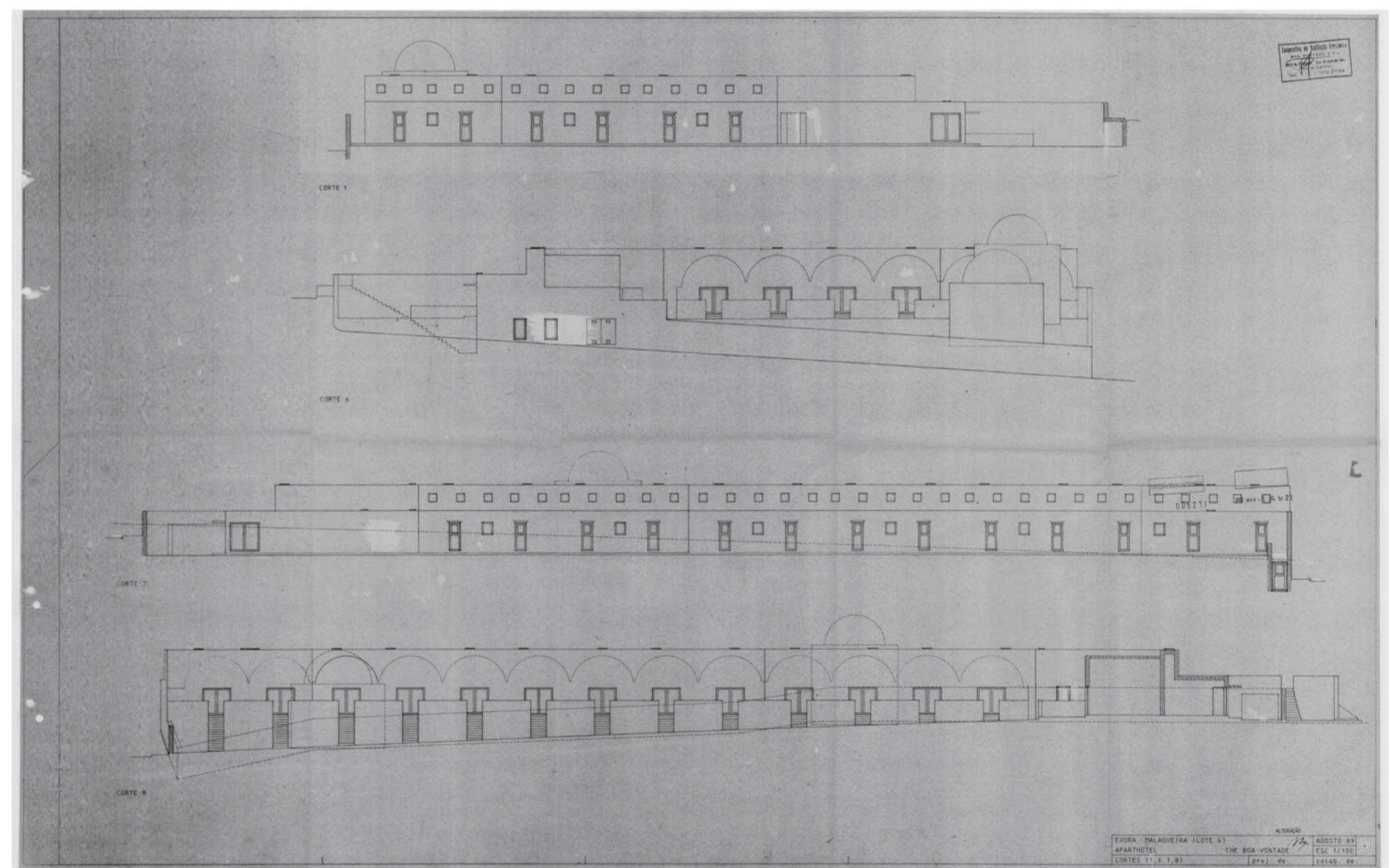
170



171



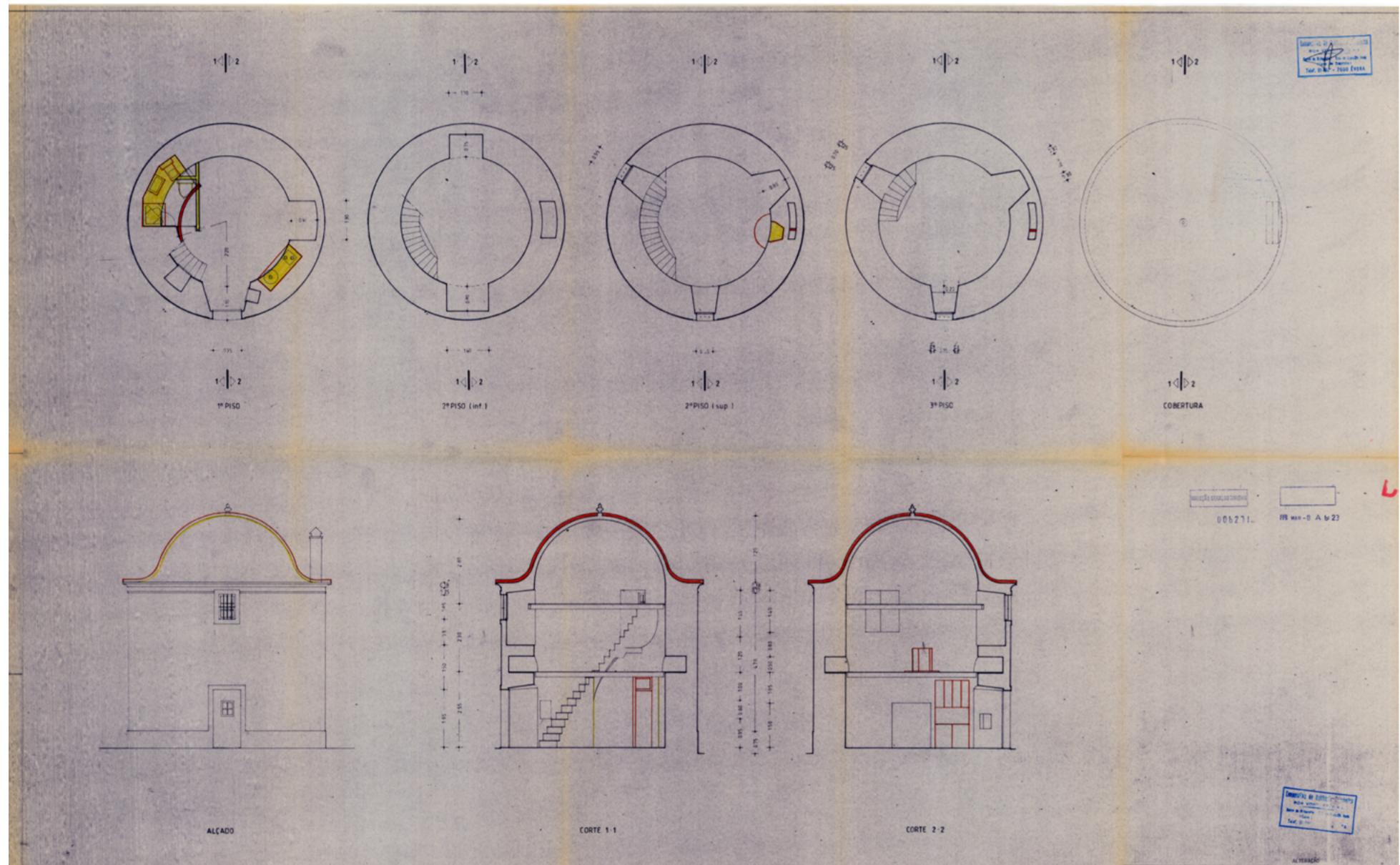
172



173

página  
156

157

página  
158

174

página  
159

175

## 04. O QUE NUNCA FOI

### 04.3 TERCEIRA FASE (1986-1993)

#### III. RESTAURANTE / CASA DE CHÁ

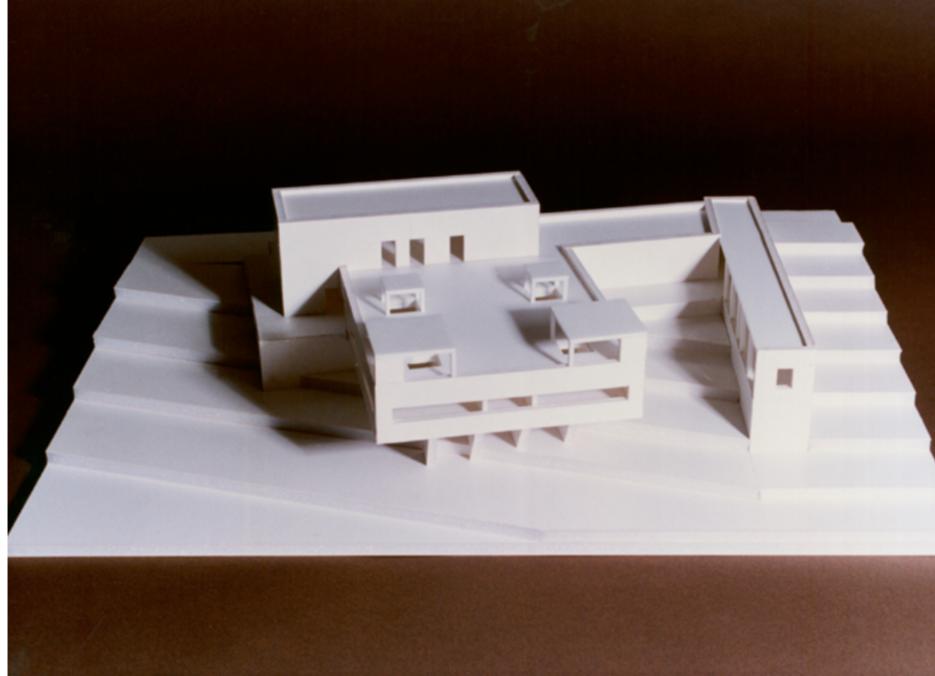
O projecto para o Restaurante/ Casa de Chá no Bairro da Malagueira partiu da iniciativa da CME. Tornava-se então essencial a construção de um equipamento de alta qualidade do ramo da restauração no bairro da Malagueira. Segundo a documentação presente na Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana da CME, este projecto foi consequência de um concurso limitado por convite, lançado no dia 27 de Maio de 1992, que teve como convidados os arquitectos Álvaro Siza Vieira, Eduardo Souto Moura e António Madureira. O objectivo da CME focava-se em «vender em hasta pública o lote»<sup>67</sup> com a construção obrigatória do projecto do restaurante vencedor do concurso. Era também apontado que deveria ser apresentado um estudo para os espaços exteriores envolventes ao edifício, com o intuito de terem um carácter público. O projecto de execução, por sua vez, apenas seria desenvolvido após a venda do lote, de modo a que o futuro proprietário tivesse a possibilidade de participar no seu desenvolvimento.<sup>68</sup>

Nesta altura, as famílias que se mudavam — ou tinham o intuito de se mudar — para a Malagueira já não pertenciam ao grupo de populares que partiam dos campos periféricos em direcção à cidade. Tratava-se de uma população mais jovem, literada e aburguesada.

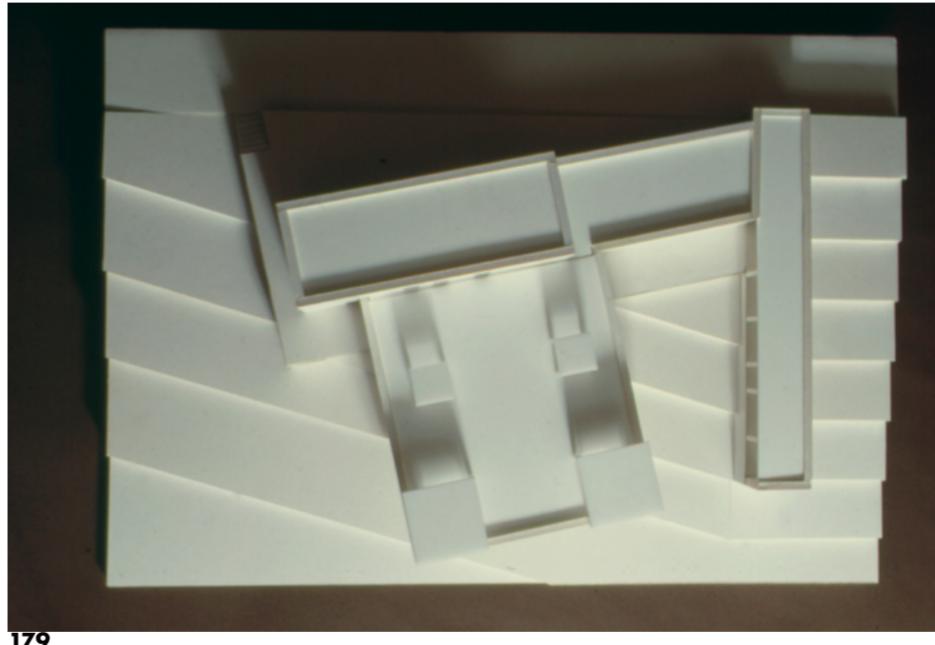
Da leitura dos documentos do processo do projecto presentes na DORU, o projecto foi adjudicado a Álvaro Siza a 22 de Julho de 1992 — alegadamente por a sua proposta ser mais barata (90 contos/ m<sup>2</sup> contra 110 contos/ m<sup>2</sup> de Eduardo Souto Moura, sendo que António Madureira não entregou) e os prazos de execução, mais curtos —, o que facilitaria uma posterior negociação entre a câmara e um futuro proponente.



176



177



179



178



180

<sup>67</sup> CME, Programa preliminar para elaboração de projecto de «casa de chá-restaurante», na Malagueira-Évora, Arquivo Câmara Municipal de Évora – Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana, 1992, p. 1.

<sup>68</sup> CME, Programa preliminar para elaboração de projecto de «casa de chá-restaurante», na Malagueira-Évora, Arquivo Câmara Municipal de Évora – Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana, 1992, p. 1.

O lote de implantação do restaurante situava-se no promontório do bairro da Malagueira — local de onde se pode observar todo o bairro da Malagueira e perfil oeste do centro-histórico de Évora. Trata-se de um lote a poente do bairro, topando, a oeste, o eixo este-oeste. O salão do restaurante teria uma capacidade total de 80 pessoas sentadas, estando dividido em quatro espaços diferentes. Junto à entrada encontrava-se um bengaleiro e um bar, sendo que as áreas de serviço — cozinha, copas e despensas — abririam «para uma antecâmara, a partir da qual se estabelece[ria] a distribuição às áreas de restaurante e ainda à esplanada do piso térreo — 28 lugares — e ao terraço — 100 lugares».<sup>69</sup> Esta antecâmara faria a ligação à cave — balneários, sanitários de funcionários, despensas e escritório —, bem como à copa de serviço do terraço, através de um monta-cargas. Como o lote em questão possui uma série de desniveis irregulares, Álvaro Siza tira partido deste facto para que «quer o rés-do-chão, quer o piso enterrado, tenham acesso directo do exterior».<sup>70</sup>

O edifício seria construído a partir de uma base estrutural em betão armado. As paredes interiores não portantes seriam em tijolo vazado, com barramento em estuque. Os pavimentos seriam em mosaico cerâmico e os espaços de água conteriam lambris em azulejo com dois metros de altura. Os vãos interiores e exteriores seriam em madeira esmaltada, sendo que os enviramentos exteriores, deveriam ser duplos. O edifício seria isolado termicamente na cobertura através de placas de P.V.C. e de placas de poliestireno extrudido. Nas paredes exteriores seria utilizado o sistema capotto.

Este anteprojecto foi entregue em Dezembro de 1992 e aprovado pela câmara a 13 de Janeiro de 1993. Porém, em Julho de 1996, a CME suspendeu o contracto com Álvaro Siza relativo a este projecto.<sup>71</sup>

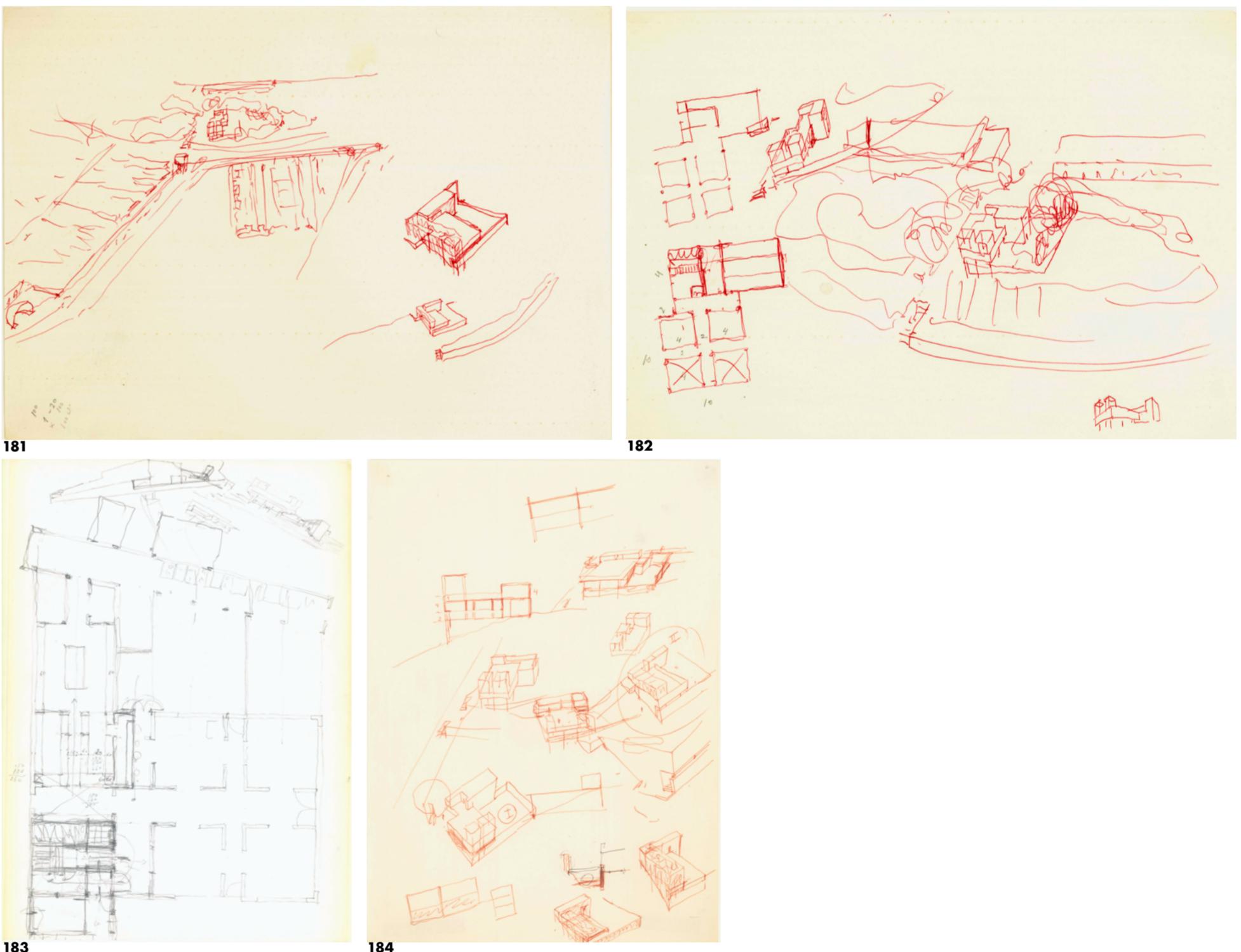
Desde então, apenas há notícia, documentada em Maio de 2000, de um interessado privado para a construção deste equipamento.<sup>72</sup> No entanto, este nunca chegou a avançar, continuando o lote e o projecto ainda na posse da CME.

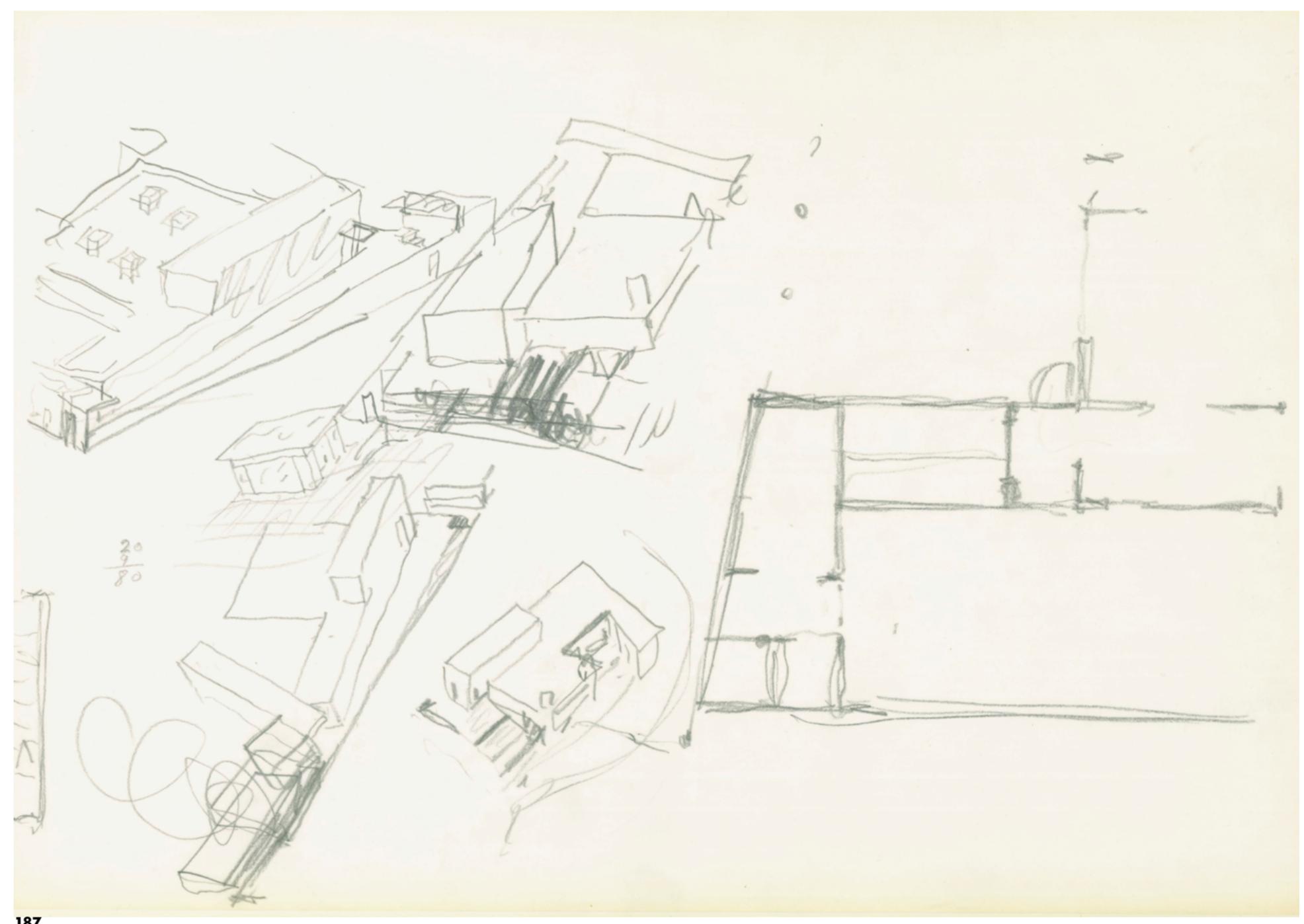
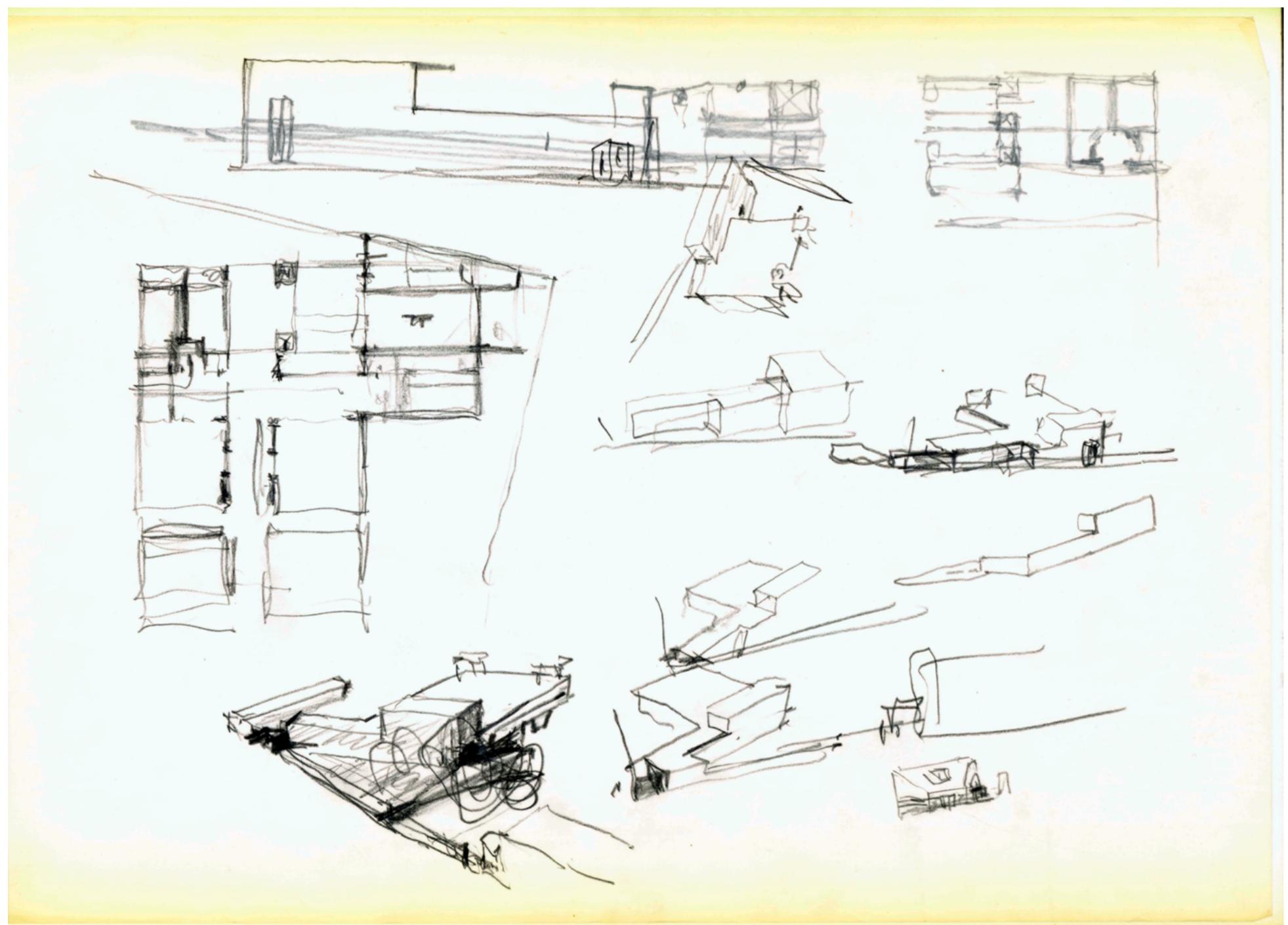
<sup>69</sup> SIZA, Álvaro, Restaurante Casa-de-chá na Malagueira, Memória Descritiva, 1992, p. 1.

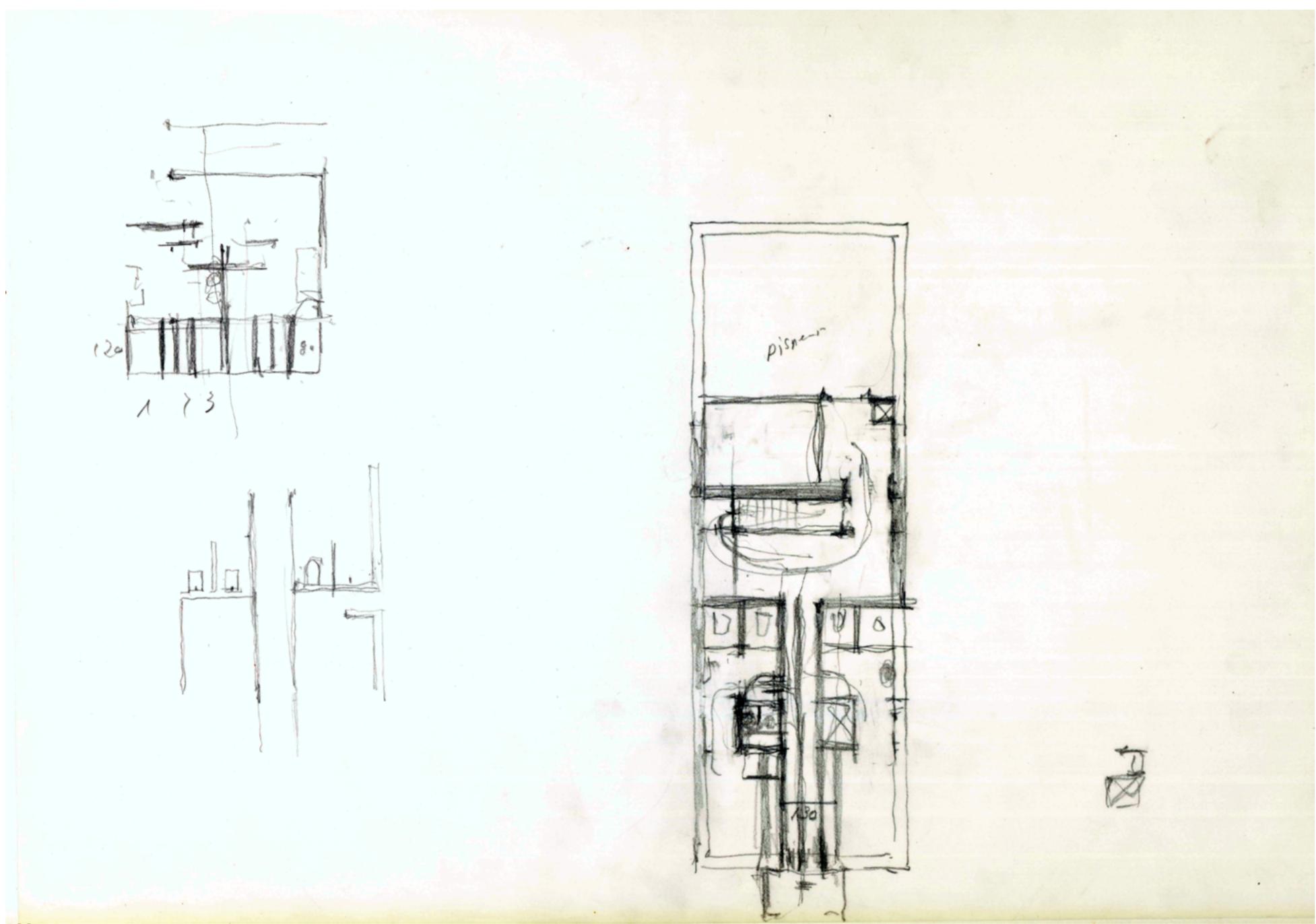
<sup>70</sup> SIZA, Álvaro, Restaurante Casa-de-chá na Malagueira, Memória Descritiva, 1992, p. 1.

<sup>71</sup> Esta informação foi retirada dos actas presentes no processo do projecto arquivado na Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana da CME.

<sup>72</sup> Esta proposta particular não se encontrava identificada no processo do Projecto do Restaurante Casa-de-Chá (1992) na Malagueira da Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana de foi retirada esta informação, página solta do processo não numerada.

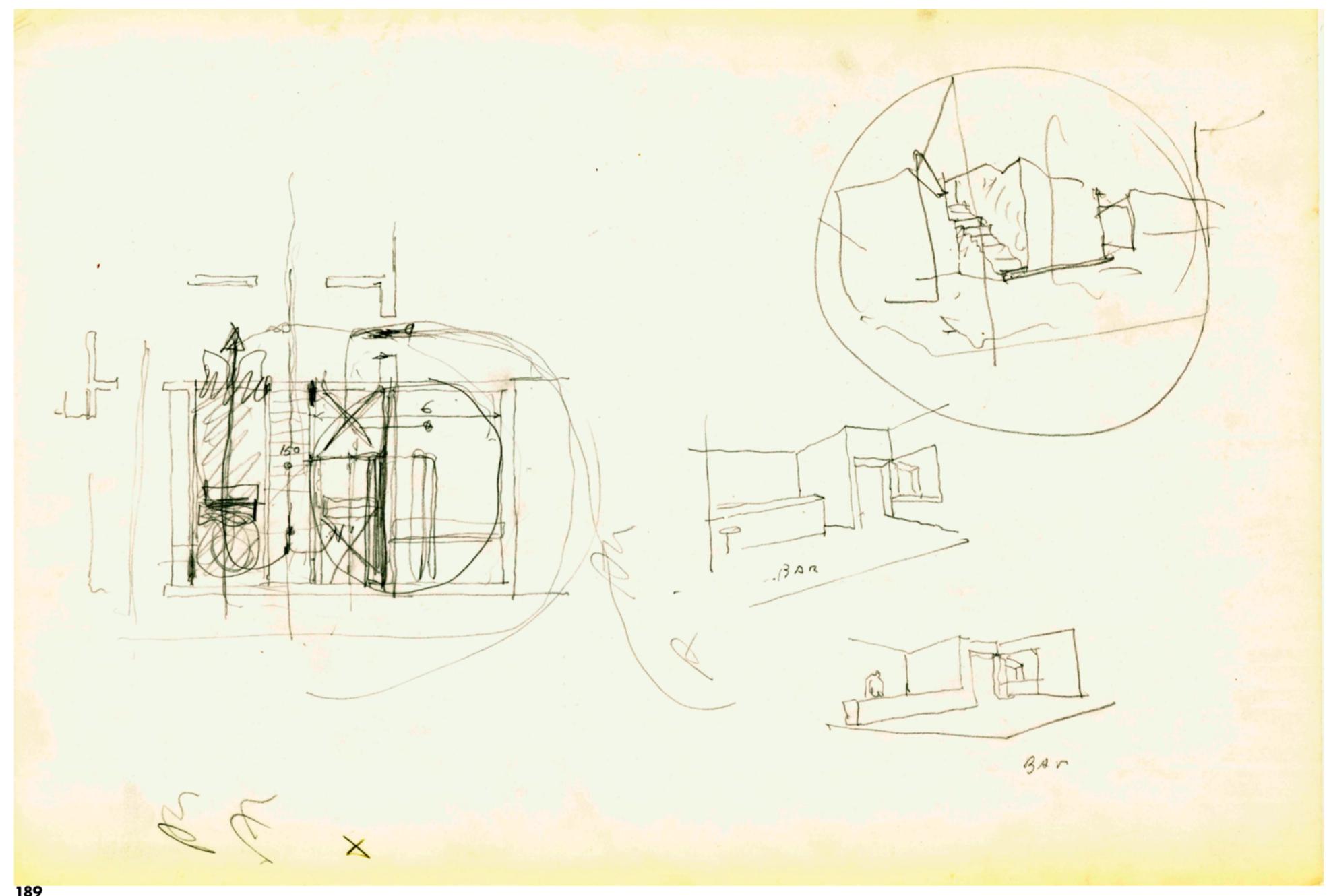






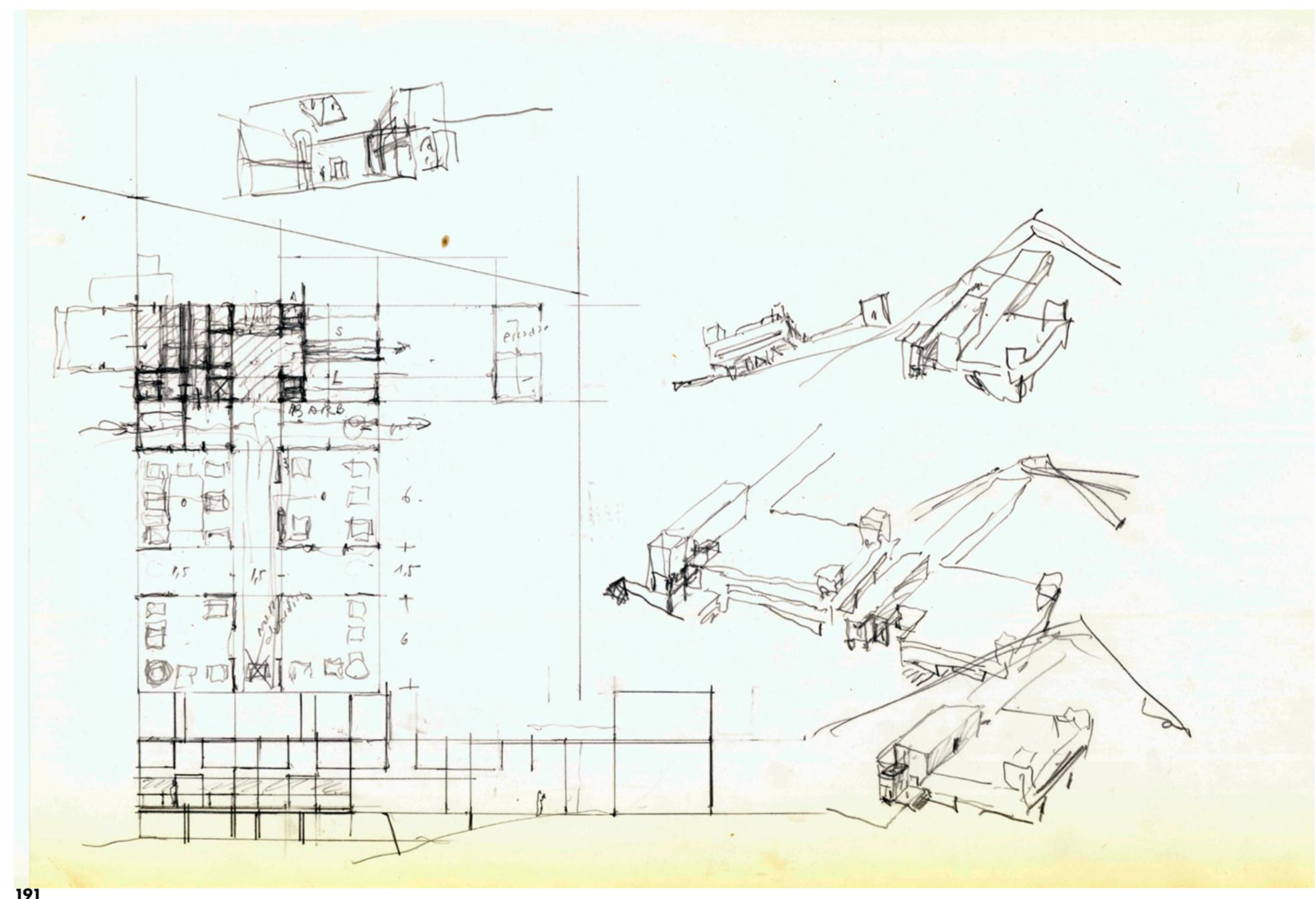
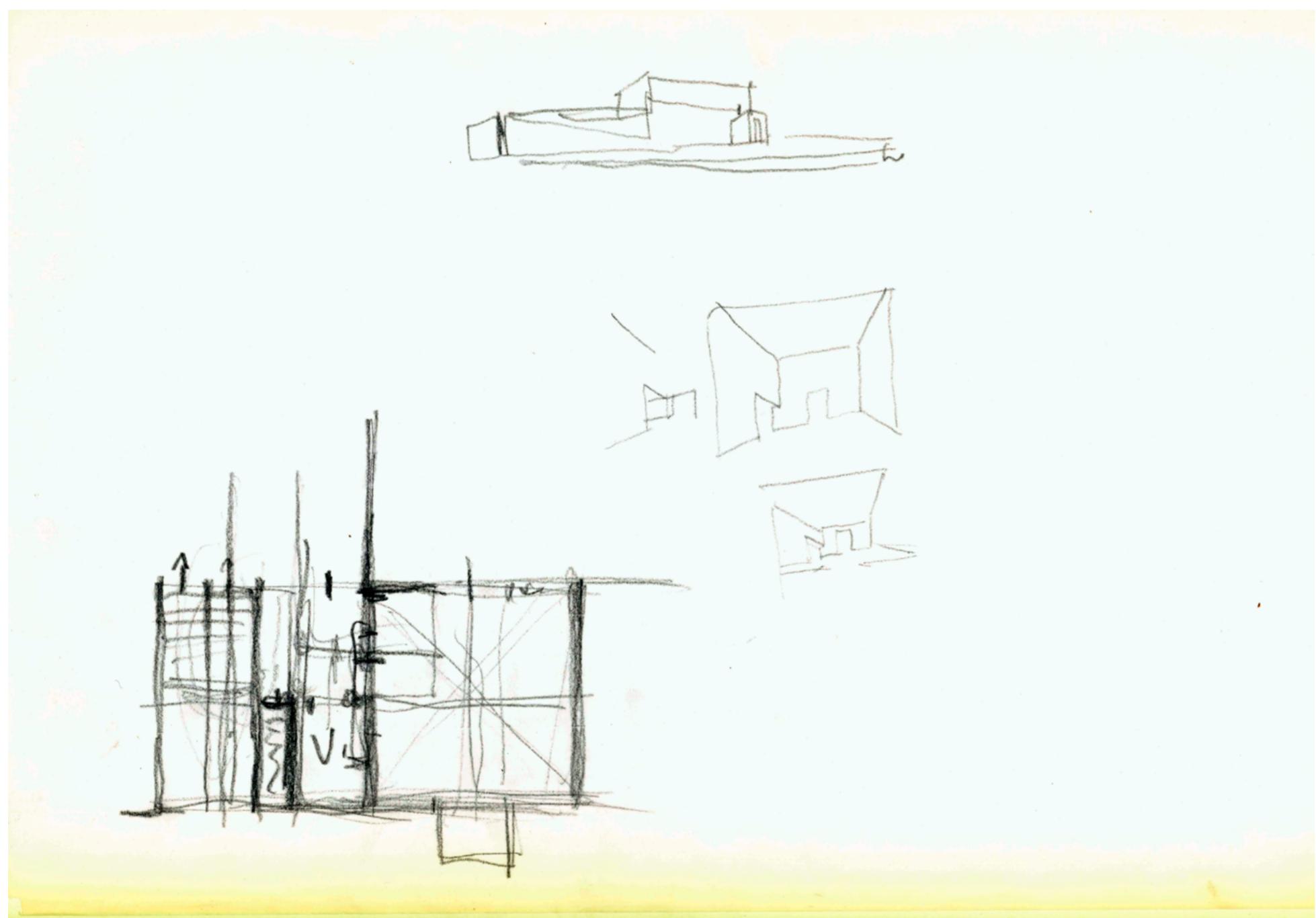
página  
166

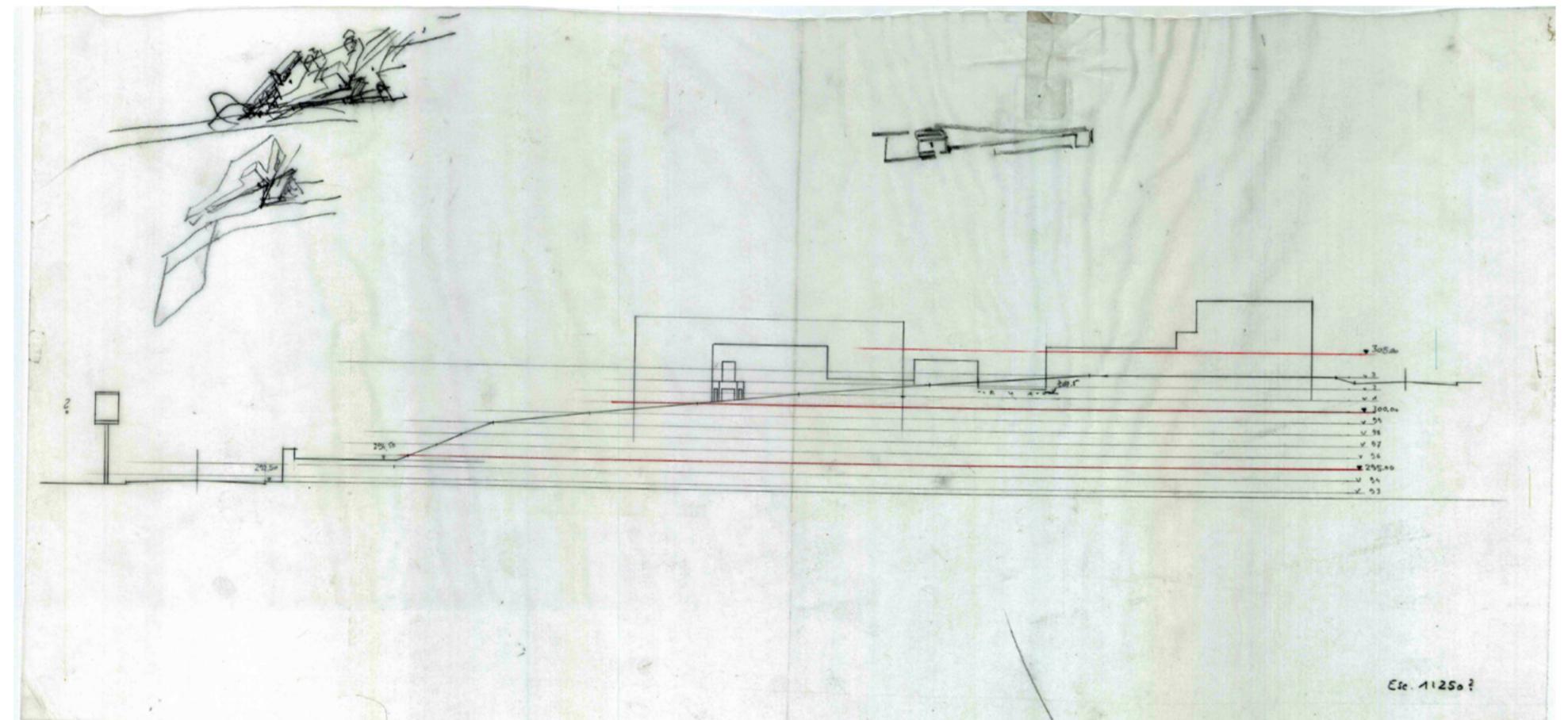
188

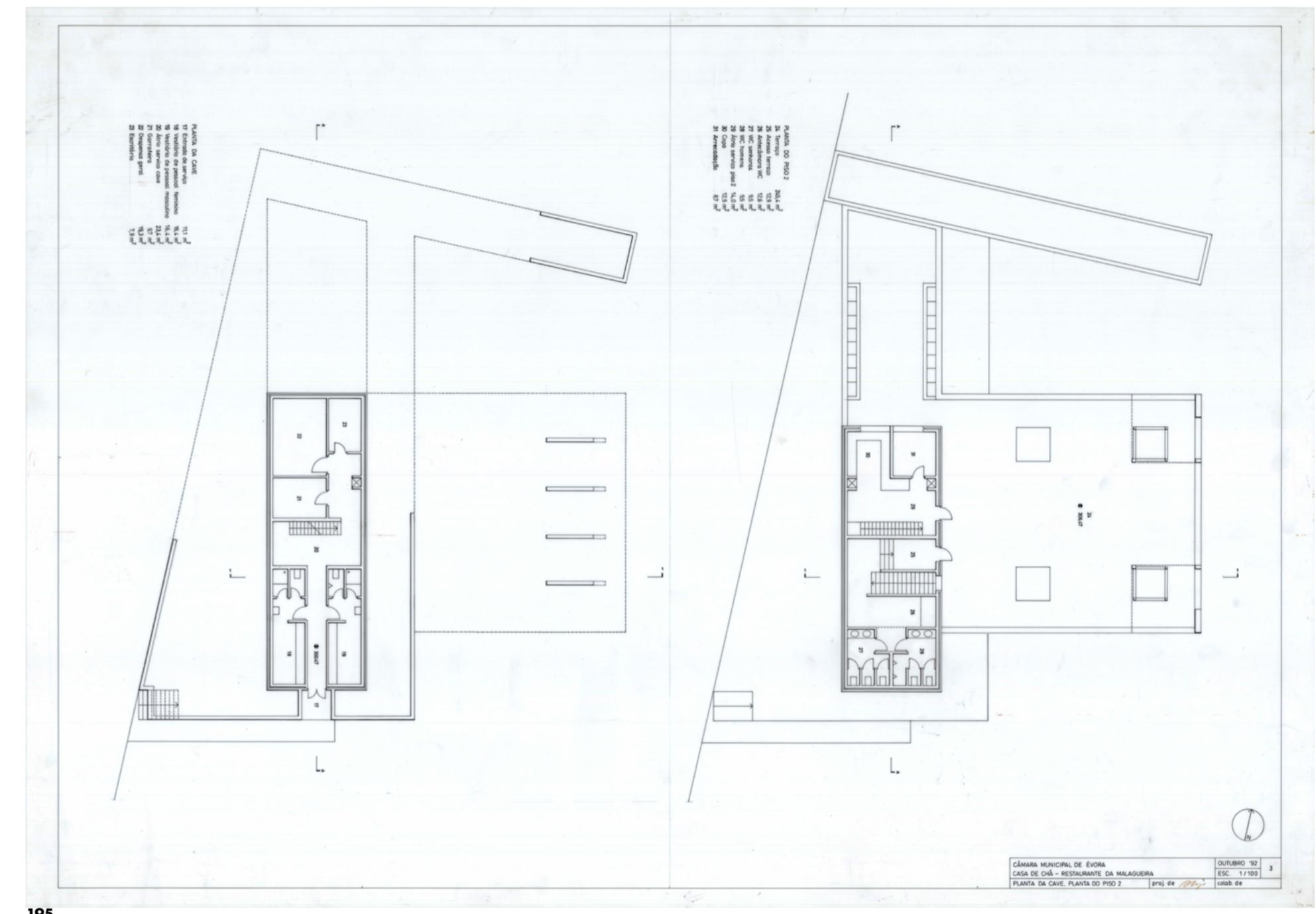
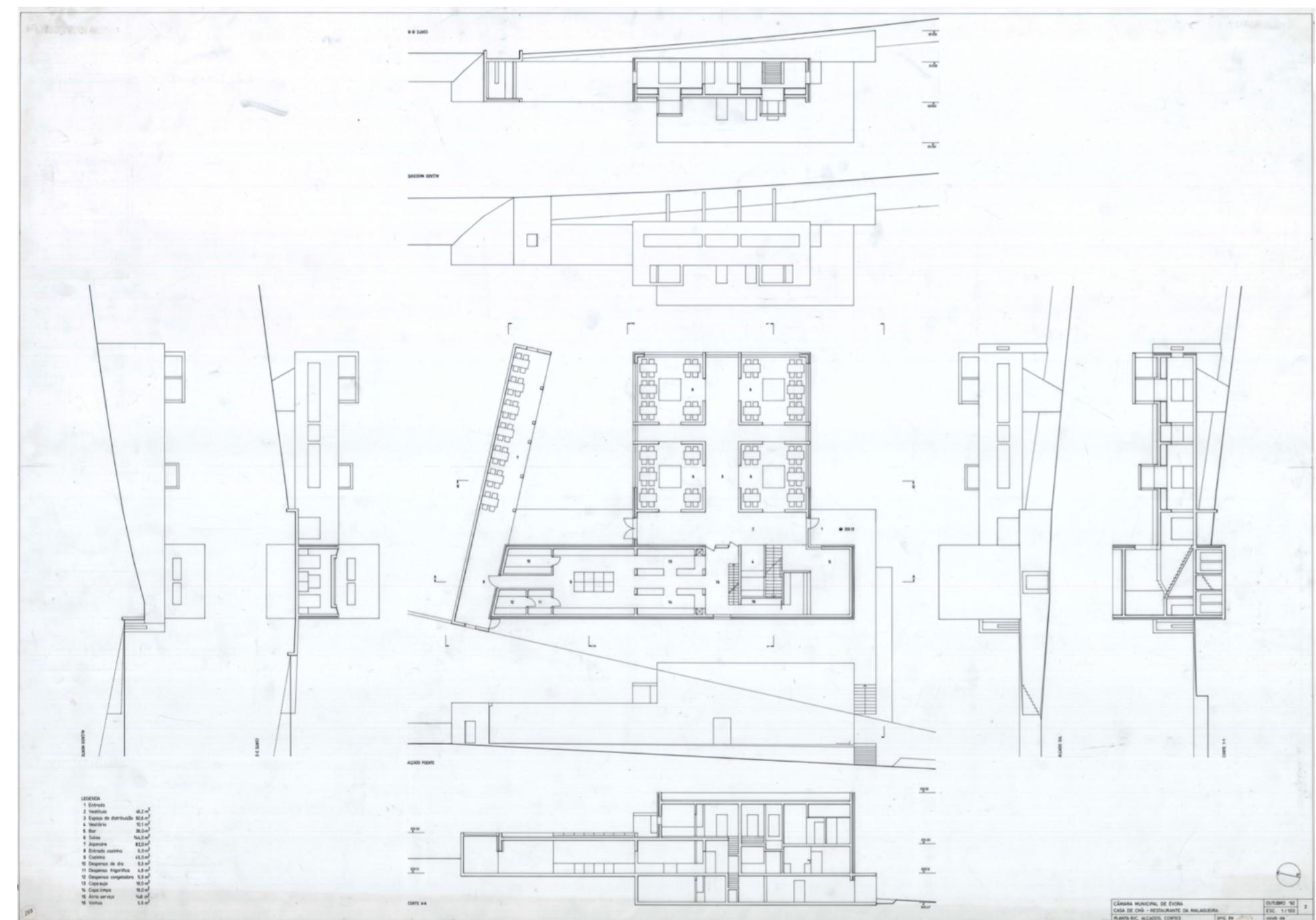


página  
167

189







## 04. O QUE NUNCA FOI

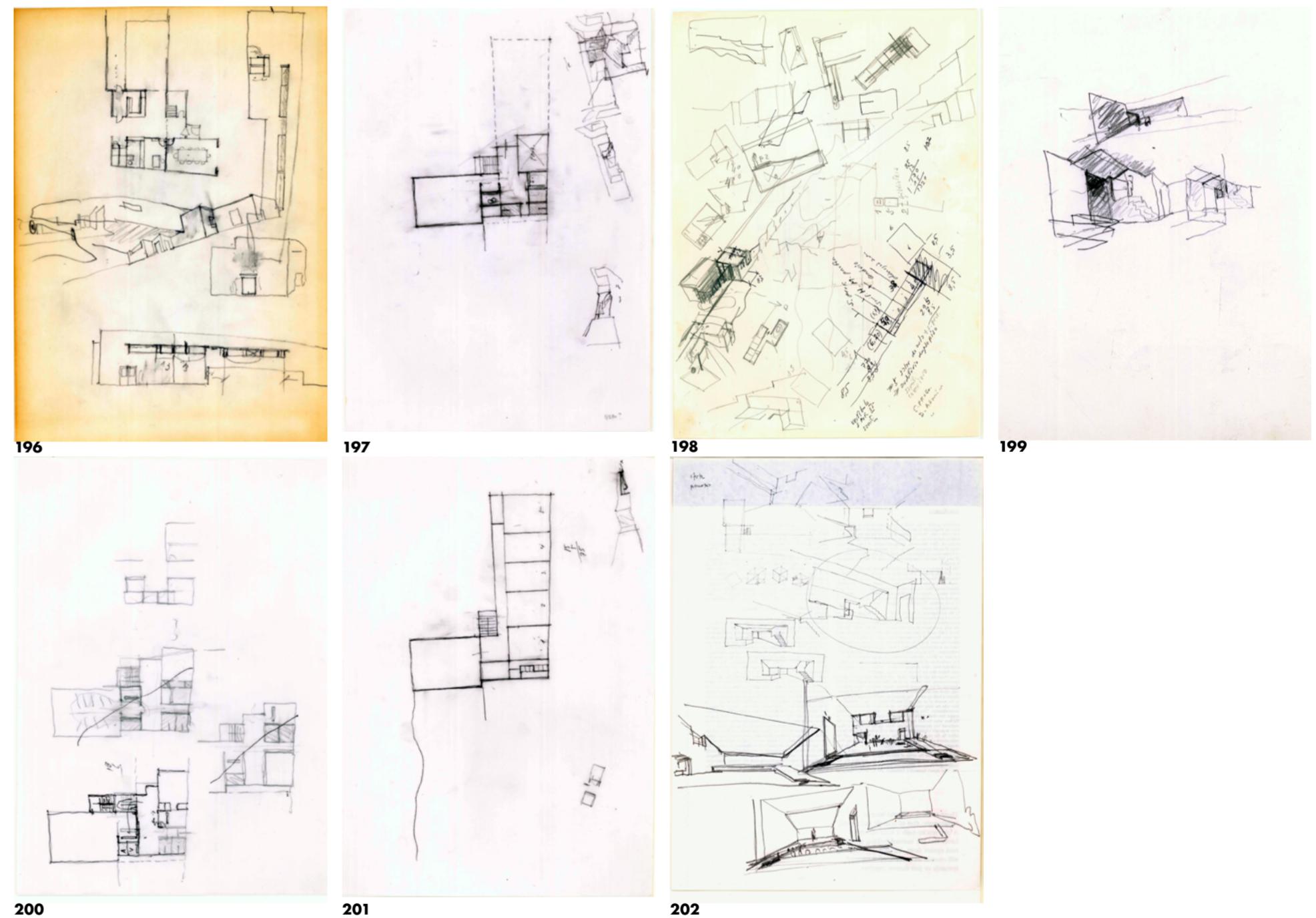
### 04.3 TERCEIRA FASE (1986-1993)

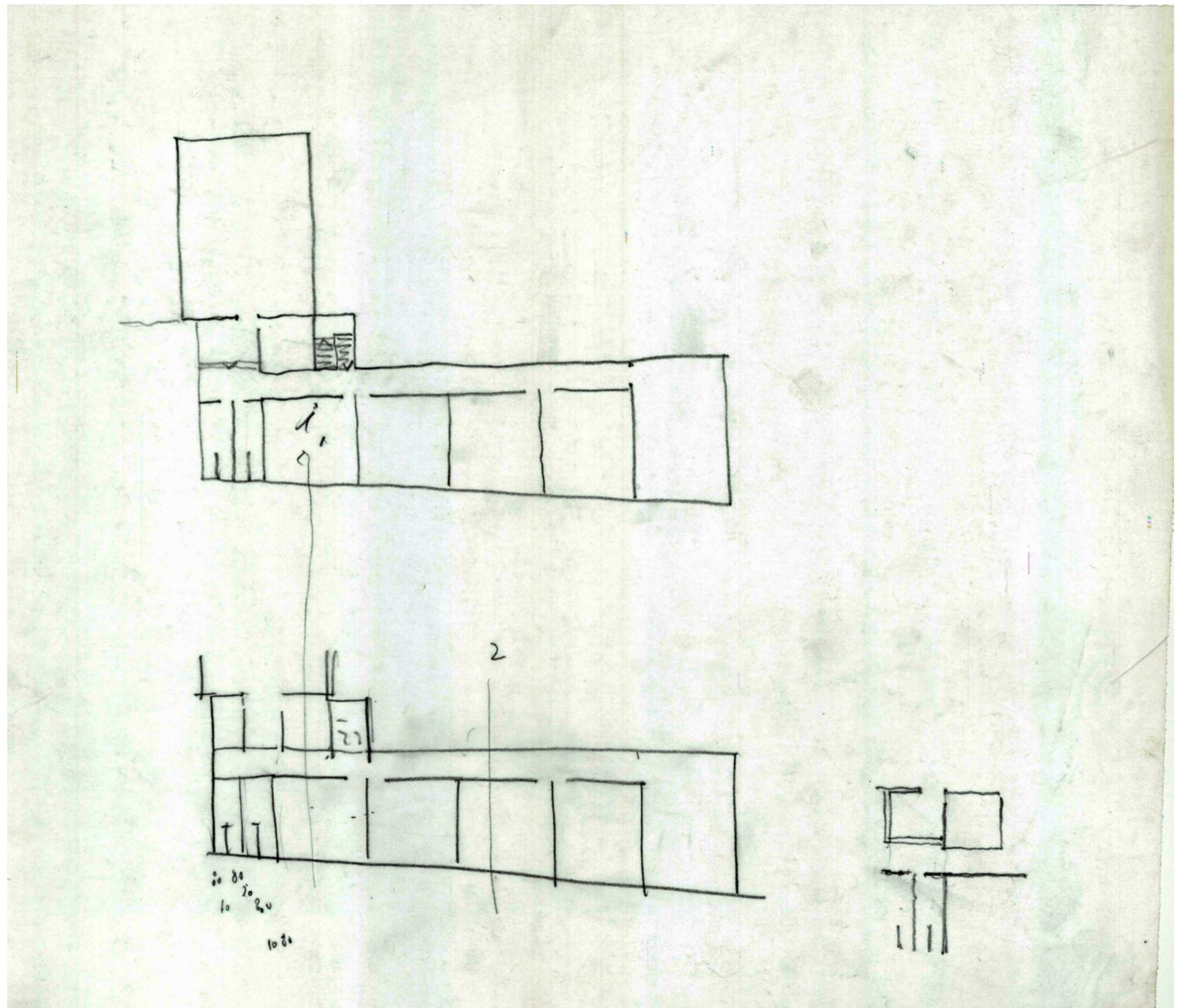
#### IV. ESCOLA DE LÍNGUAS

O projecto para uma Escola de Línguas na Malagueira foi executado por Álvaro Siza no final de 1992, a partir de uma iniciativa privada. Implantar-se-ia na sequência de habitações de tipologia especial, a cargo da Cooperativa Giraldo Sem Pavor, na Avenida do Dique — eixo norte-sul — rematando o topo norte desta banda habitacional.

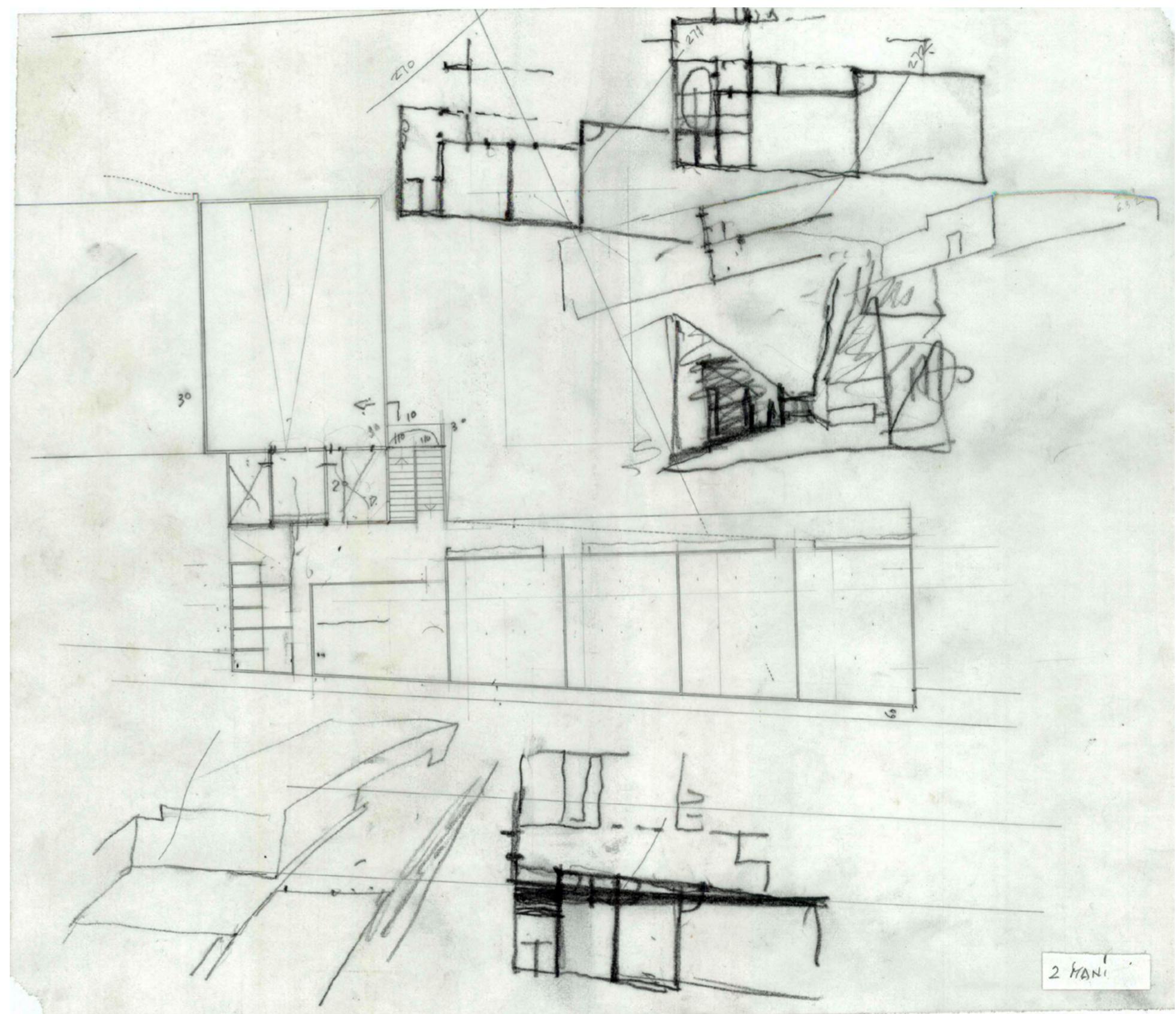
O edifício formaria um «L», distribuído em dois pisos, em que o braço mais curto se agarraria à fachada lateral da habitação pré-existente, mantendo a mesma cota de céreca. O braço mais longo atinge uma céreca 1.75m superior à anterior. Este braço que se relacionaria com os moinhos da Malagueira e com o local de implantação do apart-hotel, soltar-se-ia do solo com o intuito de permitir a sua permeabilidade, ligando o «Casão» — supermercado englobado no plano da Malagueira, também executado por Álvaro Siza — ao bairro da Malagueira através do percurso pedonal consolidado pelo paredão do dique.

Este edifício contém um bar, um auditório, duas salas para a direcção e administração e uma sala para professores no piso térreo. No piso superior encontram-se cinco salas de aula e as instalações sanitárias. O piso 0 tem um pé-direito constante de 3 metros, enquanto o piso superior, graças ao declive da cobertura, tem um pé-direito que varia entre os 3.75 e os 2.30 metros. A única excepção é o auditório, que, por ter um pé-direito duplo, garante um total de 5.30 metros de pé-direito livre.

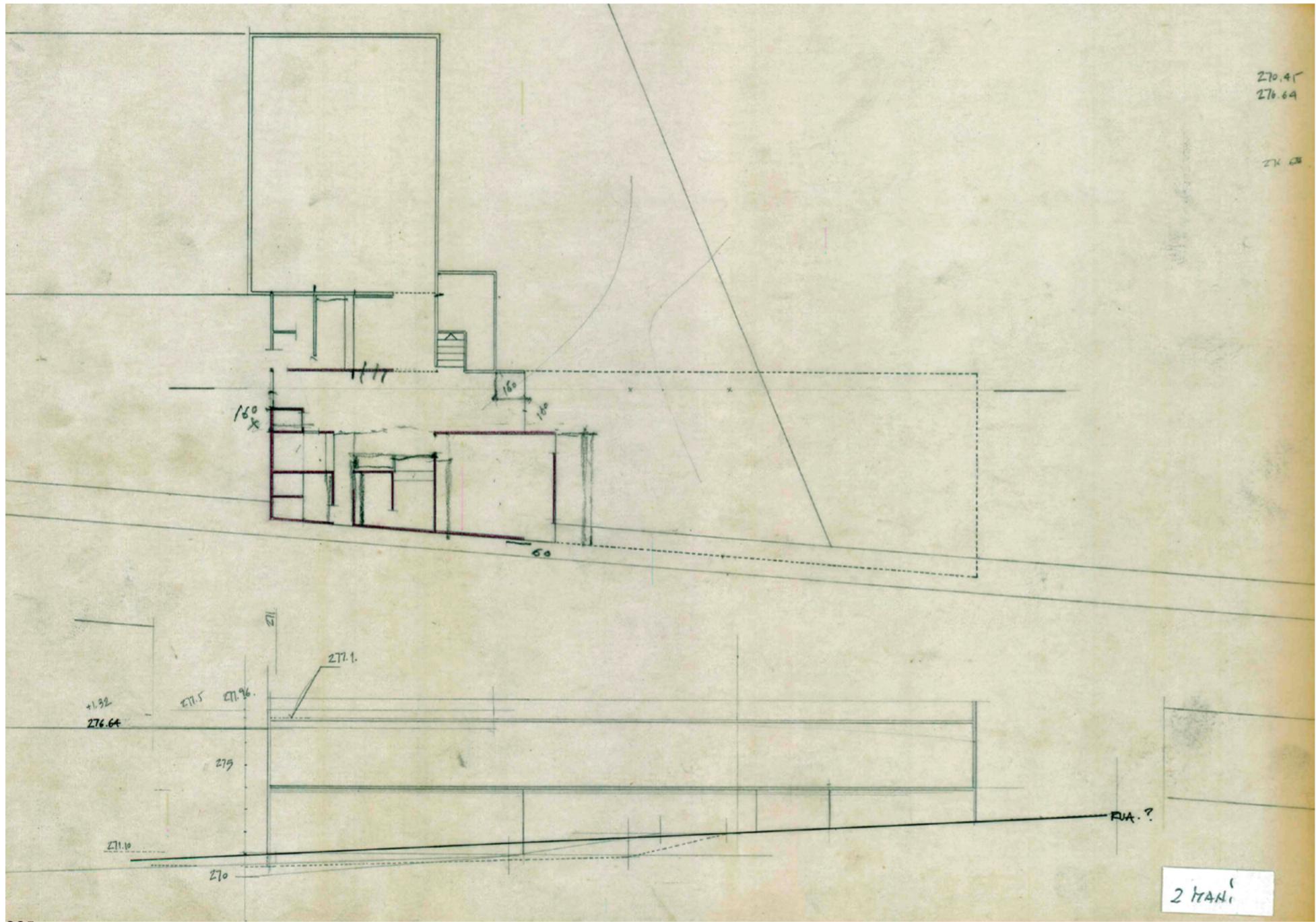




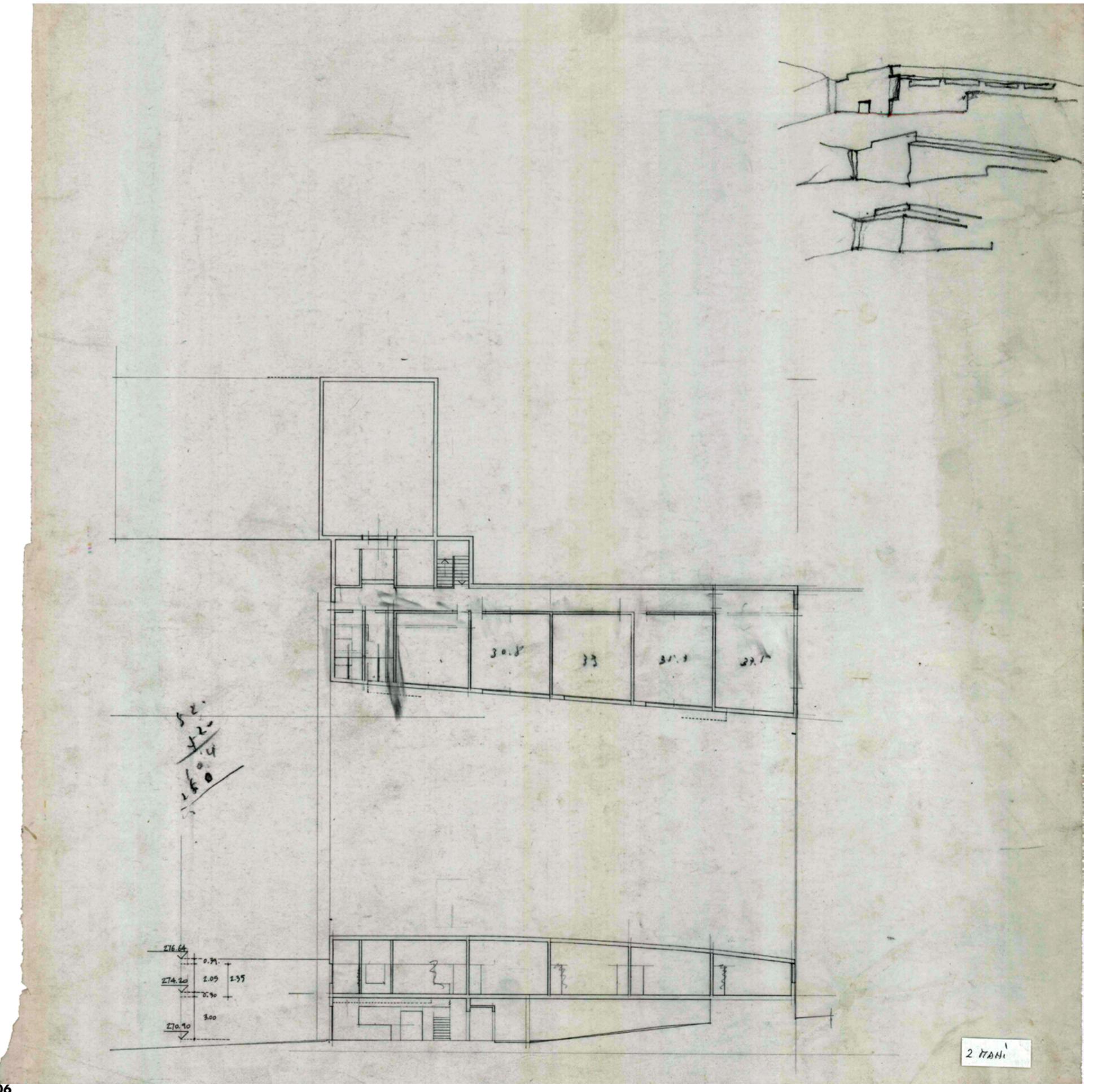
203



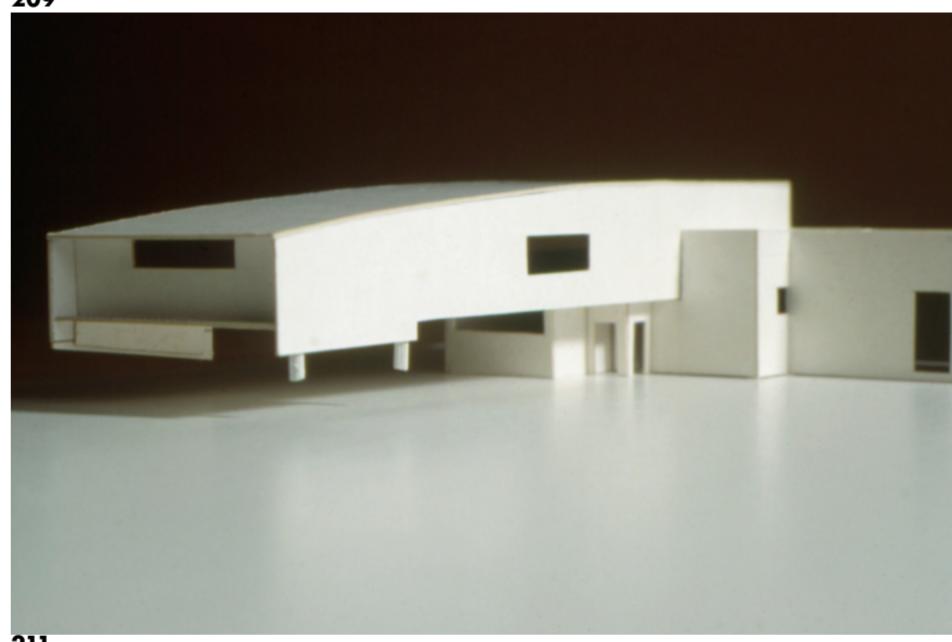
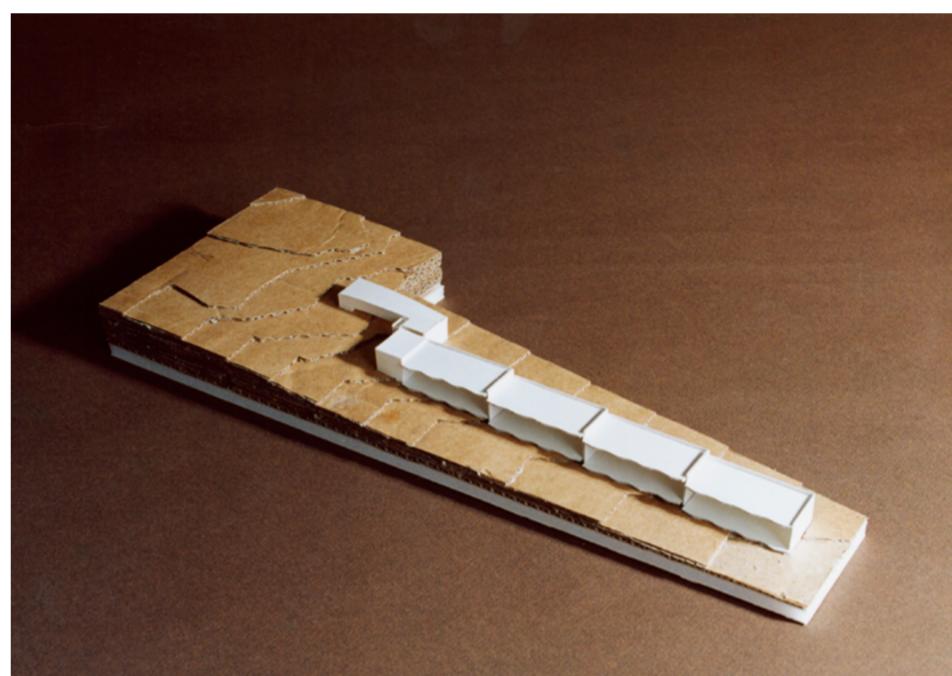
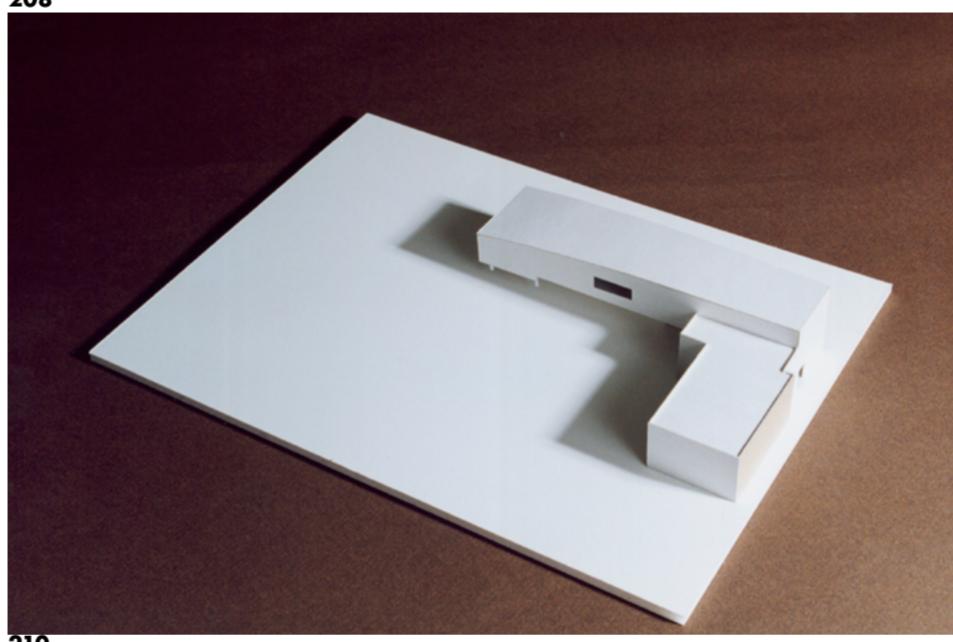
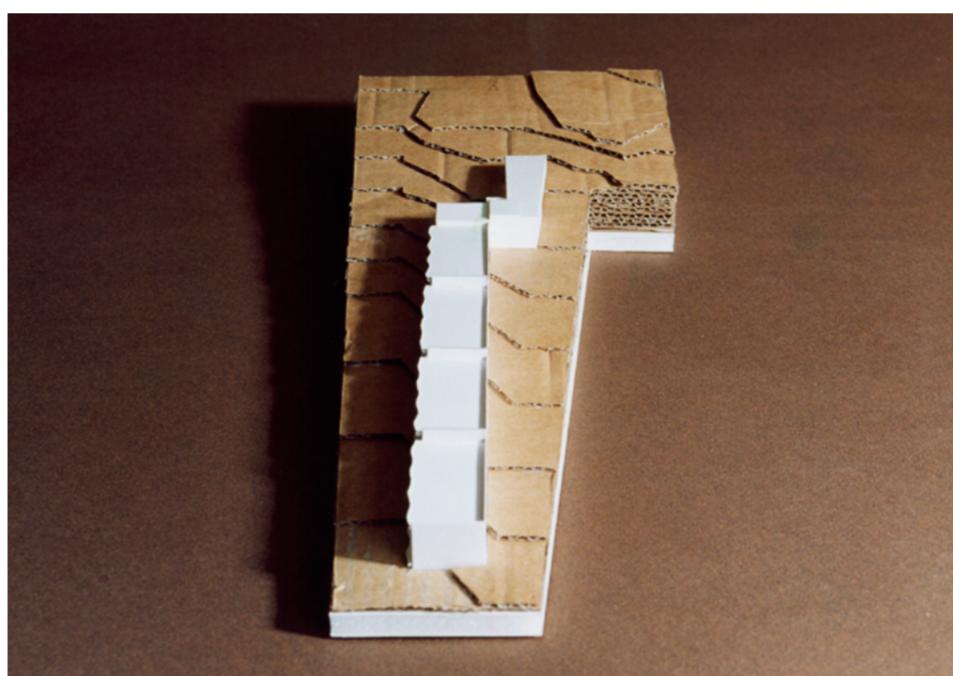
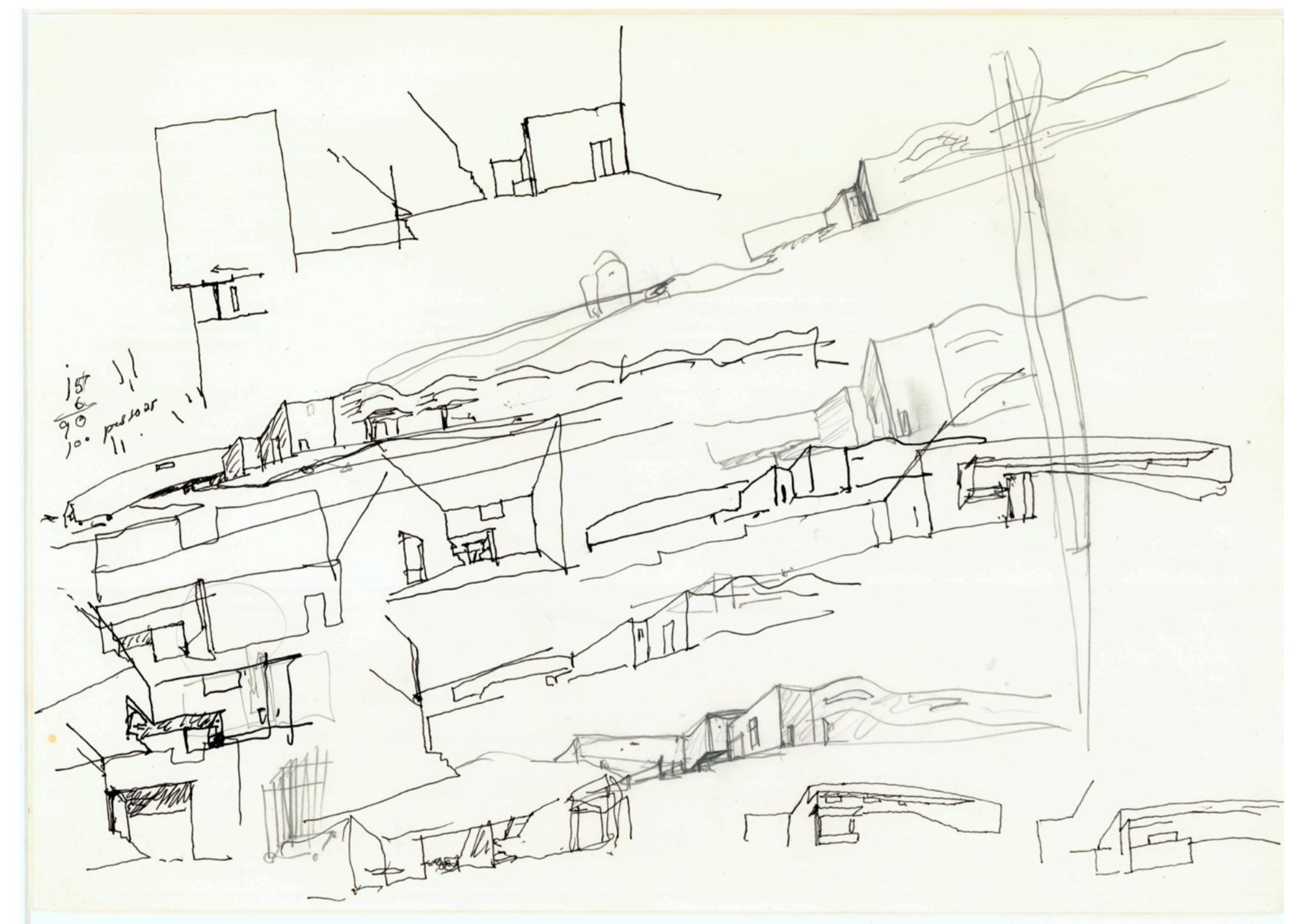
204

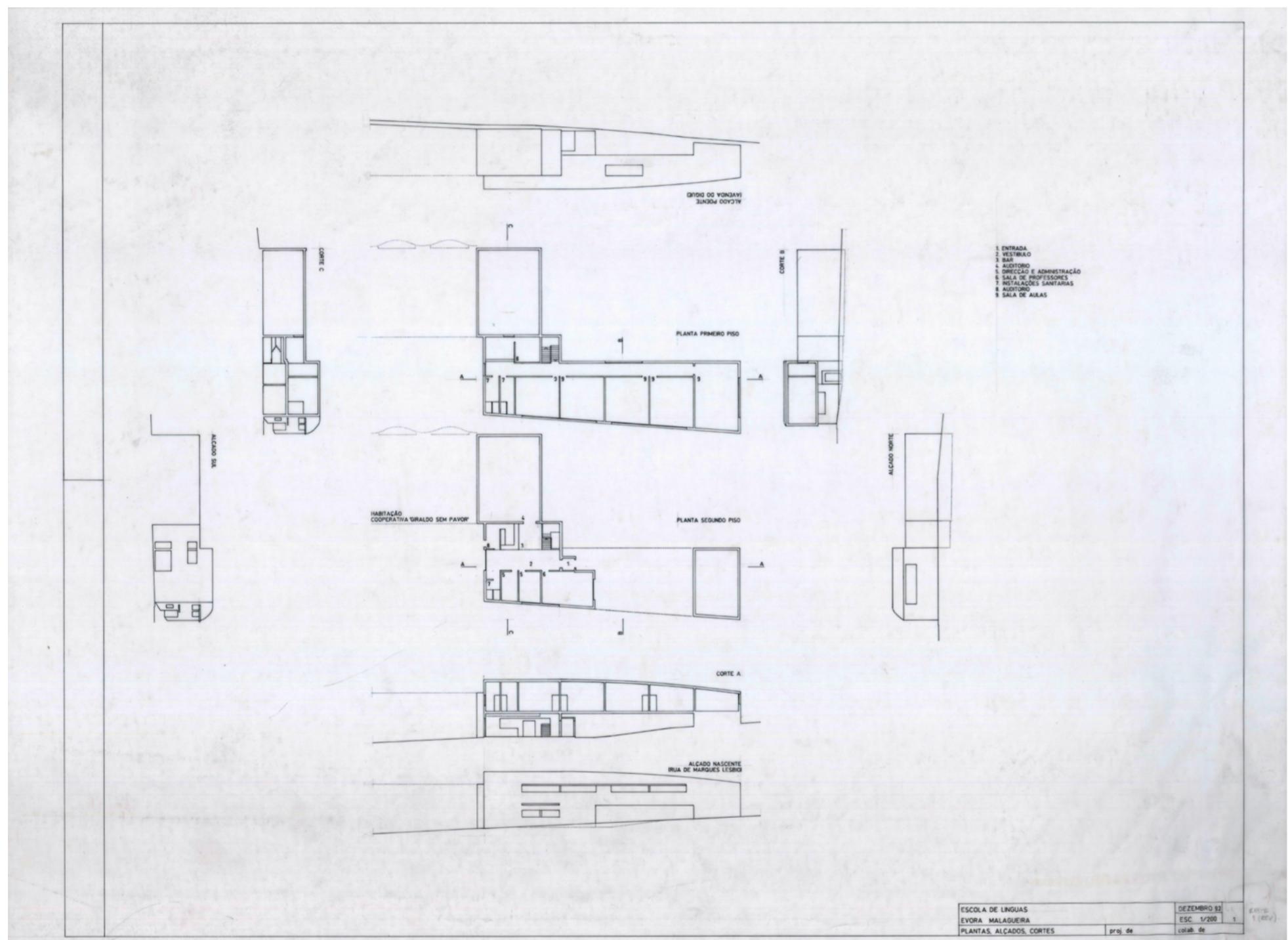


205

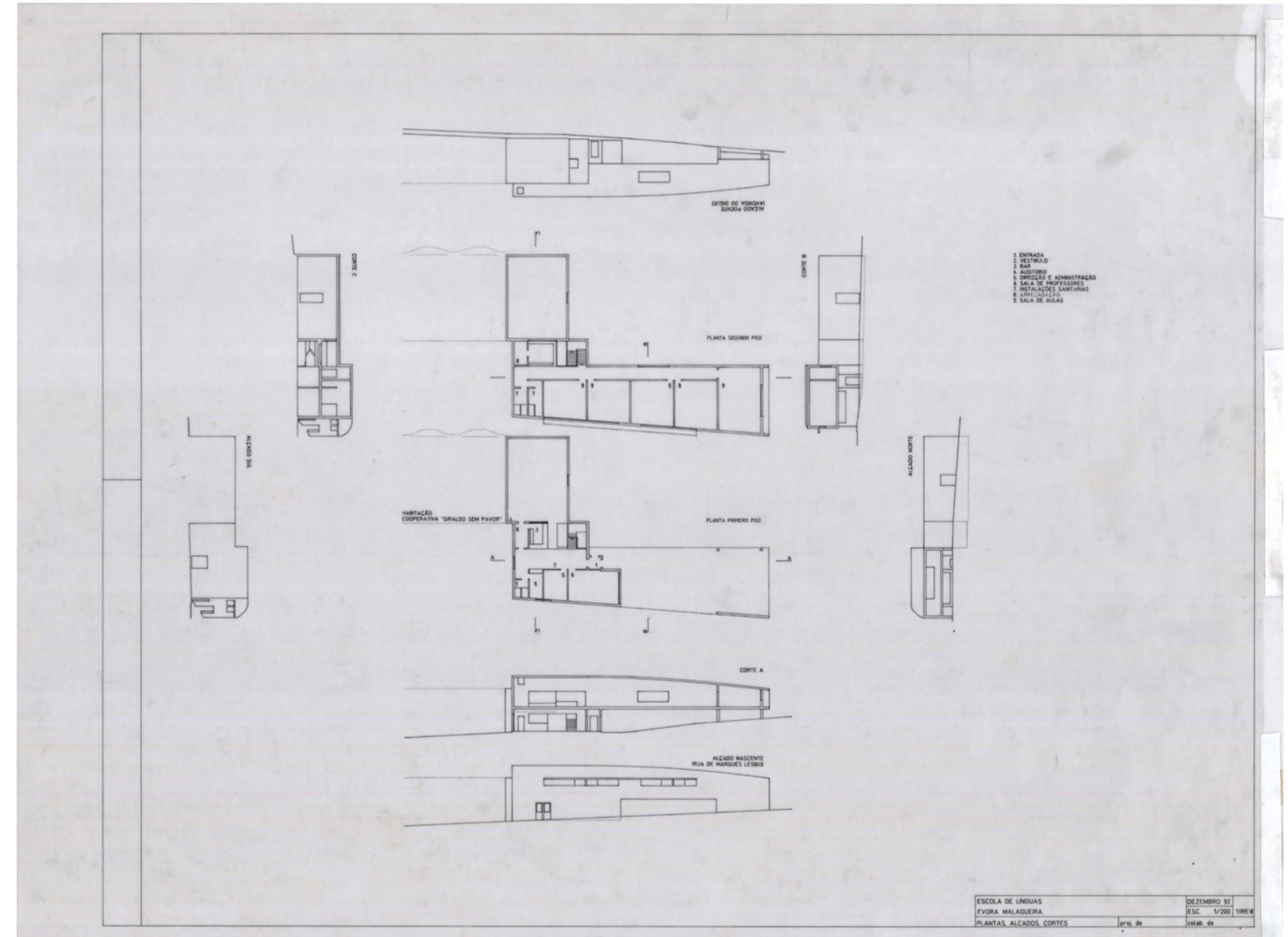


206





212



213

## 04. O QUE NUNCA FOI

### 04.4 OUTRAS FASES (1994- )

Em 1994, a construção das habitações do bairro da Malagueira já era feita com um ritmo mais lento.<sup>73</sup> Até 1996, a Cooperativa Giraldo Sem Pavor construiu os últimos fogos de tipologia D<sup>74</sup> nos sectores norte e oeste do bairro da Malagueira.

Nesta fase, Nuno Ribeiro Lopes já não acompanhava a construção da Malagueira a tempo inteiro porque «praticamente já não havia obras, ou havia muito pouco, e não valia a pena estar a cem por cento e transito[u] para a câmara»<sup>75</sup> como gestor do gabinete de obras da CME.

Durante este período ainda foram projectadas duas tipologias especiais.<sup>76</sup> Uma em 1994 [214] — que não chegou a ser construída —, para um lote livre, para onde também foi projectado o Restaurante/ Casa de Chá (1992). Esta tipologia seria aplicada ao projecto de vinte casas, que seriam dispostas em banda. Correspondiam a T4s, com garagem própria num volume que desenha a entrada para o lote, libertando um pátio entre o volume de garagens e a habitação, sendo a cobertura das garagens um terraço acessível. A outra tipologia foi projectada e construída em 1997 e 1998 [215], e encontra-se implantada no sector norte, junto às piscinas públicas de Évora. Esta tipologia constitui-se em duas bandas justapostas, diferenciadas por uma incluir garagem própria e outra não. Porém, ao contrário da tipologia anterior, as garagens nesta tipologia encontram-se incorporadas no volume da habitação, libertando um pátio na parte traseira.

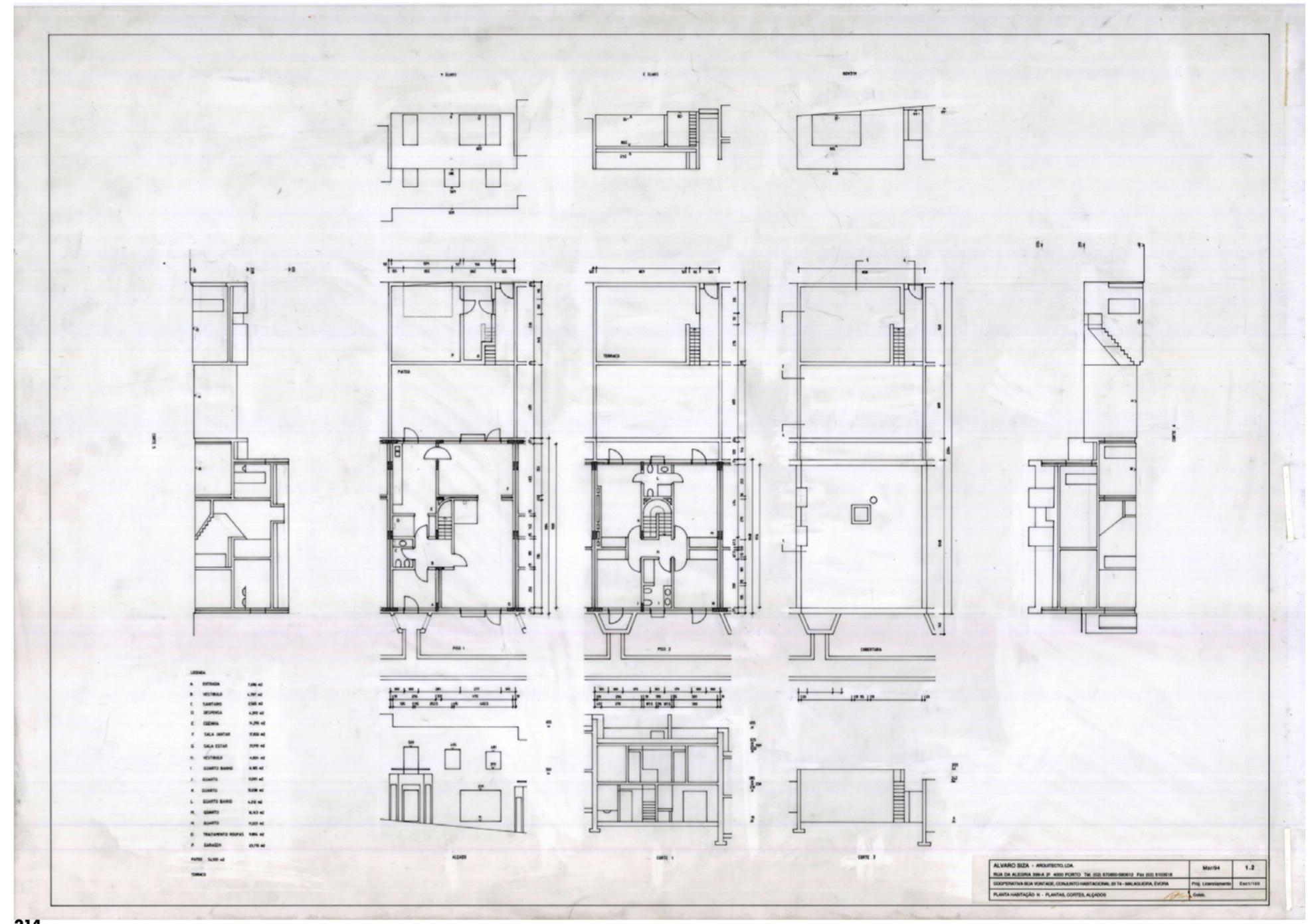
Durante estas fases, foram desenvolvidos os projectos para três elementos que nunca chegaram a ser construídos: a Clínica Médica, a Semicúpula (estudo prévio) e a Sede da Cooperativa Boa Vontade (licenciamento).

<sup>73</sup> «Eu estive ligado à Malagueira até 1996, acompanhando as diferentes fases. Quando saí dos moinhos em 1988, creio eu, praticamente já não havia obras, ou havia muito poucas.» Declaração do arquitecto Nuno Ribeiro Lopes em entrevista ao autor a 27 de Agosto de 2015.

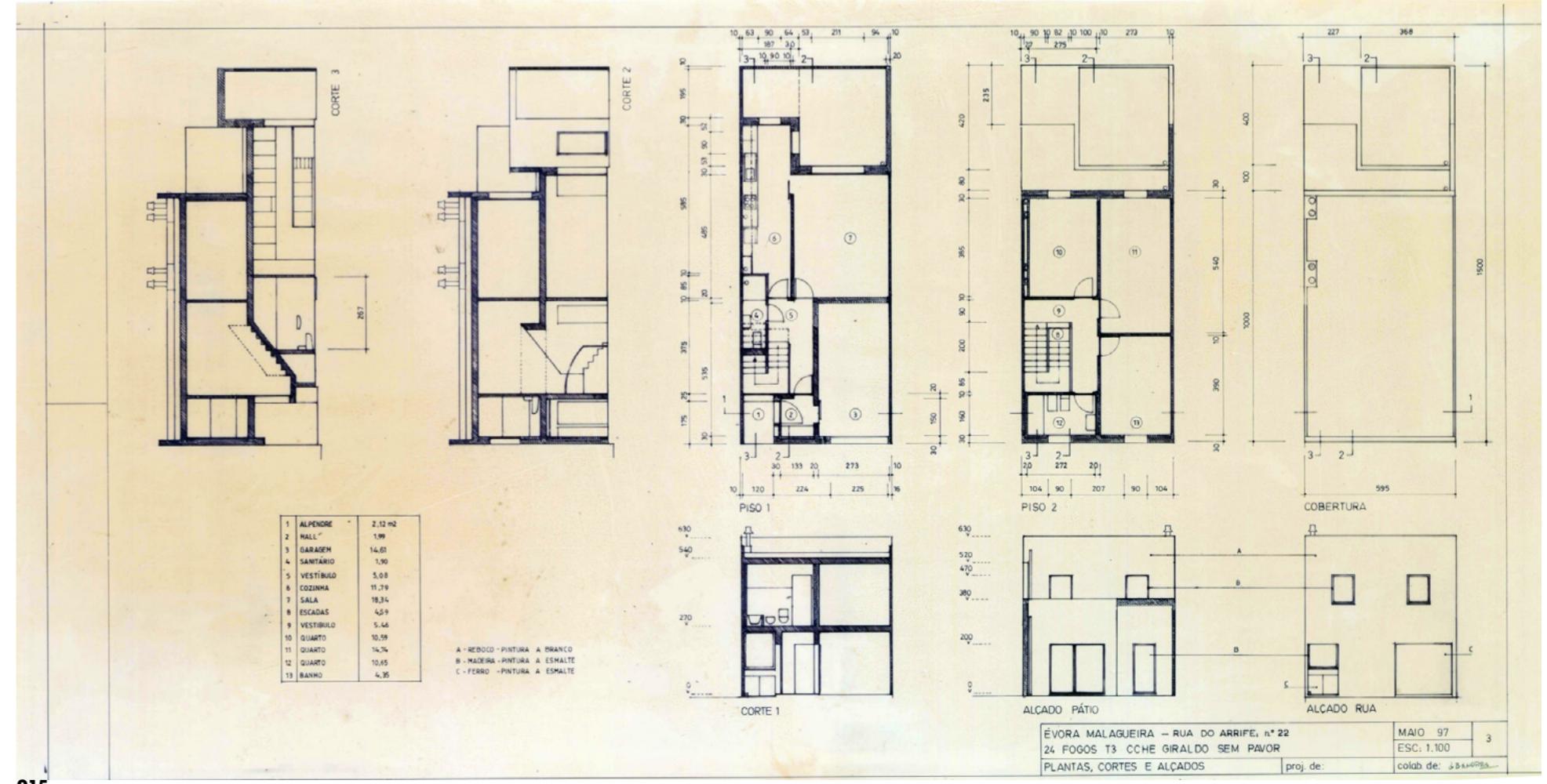
<sup>74</sup> DUARTE, José Pinto, *Personalizar a habitação em série: uma gramática discursiva para as casas da Malagueira do Siza*, Lisboa, Fundação Colouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2007, p. 105.

<sup>75</sup> Declaração do arquitecto Nuno Ribeiro Lopes em entrevista ao autor (ver anexo p.000).

<sup>76</sup> DUARTE, José Pinto, *Personalizar a habitação em série: uma gramática discursiva para as casas da Malagueira do Siza*, Lisboa, Fundação Colouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2007, p. 94-95.



214



215

## 04. O QUE NUNCA FOI

### 04.4 OUTRAS FASES (1994- )

#### I. CLÍNICA MÉDICA

A encomenda para uma Clínica Médica no bairro da Malagueira foi feita pela Cooperativa Giraldo Sem Pavor, tendo o projecto sido desenvolvido por Álvaro Siza entre Março e Junho de 1997.

Dado o facto do projecto da Escola de Línguas não ter sido continuado, foi proposto que o novo equipamento ocupasse o seu lote de implantação, e o novo projecto acaba por manter uma volumetria praticamente idêntica ao projecto da Escola de Línguas. A maior diferença entre os dois encontra-se no facto de não haver uma variação na céreza do novo projecto, mantendo-se o volume homogéneo. A outra diferença é a de, para além de conter a entrada principal no piso térreo, conter um outro acesso ao piso superior por via de uma escada, a nascente.

Devido ao facto de não existir qualquer documentação na DGU<sup>77</sup> sobre este projecto, e dos desenhos presentes no arquivo da *Drawing Matter* serem bastante incompletos e não estarem legendados, tornou-se difícil decifrar a distribuição do programa pelo edifício. O que parece mais evidente é a substituição das salas de aula por células mais pequenas que parecem tratar-se dos consultórios.

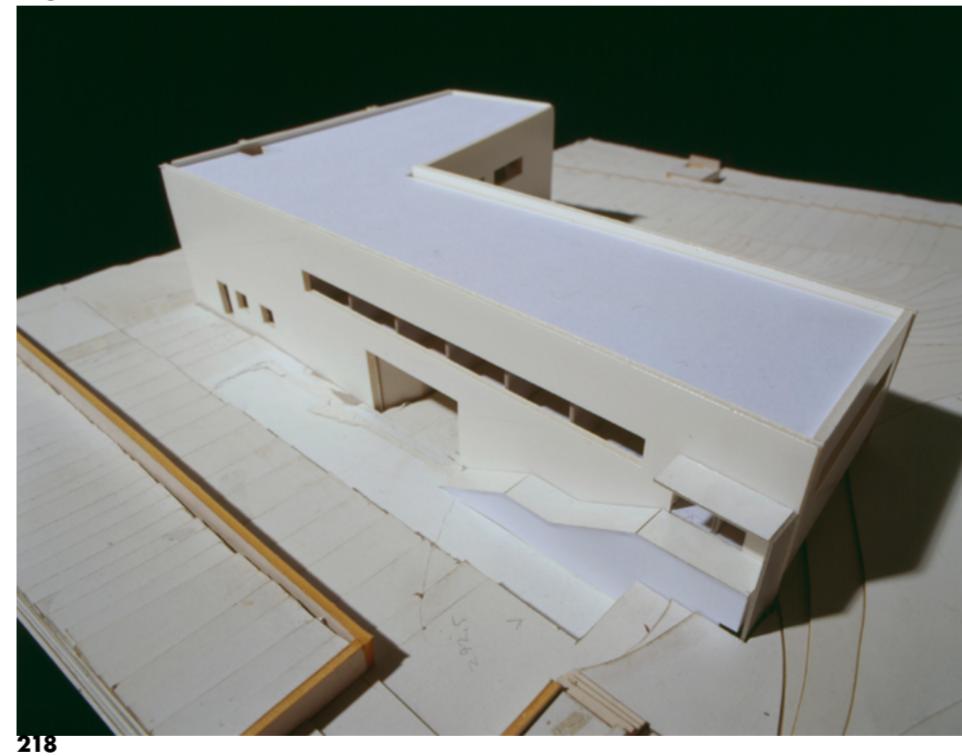
<sup>77</sup> Divisão de Gestão Urbanística – Obras Particulares da Câmara Municipal de Évora.



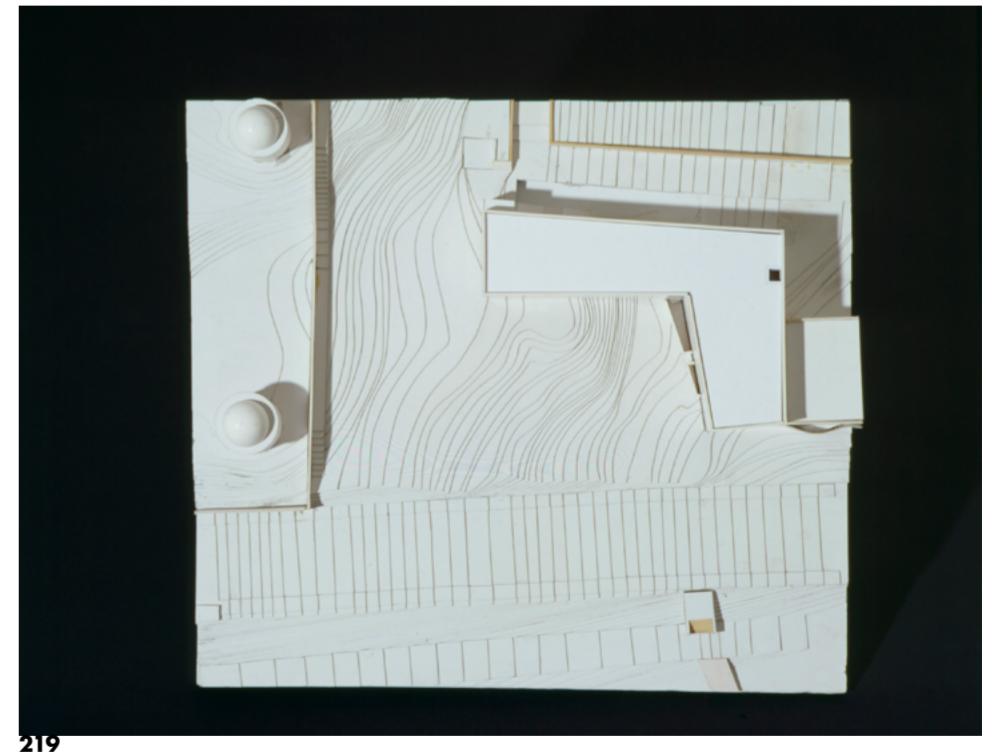
216



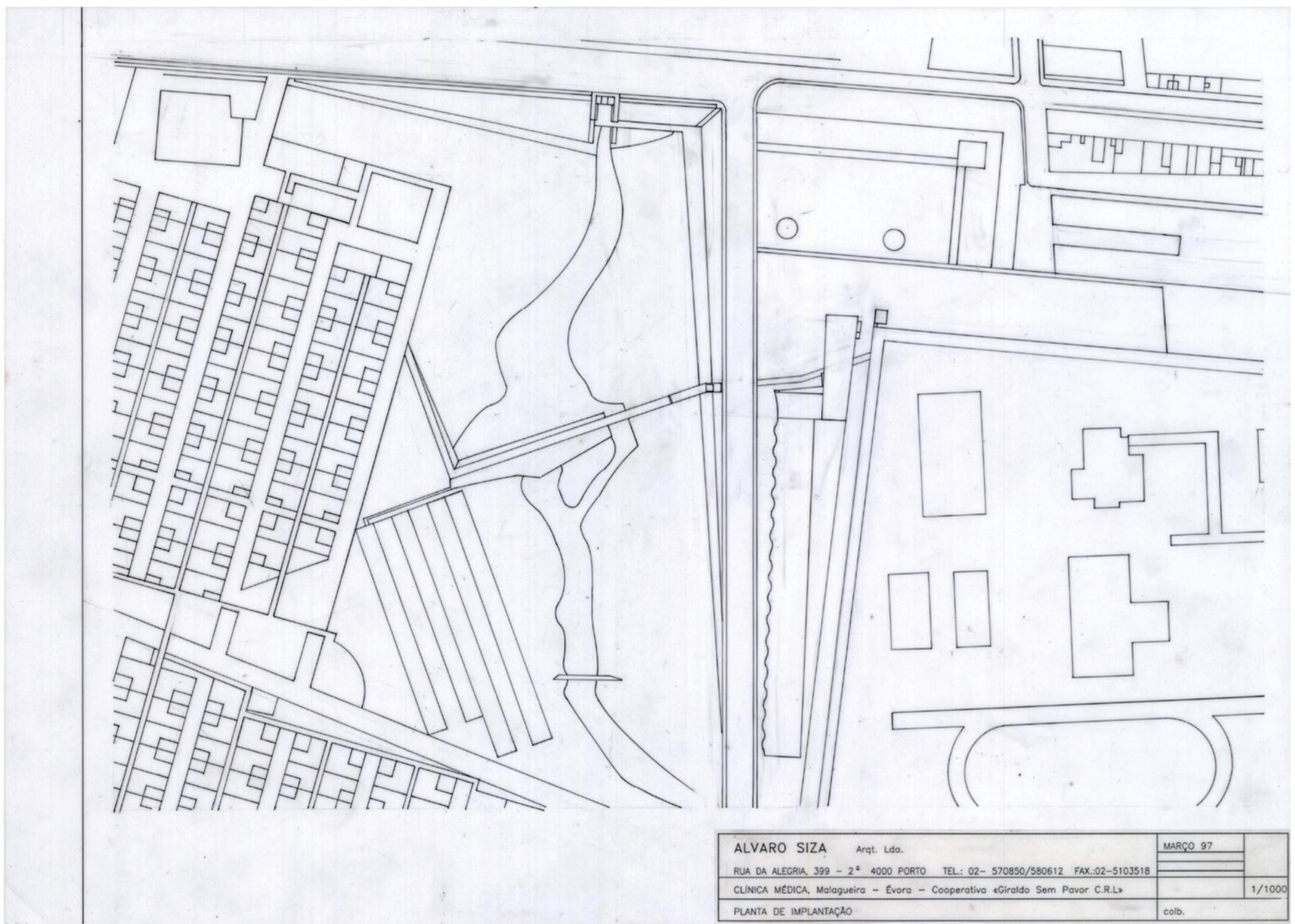
217



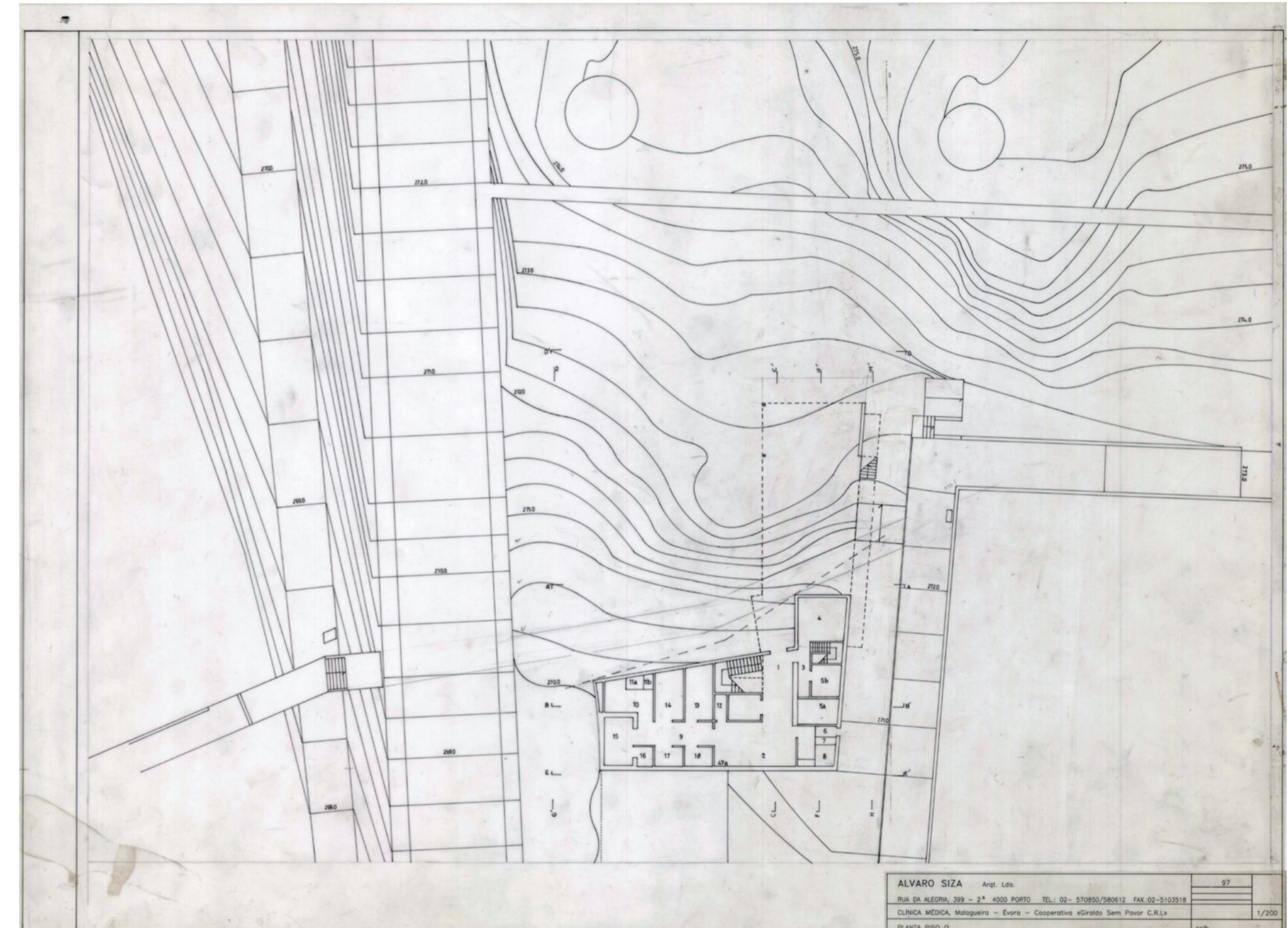
218



219

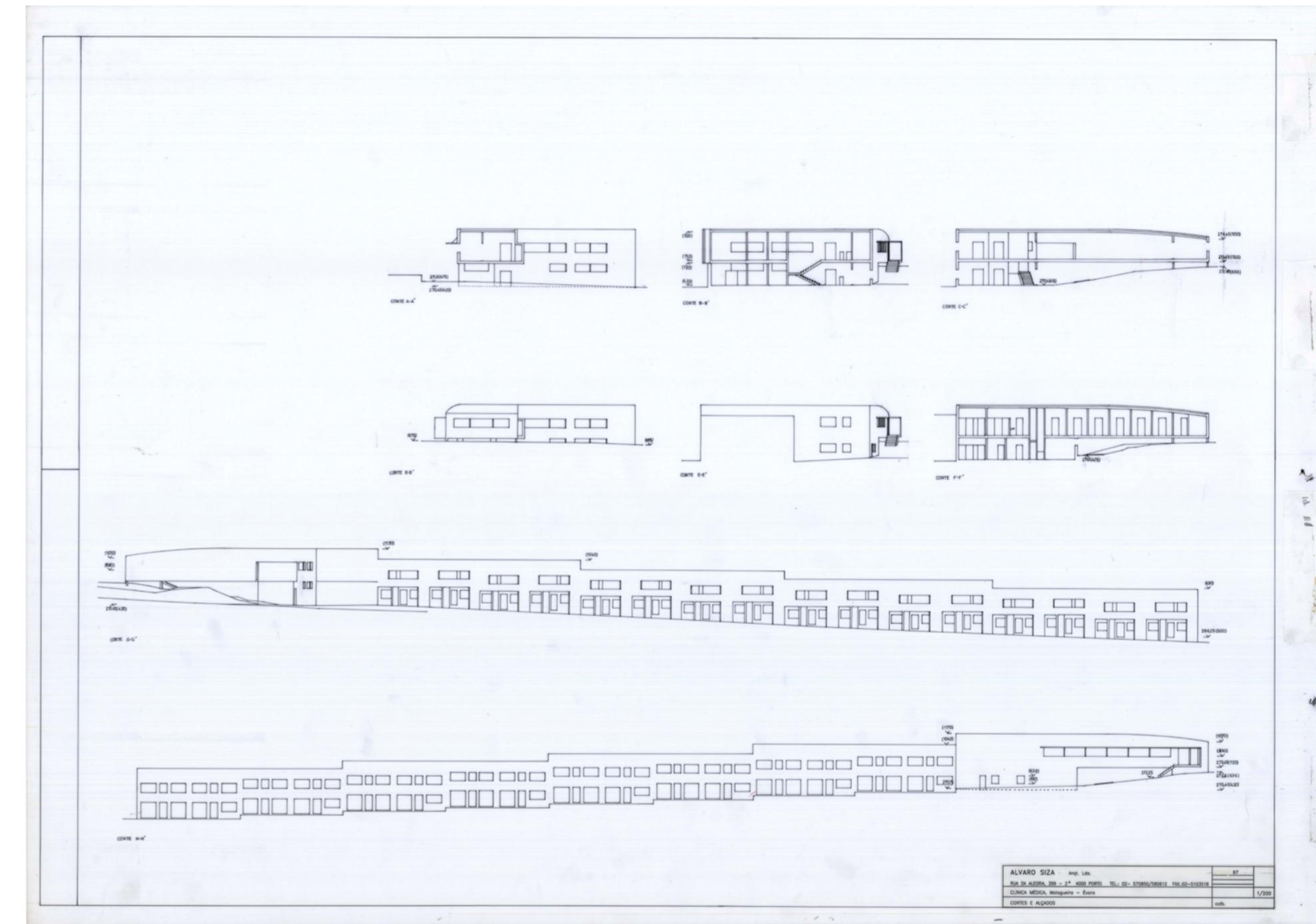
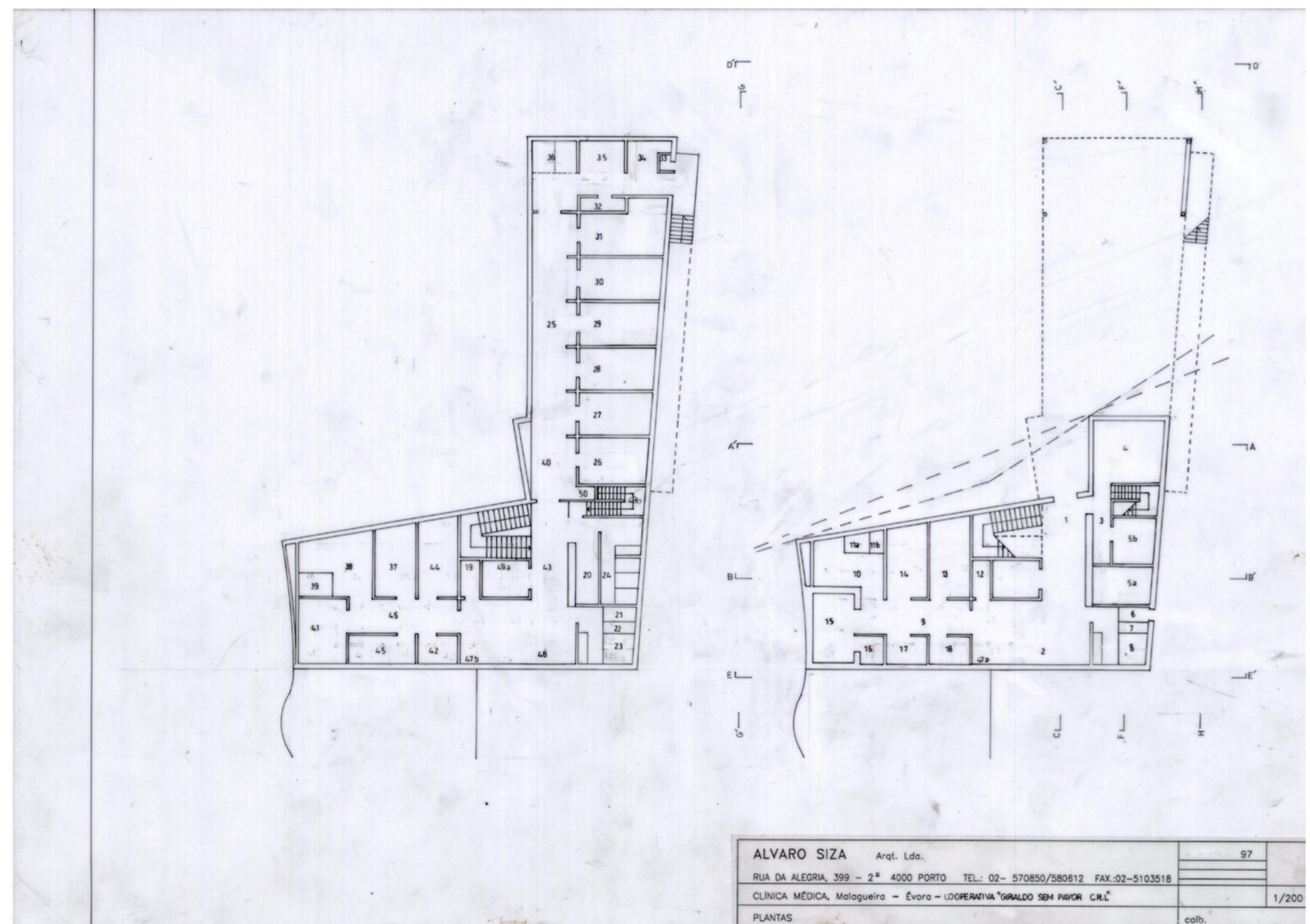


220



221

página  
189



## 04. O QUE NUNCA FOI

### 04.4 OUTRAS FASES (1994- )

#### II. SEMICÚPULA (ESTUDO PRÉVIO)

O Estudo prévio para a Semicúpula do Bairro da Malagueira e para os seus espaços adjacentes demonstra que este elemento se manteve uma constante durante todo plano da Malagueira. Esta versão, datada de Dezembro de 1999, inclui uma semicúpula apoiada em pilares e paredes portantes, bem como uma galeria sobrelevada que nasce a partir de um equipamento adjacente, uma cafetaria. Fazem parte também deste estudo, embora apenas como proposta volumétrica, dois espaços comerciais, um com cerca de 39 m<sup>2</sup> e outro com 226 m<sup>2</sup>.

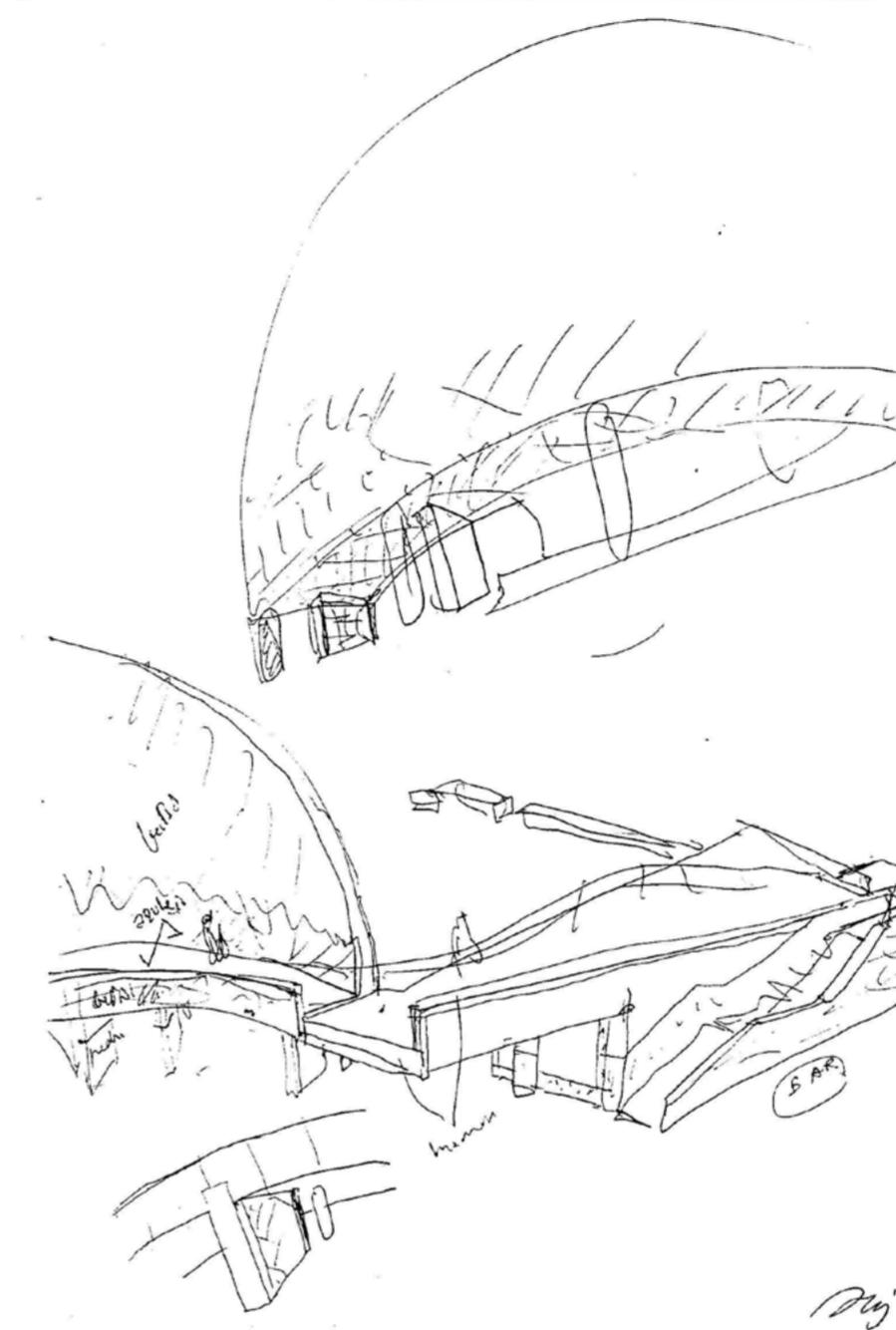
A cafetaria desenvolvia-se em dois pisos. No rés-do-chão teríamos o espaço de cafeteria, zona de serviço, cozinha, copa e dispensa de dia. Na cave, estariam localizados os sanitários públicos e uma zona de serviço que incluiria armazém, sanitários e vestiários para funcionários.

Construtivamente, tanto a cafeteria como a cúpula «serão construídos em betão branco aparente», sendo que a face exterior da Semicúpula seria « [...] revestida em toda a sua superfície a azulejo azul turquesa.»<sup>78</sup> Talvez o revestimento dos cones da cobertura da Sé Catedral de Évora tenha estado na origem do revestimento da parte convexa da Semicúpula. Na galeria da cúpula, por sua vez, estava previsto um lambril em azulejo com 1,5m de altura.

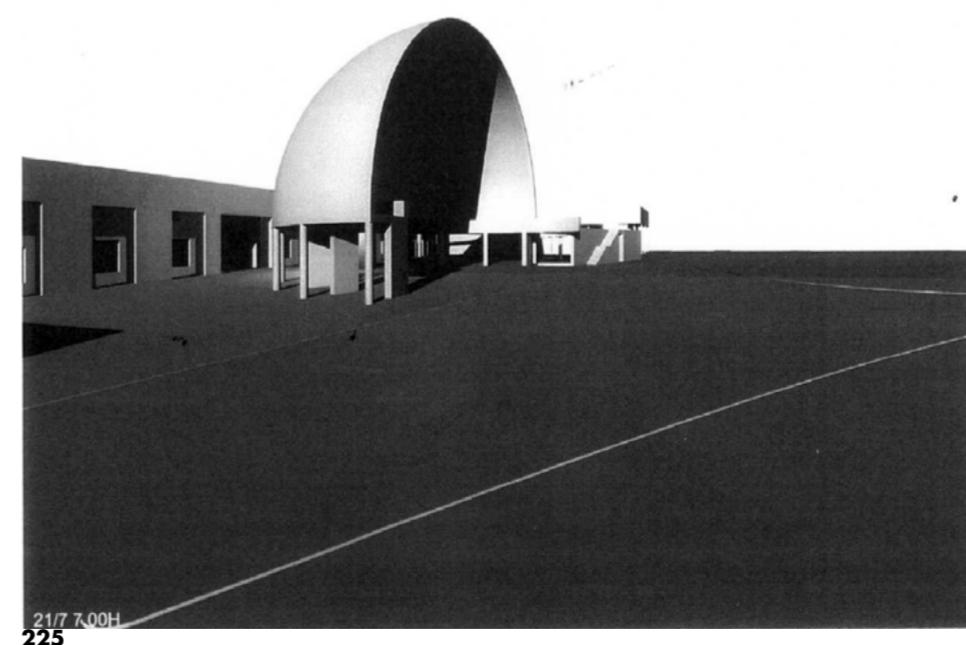
Quanto à cafeteria e rampa de acesso ao terraço, os pavimentos estavam previstos em mármore, os vãos em madeira esmaltada, com lambril de azulejo com 2,10 m na área da cafeteria, enquanto que o pavimento da cave seria em epóxi.<sup>79</sup>

A Semicúpula consiste numa estrutura « [...] apoiada num semi-anel rígido inferior. Este semi-anel é constituído por lajes, pilares e paredes.»<sup>80</sup> Esta «ferradura» estrutural seria constituída pela galeria, pilares, paredes e anel de fundações, proporcionando uma rigidez «que resiste aos impulsos da Semicúpula, limitando ao mínimo a sua deformação para o exterior.»<sup>81</sup>

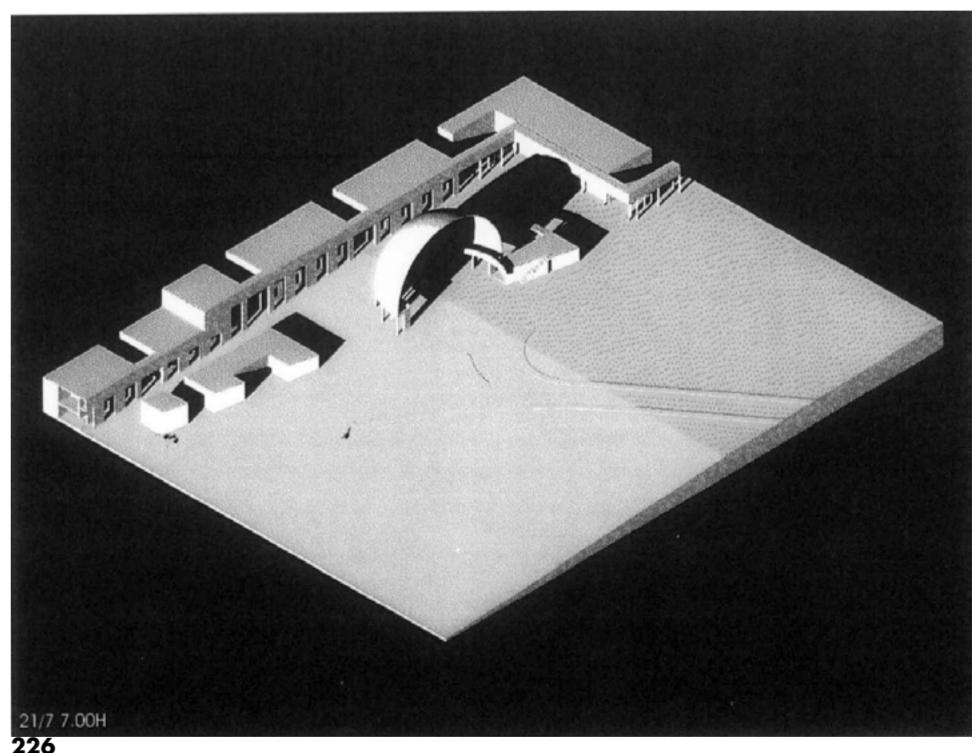
Devido aos esforços de flexão, tornou-se relevante tornar a espessura da Semicúpula variável, desde 40 cm na base até aos 20 cm no topo.



224



225



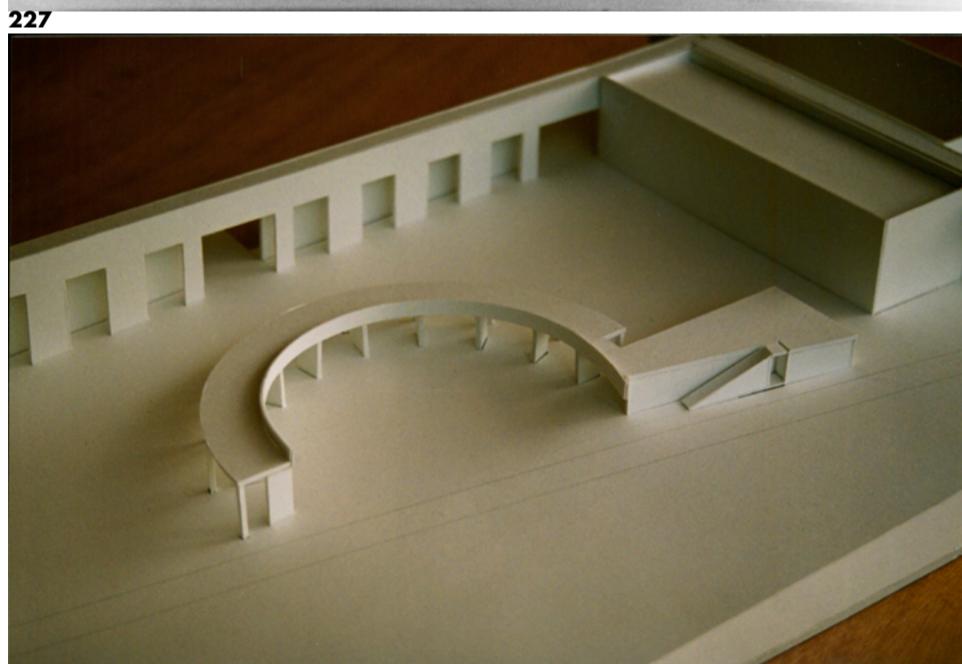
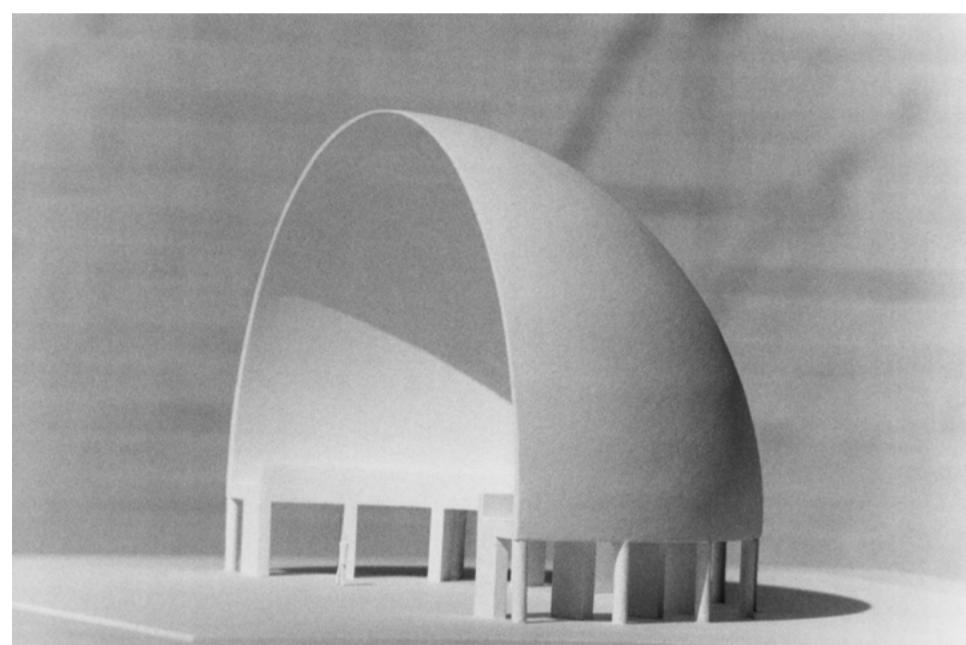
226

<sup>78</sup> SIZA, Álvaro, *Estudo Prévio da Cúpula e equipamentos na Praça Zeca Afonso, Malagueira, Évora, Memória Descritiva*, 1999, p. 1.

<sup>79</sup> SIZA, Álvaro, *Estudo Prévio da Cúpula e equipamentos na Praça Zeca Afonso, Malagueira, Évora, Memória Descritiva*, 1999, p. 1.

<sup>80</sup> SOBREIRA, João Araújo, *Estudo Prévio da Cúpula, Memória Descritiva — Estruturas*, 1999, p. 2.

<sup>81</sup> SOBREIRA, João Araújo, *Estudo Prévio da Cúpula, Memória Descritiva — Estruturas*, 1999, p. 2.

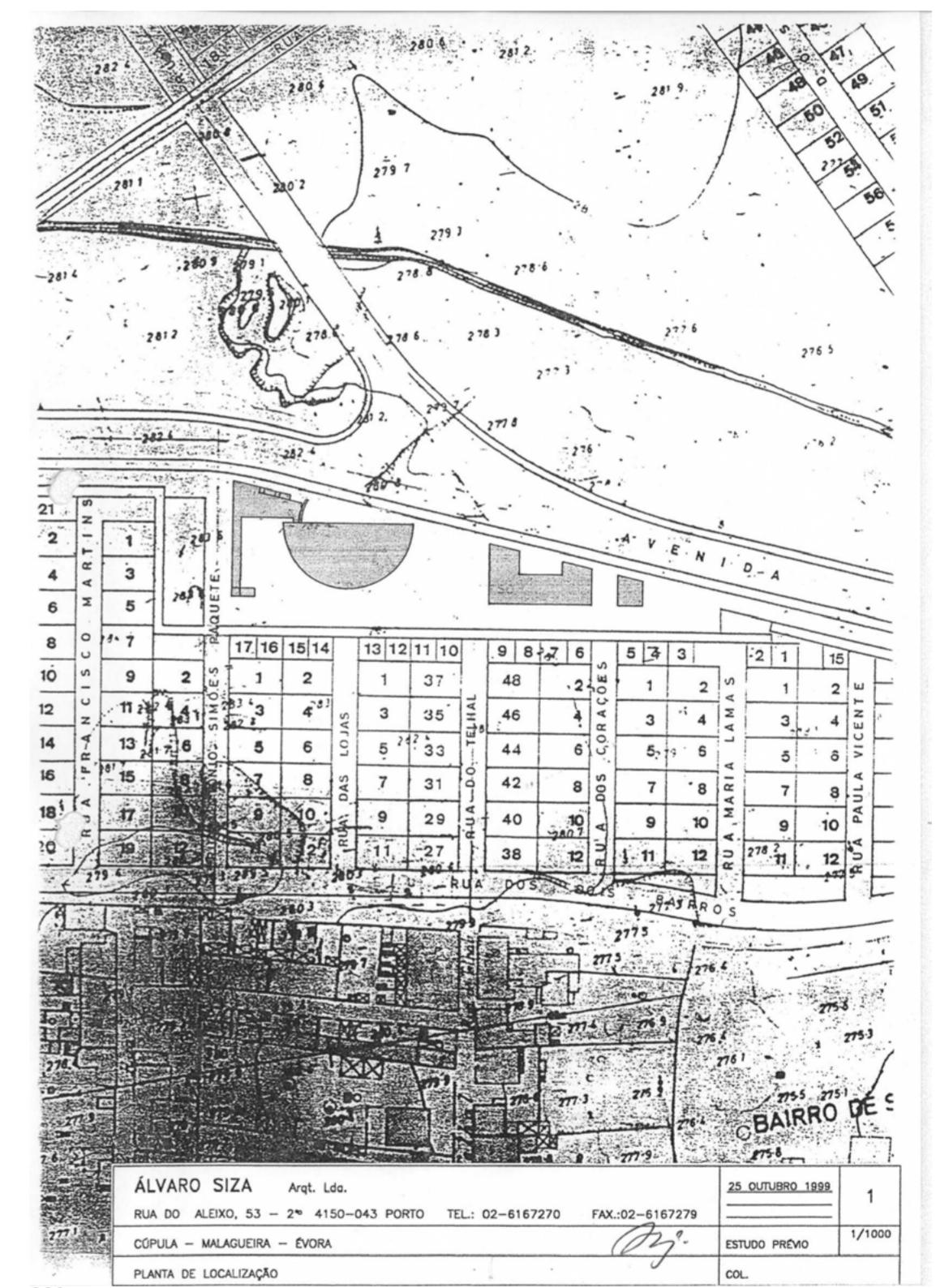


227

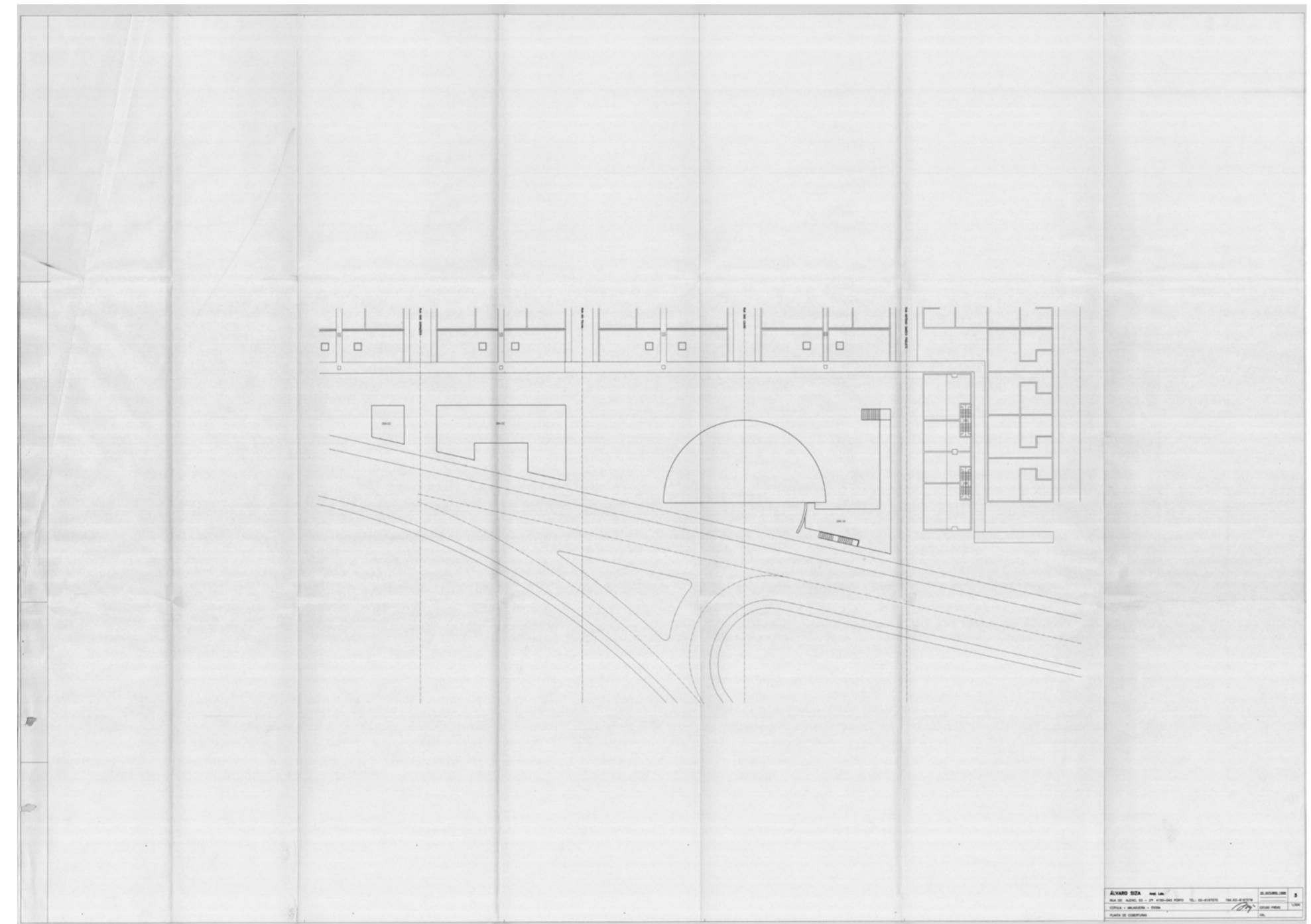


228

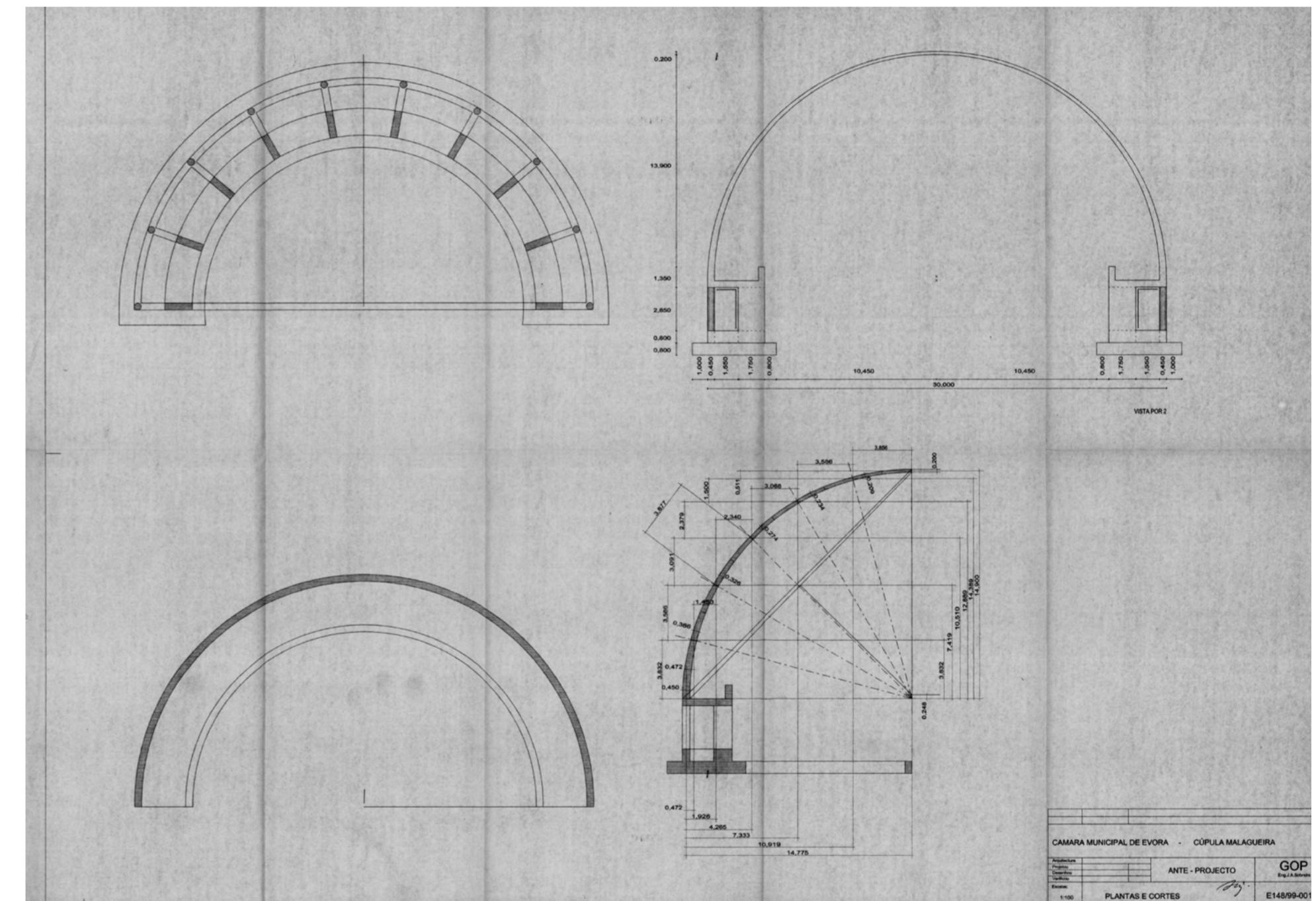
229



230

página  
196

231



232

página  
197

CAMARA MUNICIPAL DE EVORA - CÓPULA MALAQUEIRA

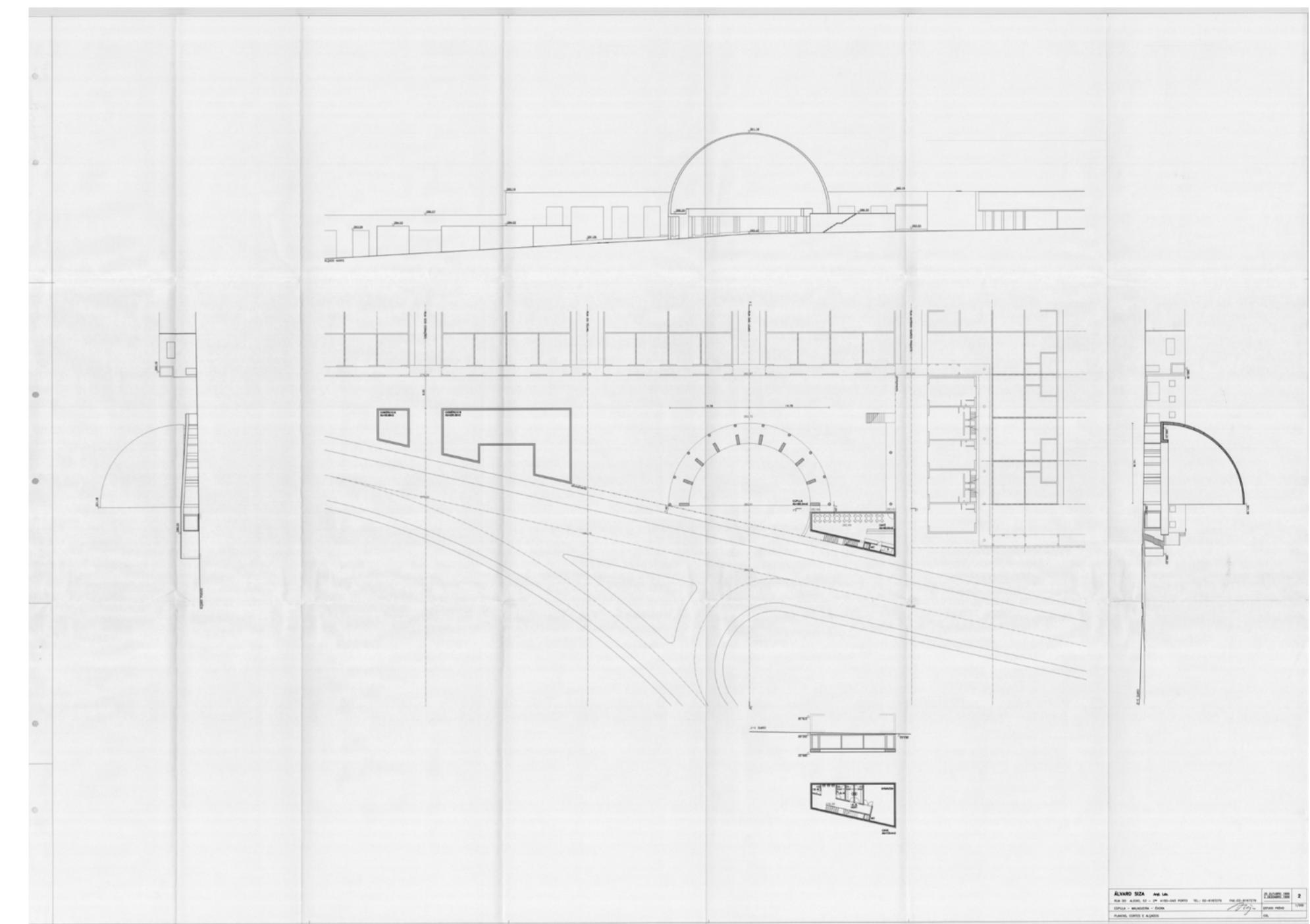
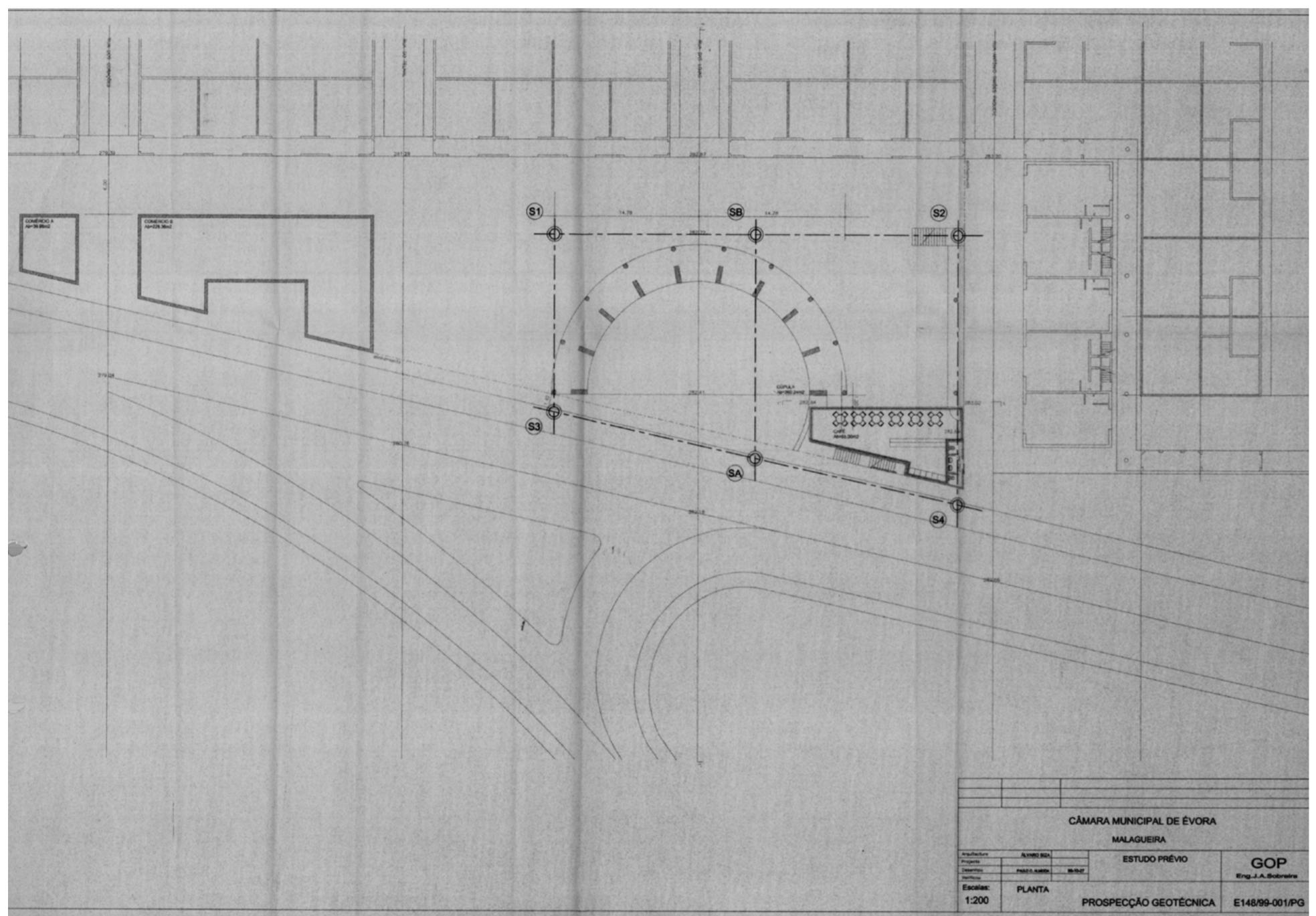
Arquitectos: ANTE - PROJECTO | Eng. Arq. Gonçalo Pires

GOP

Eng. Arq. Gonçalo Pires

PLANTAS E CORTES

E14899-001



## 04. O QUE NUNCA FOI

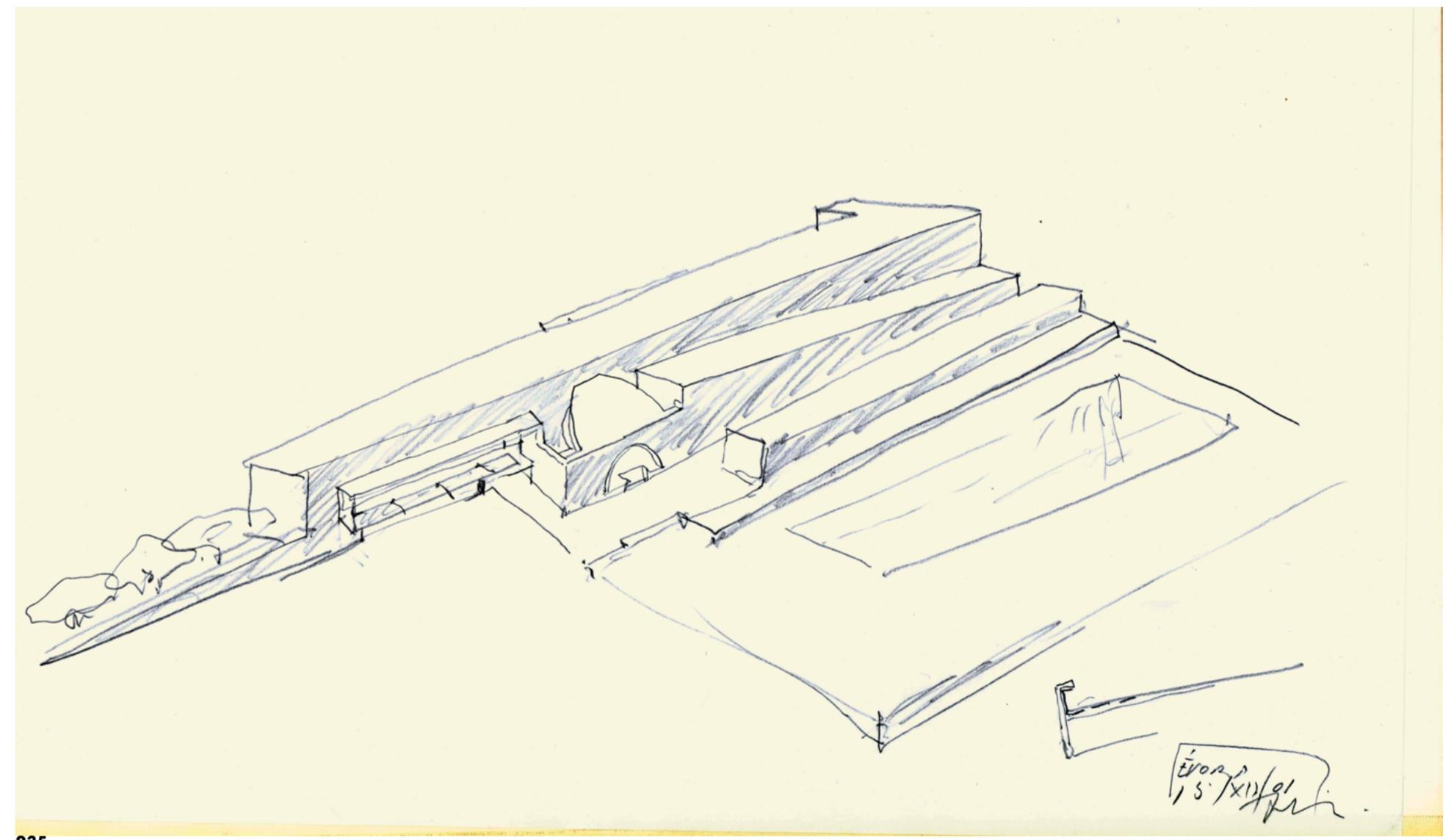
### 04.4 OUTRAS FASES (1994- )

#### II. SEDE DA COOPERATIVA BOA VONTADE (LICENCIAMENTO)

Em Agosto de 2005, Álvaro Siza entregou na CME o projecto de licenciamento da Sede da Cooperativa Boa Vontade. O projecto acabou por ser aprovado em Janeiro de 2006<sup>82</sup>, mas continua sem ser construído.

O projecto deveria ser executado em duas fases, sendo que durante a primeira seria construído o edifício da sede e o parque de estacionamento, e, numa segunda fase, seria construída uma piscina. O programa previa assim dois edifícios distintos, articulados através de um pátio murado com 4 metros de largura, que faria a distribuição entre o edifício sede, a piscina e o estacionamento.

O edifício sede seria desenvolvido em dois pisos, contendo ainda uma galeria enterrada de ligação à piscina — a construir numa segunda fase. O acesso principal situar-se-ia no piso superior — piso 1 — de nível com o passeio, onde a variação de profundidade determinaria uma entrada para o átrio, paralela à rua. O átrio teria uma área de 150 m<sup>2</sup> e articularia os diferentes espaços do edifício, permitindo a distribuição entre serviços comuns — vestíario, arrumos, instalações sanitárias — e zonas administrativas — secretaria, direcção, arquivo e duas salas de reunião — sendo que as duas salas de reunião comunicariam entre si através de uma porta de correr, permitindo que se tornasse num espaço único. Numa cota intermédia (280,20 metros) existiria uma sala polivalente que aproveitaria o desnível do terreno para sul para aumentar o pé-direito, mantendo a cobertura ao mesmo nível. O acesso seria feito por uma rampa a partir do átrio ou por uma escada a partir do vestíbulo, à cota 277,70 metros. Este espaço seria completado por uma galeria técnica e um patamar de acesso, à cota 283,70 metros, com acesso a partir da arrecadação para mobiliário. No piso 0, estaria uma cafetaria e ainda umas instalações sanitárias de apoio à cafetaria e à sala polivalente. A piscina — a construir numa segunda fase —, ocuparia um corpo parcialmente enterrado, paralelo ao edifício da sede, na sua maior dimensão, tendo ligação a partir do piso -1 e 0.



235

<sup>82</sup> Dados retirados da documentação presente no processo do projecto, arquivado na Divisão de Gestão Urbanística – Obras Particulares, da CME.

O edifício seria constituído por «um alinhamento de módulos de 9 por 9 metros (paredes, pilares e lajes em betão armado) ao qual se justapõem, paralelamente à maior dimensão, sub-módulos para galerias ou ampliações dos espaços de maior área».<sup>83</sup>

Álvaro Siza descreve os acabamentos, na memória descritiva do projecto, da seguinte forma:

*As paredes exteriores serão isoladas termicamente e acabadas com micro-reboco com cor incorporada.*

*As coberturas serão impermeabilizadas com telas asfálticas, isoladas termicamente, e revestidas a godo.*

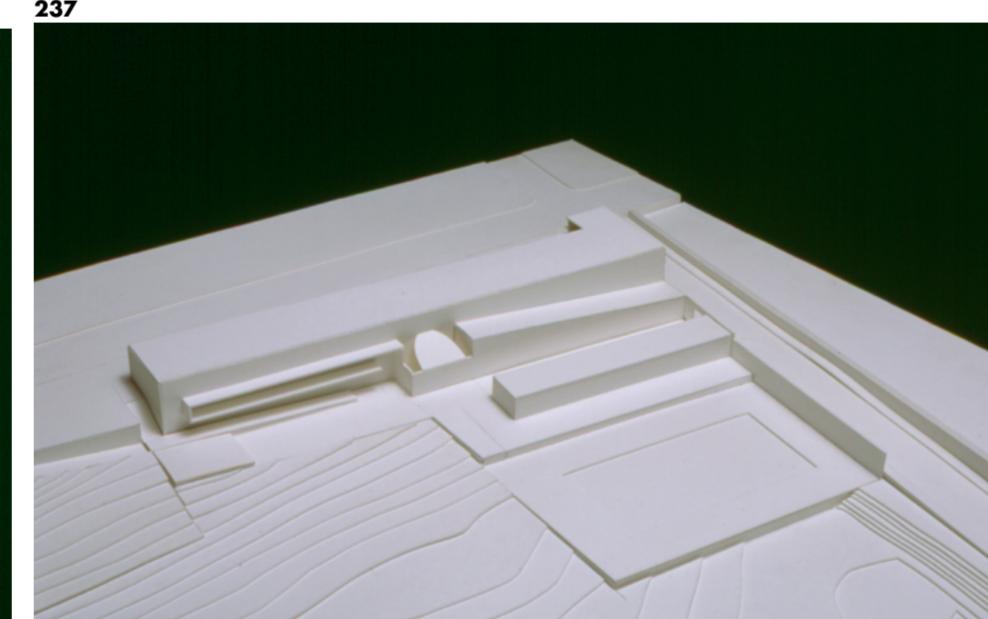
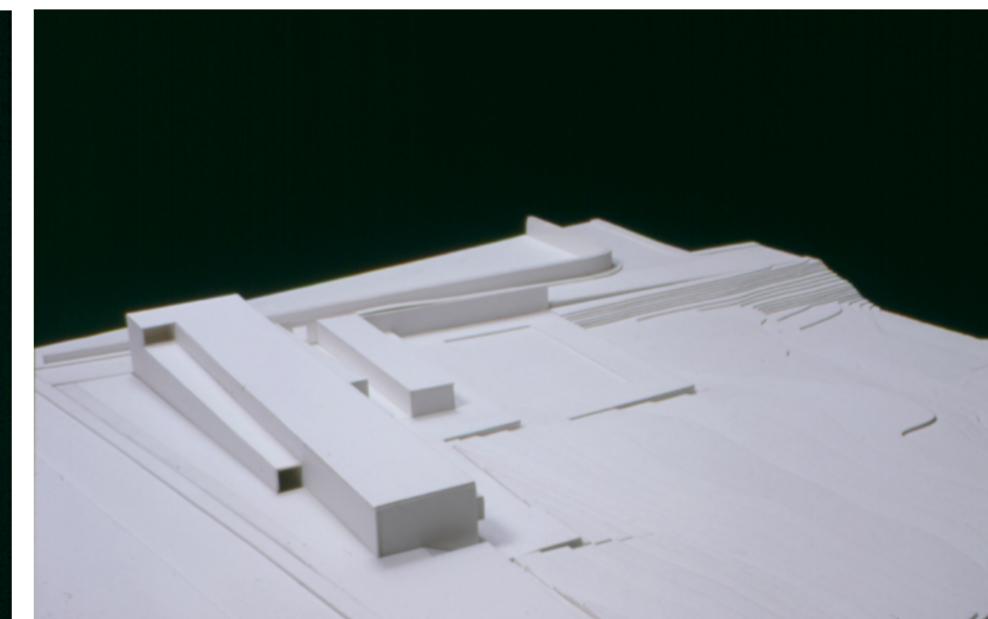
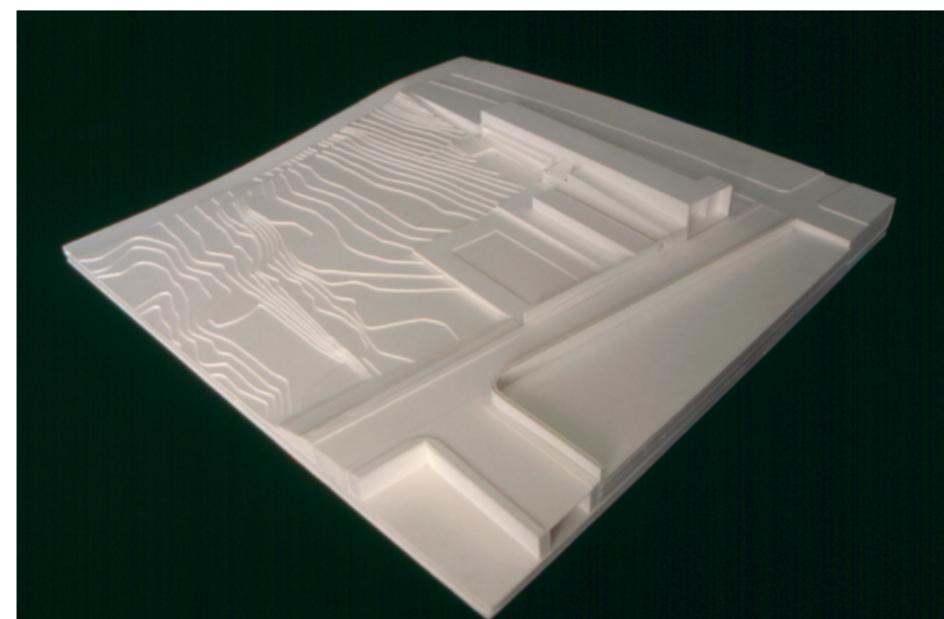
*As paredes interiores serão em alvenaria de tijolo, rebocadas e pintadas, sendo em azulejo, até 2,20m de altura nas zonas de água.*

*Os pavimentos interiores serão em pedra nas zonas de circulação pública e instalações sanitárias e em madeira nas zonas administrativas, sala polivalente e cafeteria.*

*Os tectos serão em gesso cartonado pintado.*

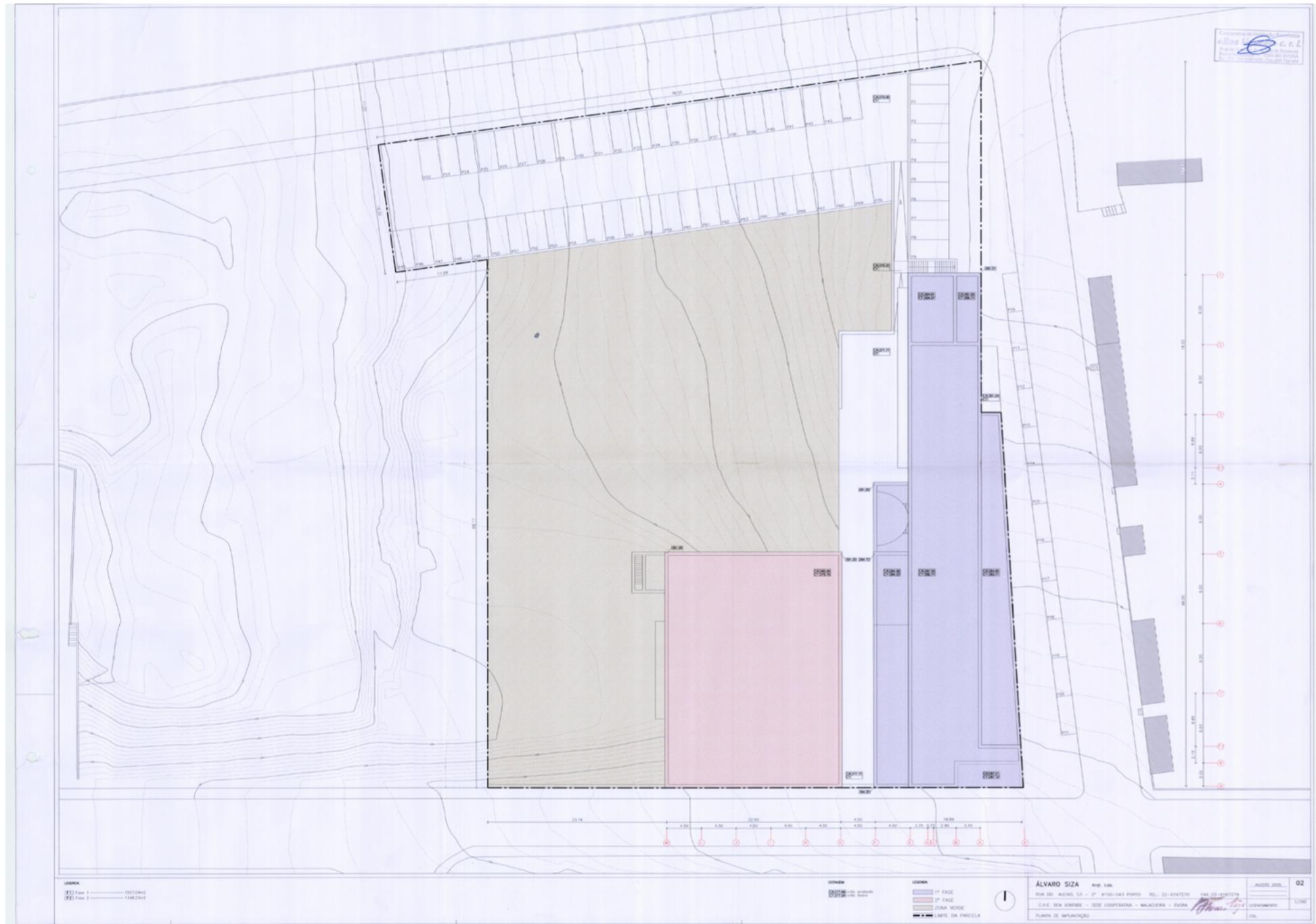
*As esquadrias exteriores serão em madeira esmalтada, revestidas pelo exterior a aço inox.*

*As esquadrias interiores serão em madeira esmalтada.*<sup>84</sup>

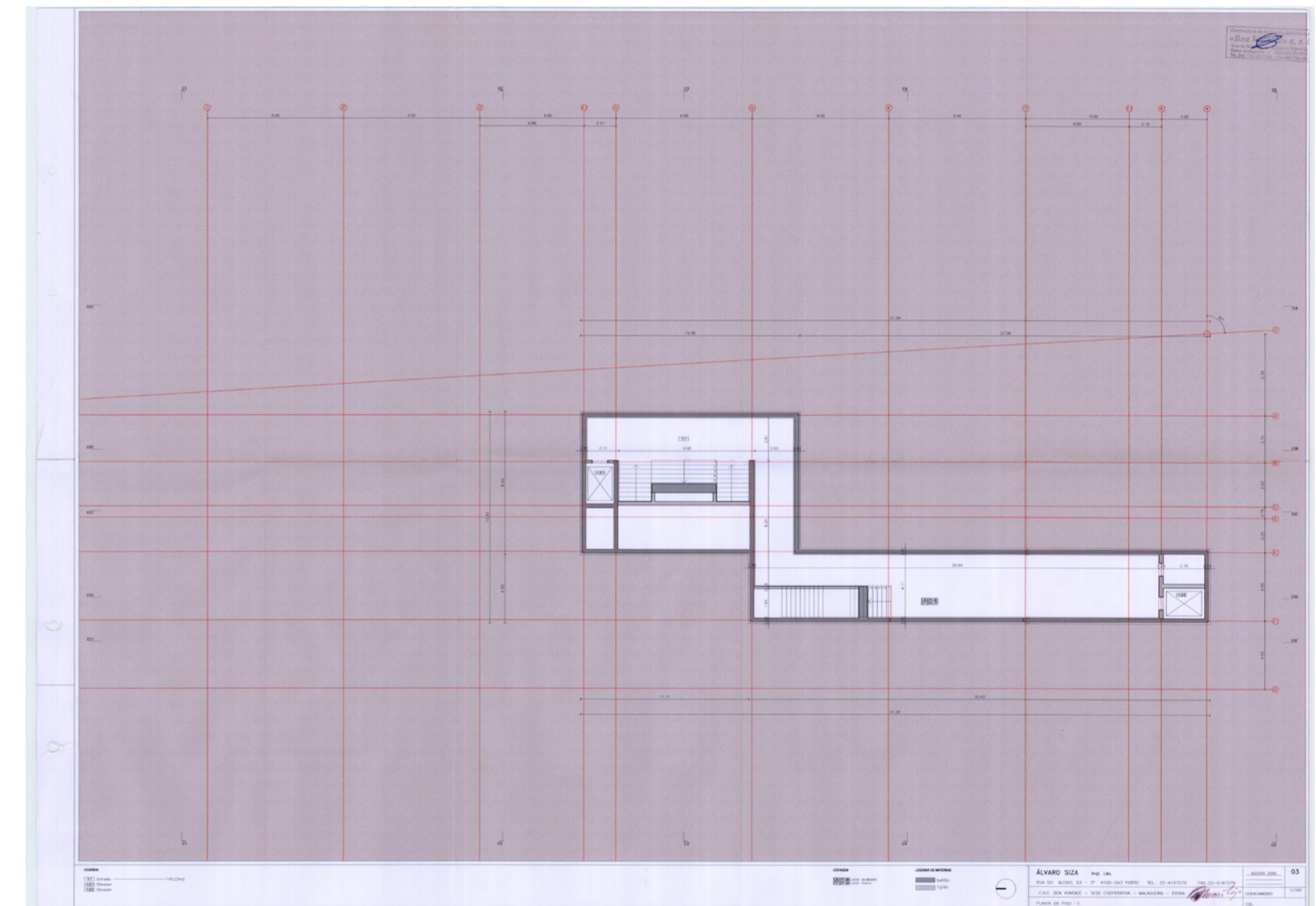


<sup>83</sup> **SIZA, Álvaro**, Sede para a Cooperativa de Habitação Boa Vontade, Memória Descritiva, 2005, p. 2.

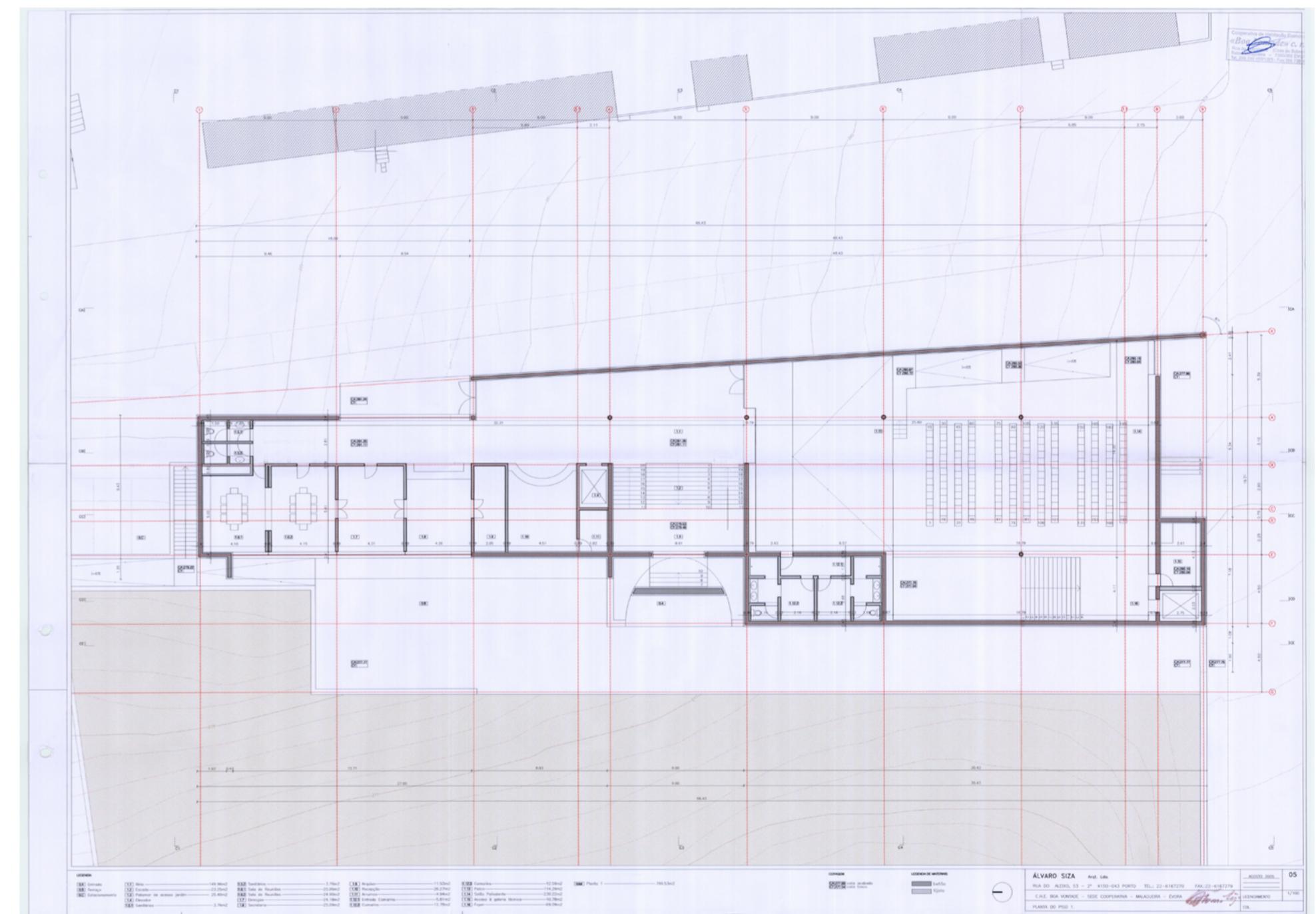
<sup>84</sup> **SIZA, Álvaro**, Sede para a Cooperativa de Habitação Boa Vontade, Memória Descritiva, 2005, pp. 2-3.

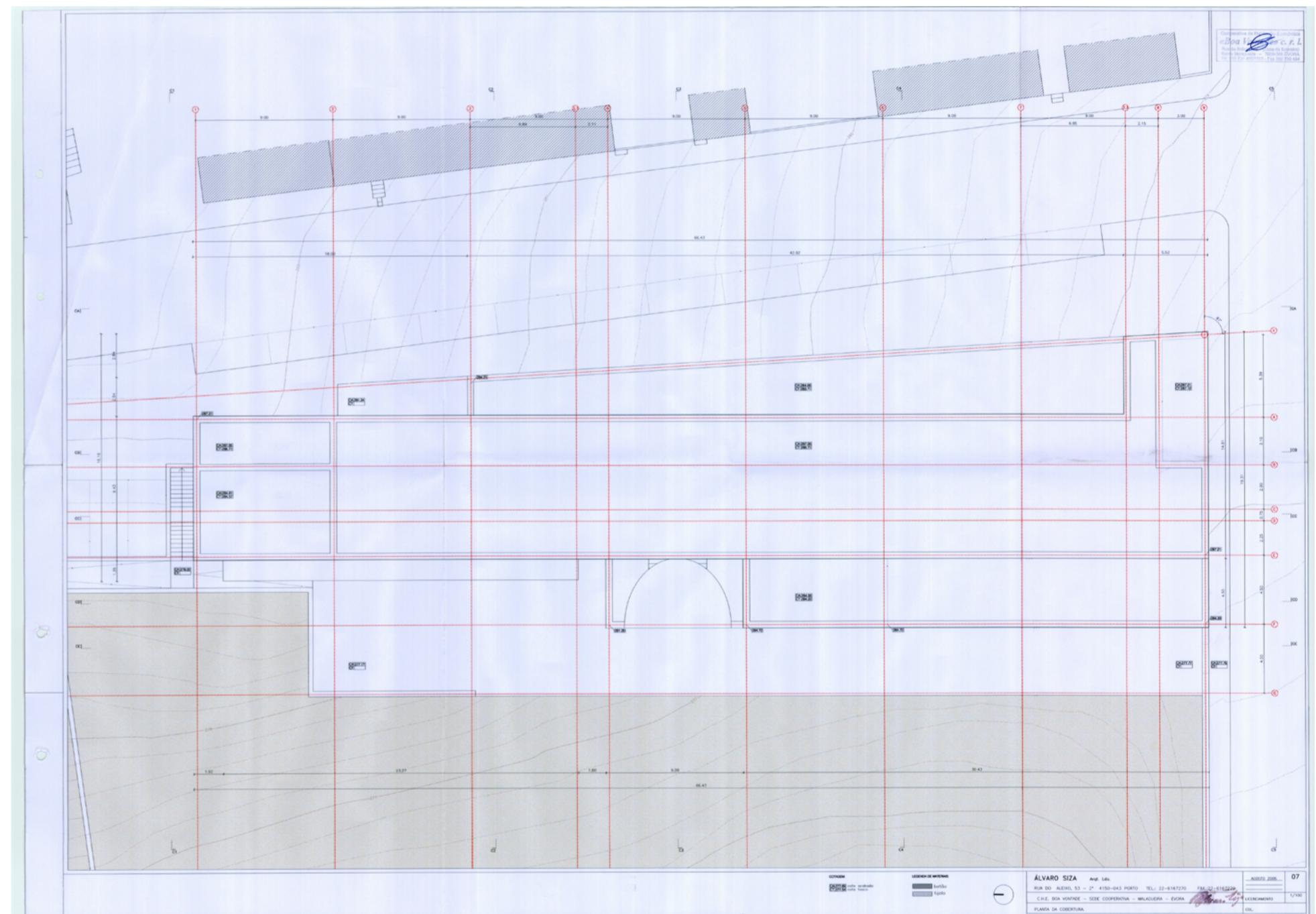
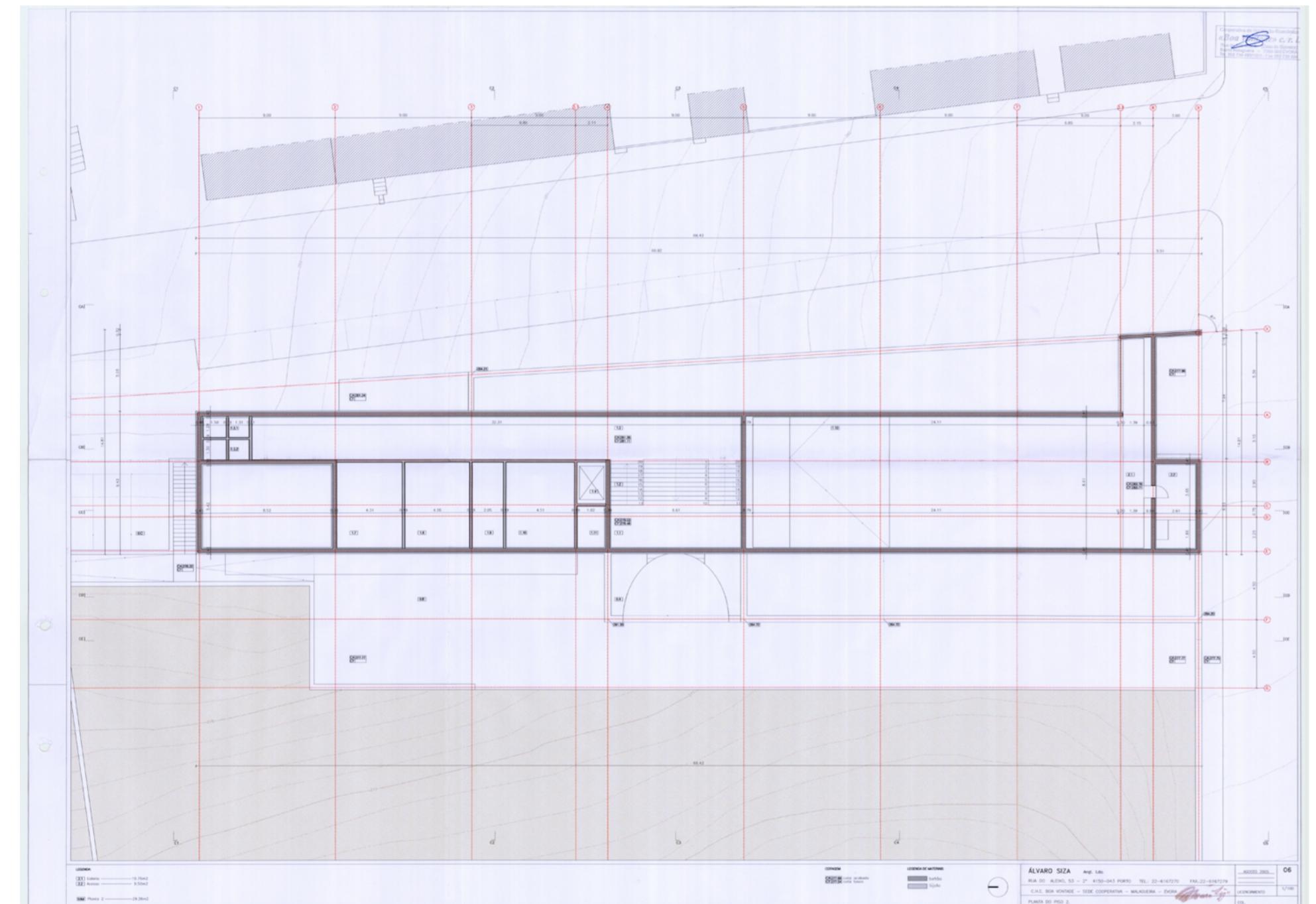


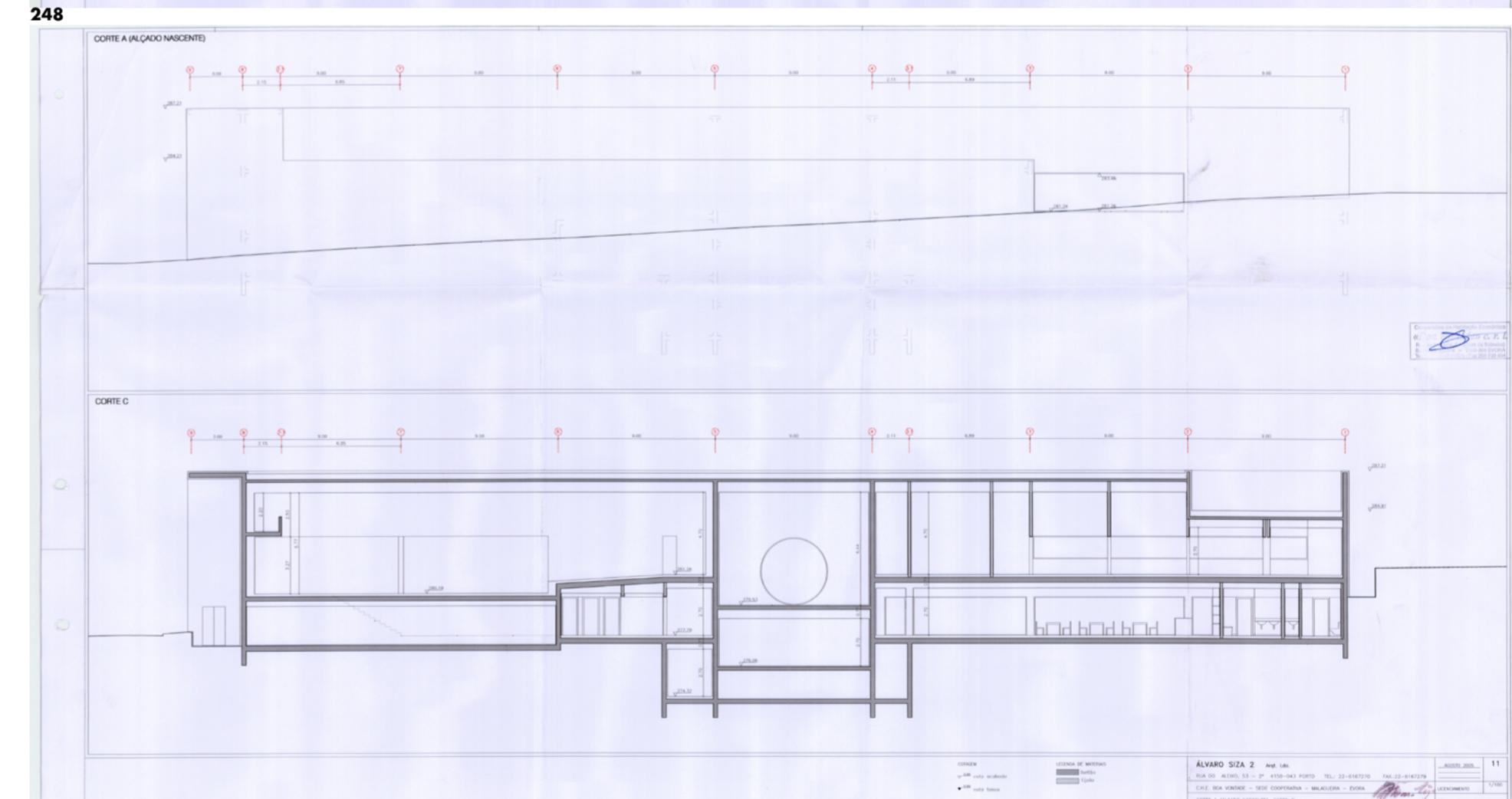
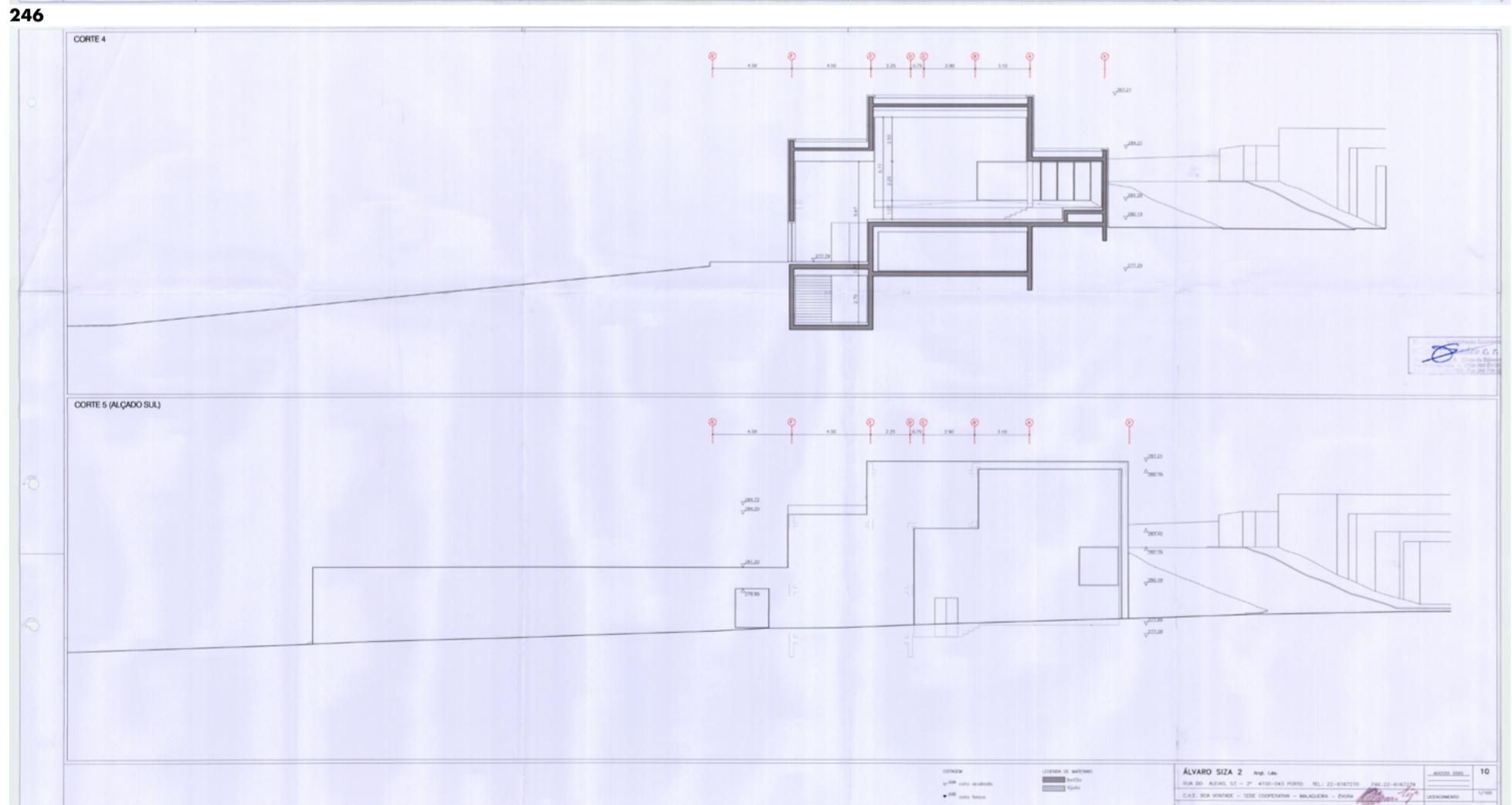
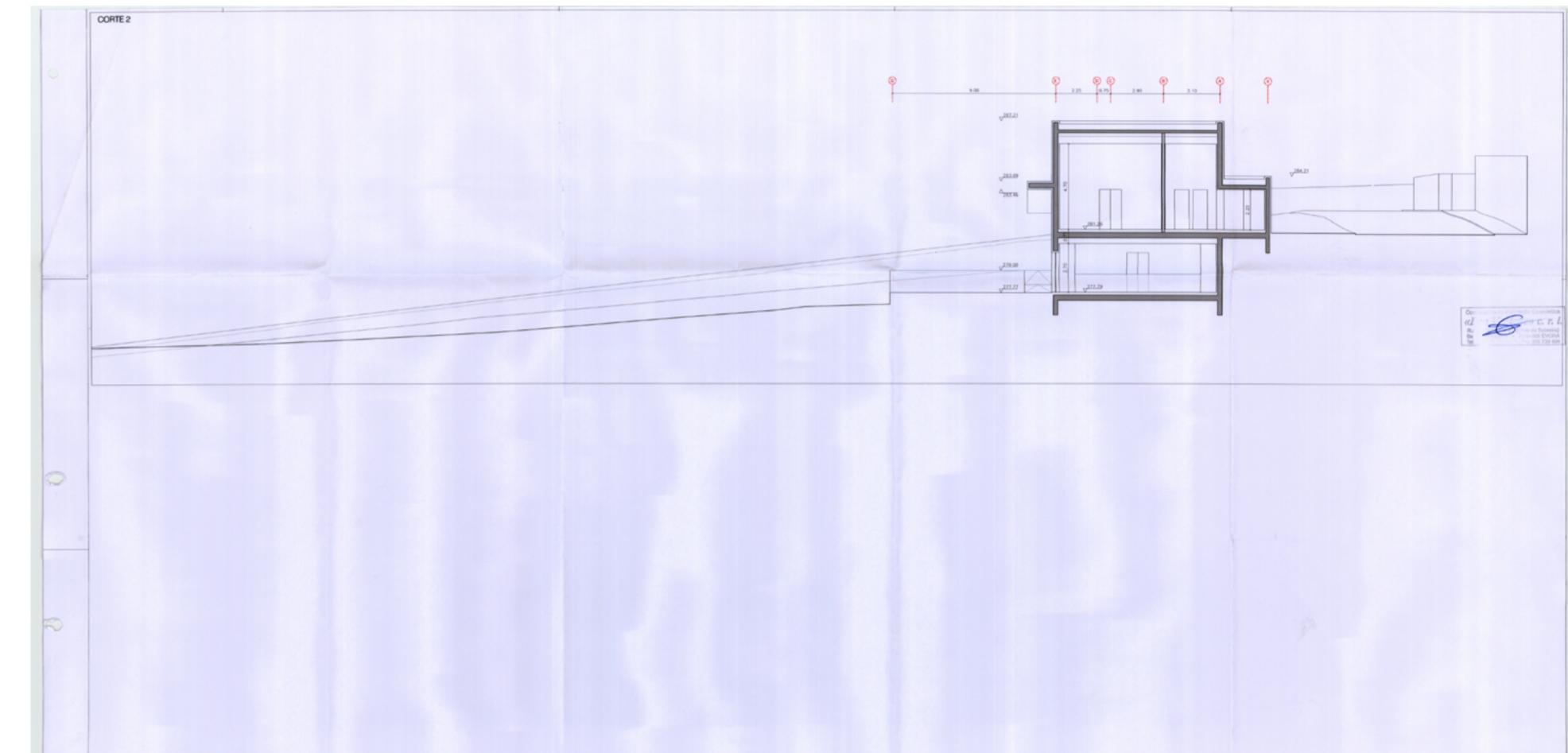
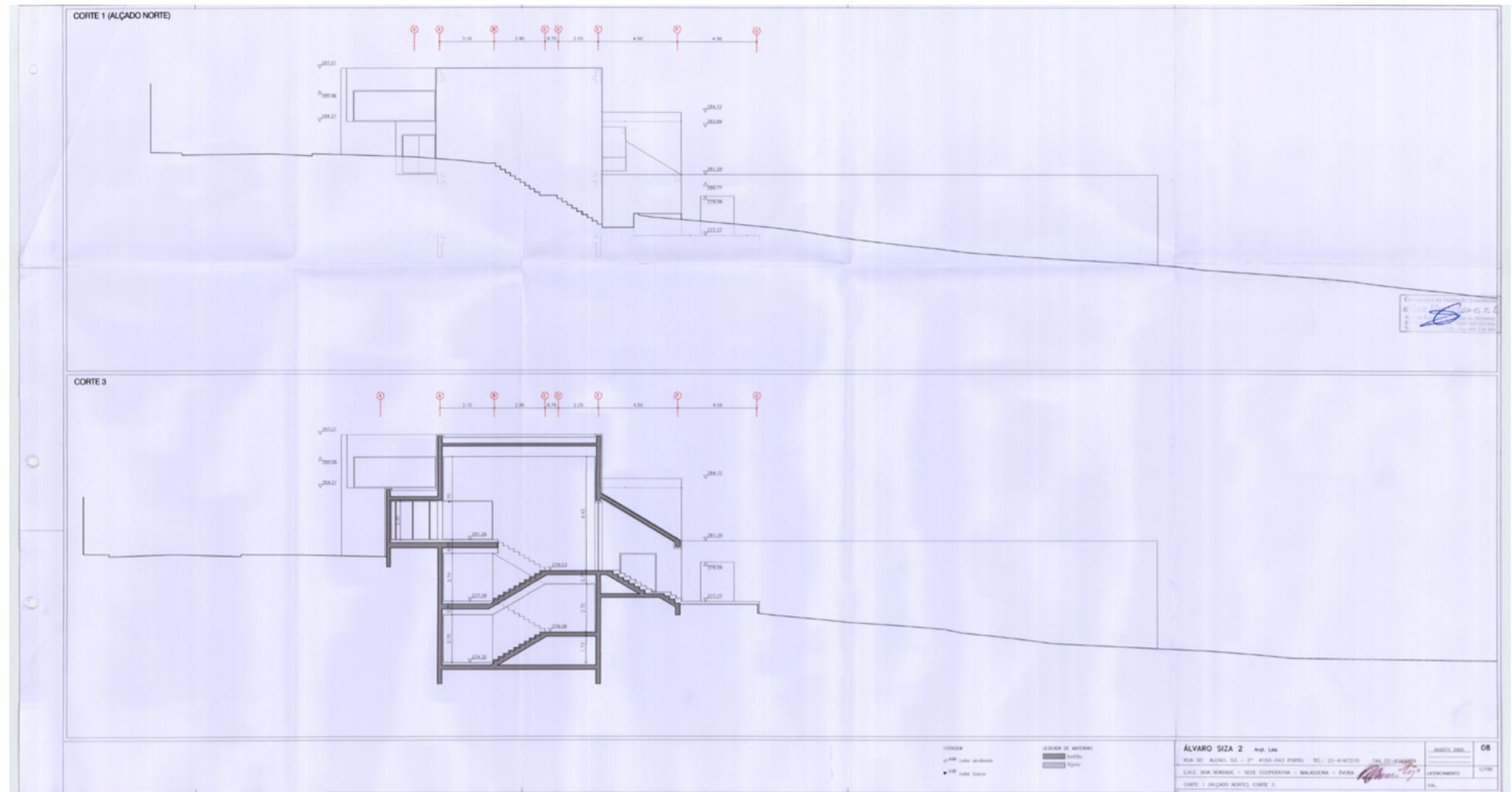
240

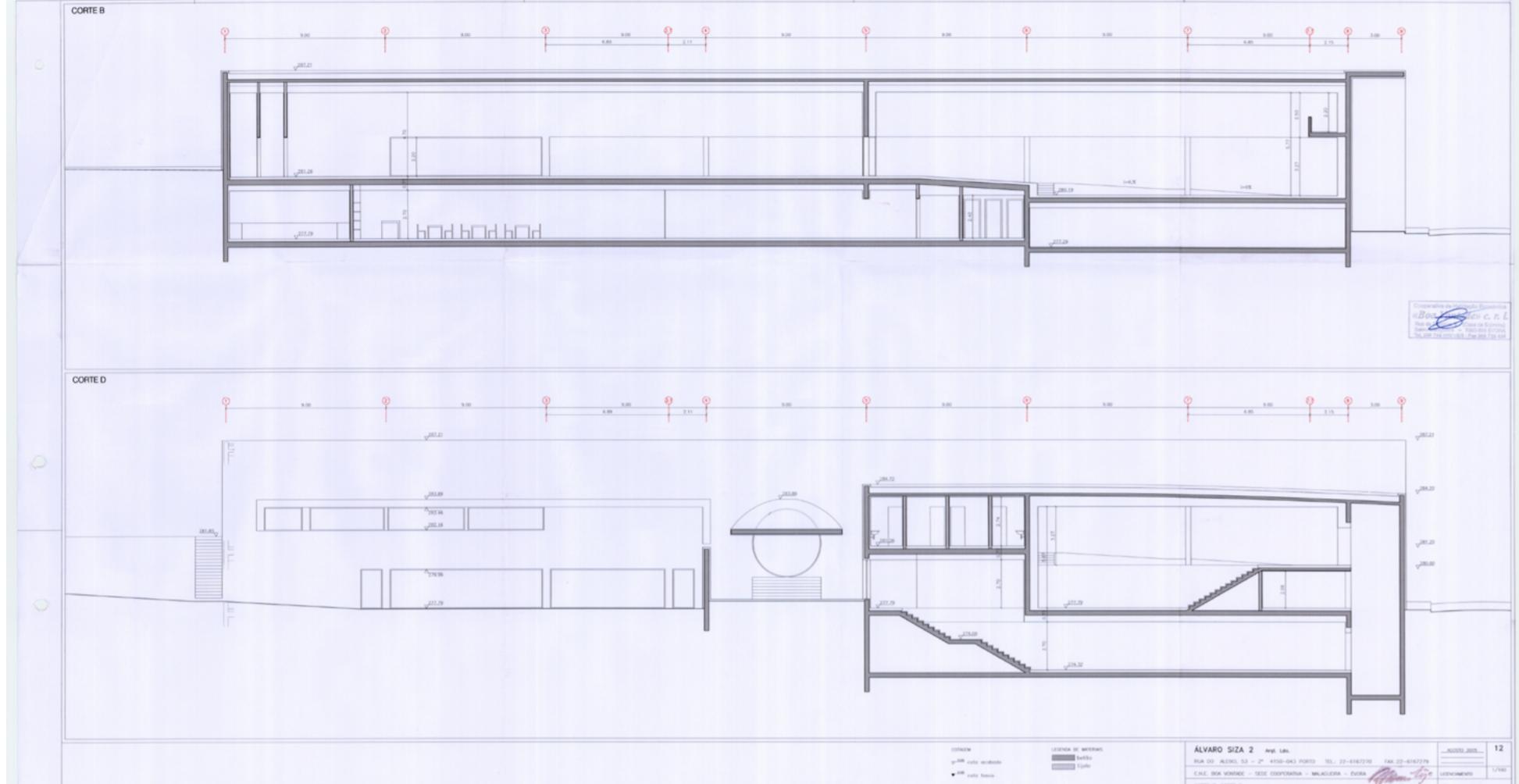


24



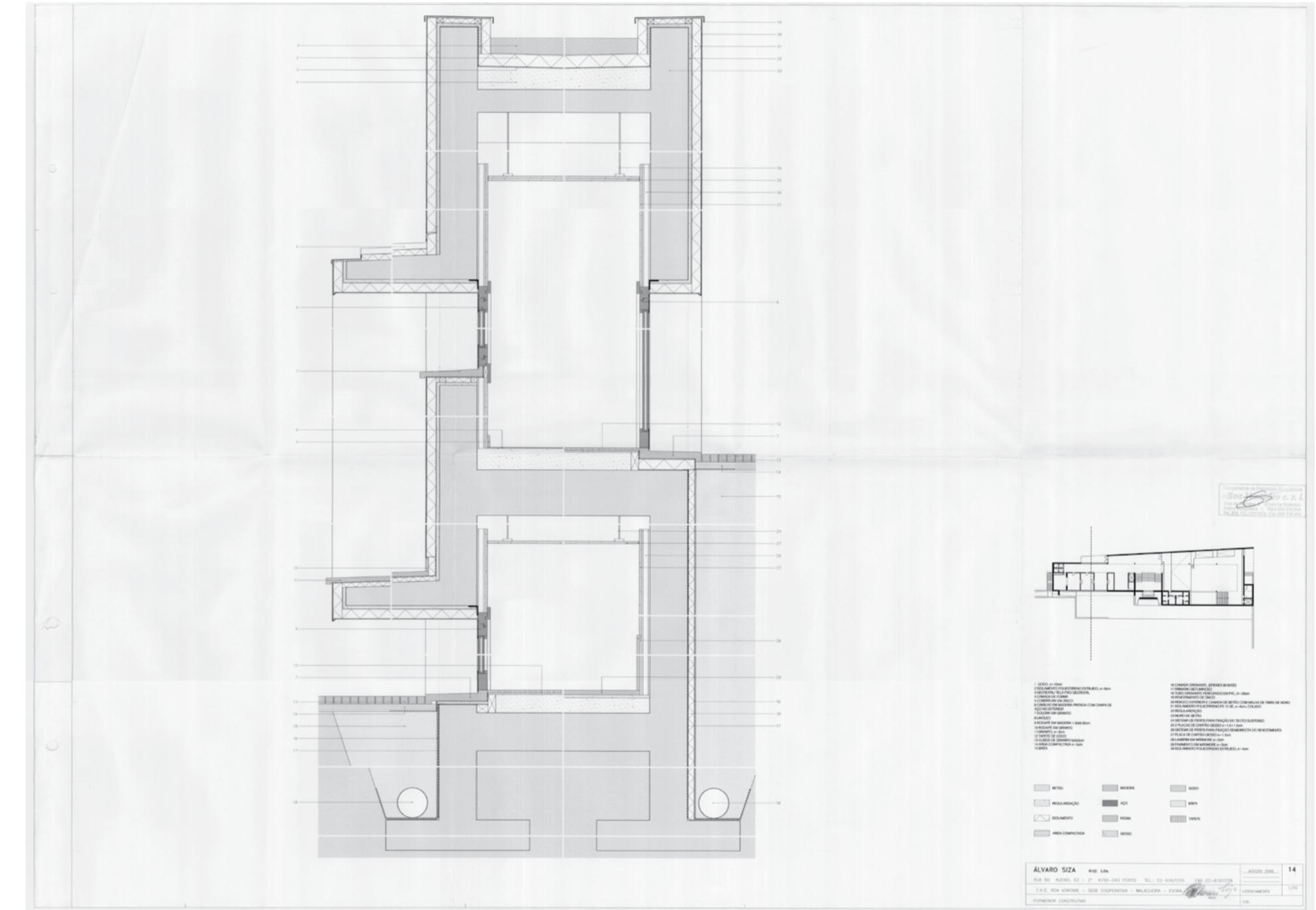






250

251



252

## 05. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Bairro da Malagueira é um dos projectos mais relevantes da vasta obra de Álvaro Siza. Para isso contribui facto de ser um dos projectos mais completos, tendo sido projectado desde o Plano de Pormenor, a convite da Câmara Municipal de Évora, até à execução das habitações, a convite da Cooperativa Giraldo Sem Pavor e da Cooperativa Boa Vontade. É também de referir que é o projecto de maiores dimensões do arquitecto — o bairro da Malagueira tem no total 27 hectares de área, construída e não construída. Foi, por outro lado, o projecto que mais tempo o ocupou — contabilizando-se cerca de 20 anos desde a encomenda da CME, em 1977, à construção dos últimos fogos, em 1997 — a que se deverá ainda somar o desenvolvimento do estudo prévio para a Semicúpula (1998) e do licenciamento para a Sede da Cooperativa Boa Vontade (2005).

Apesar de relevância do projecto do Bairro da Malagueira, não só na obra de Álvaro Siza, como para a arquitectura nacional e internacional, é necessário ter em conta que este projecto, 40 anos depois da sua génesis, se mantém incompleto. É certo que as casas estão lá, porém, existem diversos espaços que permanecem livres, à espera dos equipamentos que povoriam o bairro. Esses equipamentos fariam com que este bairro passasse a ser parte funcional, activa, de cidade, tal como Álvaro Siza tinha sonhado.

Seria fundamental que a Semicúpula fosse construída. Trata-se de um projecto para um edifício icónico, singular na arquitectura contemporânea, que seria necessário para articular a Praça Zeca Afonso e os espaços abertos envolventes. Outro equipamento fundamental a ser erguido é o Complexo Paroquial. Devido à especificidade do seu programa de carácter social e religioso, este seria provavelmente o equipamento ideal para fazer a transição entre o bairro da Malagueira e o Bairro de Santa Maria e da Cruz Picada, uma vez que se trata de uma zona de conflitos e de dificuldades sociais. No caso do restaurante, também parece relevante a sua construção. Este edifício-miradouro estabeleceria a necessária relação com a cidade, a várias escadas, para além de rematar a poente o eixo este-oeste do bairro da Malagueira. No outro extremo do bairro, implantar-se-iam a Sede da Cooperativa Boa Vontade, o Aparthotel e a Clínica.

Na sua maior parte, os equipamentos de hotelaria da cidade de Évora situam-se dentro do centro histórico

ou muito próximo da sua cinta muralhada. Seria, portanto, relevante a construção do projecto do Aparthotel no Bairro da Malagueira para quebrar a gentrificação nesta zona da cidade. Quanto à rua comercial — a «Broadway» —, parece inadequado deixar por acabar o miolo do quarteirão, com o programa previsto ou com outro que, entretanto, se definisse mais premente.

Mas mais importante do que analisar a importância dos edifícios que ainda não foram construídos por si próprios, há que entender que fariam parte de um plano que constitui um todo. Tal como afirmou o arquitecto Nuno Ribeiro Lopes numa entrevista em Agosto de 2015, publicada por primeira vez nos anexos desta tese, a Malagueira sem os seus equipamentos «é a mesma coisa que Évora não ter igrejas e edifícios públicos de referência. Por isso sobram as casas e ficam uns vazios imensos. No centro de Évora isso também seria um pouco incompreensível.» Mais adiante afirma ainda: «A leitura que os equipamentos permitiriam seria fundamental para duas coisas: para a compreensão da ideia do plano em termos globais, e para que passasse a ser mais que um bairro periférico.»

Para todos os efeitos, a Malagueira de Álvaro Siza está longe de estar terminada, e por isso ainda não atingiu o seu maior objectivo: ser parte da cidade, ser a continuação — e não a substituição — do centro histórico. Espero que esta tese possa contribuir para o seu completamento.

## 06. BIBLIOGRAFIA

### ARQUIVOS/BIBLIOTECAS

Arquivo Câmara Municipal de Évora – Divisão de Gestão Urbanística – Obras Particulares  
Arquivo Câmara Municipal de Évora – Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana  
Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora  
Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian  
Biblioteca da Faculdade de Arquitectura do Porto  
Biblioteca Francisco Keil do Amaral  
Biblioteca Nacional de Portugal  
Biblioteca Pública de Évora  
Biblioteca da Universidade de Évora  
Drawing Matter  
Núcleo de Documentação da Câmara Municipal de Évora

ALVES COSTA, A., Álvaro Siza. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.

AAVV, Álvaro Siza, *Professió Poética*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1988.

AAVV, *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.

AAVV, *A Arquitectura na escrita – Catálogo de Fontes Bibliográficas 1938-2007*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2007.

ALMEIDA, Pedro Vieira de, *Apontamentos para uma Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

BALDAIA, Bruno, «Mémoire, compromise et désir», in *L'architecture d'aujourd'hui*. n.º 366, Setembro/Outubro 2006, pp. 92-93.

BEAUDOUIN, Laurent, ROUSSELOT, Christine, «Entretien avec Álvaro Siza», in *Architecture Mouvement Continuité*. n.º 44, 1978, pp. 33-41.

BEAUDOUIN, Laurent, MACHABERT, Dominique, Álvaro Siza, *Uma Questão de Medida*. (s.l.): Caleidoscópio, 2009.

CANCELA D'ABREU, Alexandre, PINTO-CORREIA, Teresa, OLIVEIRA, R., *Contributos para a Identificação e Caracterização das Unidades de Paisagem em Portugal Continental*. (s.l.): DGOTDU Ed., Volumes I a V. 2004.

COCCAGNA, Magdalena, «Costruire con gli abitanti tra modernità e tradizione: il quartiere la Malagueira a Évora», in *Costruire sostenibile il mediterraneo*. Florença: Alinea Editrice, 2001.

DEVILLERS, Christian, «Retour à Évora», in *L'architecture d'aujourd'hui*, n.º 278, Dezembro de 1991, pp. 96-109.

DUARTE, José Pinto, *Personalizar a habitação em série: Uma gramática discursiva para as casas da Malagueira do Siza*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007.

ERSKINE, Ralph, *Prince of Wales Prize in Urban Design*, 1988. Cambridge: Harvard University Graduate School of Design, 1988.

FERNANDEZ, Sérgio, *Percuso: Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Edições F.A.U.P., 1988.

FERREIRA, Sandro, *Transformações e permanências – casos de estudo: casas de quartéis em Elvas e Quinta da Malagueira em Évora*. Dissertação de Mestrado Integrado. Porto: F.A.U.P., 2010.

FLECK, Brigitte, *Álvaro Siza : city sketches / stadtskizzen / desenhos urbanos*. Basel: Birkhäuser Verlag, 1994.

FLECK, Brigitte, *Álvaro Siza*. Lisboa: Relógio de Água, 1999.  
FLECK, Brigitte, PFEIFER, Günther, *Malagueira: Álvaro Siza in Évora*. Freiburg: Sintagma-Verlag, 2013.

FRAMPTON, Kenneth, *Modern Architecture: A Critical History*. trad. Jorge Sainz, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

FRAMPTON, Kenneth, *Álvaro Siza, obra completa*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2000.

FRAMPTON, Kenneth, *Álvaro Siza, tutte le opere*. Milão: Electa, 2005.  
GOMES, Mário José, «Évora, Bairro da Malagueira de Álvaro Siza Vieira: entre objecto e processo», in *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal (2º Série)*, n.º 7, 2007, pp. 361-408.

GOMES, Mário José, *Bairro da Malagueira de Siza Vieira, Factores de apropriação e construção identitária em torno da casa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2016.

HOBHOUSE, Niall, «Creative collisions», in *The Architectural Review*, n.º 1416, Fevereiro de 2015, pp. 96-97.

LLANO, Pedro de, CASTANHEIRA, Carlos, *Álvaro Siza: Works and Projects*. [s.l.]: Electa España, 1995.

NASCIMENTO, Alexandra, «"Malagueira" — Uma Ponte Entre o Passado e o Futuro na Obra de Siza Vieira», in *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal (2º Série)*, n.º 2, 1996, pp. 397 – 410.

MARTINS, Raquel Monteiro, *A ideia de lugar: um olhar atento às obras de Siza*. Tese de Mestrado. Coimbra: FCTUC Arquitectura, 2009.

MARTINS, Rita Fonseca, *Operação SAAL/Évora: A construção de uma vontade, o Bairro da Malagueira*. Tese de Mestrado. Évora: Universidade de Évora, 2007.

MILHEIRO, Ana Vaz, AFONSO, João, Alexandre Alves Costa, *Candidatura Ao Prémio Jean Tschumi: UIA 2005*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos; Caleidoscópio, 2006.

MILHEIRO, Ana Vaz, AFONSO, João, Nuno Portas, *Prémio Sir Patrick Abercrombie: UIA 2005*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos; Caleidoscópio, 2006.

MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza: Barrio de la Malagueira, Évora*. trad. Carles Muru, Maurici Pla. Barcelona: Ediciones UPC, 1997.

MOLTENI, Enrico, *La Malagueira a Évora*. Monfalcone: Edicom Edizioni, Abril 2000.

MONEO, José Rafael, «La "Ricerca" como legado», in *Circo, 2º Series, La Cadena de Cristal*, n.º 48, Madrid: Circo M.R.T., 1997.

MONEO, José Rafael, *Inquietud teórica y estrategia proyectual en la obra de ocho arquitectos contemporáneos*. Barcelona: Actar, 2004.

OLIVEIRA, Pedro, MARCONI, F., «Plano de pormenor para a zona da Malagueira, Évora», in *Arquitectura*, n.º 132, Lisboa, Março de 1979, pp. 34-49.

QUETGLAS, Josep, *Les Heures Claires. Proyecto y arquitectura en la Villa Savoye de Le Corbusier y Pierre Jeanneret*. Sant Cugat del Vallés: Massilia: Associació d'idees. Centre d'Investigations Estètiques, 2008.

REIS, Sofia Borges Simões dos, *74-86 arquitectura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa*. Tese de Mestrado. Coimbra: FCTUC Arquitectura, 2007.

RODRIGUES, Jacinto, *Álvaro Siza: Obra e Método*. Porto: Civilização, 1992.

SAINZ, Jorge, «Sabor a Corbu – Restaurante en la Malagueira», in *A&V Monografias*, n.º 40, Madrid, Março-Abril de 1993, pp. 108-109.

SARMIENTO, Jaime, «Re-crear una obra de arquitectura – El papel del hacedor», in *Circo*, 4<sup>th</sup> Series, *El corazón del tiempo*, n.º 78, Madrid: Circo M.R.T., 2000.

SEABRA, Miguel, «Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza», in *Sebenhas d'Arquitectura* (Revista do Dep. de Arq. da Univ. Lusíada de Lisboa), n.º 6 – A Cidade. Lisboa: Editora Universidade Lusíada, 2011, pp. 107-116.

SEARA, Ilda, PEDREIRINHO, José Manuel, *Siza Não Construído*. Matosinhos: Arteditores, 2011.

SILVA, Isabel Maria Rodrigues da, *A casa de Siza: sine distantia*. Tese de Doutoramento. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2006.

SILVA, João Gomes da, *Plano de Pormenor da Malagueira, Projecto de espaços exteriores — Programa Base*. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1987.

SILVA, João Gomes da, *Plano da Malagueira, paisagem como transformação*. Évora: Universidade de Évora, 1987.

SIZA, Álvaro, *Esquisos de Viagem/Travel Sketches*. Porto: Documentos de Arquitectura, 1988.

SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 1998.

SIZA, Álvaro, CASTANHEIRA, Carlos, *As Cidades de Álvaro Siza*. Lisboa: Livraria Figueirinhas, 2001.

SIZA, Álvaro, *Textos 01 – Álvaro Siza*. Livraria Civilização Editora, 2009.

TESTA, Peter, *The Architecture of Álvaro Siza*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1984.

VENTURI, Robert, *Complexidade e Contradição em Arquitectura*. Tradução: Álvaro Cabral. 2<sup>nd</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WOODMAN, Ellis, «An Archaeology of the Future», in *The Architectural Review*, n.º 1416, Fevereiro de 2015, pp. 79-93.

## FILMOGRAFIA

DIAS, João, 2007. *As Operações SAAL*. [documentário]. Lisboa: Midas Filmes.

HARPER, Phineas e SWANN, Sam, 2015. *Quinta da Malagueira by Álvaro Siza* [documentário]. London: *Architectural Review*.

## **LISTA DE ACRÓNIMOS**

CAD — Computer-aided Design  
CBV — Cooperativa Boa Vontade  
CDS/PP — Centro Democrático Social / Partido Popular  
CME — Câmara Municipal de Évora  
CNE — Comissão Nacional de Eleições  
DGOTDU — Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano  
DGSU — Direcção Geral de Sistematização Urbanística  
DORU — Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana  
FEPU — Frente Eleitoral Povo Unido  
FFH — Fundo de Fomento para a Habitação  
GAT — Gabinete de Apoio Técnico  
GDUPs — Grupos Dinamizadores da Unidade Popular  
ICOMOS — International Council on Monuments and Sites  
PCP — Partido Comunista Português  
PS — Partido Socialista  
SAAL — Serviço de Apoio Ambulatório Social  
UNESCO — United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

